

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCar
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE
Área de Concentração: Educação Cultura e Subjetividade

WELSON BARBOSA SANTOS

**ADOLESCÊNCIA HETERONORMATIVA MASCULINA:
ENTRE A CONSTRUÇÃO OBRIGATÓRIA E A DESCONSTRUÇÃO
NECESSÁRIA**

São Carlos – SP

2015

WELSON BARBOSA SANTOS

**ADOLESCÊNCIA HETERONORMATIVA MASCULINA:
ENTRE A CONSTRUÇÃO OBRIGATÓRIA E A DESCONSTRUÇÃO
NECESSÁRIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, como requisito para a obtenção de título de Doutor em Educação. Área de Concentração: Educação, Cultura e Subjetividade. Sob a orientação do Prof. Dr. Nilson Fernandes Dinis.

São Carlos - SP

2015

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária/UFSCar**

S237ah

Santos, Welson Barbosa.

Adolescência heteronormativa masculina : entre a construção obrigatória e a desconstrução necessária / Welson Barbosa Santos. -- São Carlos : UFSCar, 2015. 182 f.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2015.

1. Educação. 2. Heteronormatividade. 3. Masculinidade. 4. Sexualidade - adolescentes. I. Título.

CDD: 370 (20^a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Tese de Doutorado do candidato Welson Barbosa Santos, realizada em 26/05/2015:

Prof. Dr. Nilson Fernandes Dinís
UFSCar

Prof. Dr. Flávio Caetano da Silva
UFSCar

Profa. Dra. Maria Walburga dos Santos
UFSCar

Profa. Dra. Andreza Marques de Castro Leão
UNESP

Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes
UFU

Ao Deus invisível.

Jamais vi seus olhos, suas roupas ou pude ouvir o timbre de sua voz, mas és em quem ainda criança aprendi a crer, confiar e reconhecer que estás acima de todas as coisas. Hoje, um pouco mais maduro, tento, destituído de pieguismos, percebê-lo como Deus de amor, invisível, único e eterno e onde me sinto acolhido nos momentos de incerteza, lutas e medo.

DEDICATÓRIA

Alessandra,

Você é, possivelmente, minha maior referência de vida e alguém que, em dias de tristeza, não me deixou desistir, de dificuldades buscou supri-las e encorajar-me, lutas, me ajudou enfrentá-las ou as enfrentou por mim. Exemplo de mulher, mãe, companheira e, sem a sua presença tão efetiva, minha vida jamais teria o mesmo sentido.

Bruno e Mariana,

Embora reconheça que esse trabalho foi inspirado em adolescentes como vocês, ao olhá-los como filho e filha e sujeitos de nosso tempo, percebo o quanto tenho orgulho de tê-lo e tê-la como referência de adolescentes felizes, maduros, guerreiros e capazes de fazerem seus enfrentamentos com maturidade e persistência.

Florian,

Mesmo vindo de cultura tão distante e já crescido, conviver um pouco com você nos últimos anos, partilhar de seus enfrentamentos e ganhar um lugar de pai, serviu e serve para fortalecer meus conceitos de que os embates sociais ocorrem a todos, restando-nos o assujeitamento ou a resistência.

AGRADECIMENTOS

Aos sujeitos da pesquisa,

Ouvir suas histórias e estar presente na construção de muitas delas me enche de orgulho. Vocês representam os/as muitos/as adolescentes que, no decorrer de minha vida, pude conhecer, conviver, ouvir e com eles/as aprender. Reconheço, então, o privilégio de ter partilhado de suas vidas, histórias, dores, medos, desencantos e encantos. Dentre outras, essas experiências me serviram para repensar o que julgo de valor e inspiração para estruturar e sustentar esse trabalho.

Agradecimentos especiais

Ao meu orientador Prof. Dr. Nilson Fernandes Dinis, por valores como sinceridade, seriedade acadêmica, postura ética e profissional que engrandecem o meio científico. Você me deu a liberdade necessária para chegar até aqui, sendo orientador que, com carinho, segurança e direcionamentos específicos e na hora certa, possibilitou a realização desse feito.

Ao Prof. Dr. Cleudemar Fernandes, por seu exemplo como pesquisador e seus conselhos. Você me deu a liberdade de chamá-lo de “co-orientador” e amigo, me acolheu entre os seus e me fez admirá-lo.

Ao amigo Prof. Juliano Almeida, por estar presente ao longo da caminhada e, em silêncio, saber relevar o stress e os dilemas pessoais vivenciados na construção de uma tese, sabendo absorver e, do seu jeito, edificar os caminhos para a construção da sua própria tese. Orgulho-me de ser sua referência acadêmica.

À Profa. Dra. Ana Carolina D'Arelli de Oliveira por ter me conduzido ao descobrimento do quanto esse trabalho era importante. Obrigado pelas horas dedicadas de discussões e escritas nas muitas tardes e noites.

Profa. Dra. Marisa Lomônaco de Paula Naves, é preciso reconhecer que esse caminho não teria sido possível se você não tivesse, com paciência, me ensinado expressar cientificamente aquilo por que eu lutava e acreditava. Portanto, obrigado pela generosidade desde o início da caminhada como pesquisador.

À minha mãe por ter me dado a vida e me ensinado, desde muito cedo, que sonhar alimenta a alma e lutar é o caminho para tornar sonhos em realidades.

Ao Prof. Dr. Rone Cardoso, amigo de longa data a quem sou grato pelos direcionamentos dos primeiros passos, os conselhos e o exemplo de postura correta cabível a um pesquisador.

Ao espaço escolar, refiro-me aqui aos/as diretores/as, coordenadores/as, proprietários de instituição, professores/as, dentre outros/as. Foi nesse espaço que essa pesquisa surgiu, foi nutrida e pode tomar forma. Foi decorrente da liberdade que esses e essas profissionais me deram que ao longo dos anos pude visualizar o que hoje revela-se aqui em forma de tese.

Aos meus alunos e alunas presentes em minha vida nas quase três décadas como educador. Vocês partilharam de suas histórias, alimentando-me e inspirando-me para que esse capítulo especial de minha vida fosse também escrito.

Aos/as adolescente com quem convivi fora do espaço escolar e que sempre me inspiraram o buscar pelo saber mais.

Ao amigo Prof. Dr. Neil Franco, pelos anos de amizade, troca e referência. Obrigado por sempre assumir a condição de primeira grande censura e avaliação do que faço. Você é o meu crítico número um.

À UFSCar, ao PPGE e a Linha de pesquisa Educação Cultura e Subjetividade, meu sincero agradecimento.

A CAPES, agência de fomento que subsidiou esse trabalho de pesquisa.

Ao prof. Dr. Flávio Caetano por, em momentos de insegurança e medo, ter sido sábio no orientar e acalmar, fazendo-me crer que a frente havia respostas para minha inquietude.

À Profa. Dra. Sandra Riscal por ter dividido seu conhecimento e paixão pela docência.

À Profa. Dra. Graça Cicilline, por ter me direcionado para sonhar mais alto e buscar novos horizontes. Obrigado pelo carinho, presença e exemplo científico.

À Profa. Dra. Aldeci Cacique Calixto pelos conselhos, caminhada e partilha ao longo dos anos.

À amiga e companheira de doutorado, Edymacy Souza. Sei que fomos escora, apoio e referência um para o outro nos primeiros passos. Nosso caminhar juntos foi acolhedor e confortável. “O Cid jamais precisa ter ciúmes de mim”.

À companheira de doutorado, Dra. Ana Maria Ricci Molina, pelos conselhos iniciais e pela parceria acadêmica que temos construído. Gosto de lembrar de sua frase: “ou torne o que fazes em uma verdade sua ou desista da caminhada”.

À amiga de muitos anos Mariângela Castejon, parceira do aprender a língua da qual somos nascentes e falantes. As horas e madrugadas de trabalho árduo têm nos presenteado com grandes conquistas.

À Profa. Dra. Marisa Borges pela força, pelos primeiros passos e por me mostrar confiança quando eu ainda não a tinha. Foucault não me fez sofrer e devo um pouco disso a você.

Aos amigos e colegas de LEDIF – Karina Assunção, Cida Conti, Geciane, Bruno, Welisson, Glaucia, dentre outros – muito me ajudaram e ajudam a crescer, hora discutindo, hora produzindo reflexões referenciadas em Foucault.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	10
LISTA DE FIGURAS	11
RESUMO	12
ABSTRACT	13
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I	
1.1 Caminhos metodológicos	23
1.2 A arqueogenealogia como recurso metodológico	34
CAPÍTULO II	
2.1 Arqueogenealogia da adolescência: reconhecendo a importância da discussão	40
2.2 Adolescência: contradições e descontinuidades que constituem essa forma	41
2.3 Adolescência: a datação da forma	52
2.4 Adolescência: diferenciando papéis e a delimitação do masculino	55
2.5 Adolescência: masturbação, sexualidade e controle do gênero	62
CAPÍTULO III	
3.1 Adolescência masculina: potencialidade do poder da norma sobre as formas	71
3.2 Adolescência masculina: gênero, sexualidade, construção e desconstrução	86
3.3 A construção da forma adolescente	89
3.4 Entre a estética da existência e a heteronormatividade	95
3.5 Heteronormatividade masculina adolescente: entre a subjetivação e a violência	101
CAPÍTULO IV	
4.1 Buscando sentido para “verdade” nos estudos foucaultianos	109
4.2 Significando enunciado em narrativas de adolescentes do sexo masculino	114
4.3 Saber, poder, biopoder e resistência no discurso de adolescentes do sexo masc.	118
4.4 O biopoder atuante sobre as subjetividades e identidades	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFERÊNCIAS	146
ANEXO I	154

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS – Síndrome da Deficiência Imunológica Adquirida.

DST – Doença Sexualmente transmissível.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDBEN – Leis de Diretrizes e Bases Para a Educação Nacional

MG – Minas Gerais

OMS – Organização Mundial da Saúde

PMK – Psicodiagnóstico Miocinético.

PPGE – Programa de Pós graduação em Educação.

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos.

UNESCO – União das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	– Gráfico do número de alunos da escola Pública.....	26
Figura 02	– Gráfico do número de alunos da escola Particular.....	26
Figura 03	– Gráfico de composição de alunos por sexo na escola pública.....	26
Figura 04	– Gráfico de composição de alunos por sexo na escola particular.....	26
Figura 05	– Gráfico de composição de alunos por idade na escola pública.....	27
Figura 06	– Gráfico de composição de alunos por idade. Na escola particular.....	27
Figura 07	– Gráfico de composição de alunos por cor de pele da escola pública.....	27
Figura 08	– Gráfico de composição de alunos por religião da escola pública.....	27
Figura 09	– Gráfico de composição de alunos por cor de pele da escola particular..	28
Figura 10	– Gráfico de composição de alunos por religião da escola particular.....	28
Figura 11	– Gráfico de composição de alunos por idade.....	31
Figura 12	– Gráficos de composição de alunos por classe social.....	31
Figura 13	– Gráficos de composição de alunos totais por escola.....	31
Figura 14	– Índices de suicídio no Brasil em 2000 – dados da Organização Mundial da Saúde.....	76
Figura 15	– Índices de suicídio no Brasil em 2012 – dados da Organização Mundial da Saúde.....	76

RESUMO

O objetivo dessa tese é contribuir para a edificação de saberes sobre a construção da masculinidade adolescente frente à heteronormatividade. Parto da hipótese de que a heterossexualidade precisa da homossexualidade para seu fortalecimento e, na medida em que acusa, sinaliza e condena o “menos” masculino, o homossexual ou a masculinidade não hegemônica, ela se fortalece. Inscritas por meio de experiências culturais, as masculinidades têm sido edificadas pelo discurso e através de relações sociais, em espaços como a escola e a internet. Assim, buscando metodologicamente articular essas duas esferas, o trabalho envolveu inicialmente 600 sujeitos do sexo masculino e feminino de duas instituições de ensino localizadas no Município de Uberaba–MG. Do grupo citado, foram identificados e convidados a continuar participando do trabalho somente 200 estudantes do sexo masculino de 14 a 16 anos. O adotar de um questionário objetivo com esses 200 sujeitos possibilitou a identificação de 17 deles. O uso de rede social virtual com o grupo identificado permitiu a observação de suas falas e discursos, sendo material usado no fortalecimento e referência da discussão aqui desenvolvida. A partir do material colhido, foram buscados possíveis entendimentos dos componentes e processos sociais de constituição das identidades de adolescentes do sexo masculino e interdependências entre as categorias que foram levantadas. Ainda, a discussão pretende contribuir no entendimento de como as masculinidades na adolescência são determinadas, vivenciadas e repassadas.

Palavras chave: Heteronormatividade. Masculinidade. Sexualidade. Adolescência

ABSTRACT

The purpose of this thesis is to contribute to the edification of knowledge concerning the construction of youth masculinity. The hypothesis is that heterosexuality needs homosexuality for its own strengthening and that by accusing, signaling and judging the "less" or non-hegemonic male, or the homosexual, it reinforces itself. Established by cultural experiences, masculinity is built through social relationships and communication in places such as school and the internet. So, to connect both of these spaces methodologically, the study initially includes 600 subjects, both male and female, of two educational institutions in the municipal of Uberaba-MG, Brazil. From this particular group only 200 males, between ages 14 to 16, were identified and invited to continue taking part in the study. The students were asked several objective questions which led to the identification of 17 out of the 200 subjects. The use of communication through social networks with the identified males allowed for the observation of their speech and expressions, which has been used as reinforcement and reference for this discussion. So referenced, conceivable understandings of social components and procedures of the formation of male adolescents' identity and the independence between each category have risen. Furthermore this thesis attempts to contribute to the understanding of how masculinities in adolescence are determined, experienced and inherited.

Keywords: Heteronormativity. Masculinity. Sexuality. Adolescence

INTRODUÇÃO

“As luzes que descobriram as liberdades inventaram também as disciplinas.”

Michel Foucault

Nesta Tese, expressei um desejo antigo de compreender inquietações surgidas do convívio com o público juvenil em diversos espaços, incluindo o escolar. Assim, julgo importante descrever um pouco de minha trajetória de formação e atuação na educação, pois foi na escola, através da prática docente, que essa investigação científica teve suas primeiras diretrizes. Graduado em Ciências Exatas e Naturais, com licenciatura plena em biologia, no ano de 1990, lecionei no Ensino Fundamental e Médio por mais de duas décadas. Dessa forma, ocorreram meus primeiros contatos com o/a estudante, aproximação iniciada um ano antes do término do curso de graduação, ou seja, em 1989, surgindo aí as minhas primeiras percepções, a identificação e o envolvimento com a questão do adolecer¹ masculino.

Ao chegar à escola naquele ano, atribuíram a mim a função de trabalhar sexualidade e saúde com seis turmas de primeiro ano do Ensino Médio e a proposta era discutir cuidados com o corpo, higiene, parasitoses, prevenção a DST e reprodução. A inserção dessas discussões na escola decorreu da LDBEN 5.692/1971 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que incluía o conteúdo de Programa de Saúde no currículo escolar, e do Parecer 2.264/1974, do Conselho Federal de Educação, que orientava a discussão nessa área de conhecimento.

Naquele contexto, a/o profissional responsável por trabalhar os assuntos citados eram professoras ou professores de biologia e, como tal, nos primeiros anos de docência, fui responsabilizado por abordar essas questões. No entanto, lecionar tal temática exigia uma formação e conhecimentos para os quais não havia sido preparado. Isso desencadeou a busca por saberes que possibilitassem um trabalho adequado.

¹ A adolescência pode ser entendida qualitativamente como diferente da infância e da idade adulta. A palavra vem do latim *ad* (para) somada ao sufixo *olescere* (crescer), resultando em “crescer para”. A definição melhor seria crescer para a maturidade. O termo originou-se na antiguidade, mas a base sociopolítica da diferenciação surgiu com as transformações das estruturas sociais ocorridas em fins do século XIX. Nesse período tais questões permitiram a retirada desses sujeitos do mercado de trabalho para frequentarem as instituições educacionais. Assim, baseada na ideia de adolescência como fase de formação para o trabalho, foi proposto os termos “adolescência encurtada” e “adolescência estendida” que descrevem as diferentes oportunidades de formação e educação disponíveis às pessoas que entram no mercado de trabalho mais cedo ou mais tarde, sendo isso proporcional à situação cultural e financeira da família.

Ao buscar esses conhecimentos, percebi que, nos materiais didáticos, a questão era discutida a partir dos sistemas reprodutores, centralizando o assunto em uma conotação genética. As afirmações eram de que as características das pessoas seriam herdadas, naturais do corpo e determinadas por fatores hormonais. Isso possibilitou entendimentos sobre a concepção de sexualidade e gênero², associadas à dimensão unicamente biologizante e naturalizada, ou seja, pensada como fatos naturais. De forma esclarecedora, esse modo de pensar esteve presente de maneira dominante na sociedade e nos discursos acadêmicos até os anos de 1980, perdurando tempo ainda maior na escola.

Então, referenciado nas afirmações feitas e ao rememorar os tempos de formação inicial na licenciatura em biologia, dentre os conhecimentos construídos nas disciplinas que compuseram a formação, destaco os saberes de embriologia. Ao refletir sobre os anos em que trabalhei esse conteúdo na escola, é possível perceber que as conceituações nessa área de conhecimento são demarcadas por uma concepção positivista.

Na graduação, recordo que, por um lado, havia a beleza do desvelar de mistérios referentes ao desenvolvimento humano e de outros grupos animais que me fascinavam e, por outro lado, a tecnicidade. Tratava-se de uma modalidade de saber marcada pela mensuração do ser humano, viabilizando medi-lo por inteiro. Procedimentos que calculavam e possibilitavam a centralidade do corpo e de suas ações ao campo do previsível, questões que tornavam os conhecimentos na área algo não menos importante, porém de beleza ofuscada.

Se as lembranças sobre embriologia são importantes para minha formação profissional, tal questão possibilita aqui refletir também sobre as aplicabilidades e riscos que essa discussão pode desencadear ao serem trabalhadas na escola. Embora sejam saberes fundamentais para o campo em que estão inseridos, podem ser reconhecidos também como conhecimentos desencadeadores de uma visão equivocada de corpo, de sujeito e de subjetividade. Podendo ser um saber reforçador

² Embora uma discussão mais detalhada sobre gênero esteja presente nos capítulos III e IV desta tese, de forma objetiva, os estudos nesse campo compreendem relações entre o masculino e o feminino na cultura e na sociedade. A discussão surgiu nos EUA e decorrente do desenvolvimento dos estudos feministas e pós-estruturalistas nos anos 1960. Influenciado pelo pensamento de Judith Butler e Michel Foucault, a temática, a partir dos anos 1980, passou a agregar questões como o debate sobre masculinidade e identidade.

da concepção de sujeito, definido/a com base em seu sexo biológico, pela genitália, sendo comum, na prática, a não valorização das subjetividades de cada um/a.

Foi a partir da década de 1980 que o formato citado começou a ser questionado (LOURO, 1999). O advento da epidemia do HIV/AIDS e o aprofundamento de movimentos sociais, que reivindicaram uma maior visibilidade e reconhecimento das vivências alternativas da sexualidade e de gênero, possibilitaram o desenvolvimento de trabalhos nesse campo, servindo, inclusive, de referência e sustentação para o desenvolvimento desta tese. As discussões provocaram reflexões e ampliaram a visão da sexualidade e de gênero até então restrita a uma dimensão biologizante e naturalizada.

O debate acadêmico referente à sexualidade e ao gênero, decorrente de fatores como os citados no parágrafo anterior, evoluiu para uma concepção mais ampla e crítica, distanciando-se de quaisquer reducionismos e fundamentalismos. Assim, visando a discutir a construção das masculinidades adolescentes no campo de significados da sexualidade e gênero, de discursos e de práticas, é proposta deste trabalho contribuir para tal desafio teórico.

Nesse caminho, um dos autores que mais se destacou para a elaboração do que é entendido como sexualidade e provocou outros pesquisadores/as a discutirem gênero foi Michel Foucault. Com uma vida científica relativamente curta, mas intensa, a primeira publicação do autor citado foi em 1954, intitulada *Doença mental e personalidade* e dentre inúmeros trabalhos, sabe-se que sua última publicação foi *História da sexualidade III – O cuidado de si*, publicado em 1984, pouco antes de sua morte, consequência de complicações provocadas pela HIV/AIDS.

A vasta obra produzida pelo autor possibilitou e inspirou o romper da visão biologizante e naturalizada da sexualidade e do gênero, viabilizando profundas e detalhadas compreensões sobre poder. Suas reflexões sobre o dispositivo institucional de poder-saber-prazer e discurso foram decisivas e são fundamentais em várias áreas de conhecimentos, como a psiquiatria, a engenharia, o direito, a sociologia, a pedagogia, a filosofia, a análise do discurso e a educação.

A partir Foucault (2007), é possível perceber que o poder não atua somente pela via da repressão, mas por estratégias sutis, pois, ao produzirem as verdades sobre a sexualidade, modelam e remodelam movimentos, emoções e prazeres do ser humano, constituindo-o enquanto sujeito de uma sexualidade. As ideias do filósofo

possibilitaram uma renovação política, social e cultural dos discursos da sexualidade e serviram de referência para avanços no campo dos estudos de gênero.

Ao pensar nas diversas contribuições de Foucault para este trabalho, cito suas preocupações para com a sexualidade e seu refletir em relação à forma como a produção dos dispositivos de poder-saber-prazer tornou-se imprescindível para a compreensão da dimensão macrossocial da sexualidade. Assim, sem as pesquisas e referências do filósofo, desenvolver este trabalho seria desafio difícil ou mesmo inacessível. Com o aporte do autor, diferentes manifestações da sexualidade e de gênero, incluindo questões de homossexualidade e de masculinidade, tornaram-se possíveis de discussão e problematização. Cito a percepção de posicionamentos que desencadeiam formas explícitas ou veladas de discriminação e, ainda, diferentes formas de violência que diferentes indivíduos sofreram durante a construção de suas masculinidades.

Assim, embora socialmente exista o discurso sobre mais tolerância em relação às diferenças, permitindo que algumas práticas aconteçam no cotidiano, em relação à masculinidade e suas diferentes formas de manifestação, há questões nesse campo que continuam sendo percebidas majoritariamente como desvio, anomalia, desequilíbrio e doença. Essas posturas podem estar fortalecendo atitudes de preconceito, discriminação e situações de violência. Também, enquanto conduta discriminatória, podem alastrar-se a qualquer outra forma de representação social da sexualidade que escape à dimensão biologizante e naturalizada.

A questão é que o discurso comum propõe uma vida social organizada, chamada a assentar-se na ideia da perpetuação do matrimônio e em padrões familiares previsíveis que evitem surpresas e rupturas da ordem patriarcal. Também, que inspire a estrutura moral e psicológica disseminada por meios de comunicação e de socialização, de forma que seja perpetuado o padrão estabelecido de masculino. Ao usar a organização escolar como referência é possível perceber que ela contribui, com seus saberes e poderes, para esse campo de normatização.

Nesse processo, a escola exerce esse papel por meio de vários dispositivos de controle que têm as representações sociais da sexualidade e do gênero como naturalizadas e ideais. Esse campo é sustentado pelo sistema curricular e extracurricular, principalmente os de áreas biológicas. São papéis exercidos pelos profissionais que coordenam e orientam suas práticas pedagógicas, pelos agentes

disciplinadores que fiscalizam a efetivação das normas pelos professores e professoras que comunicam esse currículo aos seus alunos e alunas. Como forma de efetuação dessas normas, a organização escolar também define rotinas rígidas de uso do tempo e do espaço e de controle das ações e dos corpos (LOURO, 1999).

Todo esse campo de normatização é efetivado pelo discurso e tem como objetivo controlar a sexualidade e o gênero e tornar os corpos dóceis. No entanto, como mecanismo, age a partir de agenciamentos com outros dispositivos, uma vez que normatiza o que deve ou não ser dito e feito a partir de técnicas de controle sutis. São olhares vigilantes que compactuam na aparência com as normas e valores considerados ilícitos, criando um ambiente ambíguo e favorável para que também o desvio se produza e seja produzido e aconteça.

Esse condescender na aparência faz parte de um jogo perverso que ocorre na organização escolar, mas não somente nela. O ambiente de permissividade estimula a vivência e a manifestação da sexualidade e, ao fazer isso, possibilita que o controle e a docilização atuem de maneira muito mais eficiente e completa, já que eles passam a agir a partir do desejo, podendo assim ser identificado em outras instâncias sociais.

Isso mostra também que a dominação pouco a pouco vai atuando no sentido de tornar o corpo cada vez mais dócil, adequado a uma sexualidade e gênero estabelecidos pela norma e, por consequência, busca-se alcançar uma sexualidade manipulável e desvinculada de suas dimensões culturais, sociais e subjetivas, perdendo com isso a sua força de sexualidade, como dimensão afetiva e interativa. Não sendo muito diferente nas questões de gênero. Articulada a esse processo, a incitação à sexualidade e suas múltiplas possibilidades de expressão constituíram uma das operações mais ativamente envolvidas na produção das subjetividades, em práticas sociais como a da organização escolar, dentre outras. Trata-se de um modo de produção que investe no dizer sem desvelar. Esse modo de produção, assim colocado, diz por si só o que é a sexualidade e o gênero.

Pelo descrito, os caminhos adotados para a construção deste trabalho envolvem questionamentos surgidos ao lidar com essa instituição, ou seja, a escola, despertados durante os anos de docência em Ciências no Ensino Fundamental e Biologia no Ensino Médio, práticas educativas que eram destinadas a adolescentes. Assim, se havia alguma dúvida sobre minhas suposições em relação à forma de discutir

gênero e sexualidade na escola, aos poucos fui percebendo que caminho o deveria ser tomado. Contudo, foi em 2009 que consideradas percepções me foram acessíveis e nortearam a estruturação desta investigação.

Nesse período, durante o desenvolvimento da dissertação de mestrado, intitulada “A educação sexual no contexto do ensino de biologia: um estudo sobre as concepções de professores/as do ensino médio em Escolas de Uberaba-MG”³, ao explorar as possibilidades teóricas utilizadas para o desenvolvimento do referido trabalho, às minhas inquietações foram acrescidas de questões a respeito da construção das masculinidades e sexualidades de adolescentes.

Os olhares acerca do ensino de Ciências e Biologia, no decurso do mestrado, possibilitaram perceber a centralidade na educação do corpo, evidenciado nos discursos dos sujeitos professores/as de ciências e biologia que participaram do trabalho. Igualmente, como Louro (2008) afirma, os discursos demonstravam uma educação biológica marcada por um ensino prescritivo, descritivo, anatômico e fisiológico e pareciam negligenciar significações de gênero e sexualidade como questões reconhecidamente importantes para a educação escolar.

Nesse sentido, nas últimas duas décadas, gênero e sexualidade tornaram-se questões discutidas de forma crescente em diversos trabalhos brasileiros como de Louro (2004; 2008; 2009), Miskolci (2006; 2007; 2009a) e Diniz (2008; 2011). Entretanto, no que se refere à escola, é possível ainda observar as discussões restritas a procedimentos e orientações de prevenção da DST-AIDS e gravidez precoce. O breve recorte de fala que segue, fragmento da pesquisa de mestrado citada, serve como sustentação para tais afirmações.

Eu me preocupo nas aulas de sexualidade com as muitas informações que devem ser dadas sobre métodos contraceptivos, o uso frequente e manuseio de camisinha. O resultado disso é que falar desse tema faz sucesso. Você vai formando um grupo maior, vai trabalhando e a escola vai formando uma cultura de discussão desse tema (S5) (SANTOS, 2010, p. 85).

As representações da sexualidade e gênero nas práticas docentes em questão, reforçam o sentido de um padrão esperado como caminho a todos/as, indefinidamente. Tais posturas podem ser observadas nos discursos que reforçam o

³SANTOS, W. B.(2010), A educação sexual no contexto do ensino de biologia: um estudo sobre as concepções de professores/as do ensino médio em Escolas de Uberaba – MG. Dissertação de Mestrado.UFU - Uberlândia - MG.

ato sexual, com suas fragilidades e riscos, visíveis também nas constantes campanhas midiáticas de prevenção a possíveis patologias decorrentes de práticas sexuais. Sendo assim, ao rememorar minhas observações, noto a presença desse discurso naturalizante e heteronormativo, largamente difundidos no ensino de ciências e biologia, como também percebido em outras instâncias sociais.

Nesse raciocínio, o ensino poderia ser confrontado e contrastado com possibilidades e significações que a discussão de sexualidade e gênero pode assumir, principalmente em disciplinas escolares que trabalham o corpo e sua funcionalidade, como as áreas biológicas. Contudo, esse desafio não deveria estar restrito a escola e sim a toda sociedade.

Gradativamente, essas experiências promoveram e fortaleceram meu interesse em aproximar-me das questões narrativas do adolecer masculino. Elas pareciam evidenciar a forma como os discursos referenciam a produção desses sujeitos, tanto nas organizações escolares, onde convivi com eles, quanto nos espaços virtuais⁴, local habitualmente frequentado no nosso tempo por esse público. Essas temáticas levaram-me a considerar que é por meio das diversas formas e rituais, demarcação de espaços e de tempos, poderes, permissões, silêncios e currículos, que a escola e os espaços virtuais têm participado na produção da adolescência.

Ao pensar na escola como um local de apropriação social dos discursos, busco em Foucault (2011a) um melhor entendimento para a questão. O autor possibilita reconhecer os sistemas educacionais como um espaço no qual cada um/a acessa diversificados discursos e em que os procedimentos de controle e docilização aparecem interligados.

Referenciado no autor, é possível perceber o espaço escolar como lugar que reúne formas de imposição de regras aos sujeitos do discurso. Então, como apropriação social dos discursos, esse espaço seria o lugar de ritualização da palavra, que determina e fixa os papéis de quem fala e constitui e promove a difusão de

⁴ Chama-se virtual tudo aquilo que diz respeito às comunicações via internet, e distância é um termo para tentarmos avaliar sua dimensão. O virtual é um espaço real, como indica Pierre Levy (1996), e nossa própria experiência do cotidiano no uso destas ferramentas comprova isso. Ainda, pode-se afirmar que o virtual é uma realidade facilitadora porque, através do computador, é possível obter informações e interações variadas. Assim, para o autor, o virtual é mediado ou potencializado pela tecnologia e pode ser entendido ainda como um produto da externalização de construções mentais em espaços de interação cibernéticos.

doutrinas. Deste modo, ocorre nele uma apropriação do discurso por meio de seus saberes e poderes e, tendo por base tais afirmações, questiono se não alcançar plenamente o padrão hegemônico de masculinidade poderia estar agenciando mal estar no sujeito, como os sinais de depressão entre adolescentes do sexo masculino.

Vale afirmar que não há aqui a pretensão de colocar a heterossexualidade como equivalente e defesa de não heterossexuais e sim, contribuir para o debate e reforço de que existem diversificadas estéticas masculinas. Até porque, como Foucault (1982) orienta, a ideia de que se deve ter um sexo verdadeiro está longe de ser banida, independente de qual seja a opinião dos biólogos a esse respeito. Assim, seria o desejo homossexual entre adolescentes masculinos a chave para o entendimento do alto índice de suicídio entre eles? E o desejo homossexual, é sempre reprimido?

Buscando responder tais questões e procurando contribuir para a construção de saberes sobre masculinidades adolescentes e a forma como a mesma ocorre a partir dos discursos, optei por dividir esta tese em quatro capítulos. No capítulo I, busquei, inicialmente, descrever os caminhos metodológicos que direcionaram e referenciaram o trabalho. Para isso, optei por subdividi-lo em duas partes: **Caminhos metodológicos que possibilitaram observar discursos de meninos adolescentes e A arqueogenealogia como recurso metodológico.**

Na sequência, a arqueogenealogia da adolescência vem como parte do aporte teórico desta tese e, devido sua amplitude e importância, optei por separá-la em um segundo capítulo dividido em cinco partes: **Arqueogenealogia da adolescência: reconhecendo a importância da discussão; Adolescência: contradições e discontinuidades que constituem essa forma; Adolescência: da datação a segregação racial e econômica; Adolescência: diferenciando papéis e a delimitação do masculino e Adolescência: masturbação, sexualidade e controle de gênero.**

Também, por se tratar de uma tese que discute a construção das masculinidades de adolescentes, achei pertinente permitir que os fragmentos de fala desses sujeitos estivessem presentes em todo o trabalho. Portanto, os recortes de comentários nos auxiliaram na discussão desde o capítulo I até o capítulo IV.

Quanto ao capítulo III, centra-se nas questões de gênero e sexualidade. Para isso, retomei o conceito de adolescência masculina como questão natural e com

significados dados desde sempre. Sustentado no pensar de Foucault (2007; 2011b), sobre a História da Sexualidade e Araújo (2000), busquei discutir a problemática que envolve a objetivação e subjetivação do sujeito, os processos de docilização de corpos, resistência, violência e o aparecimento de falas e comentários referentes a tentativas de suicídio entre adolescentes masculinos que participaram do trabalho. Mediante a isso, optei por dividir o capítulo em cinco partes: **Adolescência masculina: potencialidade do poder e da norma sobre as formas; Adolescência masculina: gênero, sexualidade, construção e desconstrução; A construção da forma adolescente: poder, objetivação e subjetivação; Objetivação e subjetivação: entre a estética da existência e a heteronormatividade e Heteronormatividade masculina adolescente: entre a subjetivação e a violência.**

Em relação ao capítulo IV, a proposta foi de discutir verdade, o discurso e seu papel na construção das masculinidades adolescentes e dar sentido a enunciado e aos conceitos de saber, poder, resistência e biopoder, discutidos por Michel Foucault. Também, mostrar como tais questões incidem na produção da subjetividade de sujeitos adolescentes masculinos. O capítulo está dividido em quatro partes: **Buscando sentido para verdade nos estudos foucaultianos; Significando enunciado em narrativas de adolescentes do sexo masculino; Saber, poder, biopoder e resistência no discurso de adolescentes do sexo masculino e Biopoder atuante sobre as subjetividades e identidades.**

CAPÍTULO I

“Precisamos resolver nossos monstros secretos, nossas feridas clandestinas, nossa insanidade oculta. Não podemos nunca esquecer que os sonhos, a motivação, o desejo de ser livre nos ajudam a superar esses monstros, vencê-los e utilizá-los como servos da nossa inteligência. Não tenha medo da dor, tenha medo de não enfrentá-la, criticá-la, usá-la”.

Michel Foucault

Caminhos metodológicos

Início este capítulo reconhecendo que masculinidades e sexualidades são inscritas por meio de experiências culturais e construídas em relações sociais pelo discurso. Assim, auxiliado por fragmentos de fala, a busca é por perceber a constituição das subjetividades envolvendo questões de sexualidades e gênero na adolescência e a forma como estão ligadas na construção das masculinidades. Parto do princípio de que é possível enxergar como as historicidades que permeiam a produção de discursos corroboram para a sua constituição.

O discurso nesse trabalho, auxiliado por Fernandes (2012) é entendido como o que incide sobre o sujeito, tendo poder de subjetivá-lo. Como definição, o discurso não compreende somente o que é falado, mas também o silenciado e silencioso; não se restringe à palavra, conversações, texto ou escrita, mas abarca o que pode ter sentido mesmo no silêncio, naquilo que por si só pode trazer significados. Daí surge o sentido dado ao conceito de dispositivo utilizado por Foucault. O termo designa as estratégias de assujeitamento utilizadas pelo poder, isso é:

Um conjunto decididamente heterogêneo, que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. (FOUCAULT, 1979, p.244).

A breve conceituação sobre discurso tem caráter norteador e de simples definição, cabendo aos capítulos que seguem explorar melhor a temática. Entendido isso, desse ponto em diante delinear caminhos metodológicos que auxiliaram na compreensão do funcionamento dos discursos produzidos na adolescência, na construção de masculinidades é o objetivo e, assim, buscar a visualização de certas constituições de subjetividades. Para tanto, construí o material por via de entrevistas, visando a usá-lo como aporte no desenvolvimento deste trabalho.

Nesse caminho, metodologicamente a pesquisa foi dividida em três fases: a primeira com perfil quantitativo, que permitiu aproximação de um grupo de 600 adolescentes; a segunda, também quantitativa, possibilitou que fosse respondido um questionário objetivo *online* disponibilizado na página de relacionamento social www.facebook.com⁵; e a terceira e última fase envolveu um grupo restrito de dezessete adolescentes que, entrevistados individualmente no ambiente virtual citado, deram perfil qualitativo ao trabalho. Portanto, a pesquisa pode ser entendida como quantiquitativa.

Para organizar cada etapa da pesquisa, inicialmente a referência foi o princípio de que ambientes escolares e espaços virtuais de relacionamento, como o facebook, são locais possíveis para observações dos mecanismos de construção e disseminação de discursos. Com esse intuito, primeiramente buscou-se uma articulação entre as duas esferas. A escola seria onde procuraria arrolar adolescentes ao trabalho e o espaço virtual ser local no qual acessaria as falas dos mesmos.

Sobre espaços virtuais, as mídias vêm sendo ferramentas de pesquisa qualitativa e quantitativa de valor considerado, devendo ser entendidas como locais de socialização, criação e fortalecimento de identidades⁶. Também, podem ser percebidas como espaços que permitem observar a construção de discursos, repassados, expressados e revelados. Sobre o tema, Miskolci acrescenta que

O século XX foi marcado pela mídia de massa, uma forma de comunicação vertical baseada na difusão de conteúdo (*broadcasting*) para receptores enquanto as novas mídias surgiram a partir da criação da internet em 1969, mas apenas mais de 25 anos depois tornaram-se acessíveis a grande parte da população. As novas mídias digitais se disseminaram a partir da virada do milênio trazendo uma nova forma de comunicação que pode ser

⁵ Vale destacar que o espaço virtual vem sendo reconhecido como local propício para se acessar discursos de adolescentes por ser conhecido e de comum e contínuo uso deste público. Assim, páginas de relacionamento virtual, como o facebook, permitem expressões “mais livres” entre entrevistador e entrevistado e também pesquisas com respostas objetivas com grupos restritos. Permite também conversa informal em dupla ou em grupo. Portanto, devido à familiaridade dos sujeitos com tal sistema, suas sugestões e considerações direcionaram que forma o uso do sistema os deixariam mais avontade para participar do trabalho e possibilitar o acesso aos seus discursos. Inclusive, todos os meios usados para o levantamento dos dados desse trabalho ainda permanecem abertos e acessíveis aos participantes.

⁶ A discussão sobre identidade é influenciada por questões de lugar, gênero, orientação sexual, religião e etnia. Para Louro (2008), as identidades são construídas por meio de inúmeras aprendizagens e práticas, empreendidas por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais, de modo explícito ou dissimulado, num processo sempre inacabado. Na contemporaneidade, essas instâncias multiplicaram-se e seus ditames são, muitas vezes, distintos. Nesse embate cultural, torna-se necessário observar os modos como se constroem e se reconstróem a posição da normalidade e a posição da diferença, além dos significados que lhes são atribuídos.

compreendida como horizontal, interativa e em rede (2011b, p. 12).

Sendo um marco de nosso tempo, o/a adolescente permanece parte significativa de seu tempo disponível conectado/a em rede de internet em espaços virtuais de convivência social como facebook. Marcuschi (2004) confirma que, somado à escola, estes meios tornaram-se potenciais veículos na produção e propagação de processos de subjetivação. Isso possibilita perceber que há um amplo impacto causado pelas novas mídias na subjetivação, nas relações interpessoais e, através delas, na sociedade.

A começar como – em contraste com o passado – as novas mídias alcançam qualquer um à condição de protagonista assim como características pessoais, diferenças, passam a ser possíveis motivos articuladores de contato e socialização. [...] Trata-se de um feito nada desprezível, o qual não apenas democratiza a experiência como também a modifica profundamente em um misto de transformação técnica, social e também subjetiva. (MISKOLSI, 2011b, p. 13-14).

Definido que a escola seria espaço inicial de busca por discursos que envolvem a adolescência, a decisão seguinte a ser tomada foi delimitar idades, quantos e quais ambientes escolares seriam adotados e, nestes, o número de participantes que seriam envolvidos/as inicialmente no trabalho. Para decidir faixa etária, referenciei-me em Junqueira (2009), O'conor (1995), Remafedi, (1991;1995), Gibson (1989), Garofalo *et al.* (1998), dentre outros. Os trabalhos desses autores permitem perceber que entre 14 e 16 anos inicia-se e acentua-se um conjunto de dificuldades e enfrentamentos no campo da sexualidade e do gênero de adolescentes do sexo masculino. Dando continuidade, o envolvimento de um número significativo de participantes, 600 estudantes, exigiu que fossem acessadas duas escolas, ambas de Ensino Fundamental e Médio, devido à idade do grupo a ser entrevistado.

Para acessar um grupo heterogêneo, o critério adotado foi o de envolver uma instituição de ensino público e outra de ensino privado. A primeira instituição tinha no ano de 2012, 1192 estudantes matriculados/as e de diversificada faixa etária. Da mesma forma, a segunda apresentava 1096 alunas/os matriculados/as em 2012, estando ambas localizadas no Município de Uberaba-MG. A esse respeito, os gráficos a seguir trazem a porcentagem de aluno/a por idade nos dois estabelecimentos citados.

Figura 1 – Faixa etária de estudantes matriculados na rede Pública de ensino - 2012

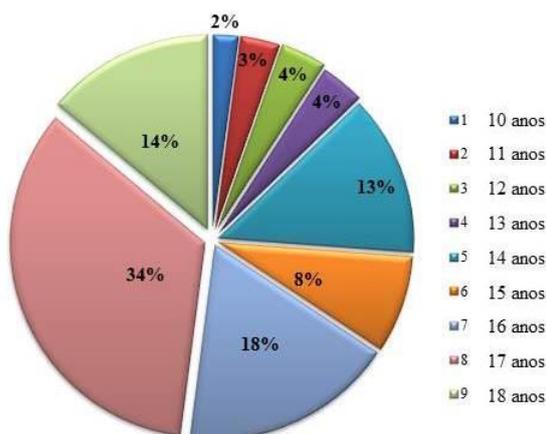


Figura 2 – Faixa etária de estudantes matriculados na rede Particular de ensino - 2012

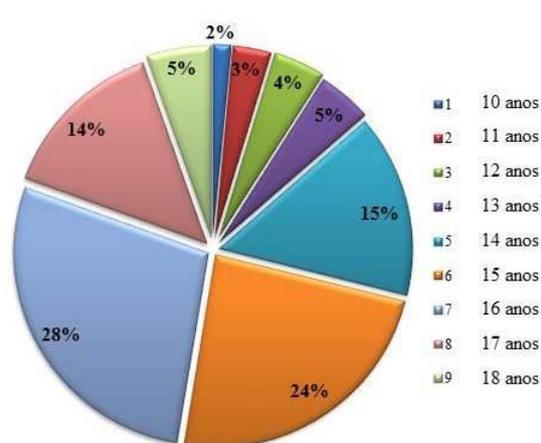


Figura 01 e 02 – Gráfico do número de alunos das escolas Pública e Particular

Inicialmente foram envolvidos/as no trabalho 300 adolescentes de cada escola, aproximadamente 50% de meninas e 50% de meninos, dados que podem ser confirmados no gráfico ilustrativo a seguir. O critério de escolha das/dos participantes nos dois estabelecimentos foi o mesmo: 300 estudantes pertencentes às séries de 9º ano e 1º ano do Ensino Médio. Assim, durante oito meses, de março a novembro de 2012, foi feito contato com essas alunas e alunos, ministrando aulas no campo curricular de biologia e, em meio aos conteúdos curriculares, de diferentes formas e situações, abordou-se temáticas que envolviam sexualidade, gênero e sociedade.

Figura 3 - Composição do grupo por sexo 300 sujeitos - Escola Pública

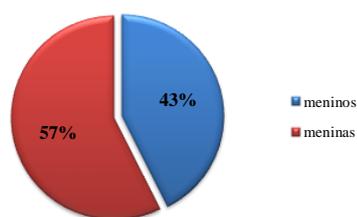


Figura 4 - Composição do grupo por sexo 300 sujeitos - Escola Particular

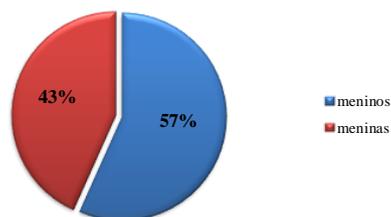


Figura 03 e 04 – Gráfico de composição de alunos por sexo em cada escola

Do total inicial de 300 alunas e alunos de cada escola envolvida, 100 deles, de 14 a 16 anos, todos autoidentificados como sendo do sexo masculino, foram convidados a participar da segunda parte do trabalho, iniciada no mês de novembro de 2012. Portanto, o trabalho nesse momento restringiu-se ao total de 200 participantes,

sendo todos do sexo masculino. Os adolescentes envolvidos, proporcional à idade, estão representados nos gráficos abaixo.

Figura 5 - Composição do grupo de meninos por idade - 100 sujeitos - Escola Pública

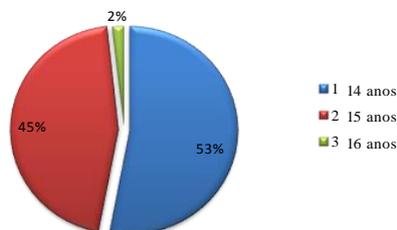


Figura 6 - Composição do grupo de meninos por idade - 100 sujeitos - Escola particular

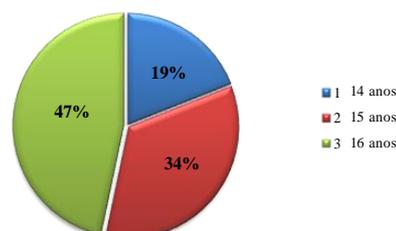


Figura 05 e 06 – Gráficos de composição de alunos por idade

A escola pública envolvida na pesquisa foi identificada como constituída de alunos/as das classes Sociais B e C, e o grupo de estudantes convidado a participar do trabalho, pequeno número, aproximadamente 20% se autorreconheceram⁷ de cor preta, 20% como brancos e 60% como pardos. No campo religioso, 75%, identificaram-se como católicos, aproximadamente 20% identificaram-se como evangélicos e 5%, espíritas, dados ordenadamente dispostos nos gráficos que seguem.

Figura 07 – Composição do grupo por auto identificação de cor de pele - 100 sujeitos - Escola Pública

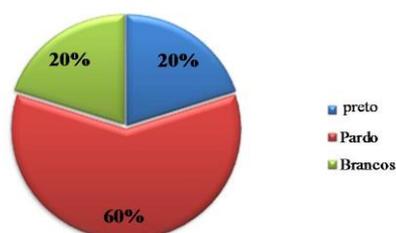


Figura 08 - Composição do masculino por religião - 100 sujeitos - Escola Pública

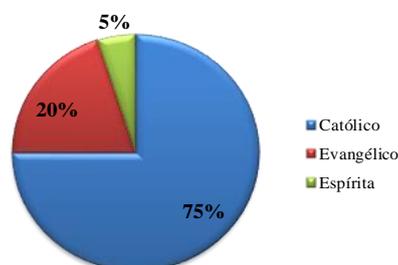


Figura 07 e 08 – Gráficos de composição de alunos por raça e religião da escola pública.

A escola particular envolvida identificou-se como constituída de alunos das classes A e B, e no grupo de estudantes convidados a participar do trabalho, aproximadamente 10% se autorreconheceram de cor preta, 50% brancos e 40% pardos.

⁷ O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE orienta que classificações sobre cor de pele devem ser compostas pelas categorias mais difundidas e frequentes nas classificações espontâneas e/ou serem condizentes com o tipo de informação que se visava levantar. Nas pesquisas que o órgão faz no país são adotadas as seguintes diferenciações: branca, preta, amarela e parda (BRASIL, 2013). Assim orientado, neste trabalho foi adotado os termos negro (preto), moreno (pardo) e branco. Quando se buscou categorizar o grupo participante, tais critérios foram estabelecidos a partir da forma como cada sujeito se autoidentificava, quando perguntados qual a cor de sua pele.

No campo religioso, 80% identificaram-se como católicos, aproximadamente 15% como evangélicos e 5% espíritas. Os gráficos que seguem ilustram tais números.

Figura 07 – Composição do grupo por auto identificação de cor de pele – 100 sujeitos – Escola Pública

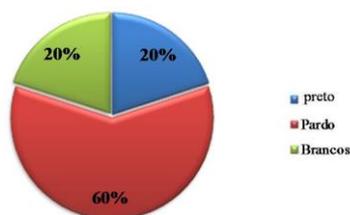


Figura 10 - Composição do grupo por religião 100 sujeitos - Escola Particular

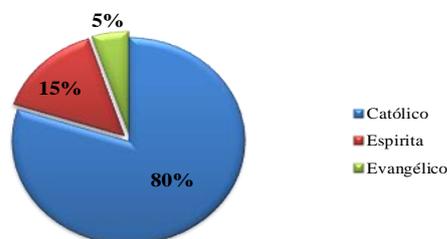


Figura 09 e 10– Gráficos de composição de alunos por raça e religião da escola particular

No dia 14 de novembro de 2012, em espaço adequado (sala de aula capaz de alojá-los), individualmente, os dois grupos foram reunidos, cada um em sua escola. No encontro, inicialmente foram justificados os objetivos do trabalho e, em seguida, apresentou-se em data show, dois pequenos recortes do filme Troia⁸, com duração total de 5 minutos. O primeiro refere-se à luta de Menelaus com Paris, decorrente de o príncipe ter levado a mulher de Menelaus para Troia e, Hector, para não presenciar a morte de seu irmão ao perder o duelo, luta com Menelaus e mata-o. O segundo recorte apresenta uma cena em que o grego Aquiles mata Hector diante da realeza de Troia, de seu exército e também de todos os soldados gregos.

Os recortes cinematográficos tiveram o objetivo de provocar discussão e reflexão sobre o papel do masculino e a forma como ele é representado e alegorificado na sociedade. Ainda, buscou-se desencadear uma crítica sobre os discursos sobre tal questão apresentados em mídias como o cinema. Além de sinalizar a ação violenta retratada no filme em defesa de uma suposta honra masculina.

Na sequência, propus uma discussão sobre masculinidades, sexualidade e conflitos comuns na adolescência masculina, com duração aproximada de 90 minutos. Os temas discutidos versaram sobre: os históricos conceitos de masculinidade com os quais convivemos no cotidiano, produzidos pela sociedade; o discurso de violência como sinônimo de masculinidade no convívio escolar e social; a comum discussão de

⁸ Troia é uma produção cinematográfica do Estúdio Warner Bros, dirigido por Wolfgang Petersen e com duração de 162 minutos. O filme, lançado em 2004, conta que em 1193 a.C., Paris, como príncipe, provoca uma guerra da Messênia contra Troia, ao afastar Helena de seu marido, Menelaus. Assim, tem início uma sangrenta batalha que dura mais de uma década. A esperança do Priam, rei de Troia, em vencer a guerra, está nas mãos de Aquiles, o maior herói da Grécia, e de seu filho Hector. O filme ainda retrata a particular relação afetiva entre Aquiles e seu amigo Pátroclo.

sexualidade na escola referenciada restritamente ao biológico; os desafios mais amplos dessa discussão para o nosso tempo e os conceitos de sujeito, enquanto construção e os enfrentamentos familiares e sociais comuns a esse processo.

Ao final da discussão, os dois grupos foram convidados a tornarem-se membros de um mesmo grupo, caso tivessem interesse, do site de relacionamento social Facebook, acessado pelo endereço virtual www.facebook.com, para, assim, acessarem as perguntas do questionário disponibilizadas na sessão grupos intitulada adolescência, rir ou chorar. O título dado a página teve somente como objetivo a fácil identificação por quem a procurasse, em meio a outros grupos existentes.

A adoção do espaço virtual como local de pesquisa para o desenvolvimento desse trabalho, além da escola, apoia-se nos autores Marcuschi (2004) e Miskolci (2011) que consideram o espaço adequado por ser um recurso de uso prático pluralista e de considerado potencial ainda pouco explorado. Conforme Freitas *et al.* (2004), o ambiente oferece vantagens sobre alternativas de pesquisas quantitativa e qualitativa, pois permite acessar base de dados num servidor remoto, análises na própria página de relacionamentos, além de disponibilizar tabelas e gráficos. Portanto, usando dessa ferramenta, 135 dos 200 participantes aceitaram o convite, acessaram a página, tornaram-se membros do grupo e responderam às perguntas disponibilizadas.

É Mann e Stewart (2000) quem apontam quatro métodos possíveis de pesquisas *online*: entrevistas estruturadas, entrevistas não padronizadas, técnicas de observação e coleta de dados pessoais. Diante das possibilidades, as entrevistas estruturadas com respostas objetivas e padronizadas pareceram mais adequadas para se alcançar os objetivos traçados inicialmente. A importância da modalidade viabilizou o uso de um conjunto limitado de categorias de respostas e, para isso, foram utilizados dois códigos preestabelecidos de resposta: sim e não.

As perguntas disponibilizadas aos 135 participantes na página virtual versaram sobre: sentir-se mais ou menos masculino; serem ou não taxados de homossexuais por observações e conclusões aparentes; se autoavaliarem como tristes ou deprimidos em situações decorrentes de julgamentos e cobranças sobre ter ou não posturas mais masculinas; sentirem-se excluídos ou incluídos em grupos de convivência na escola; e possibilidade de pensamento sobre suicídio em decorrência das questões citadas. A seguir estão dispostas as perguntas na ordem em que foram disponibilizadas na página virtual.

- Qual sua idade?
- Você se sente discriminado ou percebe algum tipo mais frequente de cobrança ao interagir entre os colegas na escola?
- Os colegas de convívio lhe cobram sobre ser mais masculino?
- Devido a observações e conclusões aparentes, você já foi taxado de gay, viado ou homossexual na escola?
- Pré-julgamentos sobre sua identidade sexual já o fizeram se sentir excluído de grupos na escola?
- Já percebeu o distanciamento de colegas ou cobranças referente a sua suposta identidade sexual?
- Sente-se menos masculino que seus colegas de convívio?
- Já se percebeu triste ou deprimido decorrente de tais julgamentos e cobranças?
- Ao se perceber triste por tais cobranças, você desabafa com algum outr@ amig@?
- Já pensou em suicídio ao se sentir impotente, por consequência de cobranças de colegas?

Mediante à aplicação do questionário, com o objetivo de identificar adolescentes cujas possíveis identidades pudessem estar associadas ao processo de preconceito e discriminação, as respostas obtidas direcionaram e possibilitaram identificar dois grupos específicos: os que apresentavam perfil próximo ao que descrevi nos parágrafos anteriores, por responderem sim a todas ou quase todas as perguntas; e o grupo que não se ajustava a essas questões, identificados por terem respondido não a todas ou a maioria das perguntas.

Seguindo as orientações de Mann e Stewart (2000), a adoção de respostas sim ou não possibilitou a identificação de 17 participantes, que ao responderem sim ao questionário, como sendo cobrados e excluídos. Assim, identificados, eles foram convidados para continuar contribuindo no desenvolvimento da pesquisa.

No dia 22 de novembro de 2012, em espaço escolar predeterminado, marquei encontro com o grupo de 17 alunos a fim de esclarecer acerca dos procedimentos que seriam adotados daquele ponto em diante. Neste momento, também, recolheram-se os dados pessoais como idade, religião, cor de pele e classe social. Posteriormente, esclareceu-se sobre necessidades de autorização documental assinada

pelos responsáveis, sendo condição obrigatória para a participação no trabalho nos passos seguintes.

No grupo de 17 participantes finais, um (1) se autoidentificou como de cor preta; seis (6), pardos ou morenos; e os demais, brancos. Quanto à religião, somente um (1) entrevistado se identificou como de formação evangélica, embora não mais ligado à mesma; os demais como católicos, embora tenha assumido não frequentar nenhum ambiente religioso periodicamente. Quanto à faixa etária, dois (2) participantes tinham quatorze (14) anos de idade completos; sete (7), quinze (15) anos; e oito (8), dezesseis (16) anos. Aproximadamente 80% dos participantes se identificaram como pertencentes à classe B e 20% à classe C. Do total, oito (8) entrevistados pertenciam ao grupo inicialmente envolvido da escola pública e nove (9) da instituição particular. Tais dados estão ilustrados em gráficos a seguir.

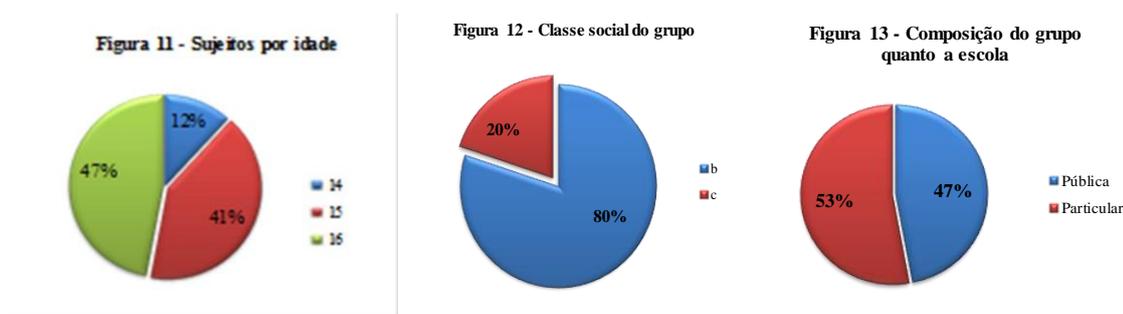


Figura 11, 12 e 13 – Gráficos de composição de alunos por idade, classe social e total por escola

No momento seguinte, o grupo foi consultado sobre a disponibilidade em participar de uma modalidade de entrevista denominado por Mann e Stewart (2000) de entrevistas não padronizadas e menos estruturadas. Em ambiente *online*, a modalidade permitiria fazer questionamentos em tempo real, por meio de *chats* de *sites* e, para isso, continuaríamos usando o espaço virtual do facebook. Com o consentimento de todo o grupo, o passo seguinte foi iniciado nos dias que seguiram e perduraram por tres semanas, tempo suficiente para que todos fossem entrevistados

Nas entrevistas menos estruturadas realizadas no *site* com o grupo, propus uma discussão sobre o tema: conflitos masculinos na adolescência. Essa referência previamente preparada teve como objetivo servir de eixo orientador no decorrer das entrevistas. Sobre perguntas específicas feitas ao grupo, reutilizei o que já havia usado na segunda fase do trabalho de campo. No entanto, nesse terceiro momento os

questionamentos exigiram respostas descritivas por parte dos entrevistados e, de acordo com o andamento das respostas, abriam-se caminhos para perguntas para além do pré-estabelecido. Trata-se de questões que envolvem família, religião etc. As perguntas reaplicadas aos participantes, independente da ordem em que ocorreram, foram:

- Como é para você, sentir-se discriminado ou perceber algum tipo mais frequente de cobrança ao interagir entre os colegas?
- Os colegas cobram de você ser mais masculino?
- Devido a observações e conclusões aparentes, já foi taxado de gay, viado ou homossexual?
- Pré-julgamentos sobre sua identidade sexual já lhe fizeram sentir-se excluído de grupos na escola?

Durante as entrevistas foi tomado o cuidado de garantir que todos os participantes percorressem todo o questionário estabelecido, não exigindo ordem rígida para isso. Referenciado nas orientações de Miskolci (2011), meu papel foi de encorajar e orientar a participação dos entrevistados e procurar me adaptar com o objetivo de manter um elevado grau de flexibilidade, propiciando uma melhor exploração das questões. Isso possibilitou discutir temas ligados à família, religião, escola e dinâmicas discursivas que cada um experimenta no cotidiano sobre sexualidade e gênero.

De acordo com Mann e Stewart (2000), essa forma de entrevista é importante por se parecer mais com conversas entre participantes iguais e permitir acessar experiências subjetivas de entrevistados/as. Assim como os autores descrevem, os participantes do trabalho, ao serem indagados sobre tal experiência, confirmaram que tecnologias de comunicação, como a internet, possibilitam expressão mais livre sobre o que se pensa. A esse respeito assim afirmaram que

Não sei, mas acho que ao vivo não teria tanta coragem porque, por trás da tela, a gente tem mais coragem. Eu sou assim, tem coisas que eu não consigo fazer ou falar pessoalmente. (S1)

Eu não teria tantas palavras pra dizer ao vivo como eu tenho aqui. Aqui eu penso, não tenho medo e fico mais à vontade. (S3)

Certamente que eu poderia ter um pouco de vergonha por estar de frente de alguém, e não ter a mesma liberdade de diálogo como eu tenho no computador. (S11)

Os fragmentos de comentários dos entrevistados confirmaram o que Mann e Stewart (2000) afirmam sobre as entrevistas realizadas em espaços virtuais as quais viabilizam discussão de assuntos embaraçosos e de difícil discussão face a face. Também, devido à construção das masculinidades de adolescentes envolverem questões de gênero e sexualidade, os entrevistados, ao descreverem suas experiências, confirmaram que o meio virtual foi uma ferramenta facilitadora, principalmente em decorrência de suas falas abarcarem questões pessoais e exigirem construção de linguagem pautada em suas privacidades e individualidades. Uma vez questionados sobre o tema, eles descreveram em suas falas⁹ que

Foi tão interessante conversar pela internet que até me assustei quando li as coisas que escrevi. Sabia que fui eu que tinha escrito, mas ao vivo jamais teria coragem de falar ou discutir o que discuti. (S4)

Eu não teria coragem de falar de minha vida pessoal tão abertamente se fosse em grupo, cara a cara. Pela internet a gente fica mais a vontade. Revelei coisas de minha vida pessoal que jamais pensei falar. Mas além da gente saber com quem se está falando, a tela nos protege. (S7)

Em síntese, entrevistas não padronizadas com roteiro flexível /dialogados e menos estruturadas pareceram adequadas ao desenvolvimento deste trabalho por possibilitarem o anonimato das narrativas individuais sobre questão de riscos e do não comprometimento de quem informou.

Na escolha desse caminho metodológico – o meio virtual enquanto espaço de pesquisa – percebi que vem se tornando pauta de legislação e Mann e Stewart (2000) listam algumas formas de processamento dessas informações, quando obtidas *online*. Os autores orientam que os dados devem ser coletados para um propósito legítimo e específico, estar disponíveis aos participantes em um banco de dados de domínio público e serem armazenados de forma apropriada, evitando possíveis riscos, acessos

⁹ Os recortes de fala ao longo de todo o trabalho foram inseridos de acordo com a escrita dos participantes da pesquisa, literalmente (sic), ou seja, sem correção de erros de digitação, gramatical, verbal ou de pronúncia local.

sem autorização e modificações não autorizadas. Atendendo a essas exigências de segurança, todo o material permaneceu disponível em página virtual para cada um dos entrevistados até o devido momento desta escrita.

Igualmente, ao executar entrevistas *online*, os discursos foram colhidos tendo por referência um roteiro prévio, em detrimento de o ambiente ter suas formas de coerção e de stress. Ainda, obedecendo aos critérios éticos de uma pesquisa científica, foram solicitadas autorizações das escolas onde o trabalho foi realizado, procedendo-se do mesmo modo em relação aos pais e/ou responsáveis dos entrevistados que aceitaram voluntariamente participar das entrevistas.

Uma vez definidos os caminhos metodológicos e, por meio desses, ter se acessado as falas dos 17¹⁰ participantes da pesquisa, os procedimentos seguintes foram o de buscar adequada metodologia para discussão e análise do material coletado.

A arqueogenealogia como recurso metodológico.

A arqueogenealogia tem sido referência para o desenvolvimento de trabalhos em diversificadas áreas de conhecimentos e trata-se de desafio complexo por envolver o campo da produção de verdades¹¹, assim como a necessidade de produzi-las, chamado por Foucault (2006a) de vontade de verdade. Portanto, para entendê-la o autor disponibiliza duas ferramentas: a arqueologia e a genealogia. Para Araujo (2004), a arqueologia versa sobre práticas discursivas e identificam temas, objetos de estudo e conceitos e a genealogia articula o citado com as demais práticas, avaliando suas funções em termos de normalização, disciplinarização e medicalização. Para a autora

O arqueólogo do saber localiza e descreve os discursos com práticas que dispõe as coisas para o saber (conjuntos de enunciados¹² formulados dotados

¹⁰ Todo o processo de entrevistas, na terceira e última parte do trabalho, envolveu 17 sujeitos e todos concordaram que seus dados fossem incluídos no trabalho. No entanto, quatro (4) deles, solicitaram que suas falas fossem omitidas do texto original da tese. Sendo assim, elas não estão na composição da tese ou presentes nos anexos onde se encontram as entrevistas na íntegra.

¹¹ A palavra verdade é usada por Foucault (2011b) e pode ser entendida como possuidora de uma história, portanto, não é algo metafísico ou transcendente. Para o autor a verdade não existe fora do poder ou sem poder, sendo produzida como efeito de poder. Ainda, o sentido mais amplo dado a ao termo é discutido no capítulo IV.

¹² Segundo Araújo (2000), os enunciados formam as práticas discursivas, que por sua vez formam as epistemês e estes, o conhecimento da época. Eles não são só frases gramaticais, pois lugares, documentos e árvores genealógicas podem ser enunciados, não são proposições lógicas, pois a análise do discurso não se interessa em saber se as proposições de uma ciência da época são verdadeiras ou falsas e também não são somente atos de fala, pois para haver ato de fala pode ser necessário mais que um enunciado. Para a autora, sem enunciado um ato de fala não tem efeito. Esse efeito reporta-se a um autor; o autor de uma formulação (ato de fala) é especificável, e o que diz é dito em circunstâncias

de uma materialidade específica, disposição de certos domínios, posições para o sujeito, referencial); e o genealogista do poder mostra a previdência, a formação da vontade de verdade que tem produzido os discursos (ARAUJO, 2004, p. 236)

A arqueologia traz seus pontos de apoio nos deslocamentos epistemológicos, nas descontinuidades e nos modos de pensar que propiciam nascimentos de certas disciplinas e morte de outras. As novas disciplinas ocupam espaços, onde antigas eram fracas ou escassas. Outra questão importante é que em cada campo do saber existem possibilidades de organização e classificação próprias para cada época. Para Araújo (2000), nesse empreito, vale observar o que surge na história como saber positivo e não como ideia transcendental. Para esclarecer, os objetos do saber são produtos de transformações históricas surgidas em condições precisas, em dada época, tempo e lugar.

Para Araujo (2004), a genealogia tem por objetos os enunciados que se cobrem de poder, privilegiam o sujeito exclusivo do discurso e seus atos de fala e são hierarquizados. Essas instâncias discursivas estão conectadas com fatores extras discursivos como os econômicos e sociais, os avanços e as descobertas científicas. Assim, é possível perceber práticas que sujeitam cada um em mecanismo de poder/saber, procedimentos referenciados em normas e padrões os quais viabilizam controle por toda existência. A genealogia, enquanto análise de proveniência, está no ponto de articulação entre o corpo e a história, devendo mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história que age sobre ele e, tudo que o toca, é tema para a genealogia. A autora orienta que

Enquanto a história tradicional é finalista, contínua, progressiva, para o genealogista não há essências fixas, leis de base, nem verdade fundamentada em moldes metafísicos. As recorrências, os jogos localizados dispensam a busca de um sentido mais profundo, causal. Seu olhar contempla a superfície, detectando nossas máscaras, atento a detalhes, minúcias. (ARAUJO, 2004, p.42).

Ao buscar sentido para o método genealógico isoladamente, visando ao desenvolvimento deste trabalho, apreende-se que se trata de caminho o qual permite escapar das armadilhas da história monumental da medicina, histórias que nos dão a

únicas, que não se repetem. Já os enunciados se repetem e o lugar do sujeito é um vazio a ser preenchido. Para Araujo (2000), os enunciados funcionam dentro de uma prática discursiva e esta é prestigiada quando produz verdade. O prestígio na nossa época é pela verdade produzida pela ciência.

ideia que, desde Hipócrates, há um avanço contínuo na medicina, um caminho que converge para verdades de nosso tempo, ocorrendo o mesmo no campo legal e jurídico.

Foucault (2006a), ao problematizar esses saberes, afirma que existem regras que compõem tanto a posição do sujeito do discurso, quanto o objeto arqueológico de um saber. O saber, por sua vez, funciona dentro de uma estrutura de poder que, devido aos registros de seu funcionamento, desencadeia conhecimentos. Esta relação entre saber e poder constrói novas relações. Também, quando esse conhecimento é do indivíduo para si mesmo, nova subjetividade pode ser formada. Foucault (1979) desvenda estas relações, etapas e dominações, afirmando que a genealogia é meticulosa, pacientemente documentária e, acrescenta ainda, que ela restaura diversos sistemas de submissão, não a potência antecipadora de um sentimento, mas o jogo casual das dominações.

Entendido tais direcionamentos, percebe-se a possibilidade de se analisar historicamente o que seria a construção da adolescência masculina. Sobre a importância desse posicionamento, Foucault (2006a) delinea que

[...] a história tem por função mostrar que aquilo que é nem sempre foi, isto é, que é sempre na confluência de encontros, acasos, ao longo de uma história frágil, precária, que se formaram as coisas que nos dão a impressão de serem as mais evidentes. Aquilo que a razão experimenta como sendo sua necessidade, ou aquilo que antes as diferentes formas de racionalidade dão como sendo necessária, podem ser historicizadas e mostradas as redes de contingências que as fizeram emergir (p. 325).

As descrições feitas reforçam que optar por um caminho sustentado na arqueogenealogia exige atenção sobre a realidade de que os fatos humanos são raros e há vazios em torno deles totalmente desconhecidos. Nesse sentido, o autor orienta sobre os cuidados necessários com circunstâncias históricas específicas, pois são determinadas pelas práticas sociais vigentes. A observação indicada por ele é devido à tendência de se perceber os fatos aparentes da realidade como sendo óbvios, constantes, como objetos naturais e emergidos com o cimento das racionalizações e ideologias.

Nessa direção, meu objetivo é de descrever e reconhecer práticas que definiram o objeto em análise, ou seja, a adolescência masculina. Nisso surgiu uma pergunta: como se definem tais práticas e seus objetos correlatos? Possivelmente são elas que fazem os adolescentes, em circunstância histórica específica, responderem aos desafios cotidianos na construção de suas masculinidades. Trata-se de procedimentos desenvolvidos num mesmo ponto da história, mas em determinada condição de

produção, resultando uma elevação das objetivações. Assim, tentar atribuir unidade para a multiplicidade de procedimentos nesse campo torna-se ato insuficiente e nulo.

Portanto, a importância do caminho metodológico escolhido, referenciado no pensar de Foucault (2008), está na possibilidade de definição das regras na formação de um conjunto de enunciados, por manifestarem-se como uma sucessão de acontecimentos e, na própria ordem em que se apresentam, tornam-se objeto de discurso, podendo ser registrado, descrito, explicado e receber elaboração em conceitos. Inclusive, é por isso que essa opção teórica tem se fortalecido e mostrou-se capaz de auxiliar e sustentar os objetivos traçados nesta tese.

Ainda, diante da questão colocada sobre o enunciado, o que seria um olhar arqueológico? Como resposta, Foucault (2008) não nega a possibilidade de enunciados novos em correlação com acontecimentos exteriores. Sua proposta mostra em que condições pode haver interdependência entre eles e em que ela consiste precisamente, quais são seus limites, forma, código e lei de possibilidade.

As descrições e afirmações feitas possibilitam afiançar que o discurso pode ser usado como importante recurso metodológico em diversificadas áreas de conhecimento, principalmente nas ciências humanas, por tratar-se de uma prática social. Também, em diversas obras, Foucault (1982; 1999; 2011a) salienta que o discurso é produzido em razão de relações de poder.

Em outros trabalhos, Foucault (2007; 2010) mostra que há duplo e mútuo condicionamento entre práticas discursivas e práticas não discursivas, embora ele acrescente ideias de que o discurso é constitutivo da realidade e capaz de produzir, com o poder, inúmeros saberes. O significado, relevância e destaque dessas questões para o autor pode ser percebido em seu quarto trabalho publicado, *A arqueologia do saber*, no qual afirma

Gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. É preciso não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os tornam irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 2008, p.56).

Somente um olhar atento sobre o discurso possibilita entender as relações existentes entre saber e poder. Esclarecendo, para Foucault, poder não é fenômeno de dominação maciça e homogênea de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras. O poder – desde que não seja considerado de muito longe – não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder é circulante funcionando em cadeia. Nunca está localizado aqui e ali ou em mãos de alguns ou apropriado como uma riqueza ou bem. Ele funciona em rede e nas suas malhas e os indivíduos circulam e estão sempre em posição de exercê-lo. Quanto ao indivíduo, é o efeito do poder e, simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa pelo indivíduo que ele constituiu, sendo o indivíduo um dos primeiros efeitos do poder, e não, o outro do poder. Nunca se é alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. O poder não se aplica, passa pelos indivíduos (FOUCAULT, 1982).

Assim, embora o autor não tenha proposto uma teoria do poder, propôs uma analítica do poder que tem como finalidade desprender-se da concepção jurídico-discursiva, suposta tanto naquelas que consideram que o poder é repressão do desejo como naquelas para as quais a lei é constitutiva de desejo. Desse modo, baseado nos conceitos de poder e jogo de forças é que procurou-se, nessa discussão, encontrar caminhos e entendimentos sobre a construção de masculinidades na adolescência e seus enfrentamentos.

Para Foucault (2006a), na arqueogenealogia, o grande paradoxo está no que é feito, no objeto, explicado pelo que foi o fazer em circunstâncias da história e seu lugar. Mediante tais orientações, os fragmentos de fala de adolescentes serviram de objetos para este trabalho e analisados para construção dessa discussão. Um dos sujeitos participantes do trabalho, ao ser questionado sobre como se autodefine, enquanto masculino, se comparado às mulheres, ele afirma

Admito que sou muito sensível, perfeccionista, demoro mais que as meninas ao me arrumar, passo creme e base, sou muito chato em relação a mexerem no meu cabelo, gosto de andar arrumadinho, meu quarto é mais arrumado que o da minha mãe e consecutivamente mais do que qualquer garoto ou garota. Sou caprichoso, quieto, não falo besteira e idiotice, me acho mais adulto e não entro naquelas rodinhas de bêbados e pegadores de garotas (S8).

Entretanto, de forma norteadora, ao observar e usar fragmentos de fala dos entrevistados deste trabalho de tese, é preciso entender que os enunciados descritos por eles, às vezes, não representam coisas. Nesse sentido, Foucault (2007) orienta que na modernidade, o discurso é constituído pela linguagem, pois é ela que dá sentido às coisas por ser histórica e recheada de sentidos. Nesse caminho, o discurso ganha materialidade por meio da linguagem e não existe uma relação fidedigna entre palavras e coisas, ou seja, os sentidos produzidos pelos discursos vão além da materialidade linguística.

Assim, ao delinear os caminhos metodológicos para o desenvolvimento desta tese, não foi minha proposta analisar tal questão com uma visão somente confirmatória dos achados. Portanto, para isso foi necessário construir uma discussão teórica que envolvesse temas como: adolescência, heteronormatividade, masculinidades, subjetivação, objetivação e suas construções e como isso ocorreu na sociedade historicamente.

CAPÍTULO II

“O sujeito se constitui através de práticas de assujeitamento, ou, de uma maneira mais autônoma, através de práticas de libertação, de liberdade.”

Michel Foucault

Arqueogenealogia da adolescência: reconhecendo a importância da discussão

A discussão deste capítulo tem como objetivo contribuir para análises e questionamentos referentes ao conjunto de práticas e discursos que instituem a adolescência, bem como fortalecer saberes que subsidiem o entendimento de que se trata de uma invenção humana, por falar de um registro discursivo em que

O adolescente é concebido como objeto de um discurso científico capaz de compreendê-lo em suas determinações essenciais, para então propor alternativas terapêuticas capazes de abordar e sanar os problemas dessa época peculiar em que os jovens ‘adoecem’ como que naturalmente (CÉSAR, 1998, p. 31).

Nesse entendimento, estudiosas/os desafiadas/os a fazer uma leitura crítica da adolescência são unânimes em reconhecer que o discurso psicológico, próximo ao médico e o pedagógico, responsabilizou-se pela construção e sustentação da visão universal, essencialista e a-histórica, da adolescência. Jobim e Souza (1998), Coimbra, Bocco e Nascimento (2005), Ozzela (2002), César (1998), Castro (1999; 2001), dentre outros/as, ao discutirem esse aspecto, contextualizam historicamente essa construção e, dentro de um viés sociológico, oferecem subsídios para desnaturalizações e compreensão.

Ademais, tais afirmativas encontram respaldo no pensar de Foucault (1979), o qual afirma que os discursos de naturalização são dispositivos que tratam da história não centrada em sujeitos históricos, mas em práticas institucionais e políticas que constituem os sujeitos. Dessa forma, embora significações de dispositivo venham a ser discutidos pormenorizadamente nos capítulos que seguem, objetivamente o termo tenta demarcar,

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas (FOUCAULT, p. 244. 1979).

Pela descrição, o dito e o não-dito são elementos do dispositivo, sendo reconhecido como rede em que estes podem ser estabelecidos. Nisso, é importante observar que, entre os elementos discursivos, existe um tipo de jogo, mudanças de posição e modificações de funções. Tais afirmativas são importantes por possibilitar uma observação atenta do momento em que práticas e discursos históricos transformaram-se em objetos naturais e orientaram o conceito do que seria a adolescência.

Quanto ao valor da questão citada para este trabalho, tais conceitos viabilizam perceber condições específicas de produção dos discursos e como são e foram constituídos nesse campo de saber. Eles enquadram transformações e adequações vividas na forma adolescente, comuns para todas/os, reforçando sua existência equivalente ao mesmo objeto tratado na Grécia, Roma antiga, Idade Média Cristã e séculos XIX, XX e XXI. Portanto, ao longo desse trabalho, ao mencionar o termo adolescência, ele deve ser reconhecido como uma forma edificada pelo discurso, cujo objetivo é de não reconhecimento da mesma como se fosse algo natural.

Adolescência: contradições e discontinuidades que constituem essa forma

Buscando um melhor entendimento e abordagem sobre algumas complexidades da adolescência masculina, serão usadas como referência inicial, certas peculiaridades da sociedade grega. Nesse sentido, Foucault (2011b, p.85) afirma que “para os pitagóricos a vida humana era dividida em quatro períodos, cada qual com 20 anos: durante os 20 primeiros anos era-se criança; de vinte a quarenta, adolescente; de quarenta a sessenta, jovem; e, a partir de sessenta, idoso”.

Ariès (1981) e Ortega e Gasset (1987) afirmam que as crianças gregas do sexo masculino, às vezes entendidas, no nosso tempo, como adolescentes, eram submetidas a uma valorização das artes da guerra, virtude cívica e militar, aos 16 anos, cuja maioridade civil era alcançada aos 18 anos. Já na Roma antiga, os meninos de 16 anos eram inseridos em uma classe denominada príncipes da juventude e, dentre outros afazeres, aprendiam esgrima e arte da caça. Então, se entre os gregos e romanos, os denominados efebos e príncipes da juventude tinham certo reconhecimento social, inclusive na Grécia podiam falar nas assembleias, em contrapartida, nos séculos VI e

VII, só aos 40 anos homens podiam participar dos cargos políticos, pois se acreditava que apenas nesta idade haveria superação de perigos da imaturidade.

Portanto, buscando esclarecer o que seria adolescência e sua base sociopolítica e diferenciação no nosso tempo, supõe-se que a mesma talvez tenha surgido junto com as transformações de estruturas sociais ocorridas em fins do século XIX, questão a ser discutida mais detalhadamente neste capítulo. Inclusive, foi nos séculos VI e VII que se deu maior ênfase para divisões de fases etárias de mulheres e homens, o que possibilita questionamentos sobre interpretações dadas e contribui para melhor discussão do conceito de masculino na adolescência, objetivo desta tese.

Referenciado em Foucault (2007), Ariès (1981) e Peralva (1997), percebe-se que o emergir da adolescência somente foi possível no interior de uma determinada configuração de saberes que possibilitou apreensões do ‘homem’ como objeto de investigação das ciências empíricas. Seriam transformações que ocorreram no registro epistêmico dos saberes e propiciaram condições e possibilidade para o surgimento de novos campos de conhecimento, por exemplo, a Biologia e as Ciências Humanas, já que foram elas que tomaram o homem como objeto de investigação.

Para Foucault (2007), Biologia, Medicina, Psicologia e Pedagogia, reestruturadas pela ciência positivista do século XIX, responsabilizaram-se em edificar um novo campo de investigações sobre a evolução da vida em seus aspectos gerais, propiciando, assim, a problematização do humano. Foi dessa forma que surgiram estudos sobre Psicologia do Desenvolvimento Infantil, reconhecendo a infância como um objeto de investigação das ciências. Nesse mesmo propósito de entendimento, César (1998) mostra o que veio a seguir

Mais tardiamente, na virada do século XX, apareceria o próximo ‘objeto’ das ciências médicas e psicopedagógicas, a adolescência, que se tornava mais um campo privilegiado de produção de saberes. Os mesmos discursos científicos que apreenderam ou ‘inventaram’ esses ‘objetos’, recriaram, ao longo dos séculos XIX e XX, as instituições apropriadas para o seu amparo e vigilância, tais como as escolas seriadas e secundárias, as instituições jurídicas e correccionais especialmente desenhadas para a infância e a juventude, e, ainda, um ‘novo modelo’ de família, a ‘família burguesa’, centrada na ‘educação’ de seus filhos (p. 14)

A autora salienta que novas instituições, criadas ou remodeladas pelo discurso médico e psicopedagógico, surgiram da necessidade de instituir dispositivos apropriados para educar crianças e jovens, visando à produção de novos sujeitos. Foucault (2007; 1982) também possibilita entender que as problematizações da infância

em um século, seguida da problematização da adolescência no século seguinte, foram decorrentes da necessidade de um contínuo e cuidadoso investimento físico, pedagógico e moral, centrado na produção de um adulto ideal. Nesse raciocínio

Reorganizar a vida humana em geral, e, particularmente, a infância e a adolescência, tendo em vista um modelo 'ideal' de idade adulta, colocou-se como uma faceta importante das transformações nas relações de poder, que se estabelecia em uma Europa que 'modernizava' suas relações econômicas e sociais. No contexto histórico de um processo massivo de industrialização e urbanização das metrópoles europeias, surgia um outro tipo de poder, diferente daquele que anteriormente emanava dos soberanos absolutos (CÉSAR, p. 15. 1998)

Essas foram estratégias importantes das transformações nas relações de poder europeias, fazendo emergir um tipo burguês. Para Foucault (1982), o investimento era nos corpos e no disciplinamento para torná-los dóceis, fazendo surgir sociedades disciplinares na possibilidade de continuidade e manutenção do modelo ideal de homem. A novidade foi o investimento indiscriminado nos corpos, não distinguindo grupo social ou econômico. Foucault (2007) sinaliza ainda que, para tal objetivo, o controle do sexo foi fundamental nas políticas de higienização, pois viabilizaria controlar também as populações e isso envolvia crescimento, declínio, matrimônios e etc.

Tais questões possibilitaram ligações entre médico e família, repercutindo profundamente na dinâmica e na reorganização da estrutura da mesma. Entre os burgueses, as mães, imbuídas de poder dentro do espaço doméstico, foram responsabilizadas por educar os filhos e vigiar seus hábitos morais. Nas famílias pobres e operárias, as mães passaram por uma redistribuição do poder e receberam regras de higiene social, sendo desafiadas a retirar seus maridos dos cabarés e suas crianças das ruas.

Foucault (2007; 1982) possibilita entender que a busca era por higienização das metrópoles, tendo como consequência a sensível diminuição do poder patriarcal, aumento do poder do estado laico e surgimento de uma política médico-higienista, corroborando no tornar a ciência responsável por explicações e reprodução de velhos controles morais. Então

O futuro dos filhos da classe média emergente na Europa industrial não dependia apenas da família, mas também da escola, pois somente a educação poderia proporcionar-lhes posições sociais confortáveis. Assim, família e escola, com o auxílio da medicina higienista e das práticas da 'ortopedia educacional', representaram a possibilidade de delinear o modelo do 'adulto

ideal': caucasiano, do sexo masculino, heterossexual, reprodutivo, livre de doenças e anomalias, e proprietário (CÉSAR, p. 19. 1998).

A existência de grupos sociais fora do controle da família e da escola permitiu aos especialistas identificarem tais questões como prova de inferioridade biológica e fonte de problemas sociais. Nesse raciocínio

Da mesma forma que a reinvenção da “família” foi concomitante à problematização da ‘infância’ pela ciência, a reorganização das instituições escolar e correcional, por meio das políticas médicas, foi fundamental para a posterior ‘invenção’ da adolescência, pela psicopedagogia. No discurso das práticas institucionais, a adolescência foi ‘descoberta’ como um ‘problema’ relacionado à educação, que visava a produção de um ‘sujeito’ higiênico e disciplinado. Desta forma, simultaneamente à invenção da adolescência pelo discurso psicopedagógico, inventaram-se também as figuras que sinalizavam a falta da aplicação dos dispositivos educacionais: a “delinquência juvenil” e a “sexualidade adolescente”, imagens dos ‘perigos’ que, segundo os especialistas, rondavam a adolescência, tornando-a perigosa (CÉSAR, p. 19. 1998).

Portanto, foi o considerar sistemático desses perigos que possibilitou o surgimento da adolescência naquele contexto, sendo este um desafio que precisava ser desvendado e resolvido pela ciência. Como objeto de estudo e intervenção, ela não foi um achado isolado, emergiu diluída em um conjunto de novos problemas sociais que envolviam família e escola, sendo estes, locais de prevenção de dilemas presentes nos jovens. Então, a adolescência surgiu associada aos problemas sociais, presente naqueles que ficavam expostos nas ruas e com vida menos ocupada.

Diante desse quadro, surgiram organizações voltadas para cuidar da recém-descoberta adolescência, instituições centradas no investimento para o fortalecimento corporal e moral dos jovens. Os estudos de Soares (1994) e Pinheiro (2006) subsidiam perceber que foi no início do século XX, na Europa, que surgiram tais organizações juvenis de tradição medieval extinta. Elas inspiraram construções da imagem da adolescência institucionalizada nas escolas e em organizações extracurriculares da Alemanha. Para os autores, nas vésperas da eclosão da Primeira Guerra Mundial, na Alemanha, existia uma juventude seduzida pelo nacionalismo, por segmentos conservadores da sociedade, em que a obsessão dos/as educadores/as e especialistas era pela prática de esportes para produção de um corpo saudável e que refletisse uma mente sã.

Referenciado em Costa (1983) e Soares (1994), é possível perceber que ideias de imaturidade e dependência, como características da adolescência, tornaram-se

o centro direcionador das instituições. Assim, à medida que se consolidava o conceito de adolescência, nas primeiras décadas do século XX, reestruturavam-se também prisões e cortes judiciais para jovens infratores, delinquentes juvenis e também serviços especiais de emprego e agências de bem-estar social. Elas foram organizadas em reconhecimento daqueles que não eram mais crianças nem adultos. O objetivo era que, mediante tais instituições de justiça, moral e normatização, o desobedecer traria penalidades sociais e essas afirmativas permitem perceber que

Ao passo em que especialistas acadêmicos definiram o conceito de adolescência, outros popularizaram o conceito e visaram construir um espaço social para a adolescência. Não apenas psicólogos e médicos, mas educadores, trabalhadores sociais, legisladores, filântropos, criminologistas e oficiais de menores, tornaram-se atentos para a centralidade dos anos adolescentes no ciclo da vida (ALAIMO, p. 423. 1992).

Portanto, as investigações científicas do fim do século XIX e início do século XX estavam centradas na adolescência, tida como um período que viabilizava alcançar o adulto ideal. E, para sê-lo, o homem deveria ser constituído de valores como independência afetiva e financeira, apto a constituir família, provê-la adequadamente, ter filhos saudáveis e educá-los de maneira satisfatória. Nesse raciocínio

Do ponto de vista da sua institucionalização, a adolescência constituiu-se como a fase cronológica do desenvolvimento humano durante a qual o “processo de maturação” iria se iniciar e se concluir. Coube às ciências médicas e psicoeducacionais, que a ‘descobriram’, estudá-la no sentido de conhecê-la o mais profundamente possível, fazendo uso de todas as tecnologias disponíveis para que ela fosse normatizada e reproduzida, demarcando-se em relação a uma noção de maturidade livre de conflitos, essas “coisas da adolescência” (CÉSAR, p. 23. 1998).

Em contrapartida, nesse período, o Brasil permanecia em condições econômica, social e política muito próxima da existente no período colonial, diferente da realidade européia. Inclusive, a escravidão brasileira e seus efeitos perversos, abolida somente em 1888, seriam sentidos na República ainda inexistente. Entretanto, observa-se que, mesmo ocorrendo em tempos diferentes, família e escola foram também instituições que possibilitaram implantações de políticas higienistas aqui.

Enquanto contextualização, Pinheiro (2006) e Gondra e Schueler (2008) subsidiam entender que, para o estado brasileiro implantar políticas higienistas, seria necessário que escola e família se tornassem instituições mais apropriadas para a educação de jovens e crianças. A busca era também por um modelo ideal de corpo e indivíduo compatível com referenciais científicos, mas, para isso ocorrer, era preciso

que o despotismo do *pátrio* poder fosse destituído, para que a família fosse investida do saber médico.

A questão é que na estrutura familiar colonial, modelo ainda vigente mesmo após o Brasil tornar-se independente de Portugal, a infância era desprezada, sem função social determinada e a puberdade demarcada somente pela passagem do infantil para o adulto. Especificamente, o objetivo das políticas médico higienistas era

A reprodução de um modelo de ‘infância’ investido pelo ideal de um “corpo saudável”, e passaram a reconhecê-la como uma fase destacada do desenvolvimento humano, a qual deveria ser separada de quaisquer vícios. [...] Nas escolas, atividades extracurriculares como a educação física e o esporte ganharam uma importância fundamental na educação dos jovens. Já no final do século XIX as faculdades de medicina produziam teses sobre o tema da educação física; nos colégios, o treinamento dos corpos era considerado fundamental para a disciplina e, conseqüentemente, para a criação desse novo corpo saudável, que deveria ser elegante, harmonioso, forte e livre de enfermidades físicas e morais, em suma, livre dos vícios (CÉSAR, p. 26 e 27. 1998).

Sobre as discussões de ordem médica e questões da instrução, Pinheiro (2006) e Gondra (2003) permitem entender que, em colégios e internatos, as preocupações sobre sexualidades se deram pela ideia de higiene sexual. Para Foucault (1982), havia aí uma ciência ocupando o lugar da moral, ditando regras de comportamento e não mais distinguindo o moral do imoral, mas o normal do patológico. Logo, dentre diferentes verdades da ciência, condenar a masturbação fortalecia a produção de discursos de controle de corpos no espaço de micropolíticas de produção do sujeito ideal.

Nota-se que, enquanto no início do século XX, na Europa e nos Estados Unidos, já existiam trabalhos consagrados sobre puberdade e adolescência, sendo ambos, alvo preferencial das preocupações médicas e psicopedagógicas, diferentemente, referenciado nas observações de Pinheiro (2006) e Gondra e Schueler (2008), sabe-se que, no Brasil, a adolescência ainda nem existia. Comparado com outras realidades, essa problematização foi um fenômeno relativamente tardio e consequência de traduções de textos estrangeiros, no final dos anos de 1920 e, somente fortalecido em 1950, devido às produções de manuais brasileiros. Quanto a sua forma e abrangência

O discurso sobre a adolescência relacionou-a a uma ideia de ‘crise’ e de ‘problema’. Dentro dessa configuração discursiva, a adolescência foi estabelecida como diretamente vinculada às imagens da ‘delinquência’ e da ‘sexualidade’. A partir da importação das problematizações estrangeiras, a produção brasileira seguiu os mesmos moldes dos manuais estrangeiros: a

mesma organização dos capítulos, dos temas, e das formas de abordagem dos assuntos, sempre enfatizando uma normalização da conduta física, psíquica, social e sexual. (CÉSAR, p. 29. 1998).

Mediante tais afirmativas, é possível entender que investidas médicas sobre a puberdade foram precursoras diretas dos chamados estudos científicos da adolescência e tinha o seguinte compromisso no decorrer do século XIX

O discurso médico foi prolífico em relatar as transformações corporais pelas quais moças e rapazes passavam, a caminho da vida adulta. A fisiologia da puberdade foi estudada em detalhes, e cada modificação dos corpos foi observada pelos olhos atentos dos especialistas, que a transcreveram para suas teses e tratados: a menarca, o aparecimento dos pêlos pubianos, as emissões espermáticas, a mudança de voz, o crescimento dos seios, o arredondamento dos quadris (CÉSAR, p. 30. 1998).

A preocupação em torno do período de espera para o exercício de uma sociabilidade ordenada e uma sexualidade lícita, segundo Foucault (2007), deslocou-se do campo moral para o da ciência, sendo representada pela norma. Para Coimbra e Nascimento (2003), tratava-se de um discurso já iniciado ditando regras e condenando condutas em nome da higiene e da saúde. Sexo ilícito, masturbação, sexo com prostitutas, práticas homoeróticas e iniciação sexual precoce, tudo foi denominado de perversão. Houve também o deslocamento da escuta dos confessionários para auscultação dos consultórios médicos, permitindo cuidadosa classificação.

De acordo com Foucault (2007), esse foi o ambiente em que práticas perversas foram catalogadas no âmbito do bestiário das patologias médicas, em que a puberdade e práticas sexuais eram atribuídas ao mesmo período da vida, estando relacionadas com ideias de patologia física e psíquica. Então, a partir da puberdade, o desejo sexual foi reconhecido como instinto de força quase impossível de ser removido e origem de problemas, embora também fonte de energia vital. Sendo assim, a adolescência tornou-se um período de manifestações da obscuridade bestial da alma humana e elemento propulsor da vida, necessitando de treinamento adequado.

Para César (1998), foram as pressões distintas que despertaram ideias de uma plasticidade da figura do adolescente, pois quanto mais jovem, mais próximo estaria de sua natureza animal, de tal modo que essa forma apresentava-se como o momento decisivo da transformação de besta em homem. Por essa razão

Tratava-se de um período da vida que necessitava de contínua observação vigilante, e da prescrição de um conjunto de atividades que mantivessem corpos e mentes ocupados e cansados, sem dar espaço para o aparecimento

do menor traço do 'desejo'. O 'nascimento' e a consolidação da adolescência, nas três primeiras décadas do século XX, configurou-se a partir da união de duas figuras já estabelecidas no imaginário ocidental: o jovem, figura social descrita das mais variadas maneiras no decorrer do tempo, e o púbere, figura biológica e psíquica construída pelo discurso médico no decorrer do século XIX. Associada à ideia de puberdade, a adolescência irrompeu em um universo discursivo fortemente impregnado pela imagem da sexualidade, devendo ser vigiada nos jogos, nas leituras, na saúde e, principalmente, na sua solidão. O adolescente do discurso médico apareceu como um indivíduo instável, um rebelde contra os adultos e os valores da tradição, sujeito de uma sexualidade que lhe é negada, mas que, ao mesmo tempo, está estampada em seu rosto (CEZAR, p. 32. 1998).

A recém-descoberta adolescência estimulou o surgimento de um investimento científico que contribuiu para o aumento e fortalecimento de sinalizações sobre problemas ligados a essa adolescência. Observa-se que, desse ponto em diante, houve aumento nas identificações de desordens mentais juvenis como: ociosidade, sexo desregrado, aumento da criminalidade e evidências da delinquência. Segundo Ozella (2002), foi nesse contexto científico que G. Stanley Hall se autoproclamou pai da adolescência, ao produzir um manual sobre o tema, com mais de 1300 páginas, e anunciando-a de maneira apocalíptica. Para o autor, tais fatos possibilitaram a entrada dessa discussão nos contextos sociocultural, educação intelectual, física, sexual, religiosa e moral, alcançando as esferas físicas e psíquicas.

A obra de Hall (1904) foi referenciada em Platão, Aristóteles e Agostinho, entre outros e acrescida de ferramentas vindas do iluminismo e da ciência positivista. Rousseau foi o solo pré-científico e Hall definiu a adolescência como um período de tempestades e tormentas e também marcada por um espírito idealista, rebeldia contra o velho e momento das paixões. O autor concebia que o ser humano, para alcançar a maturidade, passaria por fases evolutivas no campo biológico, cultural e psíquico, cuja maturidade teria como referência de apogeu a civilização ocidental. Daí o entendimento do/a jovem perfeito/a ser branco/a, caucasiano/a, heterossexual, bem sucedido/a e apto/a para casar e ter filhos (LOURO, 1999).

Também, a eugenia e estudos raciais e psicopedagógicos sobre a adolescência, somadas aos postulados de Hall (1904), subsidiaram, por quase um século, tabelas de crescimento físico, de aumento da ossatura, massa muscular e caixa craniana, definindo assim, os padrões de 'normal' e anormal. Nesse mesmo caminho, foram conhecidos ainda

Os desdobramentos funestos de tais correntes científicas, como os mais variados racismos, a homofobia e a misoginia e, como exemplar máximo do

horror, os campos de extermínio humano. Os textos de psicopedagogia da adolescência, ao trabalharem em um registro epistemológico que se pretendia isento politicamente, nunca atentaram para as suas consequências perversas (CÉSAR, p. 36. 1998)

Entretanto, para a autora, contrariando Stanley Hall (1904), veio de Leta Stetter Hollingworth, em 1928, a afirmação de que a adolescência referia-se ao desenvolvimento gradual e harmônico, não obrigatoriamente complicado e repleto de distúrbios. Afirmava também que não havia conexão entre as alterações biológicas e mudanças de status social nessa forma. Entretanto, trabalhos como o citado, contrários ao pensar de Stanley Hall (1904), não tiraram as imagens edificadas na contemporaneidade sobre o tema. Mas, para César (1998), as margens para especulações filosóficas sobre a alma adolescente com maiores significados são derivadas dos franceses, sendo investigações mais enfáticas sobre possíveis importâncias das transformações institucionais. Trata-se de estudos que conseguiram mudar até o pensar na escola. Portanto

Independentemente dos modos de investigação demarcados por peculiaridades e idiosincrasias nacionais, a psicologia da adolescência (francesa) assumiu um discurso homogêneo sobre seu 'objeto', definindo a adolescência como um período de modificação e instabilidade. Ao separar a psicologia das ciências naturais, suas teses não seriam aceitas na terra de Hall, visto que nos Estados Unidos a relação entre psicologia e ciências naturais era tida como um dado inquestionável; entretanto, as ideias de Spranger exerceram forte influência nos países de língua alemã, na primeira metade do século (CÉZAR, P. 39. 1998).

Como já insinuado pela autora, o fundador da psicologia de compreensão da adolescência foi Eduard Spranger (1961) que não associou puberdade com transformações corpóreas e pressupôs que mudanças psíquicas não seriam explicadas por meio de mudanças endócrinas, embora não negasse que elas existissem. Em sua concepção, eram as estruturas psíquicas que produziam transformações na adolescência, não sendo somente transição fisiológica, mas transformações de estruturas mentais da psique, por serem pouco desenvolvidas e indiferenciadas na infância.

Esses postulados propiciaram o desenvolvimento de tabelas e resultados de testes numéricos, crescimento das gônadas, o surgimento das características sexuais secundárias e o desenvolvimento intelectual, moral e religioso, questões que subsidiaram construções de dados sobre delinquência.

Ainda, esse voltar científico para a adolescência viabilizou a construção de um guia de orientação preventiva sobre sexualidade precoce. Para Pinheiro (2006),

mesmo assim repetiam-se associações entre a adolescência e o período de tempestades e tormentas. Vêm também dessas referências afirmações sobre crise da adolescência, drama da adolescência, fase inquieta, tempo de transtorno, idade ingrata, fase negativa, entre outros. Portanto, o conceito de adolescência como crise foi sendo reconfigurado periodicamente, tendo como marco importante, no início do século XX, o encontro da psicologia do desenvolvimento com a antropologia culturalista.

A psicologia do desenvolvimento encontrou na antropologia culturalista norte-americana uma instância crítica da ideia universal de adolescência como período de 'crise'. As antropólogas Ruth Benedict e Margareth Mead, envolvidas nos novos projetos educacionais da sociedade norte americana, e influenciadas pela obra de F. Boas, foram chamadas para opinar e desenvolver pesquisas que subsidiassem tais reformas. Objetivando contribuir mais efetivamente para esses novos projetos educacionais, ambas realizaram pesquisas sobre a adolescência em diferentes culturas (CÉSAR, p. 41. 1998).

Em relação ao período da adolescência, foi Margareth Mead (1988) quem pesquisou padrões culturais diferenciados e concluiu que, na cultura urbana ocidental, devido às descontinuidades desses padrões, as pessoas eram envolvidas no desenvolvimento por rupturas entre situações de dependência infantil e de independência prometida na idade adulta. Isso motivava um conjunto de tensões e inseguranças em relação ao novo papel social desconhecido.

Procede da autora também descaracterizações da ideia de crise como parte da dinâmica específica da natureza fisiológica ou instintiva da adolescência, colocando-a na dinâmica cultural da sociedade por não oferecer conjuntos estáveis de valores. Logo, envolta por incertezas e conflitos na vida, a forma configuraria período de crise inerente à própria dinâmica social. Outro fato é que a autora reafirmou vinculações da proposta de Hall sobre adolescência com crise. Em síntese, o estruturalismo trouxe um desafio epistemológico novo.

O culturalismo trouxe um problema epistemológico para as teorias da adolescência, pois, para o positivismo, se essa fase da vida não fosse caracterizada como um 'objeto' universal, tornar-se-ia um campo frágil de pesquisa e investigação científica. O culturalismo, ao trazer para o plano teórico a ideia de relativismo cultural, contribuiu para o estabelecimento de uma forma diferenciada de condução das investigações e de interpretação dos dados obtidos no trabalho de observação da adolescência, diferenciando-se do positivismo científico e do determinismo biológico (CÉSAR, p. 42. 1998).

A crítica ao culturalismo surge na medida em que este descaracterizava a universalidade da adolescência. Nesse caminho, Pfromm Neto (1976) afirma que

atribuições e importâncias exageradas foram as responsáveis pelos erros cometidos.

A atribuição de importância exagerada à influência da sociedade e da cultura no desenvolvimento adolescente pode conduzir a generalizações levianas, como a seguinte: ‘não há relação entre as mudanças biológicas e as características psicológicas da adolescência; não há um estágio diferenciado no desenvolvimento da personalidade, que possa ser localizado durante o período da adolescência; não podem ser formulados princípios psicológicos universais do desenvolvimento da adolescência; da adolescência é fenômeno exclusivamente social, em certas culturas, onde prevalece em práticas restritivas’ (p. 15).

O relativismo cultural foi tomado como teoria auxiliadora para possibilitar compreensões da temática. Estes foram princípios que justificaram variáveis díspares dentro de uma mesma cultura. Portanto, é importante reconhecer que apropriações do culturalismo preencheram lacunas que não tinham explicação na psicologia do desenvolvimento e a adolescência tornou-se idade/período emocional – tempo de frustrações, conflitos, problemas, desajustes e ambiguidade. Por um lado, ela era faixa de normalidade para idiossincrasias do comportamento; por outro, reforçava necessidades de assistência atenta e vigilante. Assim, culturalismo e instinto tornaram-se a referência.

Do mesmo modo como o culturalismo foi incorporado de forma apenas aparente nos textos de psicologia da adolescência, também o conceito de ‘instinto’, bastante central para uma compreensão da ‘natureza’ do adolescente, foi empregado de modo superficial, a partir de empréstimos conceituais da psicologia geral e da psicanálise. O ‘instinto’ foi interpretado pela psicologia da adolescência como um elemento fundamental na constituição da psique adolescente, sendo concebido como uma força muito próxima da natureza animal do ser humano, isto é, como uma força poderosa e antissocial, que deveria ser treinada e normalizada. Sendo o adolescente um ser ainda próximo da ‘animalidade’, mas a caminho de se tornar um adulto racional, o treinamento desse indivíduo seria a única forma de transformá-lo em um adulto maduro e saudável (CÉSAR, p. 45. 1998).

Pelo descrito, houve um casamento do pensar de Stanley Hall e Sigmund Freud, sendo campo fértil para proliferações e associações na teoria psicanalítica do desenvolvimento. Foram esboços da teoria psicanalítica em construção, ideias que ainda seriam reorganizadas, contestadas, abandonadas ou redefinidas por Freud, que justificaram definições sobre adolescência como natural ou parte da essência humana. Surgiram aí estruturas teóricas sustentadas na abordagem dos instintos sexuais e na repressão de tais instintos.

Baseada na psicanálise de Sigmund e Ana Freud criou-se uma teoria desse desenvolvimento associada à crise. Para Millot (1987), a adolescência se constituiu

novamente nesse período como tempos de perturbações, transtornos e rebeliões, sendo tais questões o sinal de desenvolvimento normal. Psicanaliticamente, isso foi essencial para o desenvolvimento humano, visando a tornar-se adulto normal. Propiciando assim um subsídio de nova naturalização.

Refletir sobre esse aspecto mostra as incompatibilidades teóricas na consolidação do fenômeno da adolescência, já que as influências são de procedências positivistas, evolucionistas, culturalistas, psicanalíticas e teorias do comportamento. Mesmo assim, essa forma permaneceu considerada como problema ou crise e, mais de um século após os conceitos serem amplamente difundidos e aceitos, perdura ainda as ideias de negação e fase do desenvolvimento em que o indivíduo não é criança e nem adulto – grande para ser descartado e pequeno para ser aproveitado. Há nisso uma estreita linha de separação entre normalidade e patologia. Isso foi subsídio aos estudiosos devido

Distinguir um comportamento normal de um comportamento patológico tornou-se uma dificuldade intrínseca àqueles estudos, evidenciando a própria fragilidade conceitual que ronda as teorias sobre a adolescência. Estas precisavam ser conhecidas, pois permitiriam elucidar um universo que teimava em permanecer na obscuridade, tanto para o pesquisador como para o próprio adolescente, permitindo ainda comprovar aquilo que antes permanecera no terreno das hipóteses. Simultaneamente à consolidação da adolescência como uma fase da vida dotada de características próprias, os teóricos reafirmaram a necessidade de estabelecer os limites cronológicos dessa fase. No entanto, enquanto as pesquisas e os escritos avolumavam-se nas estantes das bibliotecas e nas escrivaninhas dos especialistas, uma definição exata da faixa etária em questão mostrava ser algo impossível de ser precisado, e mesmo hoje as instituições ainda insistem em rever constantemente os limites estabelecidos anteriormente (CÉSAR, p. 48. 1998).

Portanto, pelo descrito até aqui, desse ponto em diante, buscar-se-á entender o processo de datação da forma adolescente e os desmandos decorrentes dessas ações.

Adolescência: a datação da forma

Foi Arnold Gesell (1978; 1979), embriologista, pediatra e pedagogo, influenciado por Stanley Hall, quem formulou, na década de 1940, definições para datação da adolescência. Sua teoria ia do nascimento ao final da adolescência, ordenando cronologicamente todo o processo. Ele descreveu comportamentos gerais e específicos, personalidade e estabeleceu padrões e normas para o que ele chamava de etapas da vida. Não se preocupou em constituir limites etários e prendeu-se nas características comportamentais que emergiam e desapareciam em cada novo ciclo até

que fosse alcançada a idade de dezesseis anos.

Para o autor, aos doze anos despertava-se para o sexo oposto, aos catorze; apareciam tendências de sociabilidade e, aos quinze iniciava-se, de forma ainda vulnerável, emersões da maturidade, havendo ainda riscos de delinquência. Isso ocorria devido ao espírito de independência, consequência do desejo de deixar a casa dos pais e escola, mas, aos dezesseis anos, apresentaria comportamentos pré-adultos, superando assim os problemas surgidos. Destarte, havia contradições nesse e em outros trabalhos. Exemplos de tais controvérsias é a menarca e primeira ejaculação, usadas como marco inicial da adolescência.

Essas tentativas de delimitação não apresentavam consistência, pois a idade da menarca variava do mesmo modo como a idade das primeiras emissões, sem mencionar ainda a dificuldade de sua observação. Outras transformações fisiológicas, as chamadas características secundárias da puberdade, tais como o aparecimento de pêlos, a mudança de voz, o fortalecimento e o arredondamento das formas, também não coincidiam entre os indivíduos pesquisados, revelando-se insuficientes como indícios da entrada na adolescência. Além do mais, estas eram caracterizações já utilizadas nos estudos sobre a puberdade realizados no século passado, parecendo pouco confiáveis aos novos especialistas para a determinação da entrada na adolescência (CÉSAR. p. 49. 1998).

Assim, mediante a difícil cronologia da adolescência, os/as especialistas desenvolveram subterfúgios metodológicos e, por isso, propuseram dividir tais etapas em subetapas. Pré-puberdade seria dos doze aos catorze anos e puberdade dos catorze aos dezesseis anos. Chamou-se também de nubilidade, termo que no latim significa crescer, seria a fase que corresponde dos dezesseis aos vinte anos.

Aceita por muitas/os especialistas, o final da adolescência seria o fim do crescimento ósseo. Isso resolveu algumas questões e possibilitou que novas aparecessem, pois, tendo-se a puberdade como fase inicial da adolescência, precisava haver modos de identificá-la. Então, referenciado em Ozella (2002), sabe-se que surgiram testes de medição hormonal, identificados ao serem lançados na corrente sanguínea. As transformações fisiológicas também representaram uma forma de identificação. Essas avaliações envolviam, ainda, aspectos social, intelectual, moral, sexual e religioso, indo do fisiológico até esferas e dimensões da vida e do corpo.

Outra referência importante nessa discussão foram observações feitas por Debesse (1965), cujos estudos apresentaram um deslocamento da adolescência como crise para o estado de perturbações e conflitos agudos. Para ele, não se tratava de ruptura com a infância, pois o desenvolvimento seria contínuo; nem de descontinuidade,

seria seguido de uma crise orgânica, social, cultural e espiritual. Segundo o autor, havia na/o adolescente uma mentalidade própria, mesmo com seus aspectos morais ainda permanecendo mal conhecidos.

A adolescência foi demarcada pelo autor como idade ingrata ou período negativo, de percurso marcado por um corpo desajeitado, humor instável e falta de encanto. Ele propôs limites cronológicos e o alerta para o relativismo extremado que reconhecia a forma como universal. Também, defendeu ideias sobre a essência adolescente e sugeriu que a ciência que estuda a temática fosse denominada de hebelogia, inspirada na deusa da juventude Hebe. O autor também reconheceu Stanley Hall como pai dessa ciência, sendo trabalho importante por repetir teses formuladas quarenta anos antes.

Ele reproduziu uma forma de investigação e de análise, além de um modelo de adolescência centrado na ideia de 'crise', que contribuiu para a consolidação do discurso hegemônico da psicopedagogia da adolescência, o qual, com algumas poucas modificações, ainda permanece vigente no cenário das instituições de ensino. Para os teóricos dos anos cinquenta, a adolescência também permanecia um território a ser melhor explorado. Os problemas a ela relacionados, como a delinquência, a rebeldia, a sexualidade, se reproduziam na mesma velocidade e na mesma proporção com que se multiplicavam os estudos, investigações e intervenções, gerando assim uma constante ansiedade entre os especialistas. Quanto mais trabalhos e pesquisas eram produzidos, mais ainda os pesquisadores detectavam os crescentes problemas relacionados à adolescência (CÉSAR, p. 53. 1998).

Como peculiaridade desse momento histórico, nota-se uma pressão feita pela sociedade industrial sobre o/a adolescente. No Brasil, isso pode ser observado por testes empregados durante muitas décadas e em vários locais. Referenciado nos estudos de Pfromm Netto (1976), sabe-se que, desde 1960, foram aplicadas provas de personalidade – Psicodiagnóstico Miocinético - denominadas de PMK a 200 meninos de idade entre 14 e 18 anos. Os procedimentos tinham por propósito identificar desestabilidades nas emoções dos entrevistados. Outro exemplo vem de 1963. Neste ano foram aplicados testes de completção de sentenças de Sacks e Levy para 1364 indivíduos em Minas Gerais, atividades que propiciaram preconceito, segregação racial e econômica.

Contudo, o conceito de adolescência seguia na qualidade de tempos críticos de ajustes, luta e impulsos emocionais insuportáveis. Mediante a isso, as escolas eram tidas como força controladora desses desmandos e o reagir contra regras sociais seriam consequências de caráter antissocial e instintivo, indicando necessidade de treinamento.

Procedia da psicopedagogia medidas e ações educativas visando ao desenvolvimento saudável.

Adolescência: diferenciando de papéis e delimitação do masculino

O desenvolvimento saudável envolvia a definição de sexo masculino e feminino e a educação diferenciada pelo sexo biológico visava a preservar características inatas e orientar os papéis sexuais e sociais que cada sexo desempenharia na vida, havendo, inclusive, proposta de nomenclatura. Foi Calcano (1948) quem estabeleceu o termo hebelogia para o estudo de meninas, e efebologia para meninos e raros especialistas chegaram a esse grau de minúcia.

O autor classificou os instintos pelo sexo biológico e, no masculino, teríamos o gregarismo, fato preocupante aos especialistas e de teor negativo. Seria tendência inata de formar gangues, praticar desordens, protagonizar atos antissociais, cometer delitos e se tornar delinquente. Portanto, nota-se novamente a adolescência sendo concebida e delimitada como tempo para construção e diferenciação dos papéis destinados ao masculino e feminino. Nesse contexto, o esporte tornou-se um referencial.

A atração dos rapazes pelos esportes era vista como uma característica fundamental para a saúde perfeita e uma mente livre de vícios, tais como as práticas sexuais ilícitas da masturbação, do 'homossexualismo' e do sexo com prostitutas [...]. Os psicopedagogos notaram ainda que os adolescentes do sexo masculino desajustavam-se temporariamente: tornavam-se instintivamente 'perdulários', 'glutões', 'beberrões' e inclinados a desregramentos sexuais; mostravam-se lerdos, cansados, dorminhocos, preguiçosos, caprichosos, instáveis, oscilando entre o pessimismo e o otimismo extremos, buscando momentos de intimidade aos quais alternavam momentos de grande expansividade (CÉSAR, p. 58. 1998).

Tratando-se de período marcado por postura laica crescente no mundo, Foucault (2007) explica que as proibições no campo da moral, existentes até então e mantidas pelo religioso, foram sendo justificadas nos discursos médicos, psicológicos e pedagógicos. Agora, o fora da norma era colocado na esfera da antinatureza. Assim, nesse período distribuíram-se papéis sociais e sexuais entre homens e mulheres em nome da natureza humana. Destarte, mesmo que nos pareça distante, essa postura ainda está no seio de famílias e de procedimentos escolares em que o desvio do padrão social e sexual esperado gera condenação ou exclusão (MISKOLCI, 2006).

Assim, questões sobre a/o fora da norma e desajustadas/os no masculino e feminino foram reforçadas, revitalizadas e, uma vez presentes nos manuais de

psicopedagogia, caracterizaram uma verdadeira ortopedia pedagógica. Em decorrência disso, surgiram textos dedicados aos problemas da delinquência juvenil, sexualidade e questões de gênero. Mediante tal problemática, cabia aos pais e educadores usar de compreensão para evitar delinquência e desvios da sexualidade. Isso trouxe, iniciado os anos de 1960, a necessidade também de flexibilização de professores autoritários, oficiais de menores e assistentes sociais. A busca era por conduta amigável, confiante, compreensiva e atenciosa, iniciando aí mudanças na instância em vigor.

Com isso, o dispositivo da higiene foi sendo reajustado em dispositivo da felicidade e a ordem discursiva mudou o papel da família. Seu desafio agora não seria mais coercitivo e normalizador. Para a família e a escola, perturbações como inibições, timidez e psicoses deveriam ser observadas e combatidas. Foucault (1982) define que

As reações instintivas de natureza sexual são da ordem da multiplicação da espécie e desabrocham com particular vigor na puberdade e enchem de interesse e apetites a adolescência. Devem ser disciplinadas e policiadas, o que acontece não raro com excessivo vigor, fruto de tabus, superstições e preconceitos de índole moral e religiosa. Essas necessidades naturais imperiosas criam problemas difíceis às relações humanas reclamando complicados processos adaptativos pois devem atender não somente aos interesses individuais, mas também aos interesses da família e da comunidade, sem o que conflitos permanentes, de alta nocividade ao viver em comum, não permitiriam condições de paz, de concórdia, de ordem ou de relativa segurança, que a existência normal impõe à vida mais ou menos estável dos grupos em intercâmbio social permanente (p. 180).

Nota-se que o novo elemento introduzido pela Psicopedagogia, dos anos de 1960 em diante, foi o meio termo entre liberdade e repressão e, em função disso, devia-se agora procurar medidas exatas. Assim, angústias e culpa de pais e professores pelas falhas na educação e tratamento aos adolescentes mostram como ainda vigoram tais verdades, explicando incessantes idealizações por pais, adolescentes e professores. Mas, naquele contexto, faltaram reflexões que questionassem a busca pela exata medida.

Foucault (2007) permite afirmar que foi o identificar fácil dos erros citados e sua procedência que levou a reforma higienista a intervir na família disfuncional, na jovem prostituta e no delinquente juvenil. Para Pinheiro (2006), o objetivo era intervir e disciplinar por meio de movimentos filantrópicos, instituições públicas e privadas recém-criadas, responsabilizando famílias, principalmente operárias, para agirem contra esses desmandos. Portanto, crianças e jovens em situação de desatenção e vulnerabilidade nas ruas das cidades deveriam receber melhor atenção.

Para Margareth Rago (1997), as ruas deixaram de ser espaços de

sociabilidade e se tornaram causadoras de uma vida de vícios, depravação, vagabundagem, escola do mal e garantia para futuros delinquentes e criminosos irrecuperáveis. Foi isso que subsidiou, já no início do século XX, o surgimento de profissões como assistentes sociais, educadores especializados e orientadores, que se reuniram em torno de uma nova bandeira comum: o trabalho social.

Essas profissões encontram-se, atualmente, em plena expansão. Não se vinculam a uma única instituição, mas, ao contrário, enxertam-se como apêndice nos aparelhos pré-existentes: judiciário, assistencial, educativo. Disseminados numa multiplicidade de lugares de inserção, guardam sua unidade, não obstante, em função de seu domínio de intervenção, que assume os contornos das classes 'menos favorecidas'. No interior dessas camadas sociais eles visam um alvo privilegiado, a patologia da infância na sua dupla forma; a infância em perigo, aquela que não se beneficiou de todos os cuidados da criação e da educação almejadas, e a infância perigosa, a da delinquência. Toda a novidade do trabalho social, toda a sua modernidade, consistira justamente nessa atenção mais concentrada com relação aos problemas da infância, num questionamento consequente das antigas atitudes de repressão ou de caridade, na promoção de uma solicitude educativa sem fronteiras (DONZELOT, p. 91. 1986).

Asilos de menores abandonados/das e escola de aprendizes de marinho viraram destino de largados/as das ruas. Na rua tínhamos os/as menos favorecidos/as, as/os filhas/os de lares desestruturados, referenciando tanto figuras de crianças e dos/as jovens estigmatizados/as, como também o seu contramodelo idealizado. A rua estava associada aos pequenos furtos, bebida, cigarro, ociosidade e prática do onanismo para meninos. Já para as meninas, o exercício ilícito da sexualidade era o campo da transgressão e vem de Foucault (2007) o entendimento de que as transgressões que delinearam a delinquência juvenil foram referenciadas em um recorte de gênero e sexualidade.

O autor permite perceber que o abuso sexual em casa ou nas ruas, bem como a iniciação sexual fora do casamento entre mulheres eram condutoras da delinquência. Sobre práticas sexuais masculinas, elas não eram problema, exceto a masturbação e a homossexualidade, que ocupavam o campo da delinquência juvenil. E o que seria o espaço da rua aos menos favorecidos? Não diferente da realidade ainda existente, era um espaço de possibilidade de trabalhos para vendedoras/es de jornal, entregadores/as de folhetos, carregadores/as de pacotes, floristas e plumistas, entre outros.

Entretanto, aos olhos dos reformadores e especialistas da adolescência, a rua era o local por excelência do aprendizado dos vícios e da "delinquência", do

lazer sem regras e do ócio, em suma, da “delinquência juvenil”, cuja versão feminina centrava-se especialmente na “prostituição.” Foi a partir desta concepção negativa do espaço da rua que se iniciou um trabalho de organização do lazer como prevenção das formas viciosas de convívio social, decorrendo daí uma valorização dos esportes e das práticas esportivas em equipe para os jovens (CÉSAR, p. 67. 1998).

Foucault (2007) permite pensar que, desde o início do século XX, o transgredir havia se deslocado do campo do problema, tornando-se característica de uma fase da vida. No discurso reformista, precocidades foram concebidas como características degeneradas e cheias de falhas, temida na sociedade e sinônimo de inferioridade racial, pobreza e falta de civilidade.

Nos tratados dos psicólogos e educadores, o risco da “delinquência juvenil” configurava uma possibilidade incorporada de maneira constitutiva à própria definição do conceito de adolescência. A novidade introduzida pelo discurso da psicologia do desenvolvimento em relação ao antigo discurso filantrópico, que enxergava a “delinquência juvenil” como vinculada apenas a patologias sociais, foi o estabelecimento de uma ligação natural entre “delinquência” e adolescência. A “delinquência juvenil” passou a ser abordada não apenas através do ponto de vista das teorias sociais e morais, mas também, e cada vez mais, a partir da perspectiva naturalizante da psicologia do desenvolvimento, que colocava o comportamento ‘transgressor’ da adolescência no âmbito da natureza (CÉSAR, p. 70. 1998).

Pelo discurso científico, a adolescência se tornou fase de desenvolvimento, de risco, transgressão, delinquência e perigo iminente o tempo todo. Nisso, a díade adolescência/delinquência subsidiou a formação de um envoltório de dupla-face e, ajustado a/ao jovem, propiciou formação de indivíduo caracterizado por duas possibilidades interdependentes e incompatíveis: adolescente domesticado/a, modelo ideal de juventude inocente; e o/a adolescente delinvente, o contrário do esperado. Inclusive, esta concepção colocou todo/a adolescente em risco e carente de intervenções sociais para o devido ajuste.

No entanto, para Pinheiro (2006), quando necessário, o tratamento era diferenciado e proporcional, uma vez que eram usados para retenção: escolas secundárias, clubes sociais, associações esportivas, escolas técnicas e vocacionais, asilos para jovens abandonados/as e reformatórios para jovens delinquentes, escolhidas de acordo com condições socioeconômicas.

Portanto, a adolescência surgiu como uma caixa de Pandora e espalhou problemas. Ao mesmo tempo em que era sinal de perigo, trazia sinais da esperança de maturidade ideal, se ajustada ao esperado, sendo este o objetivo almejado pelas instituições e sua organização. No entanto, a responsabilidade era das instituições

citadas. Elas tinham de averiguar os limites que apartavam adolescência em perigo de adolescência perigosa.

Nesse raciocínio, procede de Sandström (1969) a concepção de que o social e o ambiente de convivência eram responsáveis pela delinquência. O autor também referencia conceitos de como as ideias de Émile Durkheim foram inseridas na Psicopedagogia. Tais saberes sustentaram o conceito de influência do ambiente na formação da/o adolescente delinquente, principalmente as/os que procediam de família desajustadas, fato que chamava atenção porque os laços familiares e casamentos começaram a se desfazerem facilmente, consequência do contexto histórico social de acelerada modificação.

Para Gillis (1981), a sociedade americana na II Guerra Mundial pode servir como um exemplo da questão citada no parágrafo anterior. Naquele contexto, os adolescentes trocavam a escola pelo trabalho na indústria, as mudanças geravam hábitos que negavam a lei e a ordem, mas também a independência econômica. O detalhe é que os jovens levados aos tribunais não possuíam filiação alguma além do trabalho e, uma vez independentes, quanto maiores mais responsabilidades pessoais pelas próprias condutas tinham, mais estigmatizados eram pela sociedade. Nesse sentido, famílias desfeitas também eram consideradas risco para delinquência.

No pensamento psicopedagógico, a influência das ‘famílias incompletas’ também contou como um fator poderoso na determinação do comportamento transgressor do adolescente, e a escola apareceu, novamente, como a instituição restauradora da ordem. Ressaltando a necessidade da presença do psicólogo educacional no espaço escolar, os especialistas apontaram a necessidade de um estreito relacionamento entre escola e família, entre pais e mestres. Observou-se assim a formação de um verdadeiro consórcio entre pais, professores e psicólogos, todos trabalhando juntos, instruídos pelos conhecimentos científicos das teorias da adolescência, e unidos no sentido de aplicar medidas que impedissem os desvios e a “delinquência”. Outra ideia que catalisou as práticas de intervenção contra o comportamento transgressor da adolescência, foi uma noção de ‘higiene mental’ de caráter ‘promocional’ e ‘preventiva’, representada por um conjunto de medidas para promover a saúde psíquica e moral do indivíduo (CÉSAR, p. 73. 1998).

Percebe-se que a busca era por higiene mental com perfil promocional e preventivo, visando à saúde psíquica e moral. Portanto, foi entendendo a delinquência como traço de adolescência, que sugeriram tipologias para comportamentos transgressores de várias origens e níveis. E vêm de Debesse (1965) as classificações e diagnósticos precoces de sujeito revolucionário e retilíneo. Com revolta passageira e excentricidade no vestuário e linguagem, o revolucionário se tornaria na maturidade um artista. O

retilíneo sem grandes perturbações e o gregarismo, uma característica padrão, sendo o escotismo uma consequência positiva e as gangues, um efeito negativo.

Para Ferraz (1960), existiam adolescentes perversas/os, irrecuperáveis e deficientes mentais e pervertidas/os recuperáveis, dentre os quais se encontravam: impulsivos/as de conduta imprevisível; revoltados/as infelizes; desatinados/as inconsequentes; violentos/as contumazes; e desajustados/as neuropatas. O/a adolescente delinquente era classificado/a como energúmeno/a, inseguro/a e aparentando situação de poder. Havia também a/o vadia/o, tida/o como autista por razões endócrinas e com depressão vital, devido ao excesso de masturbação, bem como o hipererótica/o, centrado na satisfação sexual e a/o mentirosa/o.

No campo das classificações, cito também o recorte de gênero. Essas são diferenciações que influenciaram nas caracterizações da adolescência delinquente. Para Wall (1948), os meninos eram mais propensos ao comportamento difícil e tendencioso para delinquência, enquanto as garotas, por serem sonhadoras e instáveis, tinham menor risco. A idade da delinquência seria dos doze aos catorze anos e o desajuste, seria agravado pelo cinema. Influente, esse vício desencadeava até o roubar para assistir sessões.

Com esse pensamento, Werthan (1953) justificou que tal desajuste era inspirado no fictício e, por isso, revistas em quadrinhos também os estimulariam. Como solução, a família e a escola foram responsáveis por corrigir os/as desprotegidos/as sociais. Nota-se que há agora um fenômeno de massa inacessível para psicologias individualizadas. Nessa concepção, quem representava o exato ponto de equilíbrio esperado era a classe média.

Cesár (1998) cita que, para o pesquisador René Fau, não seria o tipo de vestimenta ou meio de condução que faria os/as adolescentes mudarem seus comportamentos. Seria a falta de assistência afetiva e emocional de pais, traço comum entre os excessos dos ricos e escassez de pobres. Nesse caminho, vieram de Ferraz (1960) teorias acerca da natureza instintiva da delinquência, ligada aos fatores sociais como família e situação socioeconômica. Para o autor, o uso de substâncias alucinógenas e entorpecentes seria uma característica inata, marcada pela busca insaciável do gozo. Portanto, o álcool e o éter colaborariam para dissoluções de conflitos mentais e angústia, motivo pelo qual o vício pela bebida, maconha, entre outros, seria tão comum entre adolescentes. Isso mostra que

Alguns autores teorizaram a adolescência como uma condição marginal, tanto por ser provisória quanto por instigar a prática de delitos criminosos. Desse modo, a adolescência foi caracterizada como um período de busca da identidade, o que se deixaria perceber no emprego de uma simbologia de grupo interpretada pelos especialistas como uma forma de “semi-identidade”, expressa nas roupas, na linguagem diferenciada e em atitudes próprias, muitas vezes identificadas com grupos criminosos (CÉSAR, p. 77. 1998).

Para além da identificação aparente, veio da medicina o diagnóstico por meio de eletroencefalograma. Tais procedimentos foram usados com o objetivo de classificar a inteligência inferior no/a adolescente, embora tratar-se de princípios que já apresentavam contradições a partir das afirmações que geravam. Afirmava-se que a responsável em formar esses monstros, fumadores de maconha, ladrões de carro e homossexuais, concepção imortalizada pelo cinema, seria a família.

Referenciado em Fischer (1996) e César (1998), percebe-se que o cinema consolidou o vínculo entre adolescência e delinquência, destacando a sexualidade na delinquência juvenil. Veio dessa arte a ênfase ao caráter ilícito da sexualidade feminina e da sensibilidade homoerótica. Quanto ao Brasil, os comportamentos rebeldes justificaram-se nos confrontos sociais e armados pelas revoltas dos movimentos de guerrilha contra o regime militar. Aqui, acreditava-se que as inspirações procediam de manifestações estudantis americanas e francesas nos fins dos anos de 1960.

No correr dos anos sessenta, o debate sobre a adolescência envolvendo psicólogos, pedagogos, sociólogos e representantes das instituições educacional e judicial foi se transformando, e termos como “delinquente juvenil” foram sendo substituídos por alusões à “cultura de jovens”. Após a iluminação de figuras que representavam o lado obscuro da adolescência, os teóricos começaram a colocar destaque as chamadas ‘subculturas’ jovens, que surgiram no interior dos movimentos de protesto político e de liberalização dos costumes, associados a movimentos políticos de esquerda e da ‘contracultura’ (CÉSAR, p. 83. 1998).

Sobre os movimentos citados, surgiram suposições de que se estava diante de um grupo que ocupava cada vez mais espaço nas diferentes instâncias da vida pública. Nesse caminho, procede de Friedenberg (1972) a tese de desaparecimento da adolescência. Tal crise não tinha relação com a natureza, como supunham os psicólogos, seria decorrente da posição minoritária ocupada por ela na sociedade. Assim, os anos de 1950 marcaram um apogeu das ideias sobre a adolescência, pois mostraram os seus limites e anunciaram o fim da caracterização presente nos manuais de psicologia do desenvolvimento, demarcadas desde o início do século. Portanto, adolescência

[...] tornava-se obsoleta, pois a integração pessoal não podia mais ser o velho ideal de maturidade, então irrealizável. Os próprios adultos transmitiam aos adolescentes sua ansiedade e falta de clareza quanto aos papéis sociais. A bola era assim devolvida aos pais e professores, definidos como indivíduos insuficientemente caracterizados, transformados em seres anônimos por processos que reduziram todos à multidão ou à massa. (PASSERINI, p. 356. 1996).

Foi um fim demarcado pelos discursos hegemônicos da psicologia do desenvolvimento e das instituições que alimentaram tal discurso e também momento em que se percebeu fragilidade nas instituições, principalmente da escola e da família. Tais questões removeram fronteiras que separavam os adultos dos adolescentes. Os anos de 1970, período que revelou a desconfortável aproximação entre adolescente e adulto, foram tempos que possibilitaram perceber também que o comportamento maduro dos adultos era permeado de traços de instabilidade e angústias, e não mais linhas demarcatórias da adolescência. Isso acabou por revelar que as maturidades vividas pelo adulto e esperadas pelo adolescente geravam frustrações em ambos.

Adolescência: masturbação, sexualidade e controle do gênero

Ao buscar discutir masturbação, sexualidade e controle do gênero, é Foucault (2007) quem referencia tal debate de forma considerada. O autor permite afirmar que a masturbação e as práticas sexuais foram colocadas no campo da transgressão e parte da delinquência. Quanto às problematizações da sexualidade adolescente, a questão é mais recente, tendo seu início nos anos de 1950. O ocorrido foi que a explosão do sexo, do desejo, dos instintos e de novas emoções seriam demarcadas como comportamento específico do adolescente, levando-o ao vício ou não.

Portanto, nesse período, a masturbação emergiu nos textos médicos e psicopedagógicos como sintomas específicos da transgressão juvenil. Historicamente, essa prática foi problematizada com maior ou menor intensidade pelo campo moral-religioso ainda em séculos anteriores e, só no século XIX, a medicina higienista fez o enquadramento dela como problema, delimitando limites entre o normal e o patológico.

A adolescência, como objeto de investigação e controle, viabilizou que o sexo se tornasse um dos principais alvos de aplicação de dispositivos reguladores, permitindo a criação de um conjunto de novos personagens sexuais e, uma vez consagrados pelas ciências médicas em sua classificação rigorosa, tornaram-se facilmente identificados. Para Foucault (2007), tínhamos assim uma criança precoce, um jovem homossexual, um/a adolescente masturbador/a, separação do normal e

patológico, o confinamento e demarcação da mulher histérica, dentre outros.

Estabelecidas tais fronteiras, a medicina higienista buscou seus objetos na intimidade familiar e nos dormitórios dos colégios, ao observar, anotar e escutar queixas. Assim, ela prescreveu normas e incitou o falar de sexo, pois nele havia as verdades essenciais dos indivíduos as quais subsidiaram a redação de manuais de comportamento repletos de erotismo e maquiados de cientificidade. Denominado de as perpétuas espirais de poder e prazer. Esses mecanismos mostraram que a incitação para se falar do sexo se tornou o meio de multiplicação de técnicas de controle que associavam poder e prazer.

O colégio interno foi considerado um local privilegiado para a problematização da sexualidade dos jovens. No interior dos muros daquela instituição, o discurso sobre o regramento da sexualidade juvenil transparecia já na arquitetura dos dormitórios, das áreas de lazer e no próprio controle das atividades dos jovens. Todavia, com um maior refinamento das regras de controle da sexualidade, durante o século XIX europeu, o colégio interno passou a ser visto com desconfiança por parte das políticas de higiene, deixando de ser considerado como uma área segura para aparecer, nos discursos de higienistas, de pedagogos e de psicólogos, como um local de propagação do 'vício'. Por ser um ambiente onde os jovens realizavam todas as atividades cotidianas em conjunto, o perigo assombrava seus dormitórios: a um mínimo descontrole da vigilância, poderia se estabelecer uma rede de 'contaminação', gerando uma epidemia de onanismo e "homossexualismo" (CÉSAR, p. 89. 1998).

O discurso do psicopedagogo Maurice Debesse (1965), foi exemplar ao descrever situações sobre tal temática, afirmando que

Ela [a masturbação] se alastra à maneira de uma doença endêmica nos internatos; contrai-se por imitação e são os mais velhos que iniciam os mais jovens. [...] A masturbação contínua é um hábito vicioso que fadiga o adolescente, dá origem a escrúpulos nas naturezas sensíveis e faz nascer um sentimento de vergonha e culpabilidade. (p.56).

A plena consolidação do discurso psicopedagógico sobre sexualidade adolescente confirmou o estatuto da forma como transgressão e problema da natureza e, por isso, carecendo de tratamentos educativos. Especificamente em relação aos homens, havia a preocupação com práticas homoeróticas e o onanismo, descritas de forma pormenorizada entre o conjunto de patologias sexuais convertidas em figuras típicas da sexualidade adolescente.

Na busca por sanar o problema, na escola, a higiene física, moral e sexual, deveria compor o currículo, sendo formação a ser complementada pela família. A proposta era de que a/o adolescente distinguisse o lícito do ilícito, o normal do

patológico, o moral do imoral, sendo ações orientadas e coordenadas pelo discurso científico. Com esse conhecimento, estaria-se apto para o guardar-se das próprias paixões.

Foucault (2007) permite afirmar que foi no interior dessa ética naturalista e das dicotomias estabelecidas pela ciência positivista que a masturbação apareceu como expressão privilegiada da sexualidade adolescente e, tal perversão, tornou-se alvo prioritário das operações médicas e da Psicopedagogia. Nesse caminho, a masturbação foi interpretada como um mal gerador de angústias ao gênero masculino. No discurso científico, tratava-se de uma emergência da virilidade que determinaria um estado melancólico expresso pelo isolamento físico e psíquico. Para César (1998), acreditava-se que, uma vez fechados em ambiente como seus próprios quartos, eles ficariam suscetíveis aos intentos da natureza, manifesta em forma de desejos e atitudes, negando a moral e os bons modos. Para a autora

A rede discursiva que inventou o adolescente, o 'sujeito' da explosão do desejo e do sexo que transgride, também circunscreveu sua imagem segundo as ideias de 'culpa' e de 'vergonha'. O 'impulso sexual' foi descrito como um poderoso 'instinto' que se potencializava ao máximo na adolescência, requerendo assim o seu controle tendo em vista os interesses do indivíduo e da coletividade. Atacou-se à noção de que os 'pensamentos sexuais' seriam nocivos, de que a masturbação poderia levar à doenças e até mesmo à loucura, criticando também a inutilidade da noção de 'saúde mental', que não passaria de um efeito da orientação moralista e retrógrada para a conduta dos jovens (CÉSAR, p. 92. 1998).

Na realidade brasileira dos anos de 1920, discussões sobre educação sexual continham objetivos de duas ordens: construtiva porque era voltada para produção do adulto ideal; e preventiva, por comprometer com a eliminação de vícios, ambos orientados por teses científicas do positivismo e do eugenismo. Inclusive, em escolas brasileiras, o tipo de educação sexual investida nas práticas de higiene sexual concebia dispositivos para formação de ideais de sexualidade responsável, madura, conjugal, heterossexual e procriativa.

Então, na busca por alcançar os objetivos normativos esperados, surgiram pressupostos de um conjunto conceitual referente ao percurso cabível ao adolescente até alcançar maturidade e, ineditamente, as questões de vivências não seriam tão significativas. Em relação ao início da adolescência, para Nérici (1967), o investimento amoroso por um amigo/amiga do mesmo sexo, sexo oposto, mais velho/a, seria parte do amadurecimento. Para o autor, o amor adolescente passava por uma progressão afetiva,

iniciada com atrações intelectuais platônicas e, na sequência, já seria iniciado o período heterossexual, marcado pelo namoro, progredindo para o noivado e matrimônio.

Nesse amadurecimento, paqueras ou flertes teriam papéis importantes para ajustar desejos, visando à heterossexualidade conjugal. Inclusive, por volta dos doze aos catorze ou dezesseis anos, o envolvimento homossexual estaria dentro dos padrões de normalidade, assim como a afetividade com mais velhos/as do mesmo sexo. Porém, tais relações não deveriam culminar em práticas sexuais. Para César (2008), a aposta era que, transcorridas tais faixas etárias, essas ligações acabariam sendo esquecidas, evoluindo para atrações ao sexo oposto. Assim

A sexualidade adolescente foi apresentada sob a forma da evolução de suas etapas. O amor e o erotismo foram compreendidos como elementos desta sexualidade, os quais deveriam conduzir aqueles ‘sujeitos’ à sensibilidade, à beleza corporal e ao prazer contemplativo. Em um ‘ambiente pervertido’, no entanto, o erotismo não se desenvolveria de maneira natural e, em vez de culminar na heterossexualidade adulta, iniciaria o adolescente em uma sexualidade ‘despudorada’ (p. 98).

Outras situações sexuais que receberam considerada problematização por parte dos educadores foram descritas por Costa (1983), ao afirmar que sonhos eróticos, poluções noturnas e ereção receberam regras prescritas específicas como dormir de costas e banho frio, para evitar demora e ereção. No contexto, a adolescência seria marcada por fragilidade fisiológica de pré-disposição a doenças como tuberculose. Portanto, foram os hábitos e a associação dessa patologia com boemia que favoreceram sua relação com a juventude e a sexualidade. Houve aí rememoração da relação direta entre tuberculose e masturbação. Entretanto, nem tudo era ordem e o observar com crítica revelava uma comum contradição entre as normas e padrões.

A situação da vida em grupo, uma característica tida como ‘inata’ da adolescência, foi vista de maneira ambígua e contraditória: enquanto uns a descreveram como um comportamento de risco, favorecedor da “delinquência” e da “homossexualidade”, outros também a consideraram como um paliativo para o não exercício da sexualidade. Nos garotos, o impulso sexual reforçaria uma tendência à agressividade, e um desejo de assertividade detendo em vista a futura independência econômica e o casamento. (CÉSAR, p. 99. 1998)

Sendo assim, o enquadramento como explosão dos hormônios, descompasso entre maturidade sexual, fisiológica e maturidade social, problema paradoxal e sem solução, fase mais sexuada da vida e período em que práticas sexuais deveriam ser barradas, contribuíram para uma dupla caracterização no campo da sexualidade. A

adolescência da continência e adolescência do fervilhar sexual constituíam um mesmo sujeito.

Assim, procedem dos estudos de Kinsey, Pomeroy e Martin (1949) dados que possibilitam confirmar que os anos de 1950 significaram um marco, separando a sexualidade adolescente da delinquência juvenil e tornando tais figuras independentes entre si. Mas isso não bastou para colocar a sexualidade fora da esfera das tensões e dos problemas. Para Ferraz (1960), o sexo continuava representando essas condições, porque alvoroçava, inebriava, perturbava, desconcertava, convidava e desapontava.

Vem dos anos de 1960 fatos que retratam a realidade brasileira sobre questões do sexo adolescente e as esferas ocupadas por ela. Esse foi o período em que o aumento das relações sexuais entre adolescentes já demandava uma teorização mais explícita sobre perda de virgindade, amor livre e gravidez. Assim, procede de Gaiarsa (1967) o discurso de se tirar a sexualidade da esfera da repressão. A busca era por entender o deslocamento do sexo adolescente. Nesse caminho, há de se admitir que Wilhelm Reich já inspirava movimentos de libertação do sexo desde os anos de 1920 no mundo e influenciou conceitos e ações até os tempos atuais.

Béjin (1987) afirma que a sexologia, nos moldes em que chegou até nós, surgiu entre 1922 e 1948. Em 1922, Reich descobriu o que chamou de verdadeira natureza da potência orgástica e, em 1948, foi publicado o primeiro dos dois grandes livros de Kinsey. Sobre o trabalho de Reich, a descoberta da natureza do poder orgástico, parte mais importante de economia sexual, conduziu à descoberta do reflexo do orgasmo, em 1933, e à descoberta da radiação do orgônio em 1939. Quanto a Kinsey, substituiu a incerteza de Freud, a assimilação reichiana da energia orgásmica e, mais tarde, a energia orgônica, pela evidência behaviorista do orgasmo, definido por uma configuração de correlatos fisiológicos objetivamente apreensíveis.

Para Béjin (1987), a partir de então proliferaram as contabilidades de orgasmos, multiplicação das terapias do mesmo e, assim, se afirma a racionalização da sexualidade, fortalecendo o domínio dos sexólogos. No entanto, a sexologia estava propensa a ser somente uma orgasmologia e as terapias da sexualidade, uma orgasmoterapia. Quanto ao sexólogo/a contemporâneo/a, estaria centrado/a secundariamente em contracepção, gravidez, aborto e doenças venéreas e desvios e perversões sexuais não estariam no centro de sua problemática. Focado na disfunção, o objetivo era atuar sobre perturbações frequentes da sexualidade comum e, segundo

afirma o autor, tratava-se de uma atuação distinta dos profissionais que atuavam nesse campo até então.

O autor cita ainda o *behavior therapy*, introduzida em 1964 por Skinner e Lincisley. Bem difundida no início dos anos 1960, o método terapêutico procedia de correntes de reflexões teóricas e trabalhos experimentais que incluíam as pesquisas de Skinner nos anos de 1930, dentre outros. O postulado fundamental era o de que as perturbações e neuroses constituíam comportamentos aprendidos e condicionados, ou seja, maus hábitos. Assim, tão normalizadoras quanto tinham sido as disseminações da higiene sexual na primeira metade do século XX, a sexologia ainda aprisionava o sexo, prazeres e práticas sexuais dentro de um discurso da normalidade.

Nesse sentido,

Se for verdade que ela contribuiu para retirar o caráter perverso das práticas sexuais, por outro lado, ela aprisionou o sexo em novas formas hegemônicas, tais como a ‘ditadura do orgasmo’, entre outras. Ao caracterizar a adolescência como o ‘despertar do sexo’, como a ‘eclosão dos instintos sexuais’, e em termos da ‘explosão dos hormônios’, psicopedagogos e sexólogos indicaram que o ‘conflito’ e a ‘crise’ estão centrados na urgência da necessidade sexual da adolescência, pouco importando se eles consideram relevante permitir, incitar ou barrar a satisfação daqueles impulsos. É interessante observar como o discurso que combate a repressão da “sexualidade adolescente” sequer parece se dar conta de que o sexo e a sexualidade foram justamente aqueles aspectos de que mais se falou em todos os manuais de conduta sexual juvenil (CÉSAR, p. 106. 1998).

Diversos trabalhos como os de Kehl (2004) e Fischer (1996) subsidiam essa discussão, bem como reflexões de Foucault (2007) que possibilitam afirmar que a temida sexualidade adolescente nunca deixou de ser constituída como objeto de uma curiosidade incessante por parte dos especialistas. A busca era por conhecer a sexualidade, os hábitos e as práticas para melhor controle e gestão, para se colocar o sexo em lugar privilegiado de investigações e observações. Central nas discussões da psicologia do desenvolvimento, sabia-se que, fazendo o/a adolescente falar de seu sexo, isso tornaria público as suas verdades.

No entanto, no confronto entre o esperado e a verdade de cada um/a, há um distanciamento considerado e, nesse embate, o modelo ideal esperado tinha se distanciando da verdade pessoal. Em contrapartida, há um lamento pela perda dos valores da moral, do respeito e do amor. Exemplo disso é que pais e educadores ainda se reconhecem perdidos em relação ao educar de jovens e crianças. E foi justamente esse sentimento de impotência, diante da educação de jovens e crianças, o elemento

constitutivo que levou a família, a infância e a adolescência se tornarem objetos de investigação e intervenção.

Mesmo assim, concordo com César (1998), que há de se reconhecer que rupturas e interpretações dadas sobre caracterizações de adolescência, realizadas e reproduzidas em exaustão pelo discurso psicopedagógico, no passar do tempo, não são completas. Muito do passado permanece nas entrelinhas de novas pesquisas e orientam intervenções realizadas no presente, quer seja na família, na escola ou demais espaços sociais. Portanto, é preciso fugir do campo restrito e demarcado com expectativas e respostas prontas, mesmo que permaneça a visão da crise orgânica, psíquica e social que subsidia a produção discursiva na busca da imagem ideal de adolescência e maturidade.

Assim, ao observar as literaturas produzidas nesse campo, nas últimas décadas, percebe-se que

A adolescência vem sendo considerada o momento crucial do desenvolvimento do indivíduo, aquele que marca não só a aquisição da imagem corporal definitiva como também a estruturação final da personalidade. (...) O adolescente não pode ser estudado apenas sob a ótica de suas modificações corporais, pois se é verdade que nelas se radicam as angústias básicas da puberdade, não é menos certo, contudo, que sem o adequado entendimento da crise dos valores por que passa o jovem jamais lograremos compreender o real significado da transformação da criança em adulto (OSORIO, P. 10. 1989).

Podemos pensar em diversos outros autores/as, para além das/os já citadas/os, como: Herculano-Houzel (2005), Castro e Abramovay (2004), Becker (2003), Sprinthall e Collins (2003), Aberastury e Knobel (1981), dentre outros. Para os quais o discurso é de que, somente quando a maturidade biológica é acompanhada de amadurecimento afetivo e intelectual, torna possível entrar no universo adulto.

As mudanças psicológicas que se produzem neste período, e que é a correlação de mudanças corporais, levam a uma nova relação com os pais e com o mundo. Isto só é possível quando se elabora, lenta e dolorosamente, o luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância. Quando o adolescente se inclui no mundo com este corpo já maduro, a imagem que tem do seu corpo mudou também sua identidade, e precisa então adquirir uma ideologia que lhe permita sua adaptação ao mundo e/ou sua ação sobre ele para mudá-lo. [...] mover-se-á entre o impulso ao desprendimento e a defesa que impõe o temor à perda do conhecido é um período de contradições, confuso, ambivalente, doloroso, caracterizado por fricções com o meio familiar e social. (ABERASTURY e KNOBEL, 1981, p. 13).

As descrições citadas mostram que procedem dos anos de 1980 os discursos marcados pelo modelo de busca da felicidade que chegou até nós. Vivo nos manuais

psicopedagógicos dos anos de 1960, ele reapareceu forçando transformação na rigidez dos dispositivos educacionais e familiares, inspirado na percepção higienista. Ainda, nota-se que

O adolescente das últimas décadas do século XX deixou de ser a criança grande, desajeitada e inibida, de pele ruim e hábitos antissociais, para se transformar no modelo de beleza, liberdade e sensualidade para todas as faixas etárias. O adolescente pós-moderno desfruta de todas as liberdades da vida adulta, mas é poupado de quase todas as responsabilidades (KEHL, p. 93. 2004).

Sustentado em Foucault (2007), sabe-se que isso é consequência da introdução de novos elementos de controle e normalização mais refinados e sutis. Refiro-me aqui à compreensão de adolescência enquanto tempo de preparação para o adulto ideal.

Outro fato para observação vem dos anos de 1980 e que ainda perdura nesse início de século XXI. Trata-se da formação discursiva presente em literaturas de autoajuda individualista, referenciada na busca instantânea da felicidade centrada em si mesmo e, de acordo com César (1998), colocada no mercado para aquisição, atendendo fetiches de consumo. Nesse novo formato, trabalhos como o de Castro e Abramovay (2004) assumiram linguagem fluída, cujos conceitos científicos têm por compromisso esclarecer e permitir a autonomia na resolução de problemas, tanto do/a adolescente quanto da família. Tal literatura ocupou o lugar dos antigos manuais, sendo interpretada em perspectivas distintas

No sentido do resgate das instituições, a despeito de sua falência, numa última tentativa de restabelecimento da ordenação do espaço privado da família burguesa e da escola; quanto no sentido do resgate e preservação da própria adolescência, concebida agora enquanto projeção da 'felicidade' perdida dos próprios adultos (CÉSAR, p. 115. 1998).

Portanto, a adolescência deixou de ser uma fase da vida para intervenções da ortopedia disciplinar, tornando-se caminho para a constituição de adultos ideais e transformada em fase concentrada em si mesma. Pelas descrições de Castro e Abramovay (2004) e de Herculano-Houzel (2005), o foco está na possibilidade da alegria e do prazer sem compromissos, felicidade que parece barrada e impossível aos adultos. Seria a felicidade e prazer individual, independente do custo, aqui e agora e mediada pelos fetiches da sociedade de consumo. É agora porque amanhã, como adulto, não será mais possível. Com isso, a adolescência deve ser preservada e resgatada dos

perigos constantes como AIDS, gravidez precoce, drogas, dentre outros.

Também, no discurso da sexualidade, o ilícito foi substituído pela abrupta e dolorosa interrupção da melhor época da vida. Logo, práticas médicas, educativas e de escritos, como os trabalhos de Herculano-Houzel (2005), Castro e Abramovay e Silva (2004) visam à prevenção da gravidez na adolescência. Esses são discursos comprometidos com a preservação para que o status de felicidade não se perca ou venha a ser interrompido. Nesse sentido, César (1998) sinaliza que o deslocamento é profundo e que a adolescência antiga, enquanto projeto de normalização de adulto futuro, deu espaço para uma nova forma.

Adolescência que se constitui como a encarnação de uma 'felicidade' que tem de ser vivida no presente, devendo ser preservada, estimulada e prolongada ao máximo pelos adultos, passa a guardar consigo a idealização adulta das possibilidades da aventura, da experiência, do descompromisso, das pequenas transgressões; mas qualquer descuido poderá quebrar o seu frágil encanto. Se a adolescência não for bem tratada, protegida e compreendida, o seu suposto potencial para a 'felicidade' será recoberto por crises e desajustes que se prolongarão até a idade adulta, reproduzindo-se nas novas gerações (CÉSAR, p. 116. 1998).

Mediante os discursos, normatizações, enquadramentos, controles, dentre outros, resta a alternativa de pensar a adolescência não mais como fase de vida, cheia de características essenciais, mas como forma de múltiplas possibilidades de subjetivação. Formas possíveis em que o mundo pode ser reinventado e vivido por uma diversidade de pessoas, quer sejam crianças, jovens, adultos ou velhos.

Nesse caminho, talvez seja preciso brincar com os modelos constituídos para se criar novas possibilidades de viver e se relacionar com os escombros das instituições estabelecidas, rompendo com os modelos estáticos impostos e estabelecendo um jogo de separar, juntar, reorganizar e inventar formas de inserção no mundo para que se consiga romper com as paredes das redomas postas por muito tempo e de difícil transposição. Outra opção seria dissolver os modelos e encarar realidades que se mostram de muitas faces. Nesse sentido, para César (1998) é preciso

Refletir tendo em vista o campo aberto das possibilidades, pluralizar as instituições e sujeitos que o mundo apresenta como unidades ou totalidades singulares: contra os modelos estabelecidos de adolescências, famílias, maturidades, infâncias e velhices. (p. 124).

CAPÍTULO III

“Devemos não somente nos defender, mas também nos afirmar, e nos afirmar não somente enquanto identidades, mas enquanto força criativa.”

Michel Foucault

Adolescência masculina: potencialidades do poder da norma sobre as formas

O objetivo, no capítulo aqui iniciado, é contribuir para o debate sobre masculinidades de adolescentes e seus correlatos. Então, devido à temática ser envolta por questões de sexualidade e gênero, a arqueogenealogia da adolescência discutida no capítulo anterior será de auxílio para melhor entendimento do tema.

Como já argumentado, enquanto procedência, a adolescência masculina foi problematizada em decorrência da necessidade de contínuo e cuidadoso investimento físico, pedagógico e moral, visando à produção de adulto ideal, ou seja, dentre outros, ser heterossexual, apto ao trabalho, ao casamento e ter filhos/as. Essas afirmativas remetem ao fim do século XIX e início do século XX e, para Foucault (2007), surgiu aí a denominada medicina das perversões e seus princípios que definiram degenerescência como hereditariedade carregada de doenças.

O período citado foi marcado pelo estabelecimento de controle judiciário e médico das perversões, em nome de proteção geral da sociedade e da raça, e as consequências foram construções progressivas e cuidadosas de arquivos de prazeres e de despropósitos sexuais, em que a sexualidade foi registrada, descrita e classificada. Sobre sexualidade, o autor ainda definiu questões importantes: propôs o rompimento da visão naturalizada do tema; a definição da mesma como dispositivo histórico e social; e, também, a identificação das verdades sobre o sexo, que reforçam que a *scientia sexualis*¹³ é a grande, senão a maior, referência de estudos do tema.

¹³Surgida no fim do século XVIII, a *scientia sexualis* desenvolveu-se durante os séculos XIX e XX, sendo entendida como conjunto variado de disciplinas científicas e de técnicas relativas ao comportamento sexual. Enquanto ciência, envolve a pedagogia, a medicina, o direito, a economia e a psicanálise e Foucault (2007) afirma que ela está comprometida com a relação poder-prazer. Prazer em se ter poder sobre o sexo, prazer de vigiar, espiar, revelar, fiscalizar, regular e punir. O autor afirma que há também poder em ter prazer de escapar da fiscalização, da regulação, da punição; de transgredir e de escandalizar.

Para Foucault (2007), inicialmente, o sexo foi interdito e regulamentado pela moral religiosa e passou aos poucos para o domínio da ciência. No transitar, a confissão permaneceu como matriz geral regendo produções de discursos verdadeiros sobre sexo e, mesmo assim, alterada, continuou presa à prática da penitência, perdendo, devido ao protestantismo, a pedagogia do século XVIII e medicina do século XIX, sua situação ritual e exclusiva.

A sexualidade desde o século XVI até o século XIX (...) se deslocou a partir de uma prática da confissão em que as condutas proibidas eram nomeadas, classificadas, hierarquizadas, e da maneira mais explícita, até a aparição inicialmente bem tímida, bem retardada, da temática sexual na medicina e na psiquiatria do século XIX (FOUCAULT, 2011a, p. 61).

As considerações feitas por Foucault (2007; 2010; 2011b) subsidiam afirmar que os discursos sobre sexualidade masculina foram construídos entre os séculos XVIII e XIX. Portanto, a discussão sobre adolescência masculina e sexualidade feita até aqui, já mostra que a realização de pesquisas a respeito do tema, pressupondo-a como etapa de vida e não forma e também marcada por crises, desconsidera o caráter histórico da mesma e insiste em sua naturalização. Sabe-se que desde o início do século XX o tema ganhou vida própria, adquiriu perfil natural e Foucault (2007) explica que não existem regimes de verdades discursivas, pois são produzidas pelo discurso, modificam-se quando as regras sofrem mudanças e subsistem como uma forma.

O balizamento da descrição dos tipos de discurso, chamado de arqueologia do saber, é o que produz efeitos de verdade por estarem permeados pelas consequências do poder que o percorrem. Do mesmo modo, os estudos da genealogia do poder não são estudos estanques, mas instâncias que se entremeiam e trazem como resultado o poder-saber. Assim, no processo é desaconselhável assumir como verdades os discursos sobre adolescência masculina. Ainda é importante reforçar que, sobre o masculino, não há a pretensão aqui de colocar a heterossexualidade como equivalente e defesa de não heterossexuais. A proposta é reforçar a existência de diversificadas estéticas masculinas.

Comumente, a adolescência masculina é entendida e identificada no discurso científico pelos referenciais biológicos. Entretanto, segundo Butler (2003), somado ao que já foi discutido no capítulo anterior, o biológico não tem poder de definição em relação ao gênero. A questão estaria nas relações inter e intrapessoais, em dada cultura e época histórica, em que se determina o que cada um é. Para a autora, os gêneros não são nem verdadeiros ou falsos, mas somente produzidos como efeitos de verdade de

discursos sobre identidades primárias e estáveis. Nisso, surge então o questionamento sobre o que seria o masculino nas discussões de gênero ou o que se entende por masculinidade?

A palavra masculinidade é derivada do latim *masculinis* e circulou na sociedade somente em meados do século XVIII, período de invenção do modelo dual de sexos. Na obra *Masculinities*, de R. W. Connell, publicada em 1995, tida como referencial teórico importante nesse campo de estudo, encontram-se pressupostos auxiliares para tal entendimento. Para este autor, a masculinidade é um longo constructo social e discursivo, elaborada por interações por vezes, conflituosas, sendo construção complexa e, relativamente, precária.

Nesse raciocínio, para Foucault (2007), os corpos dos homens são como corolário da produção de verdade dentro dos discursos, tornando-se objetos sobre o qual eles e sociedade trabalham por meio de práticas corporais, seja comendo, dormindo, asseando-se ou exercitando-se. Connell (1995) ainda afirma que há políticas de gênero condutoras de relações de aliança e de dominação e subordinação entre diversas masculinidades. Portanto, a hegemonia de um padrão de masculinidade não significa controle total sobre outras possibilidades, não impossibilitando de estarem ou serem também submetidas a crises.

Pelo descrito, há outros arranjos sociais nesse campo, consequência das necessidades e vivências de cada um e nem sempre correspondem ao discurso hegemônico de masculinidade. Seriam rotas de fuga, construídas em consequência dos difíceis ajustes. Sobre a masculinidade, de uma forma geral, vem de Badinter (1999), Connell (1995) e Miskolci (2007) sinalizações tanto sobre a criação histórica da masculinidade, quanto suas dinâmicas nas relações sociais do presente.

Ao discutir sexualidade é desaconselhável desassociá-la das questões do gênero. Logo, a masculinidade como tema de investigação, exige localizá-la no campo dos estudos de gênero e isso solicita saberes sobre sexualidade, pois práticas sexuais podem estar inscritas no gênero e revelarem símbolos que socialmente conferem forma para diferenças que ilustram o feminino e o masculino em culturas díspares.

Como filósofo da diferença, Jacques Derrida (2004) possibilita bons entendimentos e significação da questão por meio da chamada complementaridade. Nesse sentido, Miskolsi (2009a) subsidia afirmar que o conceito está referenciado na perspectiva metodológica da desconstrução e que Derridá descreve que nela os

significados são organizados por meio de diferenças e em dinâmicas de presença e ausência. Para o autor citado, na suplementaridade o que parece estar fora de um sistema já está dentro dele e o que aparentemente mostra-se natural é histórico.

Portanto, no campo da masculinidade adolescente, enquanto construção de gênero e seu fortalecimento, é possível entender que a heterossexualidade precisa da homossexualidade para seu fortalecimento e, na medida em que a primeira acusa, sinaliza e condena o menos masculino, o homossexual ou a masculinidade não hegemônica, essas ações acabam por fortalecer a heterossexualidade.

Foi decorrente do campo de conhecimento citado nos dois últimos parágrafos que surgiu a discussão denominada de heteronormatividade – termo criado por Michael Warner, descrito em seu trabalho intitulado *Fear of a queer planet* e publicado em 1991. O vocábulo refere-se ao padrão da heterossexualidade que toma lugar de normal e única, sendo as demais formas tidas como subalternas, clandestinas, ilegais ou anormais. O termo é derivado do grego *hetero*, diferente, e *norma*, esquadro, o qual possui raízes nos princípios de Gayle Rubin (1975) do sistema sexo/gênero e discutido no artigo *O tráfico de mulheres*. Ainda, a heteronormatividade justifica-se nas instituições que legitimam e privilegiam relacionamentos heterossexuais como fundamentais e naturais dentro da sociedade.

O termo é usado para exploração e crítica de normas tradicionais de sexo, identidade de gênero, papel social de gênero e sexualidade e implicações sociais de tais instituições. É também descritivo de um sistema dicotômico de categorização que vincula comportamento social e autoidentidade com o tipo de genitália de cada um. Essas questões reforçam conceituações de que existem fundamentos estritamente definidos de virilidade e feminilidade e comportamentos esperados tanto para mulheres quanto para homens. Ainda, na atualidade, heteronormatividade seria o conjunto de instituições e estruturas de compreensão e orientação prática que, apoiada na heterossexualidade, mantém hegemonia por meio de subalternização de outras sexualidades, impondo seu modelo.

Ao ampliar a discussão, Connell (1995) também afirma existir nos grupos sociais padrões específicos de masculinidades mais respeitadas que outras, conhecido como padrão hegemônico, e acrescenta que as masculinidades estão, por todo tempo, em processo de construção em cada um. Nisso, a produção de um tipo particular de masculinidade exemplar requer uma luta política e, conseqüentemente, a derrota de

outras masculinidades alternativas. Sendo assim, seria então o desejo homossexual sempre reprimido? E o não alcançar do padrão hegemônico de masculinidade, estaria agenciando mal estar e depressão entre adolescentes? Quanto ao desejo homossexual reprimido, ele seria a chave de entendimento do elevado índice de suicídio¹⁴ entre adolescentes do sexo masculino?

Elucidando os questionamentos, diferente de repressão, o que há é a incitação para se falar de práticas sexuais e os desejos mais íntimos, ao invés de calá-los. Os próprios recortes de fala usados nos parágrafos que seguem, deixam perceber que adolescentes são estimulados a dizer de seus prazeres e descreverem suas preferências sexuais. Para Foucault (2007), há uma instigação ao prazer para haver análise, gerar saberes e, conseqüentemente, o direcionamento do que se deve ou não fazer com tais prazeres.

A busca é por verdades do sexo do/a adolescente, sendo revelações que possibilitam averiguações exaustivas para se extrair toda multiplicidade necessária, não havendo economia ao criar mecanismos para que se fale, faça-se falar, descreva, registre e seja provocado tal discurso em diferentes formas e por todos os sujeitos. Então, não se fala menos do sexo ou fala-se dele de outra maneira. Educadores/as, médicos/as, administradores/as, pais estão à frente do que se incita e inibe acerca do sexo. Aí se cumpre o papel do que pode e não pode ser dito e as instituições de poder-saber, como escola, família, igreja, ciência, em especial a medicina, administram estes saberes. A procura é pelo que carregam de moral e direcionamentos comportamentais.

O essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado. (FOUCAULT, 2007, p. 22).

¹⁴ Quanto ao suicídio entre pessoas do sexo masculino no mundo, Arenales *et al.* (2005) apontam que entre 1950 e 1980 as taxas triplicaram; Zwahr-Castro (2005) destaca que de 19 e 54% dos jovens americanos já pensaram em suicídio, sendo prática mais bem sucedida entre homens de 14 a 24 anos. Para Russell e Joyner (2001), esse é o terceiro maior motivo de morte no país em tal faixa etária e, no Brasil, de 26 a 30% dos casos ocorrem entre pessoas de até 24 anos. Para Souza *et al.* (2002) nas regiões metropolitanas brasileiras o suicídio é a sexta causa de óbitos entre pessoas do sexo masculino na faixa etária citada. Também, O'conor (1995) e Remafedi (1991; 1995) afirmam que a taxa de suicídio entre adolescentes é alta e para Russell e Joyner (2001) identidades sexuais estão ligadas a um terço de todo suicídio entre adolescentes no mundo.

E a empregabilidade é por relações sociais, com o objetivo de torná-las submissas a um utilitarismo econômico e político. Foucault (2007) afirma que há por um lado

Um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela. Há por outro lado, prazer que se abrasa por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travesti-lo. Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue e, diante dele, poder que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar ou resistir. Captação e sedução; confronto e reforço recíprocos (p. 52 e 53).

Quanto às possíveis associações do suicídio com questões de gênero e sexualidade, para Gibson (1989), adolescentes fora da norma heteronormativa são duas ou três vezes mais propensos ao suicídio e compreendem 30% desses casos anualmente. Ainda, estudos de Garofalo *et al.* (1998) com 4.159 norte americanos, mostraram que a depressão e tentativas de suicídio entre adolescentes não heteronormativos é de 35,3% e entre heteronormativos é de 9,9%. Tamam *et al.* (2005), ao discutirem tal tendência, citam que a questão tem se agravado nos últimos 25 anos. Ainda, números oficiais da Organização Mundial da Saúde – OMS (2014), retratados nos gráficos a seguir, também sinaliza o fato.

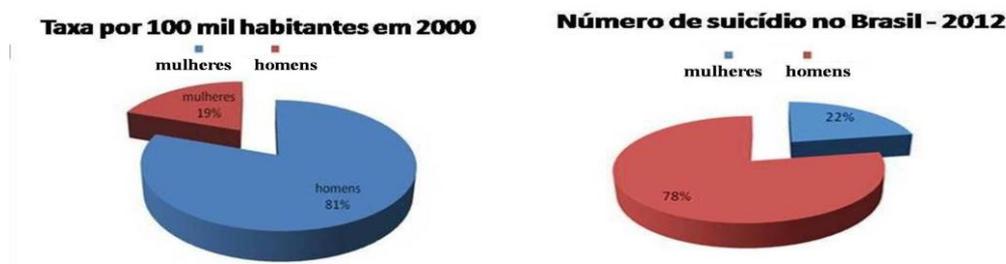


Figura 14 e 15 – índices de suicídio no Brasil em 2000 e 2012– Dados da Organização Mundial da Saúde – 2014

Se os dados e pesquisas nesse campo são insuficientes para sustentar pressupostos sobre suicídio entre adolescentes do sexo masculino e a associação com questões heteronormativas, as taxas são no mínimo intrigantes, suscitam questionamentos, dão margem e possibilitam pressupostos para hipóteses diante da realidade e encontros vividos por adolescentes na construção de suas masculinidades e constatadas nesta tese. Ainda, vêm de Foucault (1982; 1999; 2007) saberes que podem também auxiliar no entendimento da questão, pois, para ele,

mecanismos disciplinares agem sobre todos e há casos em que ocorre sufocamento, podendo desencadear suicídio.

Referenciado em Foucault (2007), percebe-se que o comum é que, em meio aos processos de disciplinarização, sejam edificadas resistências e rotas de fuga, consequência de sua enorme capacidade de escapar. A suposição é de que há circunstâncias em que os sufocamentos exercidos pelos mecanismos disciplinares, impossibilitem edificação de tais rotas, viabilizando a instalação de violência. E teríamos, assim, o suicídio como um caminho ou ponto final daqueles que não conseguem ajustar-se ao normativo ou adaptarem-se às rotas de fuga.

Nesse sentido, Connell (1995), ao se referir aos Sambia, da Papua Nova Guiné, descreve que, entre pessoas do sexo masculino daquele grupo, ocorrem práticas homossexuais e isso não interfere no conceito de masculinidade socialmente aceita entre eles, ou mesmo perceba-se mecanismos disciplinares com tal propósito. Portanto, a cultura ocidental contemporânea, que considera relações homossexuais como sinal de afeminação e incompatível com o padrão hegemônico de masculino, não precisa servir de referência por serem conceitos inversos de um mesmo comportamento. Assim, Madlener e Dinis (2007) discutem sobre outras referências e buscas, no sentido de embates e direcionamentos. Para o autor e a autora,

Se deveria lutar pela derrubada dos atuais padrões sociais – família nuclear, burocratização das relações, casamentos presos a cerimônias tradicionais etc. – e não simplesmente pela inserção da diversidade nesses padrões. [...] Desta forma, esperamos colaborar com uma discussão que vá além da mera luta pela união civil e/ou religiosa, e pela garantia de direitos que nos são impostos como necessários e corretos. Buscamos dar um passo além, mesmo que de forma inicial e teórica, para que todos/as possam recriar novas formas de existência (p. 59).

Pelo descrito, é possível romper com discursos que não passam de normas e interferem na composição das identidades sexuais¹⁵ de adolescentes, sejam eles/elas

¹⁵ É através do dispositivo de sexualidade que a identificação *sexual* instaura-se via inscrição da *subjetividade*, da *individualidade*, em uma ordem sexual totalizadora, podendo o indivíduo concreto situar-se segundo padrões de normalidade sexual, subjetivando-se segundo uma certa organização de sua experiência, conforme os códigos dos saberes legitimados *sobre* o sexo – *sobre* a sexualidade, tomada como dimensão *fundamental* do humano. Compondo, parte, conjuntos/cadeias totalizadoras/conformadoras da ordem do *sexual*. Assim, a identidade sexual aparece, sendo parte/produto de um mecanismo de identificação/subjetivação que coloca o dispositivo de sexualidade em relação à construção de si de cada indivíduo, possibilitando a inscrição/codificação/criação de si como sujeito nos domínios da sexualidade. Ao se ter a sexualidade como dispositivo político e buscando suas implicações com a constituição do sujeito, desloca-se a análise da identidade sexual para a abordagem dos modos de subjetivação, como modos de produção de subjetividade, relacionados ou implicados na formulação de uma identidade sexual. Tal deslocamento cumpre a função aqui, ao mesmo tempo em que se contrapõe à

hetero ou homossexuais. Por conseguinte, há possibilidades de superação de atuais padrões sociais e sexuais dominantes, buscando pelo respeito de novas estéticas da existência e, nessa busca, a teoria *Queer* mostra-se auxiliadora, pois viabiliza o desenvolvimento de estratégias para novos olhares sobre as questões discutidas. Enquanto origem, para Miskolci (2009b), foi Tereza de Lauretis quem usou o termo *Queer* pela primeira vez.

Surgida nos Estados Unidos e Europa no fim da década de 1980, a teoria é procedente dos estudos culturais norte-americanos voltados para discussões feministas. Ela é comprometida em compreender de que maneira a sexualidade estrutura a ordem social contemporânea e baseada na filosofia pós-estruturalista. Ainda, referenciados/as nas obras de Foucault e Jacques Derrida, as/os teóricas/os *Queer* têm fornecido base para entendimentos de temas complexos como o debate suscitado neste trabalho.

No campo do enfoque teórico, a teoria *Queer* tem possibilitado mudanças no foco dos estudos sobre homossexualidade para questões geradas pelo binarismo hetero/homo, sublinhando sua centralidade como princípio que organiza a sociedade contemporânea. Como questão importante para o aporte teórico desta tese, a teoria *queer* subsidia possibilidades de atenção mais crítica sobre política do conhecimento e de diferenças, viabilizando distinção entre tais questões e estudos de gênero.

Os estudos Queer se diferenciariam dos estudos de gênero, vistos como indelevelmente marcados pelo pressuposto heterossexista da continuidade entre sexo, gênero, desejo e práticas, tanto quanto dos estudos gays e lésbicos, comprometidos com o foco nas minorias sexuais e os interesses a eles associados. Cada uma dessas linhas de estudo tomariam, como ponto de partida, binarismos (masculino/feminino, heterossexual/homossexual) que, na perspectiva Queer, deveriam ser submetidos a uma desconstrução crítica. Queer desafiaria, assim, o próprio regime da sexualidade, ou seja, os conhecimentos que constroem os sujeitos como sexuados e marcados pelo gênero, e que assumem a heterossexualidade ou a homossexualidade como categorias que definiriam a verdade sobre eles (MISKOLCI; SIMÕES, 2007, p.10-11).

No campo das questões da adolescência masculina, observa-se que os embates estão centrados no ser para os outros e ao mesmo tempo o tentar negar-se. Um fortalecer-se por meio de identidade heterossexual e corpo trabalhado para expressar uma heterossexualidade masculinizada, normativa, tida como padrão aceitável. Seriam, talvez, mecanismos de fuga em meio ao processo de normatização. O recorte de

análise pela categoria identidade sexual, de permitir investigá-la sendo parte de um dispositivo produtivo relacionado à “subjetividade”, problematizando-a em termos das construções éticas (FOUCAULT, 1995).

comentário a seguir possibilita perceber tais questões, assim como os mecanismos de poder que operam nesse campo.

Às vezes opto por ser calado por vergonha, tenho medo de expor um pouco minha opinião e falar o que não devo. Falar algumas coisas que talvez deixasse as pessoas em dúvida sobre minha sexualidade e isso servir como motivo de julgamento e cobrança. Em casa, em relação a minha mãe, ela recusaria um pouco, mas depois não sei se ela aceitaria de boa (S3).

No fragmento, percebe-se o poder do discurso heteronormativo em diferentes espaços. É ele quem permite o expressar, de maneira ambígua e contraditória, o que deve ser dito e não dito, quem deve dizer e quem deve silenciar, instituindo-se em verdades e certezas sobre gênero e sexualidade e também demarcando lugares da norma e da marginalidade. Ortega (2003) afirma que na atualidade há preocupações na recuperação da aparência, como marca da civilidade de outrora. Para o autor, as sociabilidades sadias têm exigido possibilidades de fingimento e de distinção entre o que se aparenta e o que se é. O tema também é perceptível no recorte de fala a seguir.

Eu me calo em relação a minha convicção sexual porque prefiro as coisas no anonimato. Me sentiria mau se minha família soubesse que eu sou gay, que gosto de garotos. Eu acho que na vida a gente tem que ter alguns segredos, um dia ainda conto. Acho que eles ainda não estão prontos, na verdade nem eu estou, tenho muito medo da reação das pessoas. (S3)

Ao observar o fragmento, há de se interrogar o que desencadeia tal medo, o segredo e o não estar pronto para ouvir e falar. Em contrapartida, há de se pensar também na necessidade de confessar que envolve todos e em todo tempo. O entendimento dessas questões está nas relações sociais, uma vez que nascemos inseridos nelas e por meio delas nos constituímos sujeitos. Sendo assim, somos forma que muda a todo tempo e de tempos em tempos e a consequência é não se ter um lado para se estar ou mesmo tomar partido. Trata-se de posições momentâneas e sujeitas a mudanças constantes. Nisso, percebe-se o conflito pessoal de luta entre o silenciar e o confessar e, como subsidia Foucault (2007), é um confessar que procede de práticas disciplinadoras e normalizadoras, contribuindo, como afirma Miskolci (2006), para classificações, clandestinidades e subalternizações.

Observam-se aí campos de forças, mecanismos disciplinadores que incidem sobre o/a adolescente, com potencialidades para que a heterossexualidade seja

constituída, force o silêncio e alimente o discurso de negação. Tais questões coincidem com conceituações feitas por Butler (2003) de que gêneros não são nem verdadeiros ou falsos, mas somente produzidos como efeitos de verdade de um discurso sobre identidades primárias e estáveis. Nesse raciocínio, o próximo fragmento de comentário traz as seguintes conceituações e afirmações

Eu não digo para ninguém, mas me considero um bissexual pelo fato de já ter tido relações com pessoas do mesmo sexo, mas me considero mais homem por nunca ter tido uma relação passiva, e não ter vontade ou atração por isso. O fato é que eu gostaria de não ter vivido isso, mas faz diferença pra mim. Até porque nunca me chamaram de gay. Só o fato de ser o “popular” e “garanhão” faz com que poucas pessoas achem que eu seja gay. (S9)

Novamente o silenciar sobre homossexualidade está manifesto no recorte, para além disso, observa-se também a busca por sustentar uma identidade sexual masculina heterossexual como um ajuste e consequência da resistência. Essas peculiaridades fortalecem o conceito de potencialidade da questão na constituição de sujeitos. O entender-se bissexual, mais heterossexual ou mais homem, optar por um determinado tipo de prática sexual com o uso fálico para que, mesmo em relações homossexuais, uma possível e aparente heterossexualidade seja mantida, o assumir determinada conduta pública que permita também tal identificação, reconhecimento e fortalecimento dentro do campo heteronormativo. Todas são afirmativas que exemplificam o campo de força da norma que está colocada sobre todos e a todo tempo.

Percebe-se que a busca é por ajustar-se à norma, o estar nela e consequência de uma resistência. A questão mostra que há um poder que permeia os posicionamentos e sinalizam que gêneros se produzem na e pelas relações de poder. Aí está a potencialidade da heterossexualidade tida como padrão. Trata-se de demarcação que viabiliza sujeitos sentirem-se em determinado lado, a partir de determinadas condutas, mesmo entendidos como possuidores de identidades outras. Apoiado em Butler (2003), sabe-se que masculinidades normativas, devido a seu poder de ajustar-se e ajustar, vêm cumprindo seu papel genealógico de centrar e descentrar instituições definidoras do chamado falocentrismo. Seriam categorias de gêneros masculinos e que solicitam um revisar desse próprio conceito.

Essas são questões que remetem ao conceito de sexo único e predominante até o século XVIII. O conceito concebia diferenças entre homens e

mulheres, em que ser um/a ou outro/a estava determinado pelo lugar social e não por suas diferenças. Butler (2003) argumenta que esforços em estabelecer um mundo masculino e um feminino são frutos de matriz heterossexual. Desde a especulação marxista de Friedrich Engels, passando pela antropologia estruturalista de Lévi-Strauss e reflexões de Jacques Lacan, chegando aos apontamentos da psicanálise freudiana, todas tiveram como eixo e base central, a denominada heterossexualidade compulsória. Para a autora,

Se a diferenciação do gênero decorre do tabu do incesto e do tabu anterior da homossexualidade, então, 'tornar-se' gênero é um laborioso processo de tornar-se naturalizado, processo que requer uma diferenciação de prazer e sede partes corporais, com base no significado com características de gênero. Diz-se que os prazeres residem no pênis, na vagina e nos seios, ou que emanam deles, mais tais descrições correspondem a um corpo que já foi construído ou naturalizado como portador de traços específicos de gênero. Em outras palavras, algumas partes do corpo tornam-se focos concebíveis de prazer precisamente porque correspondem a um ideal normativo de um corpo já portador de um gênero específico. [...] A questão de saber que prazeres viverão e que outros morrerão está frequentemente ligada a qual deles serve às práticas legitimadoras de formação da identidade que ocorrem na matriz das normas de gênero. [...] Os limites do real são produzidos no campo da heterossexualidade naturalizada dos corpos, em que os fatos físicos servem como causas e os desejos refletem os efeitos inexoráveis dessa fisicalidade. (BUTLER, 2003, p.107-108).

O posicionamento vem do século XIX, período marcante e que referencia a história da sexualidade enquanto ciência. Como já descrito, neste período se iniciaram discussões sobre o paradigma da sexualidade, enquanto entidade natural, possibilitando que a temática ocupasse espaço central e se separasse o normal do anormal e, no campo das questões sexuais, a heterossexualidade foi considerada normalidade. Então, como temática relevante para essa discussão, os fragmentos de fala mostram que há aqueles que buscam estar no campo do normal.

Essa discussão suscita regularidades e condições sócio-históricas de produção dos discursos que recaem nas constituições de sujeitos e a Epistemologia do Armário, desenvolvida por Sedgwick (2007), é auxiliadora nesse entendimento. Como uma das obras fundadoras da teoria *Queer*, para a pesquisadora, o armário trata-se um regime de conhecimento marcado por falso dilema entre estar dentro ou fora, pois de qualquer forma se mantém preso a certas relações de poder. O fragmento de fala do participante seguinte serve de referência para essa discussão

Acredito que as coisas sempre foram complicadas, mesmo quando eu ainda

não tinha ficado com homens. É que eu não sabia, estava confuso aí quando eu comecei a namorar me defini. Até então eu não queria que ninguém soubesse e por causa disto eu não vivia minha vida. Ficava preocupado com o que a sociedade iria pensar. Na escola eu sempre era o cara zuado, aquele que todos chamavam de viado. Com isto eu me isolei de tudo. Já fiz tratamento com psicólogas e sempre sofri calado, sempre ria para agradar os outros e passava noites chorando. (S12)

Confirma-se novamente aqui a força exercida pelo campo da heterossexualidade que, incidindo sobre o sujeito em construção, gera questionamentos entre o ser e não ser, o permanecer escondido ou tornar-se público. Contudo, o dilema está nas consequências de qualquer uma das opções. Nisso, é importante entender que

É preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos (FOUCAULT, 2008, p. 30).

Mediante tal afirmativa, a forma adolescente, não ajustada ao padrão heteronormativo, está na condição de vida precária, destinada ao se negar e viver em terreno hostil? E o reconhecimento da não adequação ao esperado, tem sido o motivo para rechaços sociais? Em relação aos questionamentos, o fragmento que segue apresenta conceituações consideráveis:

Eu não queria ser gay, queria ter uma família normal uma mulher, filhos, queria ser o que a sociedade classifica como “normal” porque sempre quis ter filhos, esposa. Isso foi no período em que comecei a gostar de um colega de escola. Me vi gostando de homem e que talvez eu nunca ficasse com ele imaginando gostar de um hetero. Isso era ruim, eu não queria ser gay. Ser gay significa estar sempre sendo cobrado, julgado, as pessoas parecem até ter medo de você em certas situações. É como se fôssemos doentes, com doença contagiosa que pega nos outros. (S3)

Independente de forma ou caminho, a homossexualidade emerge e o comentário pressupõe isso, o qual ocorre mediante mecanismos de cobrança, de julgamento, podendo haver enquadramento até no campo do patológico e contagioso. Para Miskolci, (2011a) essas questões justificam motivos de ofensa e Foucault (2007) explica que o poder é produtor de individualidades, de mais poder, de segregação, mas também de junção, que não vem de cima para baixo, mas que se espalha, configurando-se em micropoderes eficientes, produtivos e seus efeitos podem ser até autoritários. São condições impostas para o não ser gay, obrigatoriedades para se constituir família

normal com mulher, o ter filhos, para assim se receber o reconhecimento social de normalidade. É possível perceber no contexto, ainda, a força de um referencial identitário em que ser homem significa cumprir papéis de ter filhos e compor casamentos heterossexuais e, não estar na norma, significa ser cobrado, julgado, podendo desencadear medo.

Seriam campos de forças em que o poder heteronormativo estende seus tentáculos sobre todos e, sem exceção, mecanismos disciplinares impostos sobre condutas. Trata-se de um poder que tem justificado edificação de referenciais identitários em que o homossexual quer casar. Essa questão pode ser percebida na busca da legalização de casamentos gays, no adotar de filhos e no assumir de padrões heteronormativos. Percebe-se nesse movimento um sufocamento do sujeito com os mecanismos disciplinares, levando-o a ajustar-se à norma. É a força do poder que age sobre todos, inclusive, suspeitos ou quem está comprovadamente fora da norma. Nesse sentido, o participante faz a seguinte afirmativa

Eu me sentia sufocado, e até vigiado por mim mesmo, pois eu achava que se eu fizesse uma brincadeira as pessoas iam me julgar sobre algo que nem eu mesmo sabia se eu era ou não. Eu não sei por que, só sei que simplesmente existia. E ninguém ficava pegando no meu pé por isso. Eu mesmo ficava atento às brincadeiras e comentários, pois eu não tinha argumentos pra me defender caso surgisse alguma acusação de eu ser gay, mas me incomodava isso (S4).

Observa-se no fragmento de fala os processos de assujeitamentos que se constituem pelos jogos de verdade em que sujeição e liberdade estão presentes. Os jogos de verdade referem-se ao conjunto de regras de produção da verdade e de mudanças das regras que produzem verdades. São procedimentos em que as práticas de sujeitos servem para instituir ou destituí-los. No entanto, para Foucault (1999), onde há poder sempre há resistências, sendo um coextensivo do outro e nunca é preciso alguém ser pego pelas armadilhas do poder, desde que seja modificado o domínio ou se esteja apropriado de condições específicas e de estratégias precisas. Ainda, vale pensar que o campo de disseminação do poder não é sombrio ou estável, mas sempre possibilita lutas.

Trata-se de um campo que permite deslocar-se da rebelião à dominação, da dominação à rebelião ou simplesmente acomodações aos modos de assujeitamentos e docilização. Assim, outro caminho possível seria o desconstruir dos conceitos de

masculinidades e sexualidade hegemônicas entre adolescente, mediante complexidades e contradições dessa construção. Uma possibilidade de discutir essas questões é pensar que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, mas também obstáculo, ponto de resistência ou ponto de partida de uma estratégia oposta. Para Foucault (2011a), o discurso é veículo que produz poder, reforça, mas também desarticula, desmonta, desabilita, expõe, debilita, permitindo que seja barrado.

Em relação aos recortes, eles também sinalizam dificuldades de enfrentamentos mediante discursos normativos que corrompem e submetem ao poder da norma. Todavia, não existe um discurso de poder de um lado e, em face dele, um outro contraposto. Assim, auxiliar e buscar por respeito aos que vivem nas margens, no duelo entre poder e resistência, o normal e o anormal, dentro da norma ou desajustado, seria um caminho a seguir? Quanto aos dois lados, foi a partir do século XVIII, com fortalecimentos de discursos medicalizados, que se definiram binariamente papéis sociais de homens e mulheres para o novo modelo urbano, capitalista e industrial. Para Foucault (2007), a transição entre época clássica e moderna foi fundamental na construção do conceito de sexualidades e, conseqüentemente, de masculinidade hegemônica no ocidente.

Sabe-se que desde a criação de instituições disciplinares como escolas, hospitais, prisões e exército, até o surgimento das sociedades burguesas e industriais, com todo valor de moral, havia pontos comuns entre todas elas, ou seja, produções de sujeitos modernos, incluindo o ideal de masculinidade. Entretanto, a crise das significações sociais elaboradas e sancionadas culturalmente na modernidade, gerou enfraquecimento, surgindo assim, a controvertida sociedade pós-moderna, tão debatida e contestada. O que houve foi o esfacelamento e esgotamento da modernidade.

Para Oliveira (2004), seria uma crise e diluição do modelo hegemônico de masculinidade, flexibilizando padrões estigmatizados, considerados anteriormente como anormais e ininteligíveis, tornando-os agora inteligíveis e passíveis de existência. Portanto, em consonância com o teórico, os fragmentos de fala já inseridos nessa discussão vêm pressupondo isso. Então, afirmar que a modernidade produziu somente um modelo de masculinidade é um equívoco. Basta observar os inúmeros modos de visualização dos corpos masculinos discutidos aqui. Ela tem produzido diversas formas de se viver o masculino, contudo, tornando visível apenas

uma e colocando as demais possibilidades na margem, na periferia da masculinidade hegemônica.

Conforme Connell (1995), a forma hegemônica tem outras masculinidades agrupadas em torno dela, visto que existem diferentes formas de usar, sentir, e mostrar os corpos masculinos. Os recortes de fala também parecem sinalizar tal questão e justificam a importância de não se falar masculinidade e sim masculinidades em suas pluralidades de formas. Ao indagar sobre o que poderia ser entendido por masculinidades, o autor ainda orienta

Deixem-me oferecer uma definição – breve, mas razoavelmente precisa. A masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estruturadas relações de gênero. Existe normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de “masculinidades” (CONNELL, 1995, p.188).

A masculinidade não é singular, é plural e, inserida numa perspectiva de gênero, é muito mais ampla que simples definições dadas na biologia. Ela é complexa, não natural, engloba economia, estado, família e sexualidade. Ainda, a passagem do termo masculinidade para masculinidades confirma o enraizamento cultural do gênero e explicita sua imersão nas relações de poder e na dinâmica biopolítica da sociedade. Portanto, pode-se afirmar que masculinidade, como construção cultural, está fundamentada na história e nas políticas de gênero

As culturas patriarcais definem a masculinidade como um ideal e, como tal, é um ideal não alcançável. Os esforços da maior parte dos homens para se conformarem ao ideal de masculinidade são como tentar subir uma montanha que não tem topo – eles lutam com determinação, mas nunca chegam. No entanto, os esforços dos homens em se conformarem à masculinidade ideal também se vincula à reprodução da ordem maior de gênero. (SABO, 2002, p.40).

Referenciado nos fragmentos de comentários aqui inseridos, percebe-se que os discursos do biopoder e da biopolítica, através dos mecanismos da heterossexualidade compulsória, foram e continuam sendo centrais para produção de tipos de masculinidades. É a norma quem sanciona todos e, sendo assim, o continuar a discussão, viabiliza aprofundamentos sobre discurso, gênero e sexualidade. Então, a partir de conceitos de masculinidade, a busca será por assim fazê-lo.

Adolescência masculina: gênero, sexualidade, construção e desconstrução

Pelo já descrito, o tornar-se homem ocorre por meio dos projetos de gênero masculino com os quais os sujeitos em construção se envolvem e pelo pertencimento a determinados grupos, nos quais há regras e maneiras complexas para construírem-se e se fazerem pertencer ao modelo de masculinidade hegemônica existente (CONNELL, 1995). Também, é por meio dos discursos que ocorre a sedimentação do saber capaz de fixar os corpos na identidade masculina (FOUCAULT, 2007).

Sobre gênero, Scott (1995) mostra que, enquanto discurso, trata-se de categoria socialmente imposta sobre um corpo sexuado, mas que, devido à proliferação de estudos sobre sexo e sexualidade, o termo tornou-se palavra particularmente útil, por oferecer meios de diferenciar práticas de papéis sexuais atribuídos a cada um/a. Weeks (1986) fortalece esse conceito afirmando que

O gênero (a condição social pela qual somos identificados como homem ou como mulher) e a sexualidade, (a forma cultural pela qual vivemos nossos desejos e prazeres corporais) tornaram-se duas coisas inexplicavelmente vinculadas. O resultado disso é que o ato de cruzar a fronteira do comportamento masculino ou feminino apropriado (isto é, aquilo que é culturalmente definido como apropriado) parece algumas vezes, a suprema transgressão (WEEKS, 1986, p. 45).

Tomando como referência Connell (1995), as masculinidades são configurações práticas em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero, sendo construídas e reconstruídas pela história e pela cultura, sujeitadas nas relações de poder e, por isso, não devem ser tomadas como realidades imutáveis e objetivas. Para Badinter (1999) e Connell (1995), o ser homem exige o tornar-se homem, sendo processo construído e conquistado ao longo da vida e, desviar-se de tal caminho, como exemplificado, tem sido visto como ameaça constante à virilidade, independente do momento, idade ou fase vivida. Como já dito, construídas ao longo da vida, masculinidades são constructos frágeis e inacabados e o recorte de comentário a seguir serve como exemplo dessa afirmação

Tenho que admitir que fico com medo do que pensam quando eu falo ou faço certas coisas que são comuns para mim. Minha pergunta é se eles aceitariam ou reprovaram minhas atitudes. Eu sofro justamente por achar que deveria ser um cara forte e ainda não sou, que deveria ser como quero mais ainda não me acho pronto, mas aí eu deixo os outros me corromperem e não fico satisfeito por saber que sou melhor em outros pontos de vista como o intelectual. Mas, como homem, sei que estou me construindo, preciso de

calma, mas fico com medo de que nunca acabe isso (S4).

O fragmento possibilita perceber que, assim como no decorrer da vida, os padrões de masculinidade na adolescência são edificados pelo discurso, sendo importante perceber sua organização, que efeito tem e a forma como conceitos atribuídos saíram do campo do discurso e assumiram a condição de verdade natural, ou seja, retratando nos corpos seus discursos. Eles permitem perceber que o discurso divulgado, defendido e aplicado está ligado à biopolítica, em que mecanismos normalizadores e regulatórios implicam um jogo de saber-poder de controle sobre a vida e por meio das práticas sexuais.

A partir da breve discussão sobre relações de poder, tais conhecimentos ampliam a percepção da perspectiva construcionista já citada. Ela permite afirmar que sexualidade e gênero de adolescentes do sexo masculino são construções históricas por meio do discurso e não devem ser vistas como natural. Para Foucault (1999) é preciso olhar o discurso arqueologicamente devido à possibilidade do aceite da verdade como conformação histórica. Isso ocorre a partir das normas internas dos saberes de certo contexto e, por meio da análise de contradições, pois

O discurso é o caminho de uma contradição à outra [...] fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições é mostrar o jogo que nele elas desempenham; é manifestar como ele pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência (Foucault, 2007, p.173e174).

As afirmativas possibilitam entendimentos sobre contextos de vida de adolescentes, enquanto sociedade, em que discursos de sexualidade e gênero estão sustentados sobre referenciais da medicina higienista e da eugenia e com objetivo disciplinador, corretivo e normalizador. No entanto, embora o autor reconheça a importância nesse discurso, a conceituação e interpretação dada na sociedade não têm atingido plenamente o desafio cabível à questão. Louro (1999; 2004; 2009), Miskolci (2006; 2009a; 2011a) e Dinis (2008; 2011) auxiliam na percepção de que contribuir para a ampliação de debate nesse campo de conhecimento tem sido uma necessidade.

Presente na sociedade e enfaticamente difundido nas mídias, discursos da medicina higienista no campo da adolescência, sustentam-se em princípios fisiológicos e preventivos, concebendo a forma como período de riscos e de doenças sexualmente transmissíveis como AIDS, sífilis, hepatite, herpes, vulnerabilidade à gravidez e ao uso de drogas, sendo postura presente na escola desde o século XIX. A questão é que

ajustado aos interesses de cada época, esse discurso fortalece o falso conceito de adolescência masculina como fase e sinônimo de vulnerabilidade. Vale ainda acrescentar conceitos sobre eugenia, termo usado por Francis Galton, que se refere ao *bem nascido* e estudos dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer qualidades raciais de futuras gerações, quer seja física ou mental.

Para Foucault (2007), a eugenia surgiu no século XIX, período marcado pelo desenvolvimento de tecnologias do sexo, ordenada em torno dos saberes médicos. Seu desdobramento foi a associação entre perversões e hereditariedade, desencadeando o surgimento do projeto estatal e médico, com finalidade de gerir e controlar a sexualidade da população, incluindo projetos de masculinidade útil. Presente no Brasil desde 1910, ela tem associação direta com o estado de saúde, saneamento, higiene e situação racial da população e agrega ainda perversão, hereditariedade e degenerescência¹⁶.

Como já discutido no capítulo anterior, presente nos discursos, ela fortaleceu conceitos médico higienistas de adolescência masculina como fase de riscos e de vulnerabilidade, contribuiu para que sexualidade e gênero dos mesmos fossem alvo de análise, observação e controle e exigiu compromisso disciplinador e corretivo. Com isso, seus sexos tornaram-se objeto de conhecimento, pois viabilizou análises minuciosas e exaustivas, feitas pela medicina, forçando a permanência da temática na escola, sendo temática bem sinalizada no capítulo II.

Motivada pela possibilidade de alcance dos objetivos médicos, referente ao controle das problemáticas sexuais na adolescência masculina, Foucault (1982; 2007) afirma que a intenção foi de controlar corpos por meio de mecanismos de adestramento, disciplina, docilização, maior utilidade possível e controle dos mesmos como espécie. O objetivo era organizar função biológica e questões populacionais referentes à natalidade, mortalidade e longevidade. Essa é uma crítica em relação a medicina higienista: reforça

¹⁶ **Degenerescência** do francês *dégénérescence* e latim *degeneration*, significa perder qualidades próprias ou ancestrais. Acredita-se que, como princípio fortemente impregnado de perspectivas religiosas, o homem teria sido criado, perfeito, por Deus e a degeneração seria a consequência do pecado original e consistiria na transmissão à descendência das taras, vícios e traços mórbidos adquiridos pelos antecessores. À medida que fossem transmitidos através das gerações, seus efeitos tenderiam a se acentuar, levando à completa desnaturação da linhagem e chegando a extinção pela esterilidade. Na história a degenerescência constitui uma demonstração concreta de que as relações entre a hereditariedade biológica e a moral são muito mais intrincadas do que se admite (PEREIRA, 2008).

necessidades de controle e concebe a adolescência restritamente como período de desejos, de libido sexual aflorado e carente de ajuste.

Mediante o exposto, contribuir para desconstruções de conceitos erradamente postos e estabelecidos historicamente, torna-se um desafio. Trata-se da forma como adolescência masculina tem sido entendida. São modos que podem contribuir para desajuste ou agravar e prolongar conflitos. Procurando expandir tal discussão, a procura agora será por entender os sentidos de subjetivação, objetivação, saber, poder e resistência dada no campo do masculino.

A construção da forma adolescente

Quanto à subjetivação, trata-se de reforços nas constituições de sujeitos e mecanismos de poder e de vontade de verdade que atravessa cada um/a. É a ética enquanto constituição de si, como sujeito para si mesmo e de seus próprios atos, e ética que passa por tal vontade de verdade. Seria saber de si para si em uma procura de verdades centralizadas. Foucault (1995) possibilita afirmar que a subjetivação refere-se ao processo constitutivo de cada um/a e como mecanismo que possibilita objetivação, que a seu turno, seria então, o conceito, o preconceito, aquilo que é descritivo de alguém, a partir do referencial dado por quem vê e observa.

Sobre os modos de subjetivação, inicialmente vale afirmar sua potencialidade em produzir sujeitos singulares que, mostrados por meio de discursos uma vez mobilizados, são identificados facilmente em cada pessoa e, na discussão, aqui desenvolvida, é importante possibilitar uma reflexão sobre verdades que envolvem as construções de adolescentes masculinos. Isso demanda discussões de tecnologias do eu como forma de subjetividade moderna, a qual produz, sob uma injunção geral do poder saber, a verdade da pessoa, sendo movimento que retira das profundezas do inconsciente de cada um/a suas verdades. São aparatos voltados para que todos/as continuem sendo produzidas/os e reproduzidas/os por meio dos dispositivos da sexualidade, como afirma Foucault (2007).

A percepção de que adolescentes são objetivados/as e subjetivados/as possibilita novas éticas que os/as problematizem sem obrigações vindas de códigos de que eles/as precisam se confessar ou temer que tais códigos tenham sido burlados. Portanto, éticas não prescritivas poderiam ser produzidas para o surgimento de uma nova subjetividade, se apoiadas em outras práticas de si e tendo relação com a verdade,

mas, para tal, precisa não estar atrelada aos discursos cientifzantes ou contribuir para as produções dos mesmos.

No entanto, o reconhecimento da existência de outras possibilidades de masculinidades, de outros arranjos sociais, consequência das próprias necessidades de cada um, se faz necessário e, para identificá-los, basta observar embates sociais vivenciados e descritos nos fragmentos de fala presentes na discussão aqui desenvolvida. Os recortes pressupõem que entre adolescentes a homossexualidade é usada para o fortalecimento da heterossexualidade, que, na medida em que acusa, sinaliza e condena masculinidades não hegemônicas, tais ações servem para o fortalecimento da heterossexualidade. São embates centrados no ser para os outros/as e ao mesmo tempo o tentar negar-se, o esconder-se por trás de identidades heterossexuais e o fragmento parece exemplificar isso

Nas relações homossexuais sempre fui o ativo da relação e transava iludido por uma "amizade verdadeira". E isso era o argumento que usado toda vez que eu reagia contra o ficar junto para transar. Minha experiência nessa área foi só com um homem. Só transei com alguém do mesmo sexo com uma pessoa, sentia ereção, ejaculava, mas sou homem. Eu entendo que eu era muito sozinho na infância, por isso achava que aquilo que vivia com o cara me levaria a uma amizade verdadeira, mas a meu ver eu nunca tive o amigo que sonhava mesmo transando. (S9)

O recorte de comentário possibilita resgates de discussões feitas sobre potencialidade da heterossexualidade e, para além disso, fortalece conceitos de que construções da masculinidade é desafio complexo, inacabado e que o não alcance pleno do padrão hegemônico sinaliza motivos de desajuste e conflito sobre o conceito de si mesmo, ou seja, de sua subjetividade. Uma vez fora da norma, como o recorte mostra, há prazer e ao mesmo tempo busca por reconhecimento ao ajuste.

Vejo todo o meu envolvimento com alguém do mesmo sexo como atraso na minha vida. Tenho medo que isso venha comprometer-me como homem. Me relacionar com alguém do mesmo sexo sem vontade, mesmo tendo ereção e fazendo sexo oral, aquilo me deixava com tanto ódio depois. Mas eu não reagia, só pensava. Mas não acho que tem haver, porque me sinto homem, sou macho e não concordo que eu seja gay. As pessoas não desconfiam disso, para elas sou hétero então eu sou. (S9)

O fragmento de fala pode servir como sinalização do campo de forças subjetivadoras que incidem sobre o adolescente e, embora viva dilemas e negação

verbal sobre suas vivências homossexuais, acomoda-se pelos modos de objetivação que o envolve. Ao afirmar que faz sexo com alguém do mesmo sexo, ocorrendo ereção e sexo oral, há aí uma subjetividade, contudo, sente-se homem, macho, não concorda em ser gay, ou seja, acomoda-se em processos de objetivação e ao confortável campo normativo.

Contudo, o adolescente que vive na luta contra si e pressionado ao autoexame é alguém subjetivado, edificações manifestadas em seus atos e seu corpo e isso possibilita também sua objetivação. Ao olharem para si, bom seria se pudessem continuar suas subjetivações sem pressão e extorsão da verdade, da classificação, da patologização e normatização. Auxiliado no pensar de Fernandes (2012), a aposta é que eles possam continuar suas subjetivações em contexto de vida prazerosa, sem que o desejo seja alvo de escuta, se edificarem como sujeito moral de seus atos e não ter pretensões ou necessidades ao enquadramento de uma moral universal, pois não há verdades soberanas. Mediante as afirmativas, é desnecessário se pensar sob o julgo de que tudo tem uma razão de ser. Afinal, somos finitos e nem isso é entendido como fonte de certezas.

Ao afirmar que adolescentes são constituídos/as por meio do discurso, interessa, sustentado em Fernandes (2013), refletir também sobre relações de poder, uma vez que inscritos nelas e discursivamente produzidos/as, apontam para posições-sujeitos e essas posições integram exercícios de poder que se opõem. São relações complexas que constituem os discursos, implicando a produção da subjetividade. Foucault (1995, p. 89) diz que o poder está em toda a parte; não porque englobe tudo, e sim porque é promovido de todos os lugares. Então, é no social que se definem posições de cada um, inclusive não fixas, mas, marcadas por mutabilidade e possibilitado pelo discurso (FERNANDES, 2012).

O discurso explicita suas formações e transformações históricas e implicações e determinações na produção das subjetividades. Para o autor, são marcas dos sujeitos e trata-se de movência, deslocamentos e transformações constantes na formação dos mesmos e na produção da subjetividade exercidas pelos discursos sobre eles. Portanto, é na vontade de verdade que se revela um posicionamento do adolescente masculino frente ao que o envolve, mostrando também uma inscrição dos que, muitas vezes, estão fora da ordem social. Ocorre que, colocando em prática tal verdade, o

emanado de seu interior entra em contradição com os discursos autorizados e circulantes de normatividade.

A indagação e afirmativas sobre a construção das masculinidades adolescentes pressupõem que em todo tempo, subjetivação e objetivação estão submetidas aos mesmos dispositivos na escola, na família e nas diferentes relações sociais em que se é envolvido e se envolve. Essas condições facilitam entender forças e potencialidade da norma, pois são regras e procedimentos de alteração e moldagem, identificadas na psicologia, na educação e na medicina higienista e voltada para objetivar cada um/a.

Para percebê-las, basta observar os procedimentos dos conselhos tutelares para menores infratores e seus discursos, percepções psicanalíticas do adolescer e o comum discurso social sobre o tema. Soma-se ainda, os discursos preventivos, prescritivos, anatômicos e fisiológicos presentes na escola – todos cheios de vontade de verdade, apoiados e exercidos em instituições que realizam sobre os outros discursos, pressão e poder de coerção (FOUCAULT, 2011a).

O autor citado, assim como Woodward (2003), Araújo (2000) e Fonseca (2003) possibilitam problematizar o/a adolescente e sua subjetividade a partir de indagações como: que força os edifica? Quais são as relações de poder que o constroem? Quais saberes modernos os produzem nos diversificados campos? Deslocando os conhecimentos sobre subjetividade para o sentido do corpo, ainda indago: de que forma o corpo do adolescente é produzido? Como se constroem sexualidades de adolescentes masculinos e como ela é utilizada? De que maneira são subjetivados? Fernandes (2012) e Araújo (2000) auxiliam dizer que discorrer sobre subjetivação de adolescentes não significa entrar na interioridade deles/as ou mesmo querer alcançá-la pela exterioridade. Ainda, Foucault (2004b) afirma

[...] eu diria que, se agora me interessa de fato pela maneira com a qual o sujeito se constitui de uma maneira ativa, através de práticas de si, essas práticas não são, entretanto, alguma coisa que o próprio indivíduo invente. São esquemas que ele encontra em sua cultura e que lhe são propostos, sugeridos, impostos por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social (p. 276).

Pelo descrito, não se trata de uma relação do/a adolescente consigo mesmo/a na ótica da interioridade, mas do governo de si e assim ocorre a subjetivação. Sobre a questão, Foucault (2011b) cita um conhecido texto grego de Cícero nas Tuscianas.

Desde que nascemos e somos admitidos em nossas famílias, encontramos-nos em um meio inteiramente falseado, onde a perversão dos julgamentos é completa, tanto que pode se dizer, sugamos o erro como leite de nossas amas. Crítica, pois, da primeira infância e das condições em que ela se desenrola. Crítica também do meio familiar, não somente de seus efeitos educativos, como ainda, se quisermos (pelo) conjunto de valores que ele transmite ou impõe; crítica do que, em nosso vocabulário, chamaríamos de ideologia familiar. Penso naquela carta de Sêneca a Lucílio, em que diz: Põe-te em segurança, tenta reencontrar a ti mesmo, bem sei que teus pais almejavam para ti coisas bem diferentes (p. 87).

Procedem de Foucault (2003) reflexões sobre o poder como integrante de relações cotidianas entre pessoas. Sobre relações de poder, ele descreve a forma nas quais relações que fazem com que, no corpo, ocorram materializações por elementos que chegam até ele. Trata-se de corpo, como afirma Fernandes (2012), diretamente mergulhado num campo político no qual relações de poder têm alcance imediato sobre ele. Elas investem, marcam o corpo, o dirigem e obrigam-no a cerimônia. Trata-se de um movimento para enquadrá-lo e docilizá-lo. Mas, afinal, o que seria então um corpo dócil?

É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que poder ser transformado e aperfeiçoado. [...] Nesses esquemas de docilidade, em que o século XVIII teve tanto interesse, o que há de tão novo? Não é a primeira vez, certamente, que o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações (FOUCAULT, 1979, p.75).

No adestramento de corpos é imprescindível saber quais recursos são fundamentais para que aconteça seu funcionamento e propicie resultados para quem usa de tais recursos de dominação. Vem do poder disciplinar o objetivo de adestrar multidões confusas e inúteis de corpos. Segundo Foucault (1982), é desse ponto em diante que ocorrem produções de indivíduos obedientes. São tipos de disciplina e poder que tornam os indivíduos simples objetos e instrumentos do seu próprio exercício. Como afirma o autor, há três instrumentos responsáveis pelo sucesso do poder disciplinar: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é peculiar e específico, o exame.

O poder disciplinar destaca-se por ser invisível, vigiar sem ser visto e ser expresso no controle sobre corpos, mantendo assim, o indivíduo disciplinado. Além disso, o exame faz com que individualidades do corpo faça parte da composição de documentação administrativa, devido tudo ser anotado. Nisso percebe-se edificações de saberes.

Foucault (1982) salienta que tal vigilância de saberes foi fundamental para se controlar alunos/as, presos/as, loucos/as e operários/as e digo que possibilitam edificações de saberes sobre o que é adolescência masculina. Não se pode dizer que é a vigilância física que marca o corpo, embora cause outras violências. Refiro-me aqui aos que temem ser punidos ou excluídos e, por isso, se autovigiam constantemente, como os recortes de fala já demonstraram. Mas, medo de quê? De acordo com Michael Warner (1991), seriam os denominados de fora da norma, de subalternos, clandestinos, ilegais ou anormais. Miskolci (2009a) refere-se aos que estão na margem e por isso são excluídos. Então, o caminho é ajustar-se ou negar-se.

Sobre o olho do poder, Foucault (1979), afirma que ele exige um custo insignificante para ser levado em consideração, afinal, dispensa armas e violência física. É um olhar constante que cada um/a, ao senti-lo, automaticamente o interioriza. Não seria o olhar do outro/a, mas o próprio olhar no autovigiar e os fragmentos de discursos vêm referenciando tal questão. Assim, uma eficiente forma de interditar o corpo de adolescentes seria proibindo-o/a de expressar sexualidades e desejos e de mostrar quem realmente ele/a é. É como se não pudesse saber se o que sente é realmente saudável, exigindo veredicto médico ou atestado sobre sua sexualidade. No entanto, vale o entendimento de que no estatuto jurídico sobre o corpo, recai a produção da alma e do poder que a investe. O conceito de alma definido por Foucault (2011b) se refere ao sujeito de todas essas ações e da linguagem. Fazendo menção aos gregos, ele orienta que é preciso se ocupar com a própria alma, não com o corpo.

Para ocupar-se consigo, é preciso conhecer-se a si mesmo; para conhecer-se, é preciso olhar-se em um elemento que seja igual a si; é preciso olhar-se em um elemento que seja o próprio princípio do saber e do conhecimento; e este princípio do saber e do conhecimento é o elemento divino (FOUCAULT, 2011b, p.89).

Objetivamente, trata-se de uma alma ligada à vida, ao cuidado de si, ao conhecimento de si que permite qualificar e propiciar longevidade. Referindo-se ao corpo do adolescente, é importante ele ser entendido como efeito da subjetividade discursivamente produzida e modificada. Trata-se de tipo de procedimento sobre o processo de subjetivação, voltado para construção da subjetividade por meio da possessão e numa relação do eu com o outro. Portanto, Foucault (2010; 2011b), com sua análise sobre polis grega, é quem vai balizar uma mais ampla discussão sobre subjetivação de adolescentes e diferentes estéticas de masculinidade.

Entre a estética da existência e a heteronormatividade

Quanto ao masculino, como já discutido, existem padrões esperados e diferentes estéticas masculinas, tidas como fora da norma e de fácil percepção, por despertarem objetivação diferente do esperado e estabelecido. Entendido isso, para ampliar a discussão, serão usados como referência problematizações gregas sobre o masculino. Para Foucault (2011b), trata-se de um campo moral particular, implicados em técnicas de si e que tinham como objetivo buscar a estética da existência e a forma ideal de autocondução no mundo, sendo regras de temperança que deveriam ser seguidas e praticadas. Eram orientações centradas no exercício do poder sobre si e na prática da liberdade e constituíam-se de regras voltadas para condução de cada um, produzindo subjetividades e sendo discursos carregados de preceitos de moral. A prática subsistiu, foi ajustada, é facilmente identificada no processo de subjetivação de adolescentes e os recortes de fala pressupõem isso.

Em relação à moral investida na conduta sexual entre os gregos, Foucault (2010; 2011b) destaca que se centrava no bom uso dos prazeres e estilo temperante de viver e cuidar do corpo, da saúde, da casa e de prazeres com rapazes. Inclusive, para tornar-se sujeito de atos morais, exigia-se comportamento austero, temperante, mesmo que fosse necessária a renúncia de prazeres. Portanto, observa-se que o castigo e a punição estavam ausentes. Em relação à era cristã, a moral tornou-se rígida, unificada, coerente e autoritária e no lugar do prazer apareceu a carne como fruto proibido. Foucault (2007) confirma que para tornar-se sujeito de seus atos foi preciso que ocorresse uma submissão aos princípios universais, como o libertar-se da carne e do desejo.

Pelo já descrito, iniciou-se uma hermenêutica do sujeito, do desejo e que precisava de uma decifração de verdade através da confissão e das purificações da carne e, como consequência, o autoexame. Passado o tempo, sabe-se que alguns dos comportamentos citados chegaram até nós e tem na psicanálise a forma privilegiada de conhecimento do desejo porque ela busca a origem, o desenvolvimento e a decifração dele. Tendo Foucault (2011b) como referência, parece que o adolescente masculino acaba impondo sua marca à prescrição, representada pelo dominar-se, provar-se ou transformar-se para atender as normas. Nesse sentido, o fragmento reforça que

Queria dar conta de discutir questões que leio sem me importa com quem tá

ouvindo. Em relação a roupas, não vestiria muito diferente. Mas as blusas que eu já comprei de marca só fiz isso para fazer graça para os outros. Exemplo é que os tênis que eu gosto eu não compro. Com as meninas, já fiquei por pressão, já beijei por pressão. Eu fico com raiva de mim mesmo por não conseguir ser o que eu acho que deveria, de não saber ao certo porque me importo tanto com que os outros irão pensar (S4).

O recorte de fala pressupõe haver um campo de forças em que objetivações e subjetivações ocorrem e atuam sobre o sujeito em construção. São processos contínuos sobre cada um, que os atravessa e molda, atuando até sobre seus próprios ossos e músculos, sendo proporcional ao discurso que o alcança. Nessa perspectiva, fica entendido que há padrões esperados de masculinidade e há diferentes estéticas. Quanto ao sujeito em seu processo de subjetivação, está num campo de forças, em que a objetivação exercida sobre ele/a podem enquadrá-lo/a como sendo diferente do esperado ou não. O fragmento seguinte vem contribuir para tal afirmativa.

Quando penso no julgamento dos outros, tenho medo dos resultados desses julgamentos, de serem negativos e eu não ser como fui julgado e isso me levar a ser excluído das brincadeiras e do grupo que sai junto e que é popular. Por isso tenho medo do julgamento deles. Aí, vou fazendo e falando o que eles sugerem. Saio, faço zoação, beijo, transo, embora não seja com quem quero. Faço tudo isso para não ser taxado de gay. (S4).

Afirmativas como: *o julgamento do outro, o medo dos resultados desses julgamentos, ser diferente daquilo que podem achar que sou, ser excluído do grupo, deixar de fazer parte dos populares*, podem pressupor que existam campos de forças onde tanto objetivação quanto subjetivação ocorram e, ao mesmo tempo, são questões que mostram potencialidades tanto de poder quanto de resistir, existentes nesse campo. Daí, fazer e falar o que se espera é uma consequência e nisso se percebe a ética e a estruturação de modalidades de relação consigo e que permite aos indivíduos constituírem-se como sujeitos de comportamento moral. Então, mesmo que estabelecida em campos de forças, possivelmente adolescentes não se tornam sujeito de seus atos regidos pelas regras universais heteronormativas dimensionadas pelo seu falar.

Retomando os conceitos gregos, Foucault (2011b) diz que o termo afrodísia é o que melhor referencia o prazer do amor, relações sexuais e condutas voluptuosas na Grécia antiga. E, para o autor, o termo não corresponde nem ao conceito de carne nem de sexualidade, por serem criações discursivas posteriores aos conceitos dados pelos gregos que prezavam o amor pelo belo. Poderia ser o belo rapaz ou bela mulher, sendo

contexto em que escolher era opção que cada um fazia. Também não se classificava o amor em tipos aceitáveis ou condenáveis, não o patologizavam ou o tratavam como objeto de grande preocupação moral, mas revestiam-no de valores, conselhos e exigências claras. Nos prazeres, no amor ao seu próprio sexo ou sexo oposto, é possível perceber que não colocavam tais questões como duas relações excludentes ou tipos de comportamento diferentes. Na Grécia, costumes frouxos era o não saber resistir nem às mulheres nem aos rapazes, indistintamente.

É claro que a preferência pelos rapazes e pelas moças era facilmente reconhecida como um traço de caráter: os homens podiam se distinguir pelo prazer ao qual eram mais ligados; questão de gosto, que podia prestar-se a gracejos, mas não questão de tipologia implicando a própria natureza do indivíduo, a verdade de seu desejo ou a legitimidade natural de sua inclinação. Não se concebia dois apetites distintos, distribuindo-se em indivíduos diferentes; ou confrontando-se em uma mesma alma; encarava-se antes como duas maneiras de obter seu prazer, uma das quais convinha melhor a certos indivíduos ou a certos momentos da existência. [...] Amar os rapazes era não somente uma prática livre, no sentido de que era não somente permitida pelas leis (salvo em circunstâncias particulares), como também admitida pela opinião. Ou melhor, encontrava sólidos suportes em diferentes instituições tanto no campo militar quanto pedagógico (FOUCAULT, 2010, p. 240 e 241).

Nota-se que na moral grega não havia códigos qualificando atos sexuais, existia a ótica das posições sociais dos parceiros havendo benefícios e não desperdícios. A preocupação moral estava centrada na ética do domínio, do não desperdício, da relação entre a posição social do parceiro e daquele que sonha. Tratava-se de questões elaboradas concomitantemente com uma estética da existência, valendo mais o arcabouço jurídico das relações do que as classificações do normal e contrário à natureza, consideradas proibidas ou ruins em si mesmas.

Para Araújo (2000), mesmo na cultura Greco-latina, se valorizava a atenção médica ao corpo, entrando aí as questões sexuais, porém, inexistiam divisões de normal e anormal ou de desvios. Isso só ocorreu no fim do século II e, para Foucault (2007), tempo em que se iniciou a longa história das proibições, medo do castigo e negação ao sexo como condição para vida moral. Objetivamente, a afrodisia grega passou na moral da carne e da concupiscência para a condição de essencialmente má; e práticas do sexo tornaram-se pecado.

Portanto, buscar entender o amor grego entre o efebo e seu mestre e a percepção de relação entre pessoas do mesmo sexo, ao primeiro olhar parecem extremamente distantes. Na Grécia, o efebo era envolvido por ações voltadas para sua

formação e construção, cabendo ao adulto do mesmo sexo o compromisso estruturante e norteador. Em contrapartida, atualmente, esses são enfrentamentos conflitantes e percebidos nos fragmentos de fala a seguir.

Em relação a minha crise, ela está nos meus pensamentos incontroláveis, na minha tentativa de controlá-los. Eu fico pensando que não posso virar gay e decepcionar todo mundo. E aí espontaneamente meu cérebro já responde: mas e se eu for? Nessa luta me pego criando imagens e nessa hora quando mais eu tento parar de pensar mais pensamentos homossexuais eu tenho. Assim eu fico fazendo comparações entre mulheres e homens, me perguntando se curto isso ou aquilo? Nesse momento me pego procurando em todos os homens algo que me atrai (S1).

No meu caso penso demais e perco o sono. Na última vez foi de não aguentar mais, aí pensei até em procurar um psicólogo. Quando fico ruim, as crises explodem acabo contando para minha mãe porque são tão ruins que não consigo dormir no meu quarto de medo. Minha mãe me apóia, diz que está comigo e fica depois perguntando o tempo todo como eu estou (S1).

Quando me vi gostando de um colega de escola isso era ruim, eu não queria ser gay. Já tive pressão pra ficar com meninas pra provar minha heterossexualidade e isso me chateou muito (S3).

As afirmativas *não posso virar gay e decepcionar todo mundo, quando mais eu tento parar de pensar mais pensamentos homossexuais eu tenho, eu não queria ser gay, queria ter família normal, queria mulher, filhos, queria ser o que a sociedade classifica como normal e já tive pressão pra ficar com meninas pra provar minha heterossexualidade*, evidenciam como os mecanismos disciplinares, com seus tentáculos, estão enraizados na sociedade e impõem sua marca nos sujeitos em subjetivação.

No entanto, na Grécia, o amor entre iguais era entendido como possibilidade e tais práticas não definiam o masculino e sua aceitabilidade ou não como futuro adulto. Ao rememorar os comentários já inseridos, eles sinalizam a importância de se observar o rechaço social somente pela não adequação de condutas, vestimentas, comportamentos e gestos, tidos como inadequados aos padrões da norma masculina. O recorte de comentário a seguir é mais um exemplo nesse campo de percepções.

Eu sei que não deveria me preocupar e todo dia me digo isso, mas acabo

fazendo tudo de novo, é uma busca constante pelo que eu nunca vou ser e isso me maltrata, pois eu sei que ser o que eu sou é mais correto. Embora saiba também que ser assim me traz outras crises devido às zuações. Elas certamente me fazem sofrer também. Eu sei que essas zuações são pela roupa que posso vestir, pelo jeito que posso estar falando ou pela forma que ando (S4)

O recorte coloca questões e viabiliza um refletir sobre o enquadramento dentro do que é esperado e a norma. São forças moldadoras exercidas sobre o sujeito, por vezes contraditórias, forçando novas estéticas ou ajustes. Do mesmo modo, comportamentos e práticas homossexuais, que foram e ainda são classificadas como vício próprio da delinquência juvenil, como descrito na arqueogenealogia da adolescência, exigem reavaliações. São verdades produzidas e que se modificam no momento em que regras sofrem mudanças e, para entendê-las, basta pensar que em todos os tempos da história humana houve uma ética dissuadida em relação a cada um/a, ética de essência coletiva que se transforma e que perpassou os tempos.

Foucault (2004b) afirma que essas questões podem ser identificadas na era moderna e diferenciadas por uma ética geral, manifestada na linguagem, que implica a materialização de diferentes discursos sobre o tema. Nesse caminho, referenciado em Fernandes (2012), é possível perceber que, em relação aos/as adolescentes, a linguagem visa a promover e/ou modificar subjetividades para inseri-los/as em espaços sociodiscursivos, em que serão objetivados/as como singulares, inscritos/as em lugares de verdade e portadores/as de determinadas identidades. Há uma objetivação do indivíduo paralelo ao que é feito com o sujeito.

A normatização funciona penalizando as mais leves faltas, graduando cada uma em relação aos demais, prevendo punição aos deslizes, articulando suas verdades com o ser individual. O objetivo é a diferenciação, a possibilidade de olhar do exterior o que é diferente dos demais. Nesse sentido, a criança e não o adulto, o doente e não o saudável, o criminoso e não o legalista e obediente constituem seu alvo predileto (ARAÚJO, 2000. p. 161).

Como já discutido, assim funciona o poder da norma: diante do poder jurídico há culpado ou inocente e, diante do poder da norma, o/a adolescente normal ou anormal.

É deste jogo que se constitui, lentamente desde há vários séculos, um saber do sujeito; saber não tanto de sua alma, mas daquilo que o cinde, daquilo que o determina talvez, mas sobretudo fazê-lo escapar de si mesmo. Isto pode parecer imprevisível, mas não deve absolutamente causar espanto quando se pensa na longa história da confissão cristã e judiciária, nos deslocamentos e transformações desta forma de saber-poder, tão capital no ocidente, que é a confissão: de acordo com círculos cada vez mais fechados o projeto de uma

ciência do sujeito pôs-se a gravitar em torno da questão do sexo. A causalidade no sujeito, o inconsciente do sujeito, a verdade do sujeito no outro que sabe, o saber nele no que ele próprio não sabe, tudo isso acabou por si desdobrar no discurso do sexo, não absolutamente, entretanto, em razão de alguma propriedade inerente ao sexo mesmo, mas em função das táticas de poder que são imanes a esse discurso (ARAÚJO, 2000. p.93 e 94).

A partir deste raciocínio, os gregos e seu pensar são auxiliares, uma vez que entre eles não houve uma moral frouxa ou mesmo ausência de preocupação moral. No conceito de Araujo (2000), se, para os cristãos, a austeridade procedia mais da precisão de obediência ao código; para gregos, ela conectava-se ao modo de vida, a estilização da existência e a atividades enquanto prática de liberdade. Tomando por reportação os fragmentos aqui inseridos e o que é entendido como adolescência, é possível perceber que nós, indivíduos modernos, somos em parte essa subjetividade confessante, incapazes de ver que esse modo de tratar e de discutir adolescência e correlatos, como item urgente, é apenas uma das voltas da história inventada por nós e para nós. Trata-se de identidade reconhecível, cognoscível, veraz, satisfatória que inventamos, sendo questão relativamente bem discutida no capítulo II.

Portanto, percebe-se que não cessou o confessar do sexo, o que há de novo é uma re-elaboração no modo de constituir subjetividades. Isso não surgiu como abordagem do sexo menos atada aos aparatos e práticas da ciência, da medicina, da psicologia e pedagogia. Nota-se que a sexualidade de adolescentes ficou restrita ao alcance desses discursos e práticas científicas, tidas como palavras finais que a sociedade aceita, divulga e valoriza. Do mesmo modo, no campo da adolescência masculina, a ação tem possibilitado prejuízo na formação. Trata-se das técnicas da negação, da recusa e de tudo que habitualmente é rotulado como repressão. Como já afirmado, são efeitos da vontade de saber e existem, sobretudo, na produção e circulação de discursos instituídos de saber-poder.

Foucault (2007), afirma que o poder que produz verdade não se limita a reprimir e ou esconder-se em ideologias. Ao lado dos procedimentos de produção, dos sistemas de signos e de técnicas que colocam condutas dominadoras, há técnicas de si. Pelas discussões já feitas, percebe-se que o adolescente, por si mesmo, exerce certas operações sobre seu corpo, sua alma, seus pensamentos, suas condutas, para produzir nele, transformações e modificações. São temáticas visíveis nos discursos em diferentes espaços, instituições e pessoas ligadas aos sistemas citados. Nesse sentido, a escola é o espaço que referenciará a sequência dessa discussão.

Heteronormatividade masculina adolescente: entre a subjetivação e a violência

Fazendo menção ao gênero e à sexualidade masculina, quer seja no espaço familiar ou escolar, mesmo havendo os discursos heteronormativos vigentes, evidencia-se que cada um está diante de diferentes caminhos para percorrer e inserir-se. Nestes, encontram no percurso sexualidades e gêneros pré-determinadas, podendo, assim, vivenciar e experimentar caminhos diversos.

Portanto, ao pensar na escola como local de experiências fora do espaço doméstico, é possível percebê-la como campo de possibilidades, construção, legitimação e ambientes onde adolescentes encontram elementos que reforçam ou desconstróem o discurso hegemônico sobre o que é ser homem. Nesse sentido, uma vez construídas e reconstruídas historicamente, masculinidades não podem ser tomadas como realidades imutáveis e objetivas. O fragmento que segue sinaliza tal questão

Minha casa nunca teve uma televisão porque a igreja da minha família não "permitia" e meus pais sempre seguiram muitíssimo à risca. Então, não vivi onde se falava muito de futebol. Meu pai não jogava. Quando entrei no colégio começaram as cobranças, "se você é macho, tem que saber jogar futebol". Não tive influência em casa, isso tem relação com o não gostar. Achava meio sem sentido, preferia ficar quieto no meu canto, jogando dama ou torrinha na educação física. Também não cresci falando de mulher, do jeito vulgar que muitos falam. Meus pais nunca aceitaram esse tipo de conversa e cresci convivendo só com adultos (S10).

O recorte de fala coaduna com os conceitos de Connell (1995). Para o autor, o homem é uma espécie de artefato. Isso mostra o complexo processo que o adolescente masculino enfrenta em sua construção enquanto sujeito. Mesmo tratando-se de fragmento de comentário, nele é possível identificar que tais processos de ajuste têm desencadeado inquietação, incômodo e desequilíbrio. O recorte que segue possibilita ampliar esta percepção.

Não sabia jogar bola e não gostava então, lógico que já fui chamado de "viadinho" por conta disso. Eu tirava notas altas daí isso também ajudava na zuação. Um dia, por exemplo, numa viagem a uma usina, meus amigos levaram uma playboy escondida no ônibus. Eles me mostraram e eu pensei "meu! como assim? isso é super errado! a gente não devia estar olhando isso!" Riram e fizeram piadinha, mas não porque eu falei, porque só pensei, mas devido minha reação de repulsão àquele comportamento. E aí ouvi: "ui,

que moleque gay!" A verdade é que a gente tenta se enquadrar. Ninguém quer viver sentindo-se como se fosse um peixe fora d'água. Aí tentamos aderir "aos padrões", o que não é uma tarefa muito fácil. A gente se sente meio oprimido e tal e chega até a querer agradar desagradando a si mesmo (S10).

O fragmento de fala possibilita perceber que há conjuntos de práticas socialmente estabelecidas ao masculino e que servem como códigos de enquadramento ao tipo específico de gênero. Ademais, há também condutas esperadas, aprendizados adquiridos e expressos e hábitos cotidianos que servem para classificar e denominar o que está dentro ou fora da norma. Diante das exigências normativas masculinas, somadas ao pensar de Louro (1999), Sedgwick (2007) e os fragmentos aqui inseridos, percebe-se que só o despertar suspeitas da não heterossexualidade, já gera comportamento homofóbico e desencadeia rejeição nos espaços sociais masculinos. Ainda, a forma como as relações sociais são descritas, nota-se diferenças entre o que se aprende com a família e o exigido no social.

Percebe-se que a cobrança sobre comportamentos que fogem à heteronormatividade, possibilita prazer em escapar da fiscalização, da regulação, da punição, do transgredir e escandalizar, sendo um caminho de fuga e resistência de subalternos. O recorte também possibilita mostrar que a identidade sexual é constructo instável, mutável, volátil e socialmente contraditória e não finalizada, sendo constantemente rearranjada, desestabilizada e desfeita pelas complexidades das experiências vividas na cultura. Objetivamente, assim como Connell (1995), percebe-se que desvalorizações de certos tipos de masculinidades, visam ao fortalecimento do normativo. No fragmento de fala que segue, as cobranças são percebidas em atitudes, enunciações e comportamentos.

No sentido de cobrança e pressão elas eram equilibradas entre a escola e meus pais. Em casa doía mais porque pai e mãe é quem a gente confia e se eles duvidam da sexualidade do próprio filho, por não saberem a resposta dificulta até tentar uma comunicação. Meu pai não brigou, só comentou que sabia como era o caminho de ser gay, que não era fácil, que eu ia sofrer muito, mas que o que eu decidisse pra ele estava bom e que nada iria mudar entre nós. Foi um alívio mesmo sabendo que eu não era gay (S2).

Pelo descrito, cobranças por ajuste e adequação em ambientes de convívio social, extrafamiliar, geram desconforto e enfrentamentos. Entretanto, as exigências e expectativas na família podem ser responsáveis por desajustes e desequilíbrios ainda

maiores. Os comentários sinalizam que o tornar-se homem é não ser gay, que homossexualidade cumprem papel de ameaça ao masculino hegemônico e há compromisso de dizer não aos posicionamentos que negam a heterossexualidade. Também, sinalizam a possibilidade do repensar de práticas sexuais como boas e más, masculinidades normais e anormais e mais ou menos masculinos e do romper com o pensar do sexo como vetor de segregação.

Portanto, a sexualidade interdita e regulamentada pela moral religiosa, que aos poucos passou ao domínio da ciência, persiste e dita regras. Há demarcações de lugares influenciando atitudes e práticas específicas no exercício de ser masculino, mesmo mediante as situações em que os corpos funcionam de forma diferente do estabelecido pelo campo biológico. Assim, concordo com Connell (1995), a masculinidade é uma construção de cada um e, proporcional ao modo como ocorre, serve para aceitação ou exclusão. O comentário a seguir mostra tal concepção

Vejo que o meu ponto fraco era ter um jeitinho afeminado, não muito, mas tinha. Daí quando alguém falava disso eu ficava muito mau. Eu acho que eu fui uma criança muito forte. Pensa uma criança lidando com esse tipo de coisa, isso é muito difícil. Parecia que tudo que eu fazia de bom ainda tinha esse "defeito" escondido. Isso foi tão ruim que houve momentos que eu pensei em me matar. Tipo, eu pensava em beber veneno (S11).

Observar o recorte *parecia que tudo que eu fazia de bom ainda tinha esse defeito escondido* demonstra a marca do que é tido como anormal, defeituoso e desestabilizador do sujeito em construção. Viabiliza que o mesmo veja sua subjetivação como cheia de falhas ou defeituosa. Tais afirmativas, somadas aos levantamentos feitos pela OMS (2006; 2014), Junqueira (2009), O'Conor (1995) e Remafedi, (1991; 1995), Gibson (1989) e Garofalo *et al.* (1998), dentre outros, fortalecem o conceito de que ser reconhecido fora da norma ou não alcançar a masculinidade heteronormativa, pode ser fator sinalizador da intenção e possibilidades de suicídio entre adolescentes masculino de idade entre 14 e 24 anos. Isso mostra a instalação da violência, consequência do não ajuste a norma e do não encontro de rotas de fuga possíveis. O comentário à seguir reforça o que está sendo discutido

Por contas de cobranças em relação ao meu jeito de ser eu admito que pensei muito em me matar, mas sabia que isso iria piorar, que minha mãe não resistiria. Esse sentimento surgiu quando contei para ela que tinha dúvidas

sobre minha sexualidade e durou até uns meses depois. O sentimento era tão ruim que pensava em pular da ponte ou de um viaduto, de injetar ar nas veias, tomar veneno ou cortar o pescoço. Acho que se minha mãe tivesse me rejeitado no momento em que conversei com ela ou nos dias seguintes, talvez eu tivesse feito isso ou fugido de casa (S7).

Mesmo não sendo o foco central desta tese, ocorrências de suicídio de homens de idade entre 14 e 24 anos têm sido alvo de investigações por diferentes pesquisadores no Brasil e no mundo. Russell e Joyner (2001) e Tamam *et al.* (2005) têm sinalizado em seus levantamentos, tanto o agravamento quanto ligações dos mesmos com difíceis ajustes no campo do gênero e da sexualidade masculina. Os fragmentos aqui inseridos possibilitam perceber que comportamento homofóbico desencadeia rejeição entre grupos sociais masculinos e pode contribuir para desequilíbrios e desajustes entre eles. Nesse sentido, o recorte seguinte ratifica esta perspectiva

Há um confronto do que sinto e do que meus pais acreditam baseado na bíblia. Tenho rancor na verdade de ideias que considero erradas, afinal todos somos livres para acreditar no que quisermos. Isso tudo foi bem perturbador, me senti muito excluído e de certa forma pensei em suicídio por conta disso. O sentimento é de que eu era um doente, e, aliás, até penso nessa possibilidade por isso veio esse sentimento de querer morrer e o que me fez pensar nisso foi o receio daquilo que eu poderia vir a ser (S5).

Mediante tais constatações, é importante salientar que o foco deste trabalho é a qualidade de vida de adolescentes do sexo masculino. O desafio é construir uma discussão que contribua para convivências amenas para com o processo de objetivação e subjetivação que cada um é submetido e se submete e, ainda, a valorização do respeito e tolerância. No entanto, nas últimas décadas do século XX, percebe-se a emersão de um fantasma, descrito em relatórios periódicos da OMS (1965; 1975; 2000; 2001; 2006; 2014).

Mediante o citado, é possível se fazer as seguintes indagações: o medo do fracasso em relação à heteronormatividade estaria contribuindo para suicídios entre adolescentes? Os suicídios decorrentes do fracasso pessoal, questão sinalizada pelos próprios suicidas, teriam sido no século XX e vem sendo nesse início de século XXI uma nova armadilha do discurso hegemônico? O fragmento que segue pode auxiliar ou ampliar o questionamento aqui suscitado.

Quando acordei no hospital senti um vazio muito grande, me senti sozinho como nunca, aí pensei que precisava ter morrido mesmo. Me senti desvalorizado, como se não tivesse importância alguma no mundo. Mil coisas me passavam, de tristeza, de desespero e de angústia, vontade de não ter nascido. Pensava no desgosto de minha família. Veio nos dias que seguiram uma profunda depressão que dormia o tempo todo para não enfrentar nada. Muito tempo depois foquei nas coisas boas que eu teria perdido se eu tivesse realmente me matado. Logo em seguida eu contei para os meus pais que era gay e o motivo de minha tentativa de morte (S10).

Os comentários *senti um vazio, sozinho como nunca, desvalorizado tristeza, desespero, angústia, vontade de não ter nascido e desgosto de minha família*, refletem o pensamento sobre uma tentativa de suicídio e os motivos e consequência do mesmo. Mediante o recorte, há de se retomar à discussão sobre mecanismos disciplinares e sua forma enraizada por todos os espaços sociais. Há de se ponderar também o considerável sufocamento exercido por ele aos que não se ajustam às normas estabelecidas. Tal raciocínio possibilita saberes de que as resistências nesse campo, mesmo considerando que o desejo é fugaz e capaz de propiciar rotas de fuga, não tem possibilitado, em alguns casos, o fugir, desencadeando suicídio de adolescentes subalternos.

Nisso, percebe-se que a construção do masculino, como experiência, desencadeia sofrimento, gera desequilíbrio, inquietação e reforça hipóteses de que dificuldades enfrentadas podem contribuir na elevação da taxa de suicídio entre eles. A identificação de afirmativas como *quando contei a minha mãe que tinha dúvidas sobre minha sexualidade, o medo de ser rejeitado me fez pensar em pular de um viaduto, me matar era um pensar decorrente do preconceito que sentia vindo de toda a família, amigos a sociedade no geral* e ainda a tentativa de suicídio de um dos participantes, meses após ser entrevistado para este trabalho, reforçam essa hipótese. Pressupõem que objetivação e subjetivação, questões de sexualidade e gênero entre adolescentes, ocorrem através de aprendizagens e práticas, investidas por instâncias sociais e culturais inesgotáveis, explícitas ou dissimuladas e que o não ajuste à norma causa violência.

Para além do entendimento dado sobre suicídios entre adolescentes, é Foucault (2007; 2011b) quem explica que todos têm o direito de vida e morte e que na Grécia orientava-se para o exercício de pensar no morrer como momento comum e coisas quaisquer. Seria por meio desse olhar que deviam ocupar-se, considerando o morrer moralmente valioso e belo. Portanto, pensando na vida ao invés da morte, o empreito não deveria ser o de fortalecimento e valorização da singularidade de cada

um? Como contribuir para que discursos sejam de fato fortalecedores e de valorização para com o viver? O fragmento de fala¹⁷ a seguir mostra possibilidades nesse sentido.

Não importa com o que digam, sou mãe, ele nasceu de dentro de mim, como não amá-lo, quero é que ele seja feliz, ele é uma das três coisas mais importantes da, minha vida, prefiro morrer que perdê-lo. Fiquei triste porque naquele dia eu teria evitado se tivesse ligado, difícil pensar que ele falou comigo e com o pai pelo telefone se despedindo. Quando cheguei ao hospital ele levantou, chorou, e eu sem saber de nada disse, filho levanta daí, vamos pra casa. Semanas depois quando ele falou de ser gay, na hora eu pensei na tentativa de suicídio. Ele não nos disse na hora nem no mesmo dia, mas eu pensei, naquele dia ele tentou se matar (S14).

O comentário é contrastante, se comparado aos enfrentamentos vivenciado por pais, filhos e responsáveis, mediante identidades sexuais fora da norma. Contudo, mesmo não sendo referência de cotidiano, há possível entendimento de que o assujeitamento de pais aos modos de subjetividades dos filhos propicia uma convivência menos conflituosa e o recorte a seguir vem crescer sobre a questão.

De repente eu me peguei ali pensando que meu filho tava surtando com problemas, questionando se sou capaz de amá-lo como ele é. Pensei, preciso que ele saiba que o amo. Aí o abracei e disse papai te ama, não vai mudar nada. Ali eu beije abracei e lutei para que ele ficasse calmo de novo (S15).

Foucault (2011b), ao descrever ensinamentos gregos, afirma que essa é a ação. O colocar-se na melhor situação possível e morrer em cada momento. Assim, para além dos fragmentos, que seja pensado na vida, no morrer para viver, o deixar-se morrer naquilo que mata o outro ou tira o prazer de viver, para que assim, eu e o outro vivamos o pós-morte. Poderíamos dizer que tal conduta seria como o viver como uma obra de arte? Seria matar o que impede liberdades, falo de liberdade ao se respeitar subjetividades e o sentido grego dado a *meletê thanatou*. O autor orienta que o termo não está ligado ao pensar no futuro e sim um valorizar ações do presente.

A meditação sobre a morte é, em sua forma geral, totalmente isomorfa à presunção, à premeditação dos males [...] simplesmente por (essa primeira razão): a morte não é apenas um acontecimento possível, é um acontecimento necessário. Não é apenas um acontecimento com alguma gravidade: tem para

¹⁷ Os recortes de fala dos sujeitos S14 e S15 são fragmentos do depoimento de um pai e uma mãe, cujo filho participou das entrevistas e, alguns meses depois de encerradas, ele tentou suicídio. Após sua recuperação física, nos meses que se seguiram, buscou-se realizar novas entrevistas e os pais do mesmo também aceitaram disponibilizar seus depoimentos sobre a experiência vivenciada.

o homem a gravidade absoluta. E enfim, a morte pode ocorrer, bem sabemos, a qualquer momento (FOUCAULT, 2011b, p.429).

Nesse sentido, o século XXI tem se mostrado volátil. Nunca relações sociais e modos de vida foram tão alterados, exigindo novas adequações e ajustes. Sendo assim, por que não lutar para estabelecer uma nova estética de existência para adolescentes? Sobre diferenças e o normativo esperado, Scott (1998) traça que diferenças não são aspectos univocamente estabelecidos e reconhecíveis, sendo melhor evitar armadilhas de tomar como dadas diferenças e tornar visíveis processos sociais que as criam.

Para o autor, a diferença é resultado da designação do outro e que distingue categorias de pessoas a partir da norma presumida. Assim, para interferir nos processos de segregações, que rompa com os discursos acadêmicos e faça insurreições daquilo que adolescentes discursam sobre quem são, mediante o que acham que esperam deles e como resolvem isso. Então, romper com conceitos de sexualidade como ímpeto rebelde, estranho por natureza e indócil por necessidade seria um caminho?

Para Foucault (2007), a sexualidade não é elemento rígido e, dotada da maior instrumentalização, ela tem sido utilizada em inúmeras manobras, servindo de apoio e articulação nas mais variadas estratégias. Há também reforço de que sexualidades e questões de gênero são dispositivos históricos e grandes redes de superfícies que estimulam corpos, intensificam prazeres e incitam discursos. Também, nota-se que o poder não é repressivo, opressivo, sua maior força está na riqueza produtiva gerada entre poder e resistência.

Então, que se perceber que entre adolescentes a norma tem se fortalecido através de masculinidades tidas como subalternas e gerado assujeitamento. São mecanismos importantes na construção do masculino, embora circunstâncias, em caso de difícil ajuste, possibilite a instalação da violência e conseqüente risco de suicídio.

Sendo assim, a expectativa, como afirma Britzman (1996), é de que questões de desejos, de amor, de afetividade e de identidade, continuem surpreendendo a cada um, que embates sociais entre poder e resistência possibilitem a criação de formas de sociabilidade, de política e de identificação que desvinculem o eu dos discursos dominantes da biologia, da natureza, da normalidade e promova vida para que a opção de morte não seja a alternativa. No entanto, buscando alcançar a sequência dessa discussão, o caminho a ser assumido deste ponto em diante será um melhor detalhamento sobre o que é um enunciado para o discurso. É assim que será buscado

falar de verdades, verdades postas e a serem construídas para um possível viver melhor do adolescente.

CAPÍTULO IV

“O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta o poder do qual nos queremos apoderar.”

Michel Foucault

Buscando sentido para verdade nos estudos Foucautianos

Ao iniciar este capítulo, a proposta é discutir, de forma pormenorizada, o que é verdade, suas diferentes formas e como ela é apresentada pelos adolescentes. Nesse empreito, os conhecimentos de Foucault (2011b) serão a maior referência. Contudo, não há um compromisso em restringir a discussão à verdade do sexo, mas sim ao conceito, à procedência do termo, sua aplicabilidade e como está intimamente ligada ao que está sendo discutido neste trabalho de tese.

Buscando sentido para a palavra no grego, o termo *Parresia*, do grego *parrhêsia*, é encontrado na literatura de Eurípedes e seu significado é coragem de dizer a verdade, falar livremente e dizer tudo e, ao longo da história, o termo ganhou diversos sentidos. Ortega (1999) afirma que o conceito também pode ser percebido como virtude, habilidade, obrigação e técnica e tinha por objetivo distinguir o indivíduo. Portanto, Foucault (2011b) indaga tal temática da seguinte forma

[...] parece que podemos ver também, a partir dessa questão da parresia se esboçar a questão, fundamental também na antiguidade, das relações entre, grosso modo, verdade e coragem, ou entre verdade e ética. Quem é capaz de fazer um discurso verdadeiro? Como se pode distinguir o discurso verdadeiro do discurso lisonjeiro? E qual deve ser do ponto de vista ético, do ponto de vista de uma coragem, aquele que empreende a separação entre o verdadeiro e o falso? Quem é capaz de ter a coragem da verdade? E qual é a educação necessária? Problema técnico: qual vai ser, por conseguinte, na educação, o ponto no qual deve se pôr ênfase?(p. 277).

Entre os gregos, a *parresia* era reforçada como necessidade de se dizer a verdade sobre si mesmo e princípio socrático presente em conheça a ti mesmo. Quanto a sua aplicabilidade, sabe-se que, para se dizer a verdade, existiam e ainda existem algumas práticas: a confissão, o voto e o exame de consciência, dentre outros. Referenciando tal questão, Foucault (2011b) cita os textos de Sêneca e Plutarco, nos quais se percebe que a importância estava no dizer a verdade sobre si mesmo, havendo o sentido político e moral para o termo.

O político envolvia a organização da pólis grega, sendo direito do cidadão. Já o sentido moral estava no campo das relações pessoais, do cuidado de si,

principalmente na filosofia platônico-aristotélica. Foucault (2011b) também define parresia como a ética de dizer a verdade numa ação livre e perigosa. Assim, é possível pensar no direito do adolescente de dizer a sua verdade, mesmo que haja o risco de machucar o outro, de provocar a ira e de suscitar a mais extrema violência. Ao tomar como referência um recorte de fala, tal questão pode ser evidenciada.

Quando minha mãe fala "vou ter que me separar do seu pai e ir contra toda a minha família porque vou ter que ficar do seu lado" penso que meu pai vai querer me expulsar de casa, também que minha mãe não vai deixar os retardados dos meus primos me ofenderem embora ela não tenha dimensão do que é isso. Eles acham que é modinha, pior, devem ter contado para os meus tios. Percebo isso nos olhares que são inevitáveis. Daí minha mãe falou que se alguém falar alguma coisa desagradável pra mim ela briga com quem for preciso. Embora eu ache que meus tios já saibam, embora eles não tenham coragem de falar para o meu pai. E se falarem para ele, ele bate em quem falar isso de mim. Essas coisas andam me incomodando muito ainda, mas antes já incomodou mais (S11).

O dizer a verdade de si desestabiliza o outro e eis aí o perigo ao qual o autor se refere, mas é direito de cada um não aceitar, não se sujeitar a verdades prontas. Nesse sentido, o autor cita também que a verdade traz consigo o risco da violência. Por meio das definições dadas por ele, é também possível entender parresia como prática ligada ao conhecer-se a si mesmo. Ainda,

Parrhesia é um tipo de atividade verbal na qual aquele que fala tem uma relação específica com a verdade através da franqueza, uma certa relação com sua própria vida através do perigo, uma reta relação com ele mesmo e outras pessoas através da crítica (...), e uma relação específica com a lei moral através da liberdade e do dever. Mais precisamente, *parrhesia* é uma atividade verbal na qual aquele que fala expressa sua relação pessoal com a verdade, e arrisca sua própria vida pois ele reconhece dizer-a-verdade como um dever para melhorar ou ajudar outras pessoas (e a si mesmo). Na *parrhesia*, aquele que diz, usa sua liberdade e escolhe a franqueza ao invés da persuasão, verdade ao invés da falsidade ou silêncio, o risco da morte ao invés da vida e da segurança, crítica ao invés da bajulação, e dever moral ao invés do interesse próprio e apatia moral (FOUCAULT, 2011b, p.5).

O autor observa as estruturas que sustentam os discursos, denominados de verdadeiros, em que é preciso analisar as condições de como cada um representa para si e para os outros a condição de possuidor ou locutor da verdade. Sendo assim, pelo descrito até aqui, já é possível localizar os sujeitos desta tese, aqueles que falam de si e, mesmo em casos em que foram evidenciados, questionamentos sobre si, o comum foi o falar de suas verdades. Ao trazer um novo fragmento de fala, a proposta é mostrar como

as verdades pronunciadas falam de si e referem-se a quem as pronuncia.

Vejo que quero tentar ser o perfeito. Tenho reparado que nos dias de crise eu parei de ligar para o julgamento dos outros justamente quando eu estava a ponto de dizer naturalmente que sou homo e encarar o mundo. Mas aí percebo que continuo me sentindo atraído por meninas e às vezes atraído pelo meu amigo que falei. Na verdade assumir-me gay acho que seria fácil na prática ao contrário de outras coisas. Mas, em relação aos meus pais surgiram algumas falácias bem chatas (S1).

No fragmento, mesmo que evidenciando dúvida, é possível perceber a busca por se dizer uma verdade, na forma como é percebida no momento em que é pronunciada. Portanto, nessa busca por dar melhor sentido à verdade, Foucault (2011b) chama a atenção para a capacidade de discernir o verdadeiro do falso, o justo do injusto e de se questionar os valores e crenças, porque na Grécia antiga a *parresia* era um direito político do cidadão, embora não fosse direito de todos. Só os não cidadãos, que podem ser entendidos como escravos, não podiam ser *parresiastas*. Assim, ela equivale ao direito de liberdade de expressão e foi Platão quem transcendeu, conceitualmente, o político e atribuiu caráter moral ao ato de se falar a verdade.

Diria ser a *parresia* uma maneira correta de agir, um *ethos* individual e, para além de somente o dizer verdadeiro, seria também um agir verdadeiro. Portanto, o questionamento a ser feito é se o esforço a ser dispensado sobre as questões do adolescente não seria o de auxiliar e respaldar uma fala verdadeira e condizente com o que esses sujeitos entendem de si. Seriam, assim, verdades ditas e coerentes com o que se pensa de si mesmo, como o fragmento inserido anteriormente demonstra. No conceito do autor, dessa forma, a *parresia* teria um perfil moral e diferente da retórica.

Foucault (2011b) afirma que o ocorrido na Grécia foi que a *parresia* deixou de ser direito político do cidadão e começou a evidenciar o seu caráter moral, o discurso livre, desvencilhado e verdadeiro, passando assim para uma ética, uma regra de conduta pessoal, um dizer a verdade sem mascarar-la e dizê-la completamente. Seria um dizer tudo verdadeiramente. Nisso, é preciso que a verdade de quem fala seja opinião pessoal e também, ao dizê-la, haja fidelidade daquele que pensa. O recorte de fala a seguir exemplifica o que está sendo afirmado pelo autor.

Eu sei que a crise que eu tenho é decorrente de eu querer agir diferente, vestir diferente, sem importar com que os outros vão pensar, querer não ter que me adaptar as outras pessoas, poder ser eu mesmo. Eu gostaria de ser mais intelectual ter coragem de ler os livros de que gosto dentro da sala, ao invés de ir em festinhas vazias (S4).

O fragmento mostra o campo de forças estabelecido onde está o eu e a objetivação exercida pelo outro. Para além disso, há também a busca por se conseguir deixar o eu livre e renunciador de verdades próprias, sem limitar-se, devido às objetivações. Buscando explicar essa questão, vem de Foucault (2011b) a articulação entre verdade e poder. Para o autor, a verdade é todo discurso que estabelece um modo de ser e um modo de agir no mundo. Entretanto, há de se questionar se não é possível uma verdade, que seja instrumento de emancipação do sujeito adolescente, viabilizar o tomar as rédeas de si, do processo de construção da verdade e da constituição a que cada um é submetido. O último recorte inserido traz essa possibilidade de entendimento.

No entanto, o autor chama a atenção para o desconstruir de falsas verdades naturalizadas. Sendo assim, poderia então denominá-la de retórica? Esclarecendo, retórica é a técnica de dizer as coisas em um jogo, um agir estratégico e onde há vencedores e perdedores, que permite ao que diz, dizer qualquer coisa, mesmo que não acredite. Dessa forma, tendo por base o questionamento, é possível direcionar esse conceito a algumas das discussões centrais desse trabalho, ou seja, às verdades construídas e difundidas sobre o que é a adolescência, o masculino, o heteronormativo, ou mesmo como todos esses discursos foram estabelecidos como verdade.

Na retórica não existe vínculo entre o sujeito e aquilo que ele diz. Seria uma ação de dizer o oposto do que se pensa e do que sente, ou seja, um falar para convencer a quem ouve. Portanto, o sujeito tem uma relação fraca com o que diz. Assim, ao pensar nos fragmentos de discursos dos adolescentes aqui inseridos, é possível perceber o quanto alguns falam de verdades exteriores a si e as pronunciam para atender o que se espera deles, embora pensem diferente em relação a si mesmos.

Nessa breve noção histórica de cuidado de si - *epiméleia heautô, cura sui* -, a proposta, auxiliado por Foucault (2011b), é de, usando de algumas práticas reflexivas de liberdade dos gregos, entender, se possível, o cultivo de um estilo de liberdade

comprometido na elaboração de uma vida própria, de forma a ser como uma obra de arte pessoal. A pretensão é contribuir para esse direito, no esforço pela liberdade e no possibilitar ao adolescente o direito de conhecer a si, o cuidar de si e o viver com liberdade. O fragmento de comentário a seguir vem demonstrar essa busca por tal liberdade de ação, de opção, de conduta e, ao mesmo tempo, o quanto tais posturas estão a todo tempo atreladas ao externo de cada um/uma.

Na verdade, não diria cobrado, mas me sinto inseguro em relação ao que eu vou ser. Se eu vou conseguir ser bem sucedido na vida, se vou ser uma pessoa boa, o que eu vou fazer da minha vida e de mim mesmo, se eu terei muito azar pela frente. Então, resumidamente, me preocupo se eu conseguirei mudar o meu jeito de ser, parar um pouco com essa seriedade e tentar conviver de forma mais extrovertida no meio social (S4).

As observações do recorte vêm ao encontro do que se tem buscado entender nas obras de Foucault (2011b; 2010; 2007), dentre outras, compreender as correspondências entre as práticas desde a antiguidade e certos processos de subjetivação contemporâneos. Trata-se de um trabalho da crítica sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o próprio presente. É nesse contexto que o autor reflete sobre uma questão que se mostra fundamental para esta tese. Seriam as relações de amizade como possibilidades de resistência política contemporânea e procedimento capaz de instaurar novas formas de relação.

O observado é que o autor parece justificar e avaliar uma apropriação contemporânea de suas análises a respeito das práticas de liberdade da antiguidade grega. Ele estabelece uma correspondência entre a definição do *ethos* grego e da atitude crítica própria da modernidade. Para ele, os gregos entenderam o *ethos* como uma maneira de ser e de conduzir-se por meio de práticas refletidas de liberdade, sob o influxo de uma questão permanente. E, nesse sentido, surge uma indagação: como se pode praticar a liberdade mediante esse desafio?

Nesse caminho o autor afirma,

Meu problema é fazer de mim mesmo, e convidar os outros a fazer comigo, através de um conteúdo histórico determinado, uma experiência disso que nós somos, disso que é não somente nosso passado, mas também nosso presente, uma experiência de nossa modernidade da qual saímos transformados (FOUCAULT, 2004b, p. 44).

Para o autor, é possível estabelecer uma ponte histórica entre as experiências ético-políticas da antiguidade e a exigência moderna de uma crítica do presente que se faz e se refaz ao longo do viver. Nisso, fica entendido o interesse do autor pelas práticas ético-políticas da antiguidade, pois, afirma que isso se deve ao fato de o modelo da moral cristã, uma moral de obediência a um código de regras, iniciar o começo de um desaparecimento. Ainda, é importante reforçar que, ao retomar os textos antigos, Foucault (2004b) não o fez de forma historiográfica, seu interesse foi de traçar uma genealogia capaz de servir na elaboração de uma ética contemporânea, que pudesse contribuir no reconhecimento de novas práticas de si. Foi assim referenciado que foi buscado, neste trabalho, uma arqueogenealogia da adolescência.

Também, o autor encontrou outra forma de subjetivação na cultura de si grega, a qual não se tratava de uma moral da lei e do preceito geral, mas uma ética da pluralidade de normas, de escolha e de modos de vida. As análises genealógicas dele chegaram a um questionamento extremo do estatuto filosófico da subjetividade, problemática que já se fazia pressentir desde o princípio de sua longa reflexão. Igualmente afirmou que, em toda a sua obra, sua preocupação foi para com o sujeito. Sendo assim, para avançar nessa discussão, serão trabalhados, desse ponto em diante, conceitos de enunciado e discurso, de forma a ampliar e aplicar o discutido sobre a verdade.

Significando enunciado em narrativas de adolescente do sexo masculino

A fim de fortalecer o conceito de discurso, como ocorre e sua funcionalidade, Foucault (1999; 2011a) orienta que, inicialmente, ao observá-lo, é preciso recusar explicações unívocas, fáceis e busca insistente do sentido último e oculto das coisas, por tratar-se de prática bastante comum e incorreta. Quando se fala de estudos usando-se do discurso, é preciso ficar simplesmente no nível de existência das palavras e coisas ditas. Isso significa trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando-o mostrar-se na complexidade que lhe é peculiar.

Conforme orientam Fischer (2001) e Fernandes (2012), chegar à complexidade, a peculiaridade do discurso é tentar desprender-se de longo e eficaz aprendizado que gera olhar sobre ele apenas como um conjunto de signos e/ou significantes que se referem aos determinados conteúdos, carregando tal ou qual

significado, quase sempre oculto, dissimulado, distorcido, intencionalmente deturpado, cheio de reais intenções, conteúdos e representações escondidas em textos e pelos textos, e não logo visíveis. É como se no interior do discurso, ou em tempos anteriores a ele, pudesse encontrar verdades intocadas.

Para Foucault (1999), nada há por de trás das cortinas do discurso, nem sob o chão que se pisa, o que existem são enunciados e relações que o próprio discurso põe em funcionamento. Então, ao usar recortes de fala de adolescentes sobre construções de suas masculinidades, a busca é por perceber o discurso presente nesses comentários e as relações históricas e práticas da questão, de acordo com o campo teórico iniciado nos capítulos II e III.

Nesse sentido, Foucault (2008) afirma que os discursos são considerados como enunciados materialmente existentes. Para o autor, o enunciado distingue-se de frases, proposições e atos de fala, devido estar no plano do discurso e não submetido ao arcabouço linguístico canônico. Então, não é possível identificá-lo quando se encontram os constituintes de uma frase. O enunciado não é o ato material de falar ou escrever, nem da intenção do indivíduo que o realiza ou o resultado alcançado, trata-se da operação efetuada e pelo que produziu no próprio fato de ter sido enunciado.

Inclusive, para Foucault (2008), a língua e o enunciado não estão no mesmo nível de exigência. Portanto, o considerado é a noção de discurso como o conjunto de enunciados que deriva de uma mesma formação discursiva. Ele não está escondido, é visível e ao mesmo tempo apresenta um paradoxo, sendo não visível e não escondido. Para isso, ele deve ser entendido em decorrência da função enunciativa que ele traz.

O enunciado não é, pois, uma estrutura [...] é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir [...] se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por formulação [...] é essa função que é preciso descrever agora como tal, ou seja, em exercício, em suas condições, nas regras que controlam e no campo em que se realiza (FOUCAULT, 2008, p. 99).

A compreensão de enunciado implica explicitar o exercício dessa função, suas condições de produção, regras de controle e o campo em que se realiza. Para tanto, é preciso buscar na exterioridade de enunciados determinados, as regras de suas aparições, as relações mantidas com o que enunciam, aquilo ao qual se referem e o colocado em jogo por eles. O fragmento de fala que segue, tem por intenção

exemplificar o que seria um enunciado. O recorte permite perceber que gay¹⁸ e macho¹⁹ são exemplos de função enunciativa.

Eu lembro que brincando me chamavam de gay e isso me ofendia. Para mim era mais que me chamar de filho da puta. Ofendia pelo medo do que isso significava, até porque me sinto absolutamente homem. Agora não ofende mais. Lembro que no ensino fundamental eu sofria muito com isso. Quando me chamavam de gay era doloroso demais, passado um tempo não me afetava mais. (S10)

Tendo por base o fragmento e definições dadas por Foucault (2008), é possível notar que enunciados agenciam memória, constroem história, projetam-se do passado ao futuro e, nesse movimento, consequência da relação intrínseca com a história, tornam-se sempre outros, mesmo havendo regimes de materialidade repetível. É decorrente de tal afirmativa que gay e macho podem ser entendidos como pertencentes ao campo da enunciação. O recorte que segue reforça isso.

Acho que a todo tempo o homem quer mostrar que é macho, ser forte, muito macho e as conversas entre meninos é só assim. Quanto a mim eu não me sinto esse macho, não quero ser o machão, não falo que saio por ai pegando todas na balada. Eu sou gay, não preciso disso. (S11)

O fragmento de comentário possibilita o sentido e o significado dado a macho, tanto em relação aos outros quanto ao conceito feito de si mesmo, o qual ilustra as afirmações de Foucault (2008), de que o enunciado é suscetível no tornar-se outro diferente de si mesmo e se desloca discursivamente de seu sentido, nessa derivação do outro. Como sinaliza Fernandes (2012), os enunciados e suas sequências seriam séries de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugares de interpretação em que há sempre

18 Deriva-se do latim *tardio*= gaiu e do inglês *gay* = alegre. O termo gay é de origem inglesa recente, designa homossexualidade masculina e feminina. No Brasil, o uso é rejeitado por implicar invisibilidade da lesbianidade e bissexualidade e, no senso comum, atribui-se o termo a travestis e transexuais, devido o desconhecimento da distinção entre sexualidade e gênero. Usada para designar espontaneidade, alegria, entusiasmo e felicidade, o termo esteve presente na literatura americana até 1920. Devido sua conotação sexual atual, ele é utilizado no Brasil de forma pejorativa e desaconselhado por ser visto como chulo e/ou de fundo preconceituoso (WIKIPEDIA, 2014).

19 No discurso biológico, macho é o indivíduo que produz gameta móvel. Etimologicamente, a palavra mas - genitivo: maris, foi utilizada em latim para designar aquele que gera filhos fertilizando óvulos do outro sexo, enquanto o diminutivo masculus aplicava-se aos cachorros do sexo masculino. Em latim vulgar este diminutivo converteu-se em masclu, masculu, que tomou sentido de pequeno macho ou machinho e, nesse caminho, o processo veio a se completar com a transformação de *masclu* em macho e nos derivados másculo, masculino, etc. (WIKIPEDIA, 2014).

uma espessura material que os constitui, que compreende suas substâncias, suporte, lugar e data.

É na mudança desses elementos que são reveladas as multiplicidades dos enunciados, as alterações da identidade deles, o que acaba por caracterizá-los devido apresentarem tal identidade mutável. Para Fernandes (2012), essa mutabilidade é decorrente da história, visto que o enunciado circula, serve, se esquivava e permite ou impede a realização de desejo. Ele é dócil ou rebelde e, de acordo com os interesses, entra na ordem das contestações e das letras, tornando-se tema de apropriação ou de rivalidade. Nessa sequência de raciocínio, o fragmento de fala a seguir pode auxiliar e reforçar essa afirmação.

Enquanto não me assumi como gay durante minha infância e início de adolescência foi tranquilo, depois que cansei de me esconder e disse, sou gay meus primos me rejeitaram totalmente. Minha mãe aceitou o fato, embora não saiba lidar direito, mas mãe é mãe e ama sempre. Em relação aos meus primos os que gostam de mim de verdade continuam me tratando bem, outros nem conversam comigo mais. Tenho sete primos, quatro mudaram tanto que eu fiquei espantado, mas ser gay hoje já é diferente de outros tempos. Embora perceba que a rejeição que não tive na escola, tive na família. (S11)

Os fragmentos *me assumi como gay*, *sou gay* e *ser gay* hoje também podem servir para confirmar o que foi sinalizado. Realmente eles agenciam memória, constroem história e projetam-se do passado ao futuro. O recorte a seguir vem acrescentar sobre essa possibilidade de conceituação.

Quanto ao meu pai, quando eu falar que sou gay posso tratar de arrumar um emprego, ele vai me detonar, ele é de outra época, meus avós eram rígidos com isso, odiavam gays, diziam que se nasceu macho tem que ser macho, honrar as calças que vestem e meu pai é igualzinho. (S11)

O recorte pode auxiliar na compreensão mais objetiva do que é um enunciado e, ao buscar possíveis análises, é preciso fazê-las de forma histórica, levando-se em consideração que ele é compreendido como um conjunto efetivamente produzido em dada época. Assim, a discussão iniciada no capítulo e o uso dos recortes de fala inseridos são importantes na busca de melhor entendimento sobre as relações e as conceituações de saber-poder, biopoder e resistência, dentro do campo das questões

sexuais e de gênero de adolescentes masculinos, temática a ser discutida pormenorizadamente nos tópicos que seguem.

Saber, poder, biopoder e resistência no discurso de adolescentes do sexo masculinos

Ao buscar um melhor entendimento sobre poder, é possível tomar como referência inicial a expressão sensualização do poder. Foucault (2008) afirma que o poder roça corpos, acaricia com os olhos, intensifica regiões, eletriza superfícies e dramatiza os momentos conturbados. O autor diz também que, ao se utilizar os olhos vigilantes do poder, quem o faz é recompensado por uma emoção fortalecedora deste. Dessa forma, consegue-se permissão para atrair estranhezas, avançar, multiplicar efeitos, pluralizar alvos e ramificar articulações desse poder. Nota-se que o poder está muito mais presente nas microrrelações, nas relações interpessoais cotidianas, que em qualquer outra forma instituída.

Entretanto, fazer tal afirmação não desmerece, nega ou deixa de reconhecer o poder institucionalizado. Exemplificada no fragmento de discurso que segue, a questão é que o poder e sua força tornaram-se centrados na relação do eu comigo mesmo e o eu com o outro. Também entende-se que o poder não é repressivo, ao contrário, é produtivo porque estimula mudanças de lugar de onde se está, sendo estimulador por exercer papel incitador de tais mudanças. O fragmento seguinte possibilita perceber como cada um se autoavalia e se localiza em um dado lugar, consequência daquilo que o alcança.

Não me lembro de uma situação de cobrança social mais constrangedora porque eram situações diárias. Eu tinha o caderno mais organizado que todos os meninos, a letra mais bonita e na época que o colorido estourou na TV – como o restart, eu usei calça e tênis colorido e franja no cabelo. Hoje percebo este tempo como ruins porque foi a época mais gay que tive, foi a que fui mais cobrado. Tanto que no começo me questioneei sobre o que eu era. A questão é que sempre fui julgado como o direitinho, mas nunca me condenei por ser delicado. Eu sou assim e não vejo nada de errado. Creio que isso pode ter contribuído um pouco em relação as minhas dúvidas sobre quem sou. Na verdade foi uma mistura de coisas como: o que eu ainda não havia feito a nível sexual, o me julgarem delicado e o fato de me denominarem gay. (S8)

O fragmento e Foucault (2008) possibilita entender que o poder, se tomado como meramente repressivo, é mal compreendido, pois, para além de proibir ou

interditar, ele incita. Conforme já discutido no capítulo III, denunciar repressão, no que se refere à construção de masculinidade de adolescente e forma fundamental de agir, implica ocultar a proliferação do poder e esconder sua presença nas condutas mais íntimas e individuais. Então, é importante perceber que esse poder está nos espaços subjetivos de pura intimidade e liberdade. Ao entender que os discursos constituem objetos de investigação e análise é que este trabalho está centrado em tal questão.

A proposta é sinalizar, apoiado nos fragmentos de fala de adolescentes, o funcionamento do poder, referente à construção de masculinidades, que não mais se contenta com mecanismos de barragem ou proibição, mas que se organiza em linhas de penetrações intermináveis e em formas produtivas e inventivas de atuação. Tal poder é investido para que se diga o que há para se dizer e, assim, possibilitar a construção, fortalecimento e desconstrução de verdades²⁰. Não para condenar ou tolerar, mas para gerir, regular e fazer esse discurso funcionar segundo um padrão ótimo.

Para Fernandes (2012), não se trata mais de julgar, pois o objetivo é administrar. É dessa forma que o poder estimula e incita o discurso e também é incitado por ele. Nesse caminho, Foucault (2008) afirma que se o poder existe numa rede vasta e multiforme de relações, os pontos de resistência também se apresentam como multiplicidade ou como focos. Tais pontos seriam o outro termo das relações de poder, o outro lado, o ponto de colisão, o que não quer dizer que esteja fadado ao fracasso. Seriam a heteronormatividade e o sujeito em construção de sua masculinidade os ocupantes desses dois lados em um campo de força constituído de poder e resistência.

Quanto à resistência, o autor apresenta a questão como ponto e nó irregular que se distribui com maior ou menor densidade no jogo relacional com o poder, podendo provocar levantes radicais e rupturas profundas. Embora seja mais comum serem pontos transitórios, móveis e precários que cedem ao poder. A resistência, pode ser observada no fragmento de fala a seguir, da mesma maneira imanente, fragmentada e centrada nas relações em que o poder funciona, provoca reagrupamentos, introduz clivagens e procede por estratégias.

20 Verdade para Foucault (2003) remete ao conjunto de procedimentos que permitem a cada instante se pronunciar enunciados que serão considerados verdadeiros. Para ele, a verdade é algo que “acontece” sendo produzida por várias técnicas, inexistindo previamente aguardando para ser descoberta. A verdade pode se encontrar na forma do discurso científico ou nas instituições que o produzem e, nesse sentido, o autor apresenta a tragédia de Édipo como o primeiro testemunho grego mostrando a história da verdade, sendo inclusive uma verdade produzida pela história. Para o filósofo inexistente a verdade intemporal. Mostrando o desdobramento em busca da verdade, ele reforça ser possível construir uma história da verdade.

A gente tenta se enquadrar, pois ninguém quer viver sentindo-se como se fosse um peixe fora d'água. Você tenta aderir "aos padrões", o que não é uma tarefa muito fácil. A gente se sente meio oprimido e por isso se propõe a agradar. Hoje procuro não me machucar, pois essas coisas só fizeram me sentir inferior. Só porque eu não gostava das mesmas coisas que a maioria eu sofri e por vezes, tentava gostar só pra fazer parte da turma. (S10)

O fragmento de fala vem contribuir para um melhor entendimento do que seria resistência no campo do poder. Percebe-se que a resistência é força que colide com o poder e, por essa e nessa relação de embate, usa dele e de sua estruturação para gerar novos poderes, questão que pode ser novamente verificada no recorte que segue.

Hoje, entre meus amigos sou o único que não torce por time nenhum, nem sequer bebo e nem por isso me discriminam, muito pelo contrário. Acho que por duas razões: minha forma de lidar com as situações no cotidiano mudou, não sofro mais por besteira. Ainda bem que a maturidade é algo natural da vida, uma hora ela acaba chegando. (S16)

O fragmento viabiliza a percepção de relações bem estabelecidas e estruturadas sobre saber, poder e resistência. Nesse sentido, embora reflexões de Foucault (1979; 1982; 2008; 2007) confirmem sua preocupação e detalhamento sobre o tema, uma teoria geral sobre o poder jamais foi gerada e também ambicionada por ele. Um poder que, segundo ele, está preocupado em domar corpos, ditar regras e as formas como cada um deve ser moldado e ajustado. Isso pode ser facilmente identificado nos dois últimos fragmentos de comentários usados anteriormente. Trata-se de uma forma de poder em vigor na sociedade, denominado de biopoder.

O conceito de biopoder descrito por Foucault (2007) veio se juntar às reflexões sobre as práticas disciplinares como técnicas de exercício de poder e como forma de pensar e agir, submetidas e ajustadas a partir do século XVIII e XIX. Nessa época, as disciplinas se voltaram para o indivíduo, para o seu corpo, visando à normalização e adestramento e exercidos nas diversas instituições modernas frequentadas por tais indivíduos: a escola, a caserna, a fábrica, o hospital, a prisão e etc. Eram instituições que possibilitavam tornar os corpos dóceis e aptos à produção industrial vigente, visando a atender necessidades específicas do capitalismo.

E, por que as questões ligadas a sexualidade foram tão usadas e tomadas como caminho de controle social? Foucault (2007) encaminha que não se deve creditar tanto ao sexo natureza. Ele cita que padronizações de comportamento foram e são

estipuladas. Isso possibilita relativa anexação do sexo a um campo de racionalidade entre adolescentes. São procedimentos que os envolvem por inteiro, corpos, alma, individualidades e a história, tudo sob o signo de uma lógica da concupiscência e do desejo.

Então, é possível perceber que é como se adolescentes fossem todos iguais ou deveriam sê-lo. Pior que isso, há um movimento consciente para que o sejam, um discurso que visa a construir sujeitos de forma e postura esperada e padronizada. Foucault (2007) orienta a importância de se perceber sempre a distinção do que é o discurso, como ele constantemente possibilita naturalizações e aceitabilidades do que foi historicamente demarcado, estando ligado à pessoa e determinando sua construção e subjetividade. O fragmento a seguir pode ser um exemplo do que foi descrito.

Eu sou preso a laços muito profundos herdados de meus pais. Vejo que meus valores e moral estão bem guardados dentro de mim. Vivo num mundo onde se fala muita coisa e pra aceitar tudo que dizem, é preciso analisar. Quanto ao lidar com cada um diferente, você aprende muito com isso. (S10)

O recorte de comentário viabiliza perceber o que seria o biopoder descrito por Foucault (2008), poder que age sobre a espécie, no corpo espécie, sendo transpassado pela mecânica do ser vivo. Há aí também uma possível percepção de que as subjetividades são ajustadas, remodeladas, a partir de experiências culturais e familiares. Tal entendimento amplia-se ao se observar o fragmento a seguir.

Convivo com uma pessoa racista roxo, daquelas que atravessam a rua se ver um gay ou negro vindo à mesma calçada. Eu parei pra pensar no que essa pessoa passou pra ser assim e qual foi a infância dela. Aí me pergunto: será que se eu mostrar minha aversão de uma forma brusca a esse tipo de comportamento, não seria pior? Então convivo. São ideias completamente diferentes das minhas, mas lido com elas de acordo como são, talvez eu consiga fazê-lo pensar de uma forma diferente, mais tolerante às diferenças. Não é o que minha geração mais está buscando? (S10)

O recorte viabiliza percepção de que uma vez sobre esse corpo espécie, o biopoder assume os cuidados diversos, anteriormente sinalizado. Existe, no biopoder, políticas de gênero e de sexualidade e isso tornam o tema de interesse para melhor entendimento e fortalecimento deste trabalho. Para Foucault (2008), o biopoder assumiu a gestão da vida e isso ocorre por meio de técnicas de poder sobre o biológico. E, uma vez centralizado nas discussões políticas, tem sido possível modificá-lo, transformá-lo e

aperfeiçoá-lo. A proposta foi de produzir saberes para um melhor manejo e nesse sentido,

Assim como a disciplina foi necessária na docilização do corpo produtivo fabril, o biopoder foi também muito importante para o desenvolvimento do capitalismo, ao controlar a população e adequá-la aos processos econômicos. “O investimento sobre o corpo vivo, sua valorização e a gestão distributiva de suas forças foram indispensáveis naquele momento” (FOUCAULT, 2007, p. 154).

Para o filósofo, nas sociedades disciplinares, o poder sobre a vida não foi voltado para possibilidades de vida que acaba. Ele geriu a vida por toda a sua extensão, com o objetivo de organizá-la, majorá-la, vigiá-la para que fosse incluída, controladamente, nos aparelhos de produção capitalistas. Ele não se refere mais aos meios e mecanismos de morte, e sim, ação com finalidade de distribuir os vivos em um domínio de valor e utilidade. E o processo que colocou a vida no foco central das investidas, das tecnologias do poder, também tem colocado os que vivem no centro das lutas contra esse poder e forma de dominação. Então, a vida, os direitos sobre ela, sobre o corpo, a felicidade e o ser vivo têm sido o foco das lutas políticas e das resistências.

O que é reivindicado e serve de objetivo é a vida, entendida como as necessidades fundamentais, a essência concreta do homem, a realização de suas virtualidades, a plenitude do possível. Pouco importa que se trate ou não de utopia: temos aí um processo bem real de luta; a vida como objeto político foi de algum modo tomada ao pé da letra e voltada para o sistema que tentava controlá-la (FOUCAULT, 2007, p. 158).

Na atualidade, as reflexões do autor possibilitam a identificação de uma transição no modo de organização do poder na sociedade. Se o comportamento disciplinar era um agir em espaços de confinamentos diversos, conforme já citado, o controle acabou por se espalhar por todo o tecido social e não age mais como molde, semelhante ao que ocorria nas sociedades disciplinares, pois tem atuado nas modulações flexíveis e constantemente aperfeiçoáveis.

Em relação às sociedades de controle, são aquelas nas quais os mecanismos de comando tornam-se cada vez mais ‘democráticos’, cada vez mais inseridos e sensíveis ao campo social, distribuindo-se nos corpos e cérebros, conforme os fragmentos de fala inseridos neste trabalho vêm confirmando. Os mecanismos de controle são intensificações nas disciplinas, agora estendidas para além dos espaços determinados das instituições, pois se organizam em redes flexíveis e flutuantes e, como formas de comando, transformam-se.

Em relação ao biopoder, ele reformula-se e torna-se novo a cada tempo e necessidade. Assim, a heteronormatividade já discutida, ao ser identificada no fragmento de fala a seguir, possibilita percepções de que, possivelmente, é sob esse novo biopoder que gerações de adolescentes tem se constituído enquanto sujeitos. Seus embates são evidentes quando narram o buscar por ajustar-se ao que está estabelecido como regra e padrão a ser seguido.

Eu sei que não muda nada, mas na prática é foda, julgam e sei que isso faz parte do convívio social. Se ser hétero não muda nada, ser homossexual me coloca noutra condição. Vão dizer: oh ele é gay! É um preconceito danado. Ainda fico pensando na minha mãe e pai, na decepção, no que eles vão pensar. (S1)

O fragmento inserido pode contribuir para a compreensão dos enfrentamentos vividos por adolescentes, suas masculinidades e os padrões estabelecidos. Já discutido no capítulo II, o recorte possibilita reforçar conceitos de adolescência e masculinidade como natural – naturalização enraizada de forma profunda. Bem instalados e eficientes, parecem proceder do interior da pessoa, ao invés de discursos historicamente estabelecidos. No entanto, é a percepção construcionista que permite reforçar que sexualidade e gênero de adolescentes são construções históricas do discurso e não questões naturais.

Em Foucault (1999), reconhece-se a necessidade de olhar o discurso arqueogeneologicamente devido às possibilidades de aceitar a verdade como uma conformação histórica. Para o autor, isso se dá por meio de normas internas dos saberes de certo contexto e por meio da análise do mesmo em suas contradições.

É dessa forma que é possível um melhor entendimento dos processos de exclusão entre os adolescentes, pois são operados pelo discurso em que só aparecem verdades insidiosamente universais e, por isso, são ignoradas, existindo uma vontade de verdade como o grandioso maquinário destinado a excluir. Ainda,

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si (FOUCAULT, 2011a, p.49).

Na concepção de Foucault (2008), o discurso é visto como aquele que possibilita a formação do objeto e a produção de subjetividade. Para o filósofo, os objetos do discurso encontram na história seu lugar e sua lei de emergência, permitindo que esses objetos estejam em constante formação e transformação, tornando-se marcados por descontinuidades, devido às historicidades que ostentam. Então, tendo por referência o que é a adolescência masculina, edificada na história e no tempo, as questões discutidas neste ponto da tese tornam-se bem evidentes.

No conceito de Fernandes (2012), é nas relações discursivas que se oferecem o objeto do que se pode falar e determinam o feixe de relações que o discurso deve efetuar, para assim discorrer sobre o objeto. Nesse raciocínio, as relações discursivas não caracterizam a língua, nem circunstâncias do discurso, mas o próprio discurso enquanto prática. Quanto à prática discursiva, é um conjunto de regras que definem sua especificidade. Assim, pressupõe-se que a masculinidade de adolescentes é construída por discursos historicamente produzidos e modificados. O recorte a seguir reforça tal suposição.

Eu depilo meu corpo e minha mãe acha isso coisa de homossexual e por isso que ela começou a desconfiar de mim. Na época eu estava trocando mensagens com uma garota e ela pensava que era com homem. Um dia meu pai sentou comigo, perguntou se eu era gay, falei que não e que inclusive estava saindo com uma garota. Reconheço que em casa essas dúvidas doíam porque são pessoas que a gente confia e ao duvidar da sexualidade da gente, isso dificulta até a comunicação. Meu pai não brigou comigo, só comentou que sabia desse caminho, que não era fácil, que eu iria sofrer muito e que a minha decisão não mudaria nada entre nós. (S2)

O fragmento vem reforçar que as masculinidades são reconhecidas em constantes produções e marcadas por movimentos. Nesse sentido, o discurso seria uma categoria fundante do adolescente e de suas construções enquanto sujeito masculino ou a masculinizar-se através do discurso. Entretanto, a continuidade desta discussão viabilizará melhor conceituação de biopoder e sua ação sobre a adolescência masculina.

O biopoder atuante sobre as subjetividades e identidades

A proposta, ao desenvolver esse último tópico, é demonstrar como saber, poder e resistência possibilitam melhor compreensão sobre a organização e disseminação do dispositivo de biopoder na construção de sujeitos. Tais questões estão

sustentadas nas considerações de Foucault (1979; 2008), e visam a contribuir na percepção de como ocorre a construção das masculinidades adolescentes, seus enfrentamentos e a complexidade do processo. Dreyfus e Rabinow (1983), sobre o funcionamento das relações de poder, reforçam que nelas não há exclusivamente o uso de violência. Em seu exercício, o poder pode, inclusive, suscitar tanta aceitação quanto se queira.

Ele não é em si mesmo uma violência que, às vezes, se esconderia, ou um consentimento, que implicitamente, se reconduziria. Ele é um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidades onde se escreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis a agir. Uma ação sobre ações (DREYFUS E RABINOW, 1983, p. 243).

O conceito de poder possibilita melhor compreensão do biopoder e seus mecanismos, uma vez que envolve cuidados sobre nascimento, mortalidade, saúde da população, longevidade e epidemias como a AIDS e, como mecanismo, contribui no fortalecimento de políticas de preconceito racial, de gênero e de sexualidade. Sendo assim, assume a gestão da vida por meio de técnicas de poder sobre o biológico. Ao observar as questões de gravidez precoce e ações que a envolvem, é possível também perceber que, uma vez central, ele é modificado, transformado e aperfeiçoado em procedimentos e aplicabilidades.

Enquanto mecanismo, o biopoder produz conhecimentos e saberes para um melhor manejo e gerenciamento da vida por toda a sua extensão. Araujo (2000) afirma que o processo assentou a vida no foco central das investidas, das tecnologias do poder, colocando os que vivem no cerne das lutas contra esse poder. Para a autora, ele atua nas modulações flexíveis e são constantemente aperfeiçoáveis. Entendido como modalidade de dominação, a busca é por percebê-lo, é observar sua atuação no que se refere ao adolescente masculino, as suas formas ativas para a discussão da iniciação sexual, ao risco de doenças sexualmente transmissíveis, à gravidez precoce, entre outros.

Portanto, é sob esse biopoder que a sexualidade e o gênero têm sido forjados na busca por ajustes e atendimento aos padrões normativos estabelecidos. Trata-se de ações sobre o corpo, desde muito cedo, visando à docilização e à padronização heteronormativa. A potencialidade do biopoder é tamanha que, uma vez enraizada,

também toma forma e conotação naturalizada. Entretanto, observa-se que, em meio a tais mecanismos, há uma preocupação para com a vida.

Mediante a afirmativa, é possível criticar o atamento do biopoder com as ciências médicas que se preocupam com a sexualidade, as ciências que cuidam da saúde das populações, se a centralidade de tais ações é também buscar caminhos para curar e prevenir doenças, evitando situações de gravidez precoce? Se entendidas como prejudiciais, o que seria da sociedade sem essas ciências que têm um lado social benéfico no que fazem e onde atuam? Medidas de saúde pessoal e pública são ações científicas de suporte, procedimentos necessários, importantes e fundamentais. No entanto, a crítica de Foucault (1979) está no lado obscuro dessas práticas, pois, há na sociedade disciplinar o controle sobre os indivíduos e a população, consequência dos efeitos de poder gerado que desencadeia a exclusão e a normatização.

Assim, pelo já discutido é possível afirmar que a exclusão e normatização são efeitos prejudiciais para alguns adolescentes em processo de subjetivação. Então, desvincular medidas eficazes, que visam à saúde, dos efeitos que costuma ter enquanto produtoras de verdade de tipo absoluto e incontestável, produzidas pelos discursos científicos e médicos, é algo que tem sido discutido (LOURO, 1999). A desvinculação se faz necessária, principalmente por carregar o selo de garantia da ciência e da técnica, o que mostra uma de suas potencialidades prejudiciais.

Na condição de disciplina sobre o corpo e controle geral de populações, enquanto modalidade, ela alcança a todos e também suas relações interpessoais. Em um mundo em que o discurso científico é tido como verdade, para o adolescente, o mesmo é cheio de vontade de verdade e exerce papel subjetivador e docilizador. Tomando como exemplo a tecnologia do sexo, como mecanismo mais recente que o dispositivo de sexualidade, ela é resultado da combinação do corpo disciplinado com a população gerida por políticas de controle. Observa-se que agora já não valem mais alianças de sangue, pois quem fala não é mais o sangue simbólico que percorre longas tradições, criando os laços legais. Para Dreyfus e Rabinow (1983), o poder gere a vida e a sexualidade se tornou seu alvo e resultado.

O biopoder também se encontra instalado na menor das relações sociais, pessoais, institucionais, penetra suavemente em todas essas relações e é, inevitavelmente, permeado de saber. Dessa forma, não se pode simplesmente lutar contra ele. Isso permite pormenorizados entendimentos dos motivos que levam o

adolescente masculino a vivenciar maior ou menor grau de complexidade e ajuste, enquanto sujeito em construção. A questão é que há políticas externas a ele, que exercem papel subjetivador e ao mesmo tempo objetivador, somada ainda à disciplina que é exercida sobre si mesmo e seu corpo. Esta última é consequência de processos subjetivadores ocorridos anteriormente.

No campo das questões sexuais, observa-se que embora as tecnologias do sexo sejam apresentadas, entendidas e disseminadas como questões eficientes, importantes e aparentemente revolucionárias, na prática elas não revolucionam. De acordo com Dreyfus e Rabinow (1983), elas favorecem também toda uma economia discursiva na qual a questão principal não é sua procedência ou originalidade. Se enunciado médico ou psicanalítico, se verdadeiros ou falsos, o que está em jogo são os efeitos que esse biopoder produz, por querer saber e mais saber, e verdade e mais verdade sobre o comportamento sexual do adolescente.

Ainda cabe o questionamento: a adolescência, como processo conturbado, pela forma como ocorre, que efeito essa política discursiva de controle e de estímulo produz no processo de subjetivação desses sujeitos? São procedimentos que esmiúçam, bisbilhotam, investigam, objetivam e, preferencialmente, estimulam o desenvolvimento dos mais profundos desejos e segredos sexuais, buscando a construção de saber e verdades que possibilitam aprimoramento de mecanismos de dominação e docilização.

Nota-se que, como integrante de uma sociedade cientificista, o adolescente é submetido a uma pretensa verdade objetivadora, a todo tempo suprida e renovada. Isso significa desqualificar o que não é conhecimento verdadeiro, que não passe pelo crivo da prova, do teste, da medida, da constituição, da verdade acerca de cada um e cientificamente outorgado. Nessa luta pela constituição de verdades, seriam a heteronormatividade e o adolescente na construção de sua masculinidade, os ocupantes desses dois lados, o poder e a resistência? O fragmento de fala a seguir ilustra a questão da norma, da verdade estabelecida e esperada e auxilia na resposta ao questionamento.

Admito que foi a coisa mais difícil que eu fiz na vida. Chamei minha mãe para conversar e falei: mãe, sou gay! Ela ficou chocada, mas me falou que continua me amando e nada muda. Às vezes ela tem vindo conversar comigo e fala que não sabe lidar bem com o fato de eu ser gay. Vejo que ela chora muito, ela diz que não esperava. Ela vivia me pedindo netos e agora não terá mais porque sou diferente (11).

Os fragmentos *A coisa mais difícil que eu fiz na vida, mãe, sou gay! Ela ficou chocada, continua me amando e nada muda, não sabe lidar bem com o fato, chora muito e não terá mais neto porque sou diferente* mostram que há de se considerar aí a forças da norma estabelecida como padrão e o conjunto de expectativas de si e sobre si procedente dos outros, verdades que estão estabelecidas na sociedade e que tornam quem não as cumpre diferente. Também, é possível observar no fragmento as resistências apresentadas por Foucault (2007), com seus pontos e nós irregulares que se distribuem com maior ou menor densidade.

Para o autor a resistência é fragmentada e centrada nas relações em que o poder funciona. Nisso entende-se as diversas masculinidades existentes e os comentários aqui inseridos vêm confirmando isso. Reforçam que masculinidades díspares existem e adolescentes em processos de subjetivação, vivenciam essa construção ou parte dela, consequência do embate em que atuam resistência e poder. Resistência como força que colide com o poder e usa dele e de sua estruturação para gerar novos poderes. Poder que doma corpos, dita regras de como se deve ser moldado e ajustado, resultando em resistência e produtividade dessa relação.

Nesse embate, as disciplinas são voltadas para o indivíduo e seu corpo, com o objetivo de normalização e adestramento. Historicamente, foi na busca por entender os mecanismos de docilização e domesticação de corpos que surgiu a necessidade de entender também o porquê de as questões ligadas a sexualidades serem usadas como ferramentas de controle social.

Perceptível em diversos fragmentos de fala inseridos nesse trabalho, a domesticação tem possibilitado relativa anexação do sexo a um campo de racionalidade. Entre adolescentes essa subjugação disciplinar não é total ou violenta, valendo-se de táticas e práticas que se instalam nas relações imediatas entre os indivíduos, tornando-os sujeitos e sujeitados, por autoridades competentes e técnicas gerenciais. Com isso, surge um corpo útil, produtivo e submisso e considerado componente essencial da sociedade moderna.

A eficiência desse mecanismo é centrada em procedimentos disciplinares e normalizadores, fazendo trabalhar na sociedade algumas relações de saber-poder que domesticam. Para Foucault (2007), são esses fatores que tornam as pessoas possuidoras de comportamento produtivo e as pesquisas de campo desse trabalho vêm confirmando isso. O autor afiança que não há sociedade sem mecanismos de poder e poder que se

mantenha sem produção de verdade. Nesse processo, a totalidade do indivíduo não é decepada, abafada ou modificada pela ordem social, mas nela, e o indivíduo é cuidadosamente subjetivado, segundo toda uma tática de forças dos corpos e sobre os corpos. No fragmento de fala a seguir tais questões podem ser observadas.

Em relação a ser macho, acho que se assume essa postura como imposição com o objetivo de esconder fragilidades, por não se querer ser reconhecido como fraco. Machos malham muito, querem sempre o respeito e por isso têm sempre de se demonstrarem fortes, escondendo seu sofrimento, exteriorizando atitudes agressivas, como se não se preocupassem com os outros e se isso fosse verdade não fariam como fazem (S4).

Percebe-se aí o jogo exercido sobre o corpo e as táticas eficientes que agem sobre ele. Contudo, pode haver estranhamento ao se psicologizar cada um ou na preocupação referente à saúde da população, por serem mecanismos e procedimentos nem sempre favoráveis. Isso ocorre porque a sociedade acredita no saber como libertador e questiona se o mesmo é opressor. Mas o saber-poder cria relações, induz à verdade e produz subjetividades. Nesse sentido, é comum que seja pensado que libertar a pessoa e seus desejos e livrá-la das repressões seriam processos que restaurariam uma política e uma ética da liberdade. Nesse caminho, é importante o entendimento que

Todos esses controles sociais que se desenvolveram no fim do século passado e que filtram a sexualidade dos casais, dos pais e das crianças, dos adolescentes perigosos e em perigo - tomando por tarefa proteger, separar, prevenir, assinalando em tudo os perigos, despertando as atenções, chamando os diagnósticos, agrupando relações, organizando terapêuticas; em torno de sexo, eles irradiam os discursos, intensificam a consciência de um perigo incessante que coloca por sua vez, a incitação a falar disso (FOUCAULT, 2007, p. 43).

O autor chama a atenção para o fato de que cada um tem sido analisado, que comportamentos e biotipos têm sido vasculhados por médicos, com o objetivo de correção de aberrações. Sendo assim, estamos muito distantes da concepção grega referente ao amor entre iguais, ou seja, do mesmo sexo. Na Grécia, ele era cercado de zelo especial para que dele se fizesse bom uso, chegando inclusive à renúncia, como aconselham os textos filosóficos, em nome do amor e da amizade ao mestre. Para Foucault (2011b; 2010), tratava-se tanto do cuidado de si e um conhecer a si quanto para o qualificar da vida.

Em relação à questão masculina adolescente no campo da sexualidade, o ocorrido é que se objetivam todos em normais e anormais, possibilitando o surgimento

da figura do homossexual, do perverso, do desajustado, dentre outros. Isso ocorre pela observação, análise, classificação, patologização e medicalização. E a objetivação, enquanto procedimento, possibilita esse enquadramento em um campo ou outro, o normal ou fora da norma, questões possíveis de observação no recorte a seguir.

Talvez minha mãe ache que ser gay seja defeito porque ela não teria neto e nora, mas talvez depois acostume com a ideia. Na escola acho que se as pessoas soubessem, achariam normal. Lá, acho que as pessoas não teriam preconceito. A meu ver, quando você convive com pessoas assim, isso se torna natural. No começo com a família vai ser difícil, mas depois vai se tornando natural com o convívio. O natural seria devido hoje em dia ter bastante gays (S3).

O fragmento de comentário permite retomar a realidade do adolescente e sua objetivação e demonstra que ele, nem sempre, se adéqua à norma, viabilizando uma objetivação ao grupo dos anormais. Também, além dessa utilidade, o saber sobre o sexo conduz disfarçadamente a uma moral estimuladora para que se seja sincero, verdadeiro e com nada a esconder. Entretanto, é poder que precisa de disfarce, afinal, um poder visível torna-se alvo fácil, pois se vale de saberes e discursos fora das instituições superiores, que não apresentem estrutura ou energia restrita aos que estão localizados no topo da escala social. É poder que trabalha de forma estratégica e consideravelmente complexa, assim, ele apresentará eficiência maior e custo menor. Principalmente em relação não estabelecida entre dominante e dominado, mas em relações móveis em forças que gerem efeitos desestabilizadores nos aparelhos de produção.

Nota-se que tais afirmativas não negam a presença do poder e das grandes dominações. Foucault (1979; 2003; 2006b) não rejeita as grandes dominações, mas as analisa de maneira diversa. Para o autor, há na sociedade, vários e múltiplos confrontos e enfrentamentos que fortalecem e energizam os poderes centralizados, tidos mais como efeito do que causa dos poderes periféricos. Assim, é difícil escapar do poder relacional, por se estar nele e evidenciar sua eficiência. O ideal é a ele resistir por meio de embates locais e jamais por meio de uma revolução, a qual pressupõe, inocentemente, que seja possível libertar-se do poder.

Devido ser exercido por meio de procedimentos múltiplos ou como vontade de verdade, ele não pode ser elidido, apenas desmascarado em seus efeitos, denunciado e, talvez, transformado por novos regimes de verdade. Então, cabe localizar e, se possível denunciar, as relações de poder que atuam nos discursos sobre sexo e que têm

por intenção extrair a verdade, sendo importantes e aplicáveis no campo dos estudos de masculinidades, em processo de objetivação que classifica os sujeitos em perversos, desajustados ou homossexuais. Entretanto, o percebido é que ocorre uma sujeição aos saberes resultantes dos mecanismos da confissão duplamente. Há um reconhecimento, como sujeitos e fraquejamos ao outro, há também uma sujeição que permite o revelar das verdades mais preciosas do sexo. Assim, o discurso conduz e produz poder, reforça-o, mas também o mina e o expõe.

Sendo assim, medidas sanitárias e profiláticas sobre saúde pública são necessárias e não é proposta deste trabalho discutir o valor de campanhas como a prevenção ao HIV-AIDS entre adolescentes, por exemplo. A crítica está centrada nos efeitos de poder sobre o indivíduo, muitas vezes imperceptíveis, às vezes solicitados/as de terem suas verdades atadas ao saber técnico, competente e inquestionável. A questão é que essas verdades produzem, entre outros efeitos, a subjetivação de cada um.

Não é proposta ir contra o saber-poder, pois ele é produtivo na subjetivação do adolescente masculino e, mesmo por não se tratar de algo visível, acima de todos, sufocante e ou repressor. Todavia, é possível denunciá-lo localmente, quando resulte em constrangimento, force a entrada em jogo com o qual o convívio social, médicos, assistentes sociais, sociólogos, sexólogos, psiquiatras, pedagogos e professores busquem dizer qual é a verdade de cada um. O recorte a seguir pode referenciar isso.

Acho que isso é rejeição, não na família, mas entre os amigos é. Fazer brincadeira, falar que o outro é gay, isso é preconceito sim. O outro é do jeito dele e nem importa o que os outros falem. Ele sabe que não é importante, mas comigo é diferente, eu não consigo, acho que por uma amizade que foi construída antes de eu querer ser essa pessoa diferente que hoje acho que sou, não deveria ser perdida (S11).

Neste fragmento há referência tanto à rejeição quanto ao constrangimento desencadeado pela objetivação. Ainda é possível reforçar a importância referente à construção das identidades entre os adolescentes. Apoiado em Hall e Woodward (2003), a identidade se distingue por aquilo que não se é, devido ela ser marcada pela diferença. Prova disso é que existem associações entre identidade da pessoa e as coisas que ela usa. Nesse campo, o social e o simbólico referem-se a dois processos distintos, sendo necessários para a edificação e a manutenção dessas identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual é dado o sentido a práticas e relações sociais, definindo quem é

excluído e incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são exercidas nas relações sociais.

Para Hall e Woodward (2003), se o corpo é local envolvido no estabelecimento das fronteiras que definem quem cada um/a é, servindo de fundamento para a identidade, inclusive para a sexual, está aí a importância dessa discussão para a investigação aqui desenvolvida. Como percebido nos fragmentos de fala, é através do corpo que o adolescente tem buscado reforçar suas identidades masculinas e, para isso, ele faz exercícios físicos que ressaltem seus músculos, masculinidade e virilidade, exercendo práticas de risco que supostamente o auxiliem nesse empreito.

Os recortes de comentários inseridos confirmam que, quando esses mecanismos não propiciam uma objetivação esperada e exigida pela norma, o adolescente sente-se excluído e passa a questionar até a si mesmo sobre suas identidades e, em alguns casos, esses questionamentos podem gerar índices considerados de depressão e alienação, mesmo em casos em que o desejo sexual não se apresenta como dúvida. No entanto, como o fragmento a seguir pode mostrar, dúvidas e certezas existem e o objetivar do outro vai incidir sobre tais questões.

Na verdade eu acho que nós, adolescente muitas, vezes não sabemos o que queremos, se queremos namorar, ficar sozinho, ou muitas vezes mudar de sexo e são essas decisões que irão influenciar na vida futura, uma vez que muitos se preocupam com o que as outras pessoas irão dizer, então acabamos nos reprimindo, gerando assim esse novo problema na adolescência. O indivíduo presta tamanha atenção na opinião social e não para pra pensar sobre a sua própria atitude, que ele deve fazer o que ele quiser, ser quem ele quiser e ter vontade de ser (S6).

Há aí uma afirmativa sobre presumíveis dúvidas e escolhas. Em contrapartida, mediante o expressado, sabe-se que nos contextos atuais, existem preocupações com as identidades nacionais e étnicas e nos contextos locais a preocupação é para com a identidade pessoal. Nisso ficam percebidas as políticas sexuais, já que é nesse campo que há uma discussão referente a uma suposta crise de identidade. Para entendê-la, basta que se reflita sobre a forma como as identidades são formadas e os processos que a envolvem. Então, é possível o questionar se as identidades são fixas ou de forma alternativa, são fluidas e cambiantes?

Para se chegar a uma resposta, basta entender que práticas de significação produzem significados e envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir

quem é incluído e excluído. É a cultura que molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao possibilitar a opção entre as diversas identidades possíveis. Isso ocorre por um modo específico de subjetividade. Eis aí um conflito instalado entre o desejo de ser e o de ter prazer naquilo que desperta o desejo. É o subjetivar-se para atender a demanda e a norma. O fragmento a seguir reforça tal afirmativa.

Na questão sexual eu acho que não me preocupo tanto, mas na questão da minha valorização com um futuro e o que as minhas atitudes irão acarretar para a minha vida - essa insegurança tenho, mas tenho que superar isso, mais cedo ou mais tarde, e então ser sério o tempo todo não é a melhor opção. Já tomei consciência disso e tento cada vez mais, mesmo com pequeno sucesso, mudar esse meu jeito. Particularmente eu não me importaria com o que os outros iriam pensar se assumisse a mim que sou gay, seria do jeito que quisesse ser na minha vida, só preciso ter autonomia e independência para decidir, mas acho que já decidi (S6).

O recorte de fala possibilita o lembrar sobre ser ou não ser e o ser para si e para os outros. Portanto, retomo aqui as teorias que envolvem a epistemologia do armário já discutidas, à mídia do masculino, do corpo fortemente desenvolvido em músculos, os valores heteronormativos reconhecidos socialmente, a heterossexualidade bem amparada pelas leis e os relacionamentos heteronormais que desfrutam de uma regularidade, reconhecimento e aceitabilidade, diante de condutas que são objetivadas como desviantes, inadequadas e desajustadas.

Nota-se que cada um é constrangido, não pela gama de possibilidades que a cultura oferece e pela variedade de representações simbólicas, mas também pelas relações sociais e pelo lugar ou tipo de objetivação a que se é submetido na vida socialmente. Assim, é importante reconhecer que lutas e debates estão centrados na construção cultural de identidades, sendo fenômeno a ocorrer em diversos contextos. Observa-se que, enquanto nos anos de 1970 e 1980 a luta política era descrita e teorizada em termos de ideologias e conflitos, agora é caracterizada pela competição e conflitos entre as diferentes identidades. Isso tem possibilitado o reforço argumentativo de que existe uma crise de identidade atualmente.

A casa como espaço em que o adolescente vive sua identidade é um bom exemplo disso, pois é o espaço onde ele ocupa o lugar de espectador das representações. Hall (2008) e Woodward (2003) permitem perceber que é nesse ambiente que a mídia produz determinados tipos de identidades, por meio da narrativa de telenovelas, de anúncios e técnicas de venda. E, embora o adolescente possa se perceber seguindo o

senso comum como sendo a mesma pessoa em seus diferentes encontros e interações, não é difícil perceber que ele é diferentemente posicionado, em distintos momentos e lugares, de acordo com os papéis sociais opostos ao que está exercendo.

Esses diferentes contextos fazem com que haja envolvimento em distintos significados sociais. Os autores confirmam que tem havido mudanças também nas práticas trabalhistas e na produção e consumos de bens e serviços. Igualmente, nota-se também a urgência de padrões de vida doméstica diferentes, questão a ser facilmente percebida no crescente número de lares administrados por pais ou mães solteiras, consequência das elevadas taxas de divórcios.

Outra questão refere-se às identidades sexuais que têm apresentado considerada mudança, tornando-se mais questionadas, interrogadas e também ambíguas. Por isso têm sido sugeridas e desencadeadas mudanças e fragmentações que podem ser explicadas como uma crise de identidade. Então, existe realmente no nosso tempo uma crise de identidade? No conceito de Hall (2008), é possível a afirmação de que algumas dessas identidades se referem especialmente às aparências pessoais da vida, tal como a sexualidade.

Entretanto, a forma como são vividas as identidades sexuais, percebe-se que elas são mediadas pelos significados socioculturais sobre a sexualidade produzida por meio de sistemas dominantes de representação. Para o autor, as identidades são diversificadas e cambiantes, tanto nas situações sociais em que são vividas quanto nos sistemas simbólicos nos quais são dados os sentidos às próprias posições de cada um. Então, para o trabalho aqui desenvolvido, é importante questionar as afirmações de que a homossexualidade é anormal ou imoral.

Por ser assim: que tipo de verdade é essa? Ainda, fica evidente a vontade de verdade que envolvem essas questões? Nota-se que, somando-se aos trabalhos que têm buscado resposta a essa e outras questões nesse campo de saber, o desafio é para que os novos movimentos sociais, que têm questionado o essencialismo da identidade e sua fixidez como algo natural, ou seja, uma categoria biológica, sejam ouvidos e assim se produza mudanças. Também, é possível acrescentar que, no sentido de política de identidade, ela não é uma luta entre naturais; é uma luta em favor da própria expressão da identidade, na qual permanecem abertas às possibilidades para valores políticos que podem validar a diversidade e a solidariedade (WEEKS. 1986).

Portanto, possivelmente, pensar que as identidades são fabricadas através da marcação das diferenças, ocorrem por meio de aparelhos simbólicos de representação e de uma forma de exclusão social. Isso possibilita entendimentos sobre as categorias do limpo e não limpo, distinções entre forasteiros e locais, corretos e errados, bons e maus. Por ser assim, heteronormativo adequado e não adequado são produtos de sistemas culturais de classificação, cujo objetivo é a criação da ordem, mas que trazem como saldo o desajuste, o desequilíbrio e desencadeia subjetivação complexa entre adolescente.

Nesse entendimento, as culturas fornecem sistemas classificatórios, estabelecem fronteiras simbólicas entre o que está incluído e o que está excluído e define o que constitui uma prática culturalmente aceita ou não. Está aí o conflito do adolescente no processo de construção de sua masculinidade. Nisso, sabe-se que a diferença pode ser construída negativamente, ou por meio da exclusão ou marginalização dos definidos como o outro, o forasteiro ou o inadequado”. Bom seria se esse lado dos que não estão ajustados à norma, fosse celebrado como fonte de diversidade, heterogeneidades e hibridismo e visto como questões enriquecedoras. Nesse caminho, Hall e Woodward (2003), dentre outros, têm lutado pelo resgate das identidades sexuais da condição de constrangimento e obrigatoriedade da norma.

Ao caminhar para o fim dessa discussão sobre identidades e biopoder, é possível perceber que a subjetividade sugere a compreensão que temos sobre nosso eu, pois o termo envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre quem somos. Os autores citados no parágrafo anterior afirmam que a subjetividade envolve sentimentos e pensamentos pessoais de cada um. Entretanto, tem se vivido a subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que se tem de si mesmo. Ainda, qualquer que seja o conjunto de significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se recrutam cada um como sujeito. Estes são, pois, sujeitos ao discurso e devem assumi-lo, uma vez que as posições que cada um assume e com as quais se identifica é que constituirão as respectivas identidades.

Uma boa alusão a essa questão é o uso do termo interpelação, utilizado por Luiz Althusser (1971) para explicar a forma do eu assim se reconhecer. Nisso, é possível se dizer: sim, esse sou eu. Esse processo se dá no nível do inconsciente, sendo uma forma de descrever como os indivíduos acabam por adotar posições particulares.

Ainda, tendo inicialmente, adotado uma identidade a partir do exterior do eu, é possível continuar a identificação que cada um tem com aquilo que quer ser. No entanto, é importante salientar que aquilo que se quer ser está separado do eu e é alcançado por meio dos processos de subjetivação.

Então, é preciso entender que somos, em grande proporção, herdeiros do cristianismo, com o qual a conduta sexual tem que ser dita, confessada, tal qual verdade a ser decifrada, em que o sexo é a verdade mais profunda. Em outras palavras, é aquilo que precisa ser trazido à luz do dia, a fim de que a verdade sobre o indivíduo possa ser conhecida e, assim, por meio de inúmeros dispositivos, as pessoas sejam subjetivadas e objetivadas.

Considerações finais

Início essas considerações finais afirmando que, sem as reflexões presentes em diversas obras de Michel Foucault, somadas aos trabalhos de pesquisadores e pesquisadoras que se debruçam sobre as publicações do autor, o desenvolvimento desta pesquisa não teria tomado forma; portanto, são saberes que foram fundamentais para a sustentação desta tese. Ainda, como fundamentação teórica, os estudos foucaultianos têm possibilitado o uso de metodologias inovadoras.

No campo das metodologias, os próprios estudos de Foucault, Miskolci (2011) e Marcuschi (2004) referenciaram possibilidades e caminhos. O trabalho dos dois últimos autores citados, permitiu o uso das tecnologias de informação para que, em espaços de relacionamentos virtuais, fossem identificados grupos específicos de adolescentes, observado suas falas e, assim, perceber discursos que envolvem a construção de masculinidades e enunciados presentes nesses discursos.

Nesse sentido, os participantes do trabalho confirmaram que o espaço virtual possibilitou liberdade e transparência de fala, o que outros formatos e espaços não permitiriam. Portanto, em um trabalho envolvendo sexualidade e gênero de adolescentes, poder apresentar fragmentos de falas que evidenciam os enfrentamentos no campo do saber-poder-resistência dos mesmos, são dados que legitimaram e valorizaram essa complexa e difícil discussão.

Quanto aos estudos sobre arqueologia do saber e genealogia do poder, eles são procedentes das reflexões foucaultianas; por meio deles foi possível demonstrar a constituição histórica da adolescência masculina, produto de uma trama de discursos de saber e de relações de poder e reconhecer os processos modernos de sujeição e de produção de sujeitos assujeitados. Adotada neste trabalho, o casamento da arqueologia com a genealogia, denominada de arqueogenealogia, possibilitou reforçar a necessidade de desconstrução do conceito de adolescência e masculinidade como sendo natural e demarcada pelo biológico, questões essenciais para quem discute o tema. Percebeu-se também, que a adolescência é uma forma estabelecida entre o fim do século XIX e início do século XX, centrada na produção de adultos saudáveis.

Outra consideração, referenciada na arqueogenealogia foucaultiana, foi a percepção de que os discursos sobre adolescência sofreram continuidades e descontinuidades, tendo sido reconfigurados historicamente no decorrer dos séculos e décadas, desde a sua invenção. Esse raciocínio permitiu notar que esses discursos estão

voltados para que o *status* de felicidade na adolescência não se perca ou seja interrompido. Houve um deslocamento profundo do que era a adolescência quando criada, enquanto projeto de normalização de adulto.

A arqueogenealogia permitiu perceber a consequência desse deslocamento: notou-se que a adolescência vem sendo alardeada discursivamente como a encarnação de felicidade a ser vivida, preservada, estimulada e prolongada ao máximo, trazendo consigo a idealização adulta de aventura, experiência, descompromisso e transgressão. Entretanto, persiste a preocupação de que descuidos possam quebrar seu frágil encanto e, por isso, deve ser bem tratada, protegida e compreendida. Quanto ao seu potencial de felicidade, estaria recoberto por crises e desajustes a se prolongar até a idade adulta.

Sustentada nos conceitos discutidos de heteronormatividade e suplementaridade, outra consideração a ser assinalada é que há a alternativa de se pensar a adolescência masculina não mais como fase de vida, cheia de características essenciais, mas como forma de múltiplas possibilidades de subjetivação. Formas possíveis em que o mundo seja reinventado e vivido por diversificadas pessoas, quer sejam crianças, jovens, adultos ou velhos. Sendo assim, não há porque insistir em um único modelo de masculinidade exigida e adequada à norma, pois existem diversificadas formas de se viver o masculino. Assim, o caminho seria pensar em um sujeito autônomo, na descoberta da relação consigo, como nova dimensão irreduzível às relações de poder e de saber. Contudo, isso implica uma reorganização. Nesse sentido,

O sujeito se constitui através de práticas de assujeitamento, ou, de uma maneira mais autônoma, através de práticas de libertação, de liberdade, como na Antiguidade, a partir, é claro, de um certo número de regras, estilos, convenções que se encontram no meio cultural (FOUCAULT, 2004, p.733).

Ainda, uma questão que referenciou o melhor entendimento de que a adolescência não é uma fase da vida comum a todos foi a noção de sujeito-forma. As reflexões puderam demonstrar que a adolescência masculina não se trata de uma natureza humana a ser novamente encontrada e capaz de restituir ao homem sua pureza original. O que houve, ao longo do tempo, foi uma subjetividade não autônoma de sujeito sempre idêntico a si mesmo. Então, se o sujeito foi anteriormente definido como produto dos dispositivos de saber-poder individualizadores da modernidade, como pensar o sujeito autônomo, autoconstituído por meio de práticas de liberdade?

Provavelmente, quando Foucault (2004) se referiu a esse sujeito-forma, ele

tenha pensado na capacidade ético-política que possibilita estabelecer uma relação consigo, por meio de práticas e configurações que propiciem novas formas de relação, novos desenhos de amizade e contornos de viver consigo e com os outros. Em consonância com o autor, esse é um ponto também defendido nessa tese.

Outros pontos a se considerar, referem-se aos processos de objetivação que transformaram os seres humanos em diferentes figuras da subjetividade e que ajudaram localizar e situar os sujeitos desta tese. Trata-se do sujeito definido como possuidor de determinados saberes científicos e, soma-se aos citados, os objetivados por práticas divisionárias e de exclusão, por meio das quais se estabeleceu a oposição entre o doente e o saudável e, também, os ajustados ao padrão heteronormativo e os subalternos. Percebeu-se com isso que há diversas formas de se viver o masculino, contudo, torna-se visível uma dessas formas e as demais possibilidades ficam na margem da masculinidade hegemônica.

Quanto à subjetivação, a discussão permitiu perceber, práticas ou técnicas de si por meio das quais torna-se sujeito ao tomar a si mesmo como objeto de experimentação e crítica. Assim, encontra-se nos diversos recortes de fala: o negar ao outro o que se é; a perceptível dúvida sobre que posição tomar quanto ao dizer o que se pensa e sente no campo do desejo, do sexo e posição de gênero; o negar a si mesmo; e os questionamentos enfrentados sobre o que são, enquanto sujeitos, no campo da sexualidade e do gênero. Ainda, os fragmentos de comentários viabilizaram a percepção de processos de objetivação e subjetivação dos sujeitos e a resistência evidenciada no prazer em fugir da norma.

Outra consideração a ser reforçada, refere-se aos saberes que acionam importantes distinções entre os conceitos de relações de poder e de puro domínio. Isso permitiu definir o fenômeno de resistência aos poderes assujeitadores como modos de subjetivação ou de constituição da autonomia de adolescentes. O percebido é que ele ocorre por meio de práticas refletidas de liberdade em que o indivíduo é capacitado a aplicar poder sobre si, para criar uma relação satisfatória consigo, viabilizando perceber sua capacidade de resistência. Observou-se tratar de uma subjetividade autônoma e anárquica, que se põe contra as interpretações neoliberais.

É importante, ainda, se pensar na ética do cuidado de si dos gregos antigos e a possibilidade da mesma ser apropriada ou transcrita no presente, como prática de resistência em relação aos procedimentos normalizadores modernos. Visíveis nas falas

dos adolescentes, nas discussões teóricas e de forma mais evidenciada no capítulo III, sabe-se que o principal objetivo não deve ser o de descobrir quem somos, mas recusar o que somos e preservar os espaços de criação, de experiência, de troca de ideias e de afetos. Seriam espaços de reinvenção da política a partir de uma vida em comum, para além das obsessões egocêntricas ou individualistas que incomodam.

Observou-se, também, as formas transversais e imediatas de resistência não restritas. Percebidas nas discussões desenvolvidas, essas lutas são aquelas nas quais coloca-se em pauta o estatuto do indivíduo. Os fragmentos de fala possibilitaram perceber que por um lado há um reforço ao direito à diferença, em que se destaca o que pode tornar os indivíduos realmente individuais e, por outro lado, há investimentos contra o que pode isolar o indivíduo e separá-lo da vida comunitária, constringendo-o a encurvar-se sobre si mesmo, amarrando-o à sua identidade.

Dessa forma, percebeu-se que um possível caminho seria pensar o processo de subjetivação ou de constituição autônoma adolescente, que pudesse pressupor o assumir das práticas de si mesmo como exercícios de poder voltados sobre si. A proposta seria transformar as determinações heteronormativas, que os constituem enquanto sujeitos assujeitados e retidos nas malhas dos dispositivos modernos de saber-poder, produtores de identidades fixas e bem demarcadas.

As práticas de autoconstituição ético-política do sujeito também compõem essas considerações. Observou-se em falas e discussão, atitudes críticas de questionamento e de resistência combativa contra a naturalização das coisas e do inquestionável. E, entre adolescentes, notou-se novas formas de subjetividade ao recusarem as individualidades impostas. Dentre elas, foi possível considerar a heterossexualidade normativa e também as perigosas tendências identitárias de movimentos sociais, que se enfrentam e buscam se adequar ao padrão heterossexual.

Outra discussão a ser considerada aqui é que há de se ter uma crítica sobre a estética da existência dos gregos antigos e também crítica radical às limitações do pensamento político contemporâneo, centrada na figura do sujeito identitário que restringe sua luta exclusivamente ao plano do reconhecimento de seus direitos. A aposta é que isso possibilitará perceber a lógica da luta pela inclusão de novos sujeitos identitários no universo jurídico dos direitos. Percebeu-se que há uma tendência em reforçar o paradigma institucional disciplinar e normalizador que opera de maneira a domesticar ou excluir o desconhecido, isto é, todos aqueles que excedem a norma,

considerados como abjeções incompreensíveis.

Notou-se ainda, que no interior de modelos identitários e normalizadores, adolescentes e suas experiências inclassificáveis e ininteligíveis de corpo e gênero permanecem excluídos. Excluídos por definição, ou incluídos nesse regime jurídico-disciplinar que impõe ajuste à norma. Contudo, seria importante uma prática política que permitisse desarticular as armadilhas de inclusão normalizadora. Assim, também, discutiu-se sobre políticas de resistência que permitam

, a partir da base, desarticular a origem de processos de formação de objeções e anormalidades atribuídas a adolescentes. Seria válido um fugir da reiteração de discursos e práticas políticas que pressupõem, de maneira não crítica, o sujeito, a identidade, o direito e a ideia de cidadania.

Tais questões foram mais bem entendidas a partir da articulação das noções de identidade e de sujeito de direito, que tende a encerrar os corpos, as práticas, as experiências estéticas e políticas, assim como prazeres, modos de vida ou culturas sexuais, no interior de processos de sujeição normalizadora, de caráter disciplinar e biopolítico. Ainda, o desarmar dessas armadilhas teóricas e práticas, que envolvem questões do adolescente masculino, como esta tese constatou, são reflexões que podem ser discutidas em outros trabalhos, pois muito ainda há por discutir nesse campo.

Assim, buscando amarrar essa discussão, fica evidente a necessidade de não omitir às análises contemporâneas suscitadas, que efetuam a crítica da produção de *gays* bem comportadas/os, incluídos/as nas descrições e protocolos das patologias psicosexuais. São os fragmentos de fala aqui inseridos que subsidiam salientar que o levantamento não crítico das novas identidades sexuais e de gênero, pode ter efeitos profundamente contraditórios. Eles aprisionam os sujeitos nos dispositivos de assujeitamento que os produziram e, para além do campo da resistência, podem levá-los a um terceiro campo – o da violência. Percebidas nos fragmentos de fala aqui inseridos, notou-se que o campo no qual a violência está estabelecida, o suicídio tem sido uma prática frequentemente pensada ou executada entre os que não conseguem se ajustar à norma ou resistir a ela.

Sendo assim, uma opção discutida foi a estética da existência, da mesma maneira o conjunto de noções que com ela se articulam. Falo da subjetivação, cuidado de si e práticas refletidas de liberdade. Essas questões viabilizam repensar as formas de resistência de adolescentes contemporâneos sobre o julgo da heteronormatividade e em

suposto risco de suicídio. Seriam práticas refletidas de liberdade da estética da existência, percebidas como processos reflexivos de composição autônoma de si mesmo e que engajam os outros e discursos nos quais adolescentes tornam-se autonomamente quem são, por meio de lutas políticas de resistência contra poderes heterônormativos de sujeição e dominação.

Referenciado nos fragmentos de fala aqui inseridos, é estratégico pensar também na homossexualidade entre os adolescentes, no contexto das lutas políticas de minorias. Nesse sentido, há de se concordar com Foucault (2004) quando afirma que é pertinente, em nível tático, não ocorrer a obrigatoriedade de se dizer ‘sou homossexual’. Como estratégia ampla, a opção seria evitar a formulação de questões sobre a identidade sexual. Ao invés de confirmar a identidade sexual, recusar a injunção de identificação mediante diferentes formas de sexualidade. Seria a recusa do satisfazer a obrigatoriedade de identificação, referenciada em uma sexualidade padrão.

Tal discussão subsidiou argumentos a favor do emprego estratégico da noção de identidade, ao considerá-la enquanto ‘jogo’. Trata-se de um possível marcador para identificar certos modelos de relação entre as pessoas e determinadas formas de fruição do prazer sexual, mantendo, assim, uma recusa ao apelo para a produção de discursos verdadeiros sobre si mesmo, a partir do recurso das identidades sexuais historicamente constituídas. Este se mostrou como procedimento que equivale à reprodução da heterossexualidade normativa e tradicional.

O considerado foi que a identidade pode ser útil no sentido de marcar diferenças e instituir novas possibilidades de relação entre adolescentes masculinos e seu meio social. Elas podem ser formas mais criativas e menos submissas aos papéis sociais e sexuais em vigor. O importante é não permanecer sempre o mesmo, mas poder transformar a si e aos outros. Sobre a conquista desses direitos, ficou entendido que é preciso avançar, estimulando a criação de novas formas de vida, relações, amizade, tanto na sociedade, na arte, na cultura, quanto em novas formas que se instaurem através de escolhas sexuais, éticas e políticas. Então, não é só o defender-se, mas um afirmar-se não somente enquanto identidade, mas enquanto força criativa.

Seria um modificar de possibilidades do viver do adolescente para a formulação de novas formas de vida em comum e de relação entre si. Mais do que defender que tenham direitos, a busca dessa discussão foi pelo admitir a criação de novos direitos relacionais que permitam que todos os tipos possíveis de relações

possam existir, não sendo impedidas, bloqueadas ou anuladas por instituições que as desvalorizam. Contra toda e qualquer forma de naturalização das identidades sexuais, o ideal seria buscar a definição e o desenvolvimento de um modo de vida e estabelecer um agir crítico-reflexivo sobre si mesmo e sobre os outros. Seria um processo autônomo de individualização que engaje e agencie os outros, assim como exige e solicita a problematização do presente.

Portanto, sobre a estética da existência, ela mostrou-se como provável abertura de espaço para a consideração da capacidade de criação de novas formas de vida, de sociabilidade, de afetividade e de discursividade política democrática, sendo coerente às necessidades adolescentes do nosso tempo. Essa percepção viabilizou discussões nesta tese, referentes aos padrões normalizadores, heteronormativos e identitários que enquadram o adolescente masculino contemporâneo, aprisionando cada um em rígidas identidades biopolíticas previamente definidas.

Há de se considerar que este é um dispositivo com suas verdades e valores morais, ditando o que deve ser praticado, interferindo nas subjetividades e construções individuais de prazeres e de corpo adolescente masculino. Percebeu-se que trata-se de influência que ocorre em todos aqueles/as que não se desprendem deste dispositivo, sejam heterossexuais ou homossexuais. Referente ao que envolve o sexo, notou-se que o disseminado é a necessidade de uma verdade sobre o indivíduo, para que por meio dela, se alcance o mais profundo do ser.

Algo também a ser levantado nessas considerações, é que a insistente ideia de que se deve ter um sexo verdadeiro está longe de ser banida. Independente de qual seja a opinião dos biólogos a esse respeito, é possível encontrar, pelo menos em estado difuso, não apenas na psiquiatria, psicanálise e psicologia, mas também na opinião pública (FOUCAULT, 1982, p.03), o princípio de que entre sexo e verdade permanecem relações complicadas, confusas e essenciais.

Mediante tais complexidades e desafios, um provável compromisso seria o de sinalizar que, no contexto do dispositivo da sexualidade, há uma ideia de homossexualidade produzida historicamente. Mostrou-se que desde 1870, quando psiquiatras a constituíram como objeto de análise médica, surgiu aí o ponto de partida para toda uma série de intervenções e de classificação. Desta forma, sobre a homossexualidade, é possível concordar com a seguinte afirmação,

Se somos assim, sejamos assim e se vocês quiserem saber o que somos, nós mesmos diremos, melhor que vocês. Toda uma literatura da homossexualidade, muito diferente das narrativas libertinas, aparece no final do século XIX: veja Wilde ou Gide. É a inversão estratégica de uma “mesma” vontade de verdade (FOUCAULT, p.233, 1979).

Como consideração, um caminho sinalizado, seria o promover de formas de resistência contra o que é dito como verdadeiro pelos saberes legitimados na sociedade. Uma inversão do discurso, da vontade de saber, na qual os indivíduos saem de um determinado ponto comum e chegam a lugares distintos. Nesse raciocínio, não se deve ignorar a repressão que pode ocorrer contra estes pontos de resistência, pois, como discutido no capítulo IV, o poder, sendo fluído e descentralizado, emerge de todos os lugares e busca capturar os pontos de fuga.

Conforme evidenciado nessa discussão, se o corpo e a sexualidade revoltam-se a partir de sua própria exposição, intensificando os dizeres sobre o sexo e saturando a sociedade com uma sexualidade desmedida, nisso, é possível apostar que o poder pode ressurgir, adequando esta resistência aos discursos. Percebeu-se que há situações em que a rebelião do corpo sexual é o contra efeito desta investida. Também, o aporte teórico desta tese pode reforçar que o discurso da liberação sexual e da rebelião contra a repressão, tem sido modificado em mercado, reforçando o consumo daquilo que um dia foi rebelde e alternativo, bem como os pontos de fuga que têm sido modificados em mercadoria e consumidos como se fossem moda. Ainda, há de se reconhecer que negar que o espaço aberto na sociedade, principalmente nas mídias, propiciou aumento nas discussões do tema é errado.

Disso é possível questionar: até que ponto a discussão, que poderia assumir um caráter inovador e transformador, não atende aos ideais de uma sociedade normatizadora? Mediante a esse questionamento, discutiu-se que os movimentos homossexuais de liberação e de afirmação, acreditam que caberia o lutar por algo que supere o sexual, o fugir das imposições realizadas pelo dispositivo da sexualidade e pela sociedade capitalista.

Entretanto, nessa discussão, há de se concordar que talvez o problema seja em relação à identidade homossexual. Seria importante se ter uma concepção não linear entre sexo biológico, gênero e identidade sexual, mas o que persiste é uma presença marcante de desordem no discurso desses conceitos, fazendo com que o quebrar dessa linearidade seja visto como transgressão. A argumentação a ser considerada, é que

quando se trata de questões de desejos, de amor e de afetividade, a identidade pode surpreender a si mesma, criar formas de sociabilidade, política e identificação que desarticulem o eu de discursos dominantes da biologia, da natureza e da normalidade.

Outra consideração é que possivelmente não caiba à homossexualidade, ao se livrar das categorias determinantes da biologia, procurar uma identidade delimitadora de práticas e com características próprias e imutáveis. Bom seria o buscar do devir, o não lutar por uma decifração e consequente delineamento de uma identidade homossexual. Insistindo nisso, corre-se o risco de cair nas armadilhas da norma. Mas, é importante o aprender a ser em decorrência das descobertas ao longo da vida. Assim, temos o reforço da seguinte orientação

Pode-se compreender esta afirmação no sentido de que a homossexualidade deve ser de certa forma aprendida, pois sua vivência exige uma série de condutas e códigos que são modificados com o decorrer do tempo e de acordo com o local, da mesma forma que acontece com a heterossexualidade. Esta aprendizagem pode ocorrer de forma harmônica – muito difícil, em virtude da sociedade em que vivemos– ou de forma conflituosa. Pois, assim como ser homem ou mulher exige atitudes muitas vezes impostas e não aceitas sem resistência, desejar outra pessoa do mesmo sexo biológico exige uma série de atitudes pré-formatadas, de maneira explícita ou não, em uma sociedade como a nossa (MADLENER e DINIS, 2007, p. 55).

Logo, uma possível conclusão dessas considerações é a de que caberia a cada indivíduo tomar as decisões sobre suas vivências, quer sejam sexuais ou não, em um trabalho de constituição de sua identidade, e não somente à identidade sexual. Como já afirmado, acredito na busca de novas formas de existência e de vivência dos prazeres e isso pode ocorrer, independente das regras sociais e sexuais impostas pela sociedade e pelo dispositivo da sexualidade. Seria importante se cada indivíduo formasse sua própria ética, uma ética de amizade que prepara o caminho para a criação de formas de vida como ocorriam na Grécia, bem como um processo que não tenha o compromisso para com o prescrever um determinado modo de existência como correto.

Ao buscar a conclusão deste trabalho, a sensação que tenho é que ainda havia por fazer e dizer. Ressalto, ainda, que as questões suscitadas aqui não foram iniciadas por mim ou pelas falas de adolescentes masculinos observadas, e, tampouco, há a pretensão de colocar ponto final nessa discussão. Entretanto, espero que contribuam para o debate e conceituação coerente do adolecer masculino, nas questões heteronormativas que a envolvem e que, dessa forma, muito ainda possa se pensar, repensar e discutir sobre tais sujeitos e processos.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1981.
- ALAIMO, K. **Shaping adolescence in the popular milieu: Social policy, reformers and French youth, 1870-1920**. Journal of Family History, v. 17, nº 4. 1992.
- ALTHUSSER, L. **On ideology**. London: Verso. 1971.
- ARAÚJO, I. L. **Foucault e a crítica do sujeito**. Curitiba: Editora UFPR. 2000.
- _____. **Do signo ao discurso introdução a filosofia da linguagem**. São Paulo: Parábola Editorial 2004.
- ARENALES, L.; ARENALES, N. H. B.; CRUZ, J. **Autópsia psicológica em adolescente suicida: Relato de caso**. Em Suicídio – conhecer para prevenir. 2005. Disponível em: http://www.polbr.med.br/arquivo/artigo0502_b.htm acessado em 07 de outubro de 2014.
- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar editores. 1981.
- BADINTER, E. **XY: Sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1999.
- BECKER, D. **O que é Adolescência**. São Paulo: Brasiliense. 2003.
- BÉJIN, A. **Crepúsculo dos psicanalistas, manhã dos sexólogos**. In: Ariés, P. e Béjin, A. Sexualidades ocidentais. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1987.
- BRASIL. Conselho Federal De Educação. Parecer nº 2.264/74 – Ensino de 1º e 2º Graus. 1974.
- _____. Lei 5.692 de 11 de agosto de 1971. **Fixa Diretrizes e Bases para o Ensino do 1º e 2º graus**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm>. Acesso em 10 de setembro de 2013.
- _____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Característica Étnico-raciais da população classificação e identidades**. Rio de Janeiro: 2013.
- BRITZMAN, D. P. **O que é essa coisa chamada amor: Identidade homossexual, educação e currículo**. Educação e Realidade. v. 21. 1996.
- BUTTLER, J. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.
- CALCANO, A. D. **Prólogo de la psicología de la adolescência** in BROOKS, D. F.: La Psicología de la Adolescência. Buenos Aires: Editorial Kapelusz. 1948.

CASTRO, L. R. **Infância e adolescência na cultura do consumo**. Rio de Janeiro: NAU. 1999.

_____. **Subjetividade e cidadania: um estudo com crianças e jovens em três cidades brasileiras**. Rio de Janeiro: 7 Letras. 2001.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004. Disponível em <www.unesco.org.br/publicacoes/livros/juvsexualidade/mostra_documento>. Acessado em 18 de setembro de 2014

CÉSAR, M. R. A. **A invenção da “adolescência” no discurso psicopedagógico**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação -UNICAMP, Campinas: 1998.

COIMBRA, C. M. B.; NASCIMENTO, M. L. **Jovens pobres: o mito da periculosidade**. In: FRAGA, P. C. P.; LULIANELLI, J. A. S. *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: DP&A. 2003.

COIMBRA, C. C.; BOCCO, F.; NASCIMENTO, M. L. Subvertendo o conceito de adolescência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro: v. 57, n. 1. 2005.

COONNELL, R. **Políticas da masculinidade**. *Educação & Realidade*, V.20, n. 2. 1995.

COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal. 1983.

DEBESSE, M. **A adolescência**. Lisboa: Publicação Europa-América. 1965.

DINIS, N. F. **Homofobia e educação: Quando a omissão também é signo de violência**. *Educar em Revista*, Curitiba: n. 39. Editora UFPR. 2011.

_____. **Educação, relações de gênero e diversidade sexual**. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 29, maio/ago 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci-arttext&pid=S010101-733>. Acesso em 18 de novembro de 2013.

DONZELOT, J. **A Polícia das famílias**. Rio de Janeiro: Graal. 1986.

DREYFUS, H. L.; HABINOW, P. **Michel Foucault: Beyond Structuralism and Hermeneutics**. Chigaco: The University of Chigaco Press. 1983.

FERNADES, C. A. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FERRAZ, J. S. **Psicologia do adolescente**. Limeira: Edições Letras da Província. 1960.

FISCHER, R. M. B. **Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS/FACED. 1996.

_____. Foucault e a análise de discurso em educação. *Cadernos de pesquisa*. Porto Alegre: n.114. 2001.

FONSECA, M. A. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: EDUC. 2003.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1979.

_____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes. 1982.

_____. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (Orgs.). **Michel Foucault: uma trajetória filosófica - para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1995.

_____. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

_____. **História da sexualidade volume III: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal. 2002.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU Editora. 2003.

_____. **Ditos e Escritos volume IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2004.

_____. **Ditos e escritos volume II: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2006a.

_____. **O poder psiquiátrico**. São Paulo: Martins Fontes. 2006b.

_____. **Historia da sexualidade volume I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal. 2007.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2008.

_____. M. **História da sexualidade volume II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal. 2010.

_____. **A ordem do discurso**. Ed. São Paulo: Loyola. 2011a.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins e fontes. 2011b.

FREITAS, H.; JANISSEK-MUNIZ, R.; ANDRIOTTI, F. K.; FREITAS, P.; COSTA, R. S. **Pesquisa via internet: Características, processo e interface**. Revista Eletrônica GIANTI, 2004.

FRIEDENBERG, E. Z. **The image of the adolescence minority**. In: ROGERS, D. *Issues in Adolescent Psychology*. New York: Appleton-Century-Crofts. 1972.

GAIARSA, J. A. **A juventude diante do sexo**. São Paulo: Brasiliense. 1967.

GAROFALO, R. et al. **The association between health risk behaviors and sexual orientation among a school-based sample of adolescents**. *Pediatrics*, Vol. 101. 1998.

GESELL, A. **O jovem dos 10 aos 16 anos**. Lisboa: Dom Quixote. 1978.

_____. **A criança do 0 aos 5 anos**. Lisboa: Dom Quixote. 1979.

GIBSON, P. **Gay male and lesbian youth suicide**. Em U.S. Department of Health and Human Services. Report of the Secretary's Task Force on Youth Suicide, Washington U.S.A.: Government Printing Office. 1989.

GILLIS, J. **Youth and history**. Tradition and change in European age relations. Nova York: Academic Press. 1981.

GONDRA, J. G. **Educação no Brasil: História, cultura e política**. Bragança Paulista: EDUSF. 2003.

_____.; SCHUELER, A. **Educação, poder e sociedade no império brasileiro**. São Paulo: Cortez. 2008.

HALL, G.S. Adolescência: sua psicologia e suas relações com fisiologia, antropologia, sociologia, sexo, crime, religião e educação. Volume 2. 1904. Disponível em psychclassics.yorku.ca/hall/adolescence/chap17.htm. Acessado em 22 de novembro de 2013.

_____. **Quem precisa da identidade?** In: Tomaz Tadeu da Silva (org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes. 2008.

_____.; WOODWARD, K. **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Editora Vozes. 2003.

HERCULANO-HOUZEL, S. **O cérebro em transformação**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2005.

JOBIM e SOUZA, S. **Ressignificando a psicologia do desenvolvimento: uma contribuição crítica à pesquisa da infância**. In: Kramer, S. e Leite, M. I. Infância: fios e desafios da pesquisa. Campinas: Papyrus. 1998.

JUNQUEIRA, R. D. **Homofobia nas escolas: Um problema de todos** in: Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas / Rogério D. J. (organizador) – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO. 2009.

KEHL, M. R. **A juventude como sintoma da cultura**. In R. Novaes & P. Vannuchi, Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2004.

KINSEY, A.; POMEROY, W.; MARTIN, C. **Conducta sexual del Varón**. México: Editorial Interamericana. 1949.

LÉVY, P. O Que é Virtual?. Rio: Editora 34. 1996

LOURO, G. L. O corpo educado: Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica. 1999.

_____. **Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

_____. **Gênero, sexualidade e educação:** Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes. 2008.

_____. **Foucault e os estudos queer.** In: RAGO, Margareth. VEIGA-NETO, Alfredo. Para uma vida não-fascista. Belo Horizonte: Autêntica. 2009.

MADLENER, F.; DINIS, N. F. **A homossexualidade e a perspectiva foucaultiana.** Revista do Departamento de Psicologia - UFF, v. 19. n. 1. 2007.

MANN, C.; STEWART, F. **Internet communication and qualitative research: A handbook for researching online.** London: SAGE Publications. 2000.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital.** In: MARCUSCHI, L. A. XAVIER, A. C. S. (Orgs.). Hipertexto e Gêneros Digitais. Rio de Janeiro: Lucerna. 2004.

MEAD, M. **Sexo e temperamento.** São Paulo: Perspectiva. 1988.

MILLOT, C. **Freud antipedagogo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1987.

MISKOLCI, R. **Corpos elétricos:** Do assujeitamento à estética da existência. Revista Estudos Feministas. Florianópolis: IEF. 2006.

_____. **O armário ampliado:** Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. Niterói: Gênero. 2009a.

_____. **A teoria queer e a sociologia:** O desafio de uma analítica da normalização. Sociologias. Porto Alegre: ano 11. v. 1. n. 29. 2009b.

_____. **Novas conexões:** Notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. Cronos: R. Pós-Grad. Ci. Soc. UFRN, v. 12. n.2. 2011b.

_____.; SIMÕES, J. **Pânicos morais e controle social:** Reflexões sobre o casamento gay. Cadernos Pagu, v. 28. 2007.

NÉRICI, I. G. **Adolescência:** O drama de uma idade. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura. 1967.

O'CONNOR, A. **Breaking the silence.** Nova Iorque: Routledge. 1995.

OLIVEIRA, P. P. **A construção social da masculinidade.** Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUFRRJ. 2004.

OMS - Organização Mundial da Saúde. Problemas de la salud de la adolescencia. Informe de un comité de expertos de la - Informe técnico n° 308. Genebra: 1965.

_____. Organização Mundial de Saúde. El embarazo y el aborto em la adolescencia. Genebra: 1975.

_____. Organización Mundial De La Salud. Prevenção do suicídio: Manual para Professores e educadores. Genebra: 2000.

_____. Organização Mundial da Saúde. Relatório sobre a saúde mental no mundo. Genebra: 2001.

_____. Organización Mundial De La Salud. Prevenção do Suicídio: um recurso para conselheiros. Genebra: 2006.

OMS - World Health Organization. **Preventing suicide: a global imperative.** Luxembourg: 2014

ORTEGA Y GASSET, J. **Juventude.** In: A Rebelião das Massas. São Paulo: Martins Fontes. 1987.

ORTEGA, F. Amizade e estética da existência em Foucault. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades.** Caderno de Saúde Coletânea, v.11. n.1. 2003.

OSORIO, L. C. **Adolescente hoje.** Porto Alegre: Artes Médicas. 1989.

OZELLA, S. **Adolescência:** uma perspectiva crítica. In: Conselho Federal de Psicologia. Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: 2002.

PASSERINI, L. **A juventude, metáfora da mudança social.** In: LEVI, G. e SCHMITT, J. C. História dos Jovens. São Paulo: Companhia das Letras. 1996.

PERALVA, A. **Escola e violência nas periferias urbanas francesas.** Contemporaneidade e educação. Rio de Janeiro: ano 2, n. 2. 1997

PEREIRA, M. E. C. **Morel e a questão da degenerescência.** Revista Latinoamericana de psicopatologia fundamental. São Paulo: v. 11, n.3. 2008.

PFROMM NETO, S. **Psicologia da adolescência.** São Paulo: Instituto Nacional do Livro. 1976.

PINHEIRO, A. **Criança e adolescente no Brasil:** porque o abismo entre a lei e a realidade. Fortaleza: Editora UFC. 2006.

RAGO, M. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930. São Paulo: Paz e Terra. 1997.

REMAFEDI, G. **Risk factors for attempted suicide in gay and bisexual youth.** Pediatrics. U.S.A.: 1991.

_____. **Studies of gay and lesbian youth suicide.** Boston: Alyson Publications. 1995.

RUBIN, G. **The traffic in women:** Notes on the 'political economy' of sex. In: R. Reiter, Toward an Anthropology of Women, New York: Monthly Review Press. 1975.

- RUSSELL, S. T.; JOYNER, K. **Adolescent sexual orientation and suicide risk: Evidence from a national study.** American Journal of Public Health. 2001.
- SABO, D. **O estudo crítico das masculinidades.** In: ADELMAR, M. e SILVESTRIN, C. B. Coletânea gênero plural. Curitiba: Editora UFPR. 2002.
- SANDSTRÖM, C. E. **A Psicologia da infância e da adolescência.** Rio de Janeiro: Zahar. 1969.
- SANTOS, W. B. **A educação sexual no contexto do ensino de biologia: Um estudo sobre as concepções de professores/as do ensino médio em Escolas de Uberaba – MG.** Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia - UFU, Uberlândia: 2010.
- SCOTT, J. W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade. Porto Alegre: v. 20. n. 2. 1995.
- SEDGWICK, E. K. **A epistemologia do armário.** Cadernos Pagu, Vol. 28. Campinas: 2007.
- SOARES, C. L. **Educação física: Raízes européias e Brasil.** Campinas: Autores Associados, 1994.
- SOUZA, E. R.; MINAYO, M. C. S.; MALAQUIAS, J. V. **Suicídio de jovens nas principais capitais do Brasil.** Ribeirão Preto: Caderno de Saúde Pública, vol.18. n. 3. 2002.
- SPRINTHALL, N. A; COLLINS, A. W. **Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2003.
- TAMAM, L; ÖZPOYRAZ, N; DILER, R S. **Homosexuality and suicide: A case report.** 2005. No site: disponível em <http://ams.cu.edu.tr/January2001Vol10No1/suicide.htm>. Acessado em 25 de julho de 2014.
- WEEKS, J. **Sexuality.** New York: Routledge. 1986.
- WALL, W. D. **The adolescent child.** London: Methuen & Co. 1948.
- WARNER, M. **Fear of a queer planet: Queer Politics and Social Theory.** London: University of Minnesota Press. 1991.
- WERTHAN, F. **Seduction of the innocence.** New York: Kennikat Press. 1953.
- WIKIPEDIA. gay. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Gay>. Acessado em maio de 2014
- WIKIPEDIA. Macho. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Macho>. Acessado em maio de 2014

WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: Uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA T. T. da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes. 2003.

ZWAHR-CASTRO, J. **O suicídio entre adolescentes americanos**. Revista espaço acadêmico, ano 04. n. 44. 2005.

ANEXO I

Participante S01

Sobre participar do trabalho de pesquisa:

Participar de um trabalho desse deixa ver que ninguém está a salvo de crises. Eu passei por isso na sexta série e ainda passo. Acho que minha questão com identificação com o trabalho é porque também tenho crises, embora de uma maneira específica. Mas entendo que as circunstâncias são de cada um nas suas individualidades, porque são realidades diferentes. Os assuntos e momentos de crises são diferentes. Uns referentes à sexualidade, outros por questões de estudo, outros por dificuldade com família e outros por dificuldade de convivência.

Sobre suas dificuldades?

No meu caso penso demais e perco o sono. Na última vez foi de não aguentar mais, aí pensei até em procurar um psicólogo. Quando fico ruim e as crises explodem acabo contando para minha mãe porque são tão ruins que não consigo dormir no meu quarto de medo. Minha mãe me apóia, diz que está comigo e fica depois perguntando o tempo todo como eu estou. Mas mesmo assim não me sinto mais frágil que as mulheres, em relação às mulheres, não acho que elas tentam estar acima dos homens, eu entendo que elas acham que estão e tentam se convencer disso.

Sobre religião:

Em relação à igreja eu acredito que ela muda sim as pessoas, influencia, contudo não na questão dos estereótipos de que mulher não pode fazer isso e no homem de não fazer aquilo. Tipo o papel de pai, mãe, macho e fêmea, no ato sexual, estereótipos que são reflexos da religião. Em relação a minha crise, ela está nos meus pensamentos incontroláveis, na minha tentativa de controlá-los. Eu fico pensando que não posso virar gay e decepcionar todo mundo. E aí espontaneamente meu cérebro já responde: mas e se eu for? Nessa luta me pego criando imagens e nessa hora quando mais eu tento parar de pensar mais pensamentos homossexuais eu tenho. Assim eu fico fazendo comparações entre mulheres e homens, me perguntando se curto isso ou aquilo? Nesse momento me pego procurando em todos os homens algo que me atrai. Assim eu fico fazendo comparações entre mulheres e homens, me perguntando se curto isso ou aquilo? Nesse momento me pego procurando em todos os homens algo que me atrai.

Mas admito que já me senti atraído por um amigo próximo por duas vezes quando eu estava meio bêbado. Ele é um amigo que sempre levamos altos papos. Sei que tive desejos sexuais por ele. Foi uma adrenalina e prefiro crer que foi por ser algo novo. Mas eu não posso virar gay pelo social, pelo julgamento dos outros. Eu deixaria de ser o bonzão que sempre fui para a minha família. Embora eu ache que socialmente não deixaria de ser. É simples, eu sei que não muda nada, mas na prática é foda, julgam mesmo e entendo que esse faz parte do convívio social.

E os possíveis julgamentos das pessoas, como lidar?

Eu sei que não muda nada, mas na prática é foda, julgam e sei que isso faz parte do convívio social. Se ser hétero não muda nada, ser homossexual me coloca noutra condição. Vão dizer: oh ele é gay! É um preconceito danado. Ainda fico pensando na minha mãe e pai, na decepção, no que eles vão pensar. Acho que ficariam maus com medo do julgamento dos outros e também por dó de mim pelo julgamento que eu estaria exposto. Porra, acho que tudo de ruim anda se baseando em julgamento, julgamentos tolos que não se justificam e que na maioria das vezes em nada muda minha vida nem em minha relação com ninguém. Essas coisas em março de 2012 me fez perder o sono. Era um medo, um querer me definir mesmo nunca tendo vivido nada com ninguém

Vejo que quero tentar ser o perfeito. Tenho reparado que nos dias de crise eu parei de ligar para o julgamento dos outros justamente quando eu estava a ponto de dizer naturalmente que sou homo e encarar o mundo. Mas aí percebo que continuo me sentindo atraído por meninas e às vezes atraído pelo meu amigo que falei. Na verdade assumir-me gay acho que seria fácil na prática ao contrário de outras coisas. Mas, em relação aos meus pais surgiriam algumas falácias bem chatas.

O meu amigo, que me sinto atraído por ele, me contou que saiu com um menino. E falou porque temos o hábito de contamos tudo, uns pros outros, mas ele faz isso meio que num comportamento meio narcisista.

E como é falar dessas coisas aqui na internet?

Quanto ao falar dessas coisas todas aqui não sei, mas acho que ao vivo não teria tanta coragem porque por trás da tela a gente tem mais coragem. Eu sou assim, tem coisas que eu não consigo fazer ou falar pessoalmente.

Participante S02

Sobre participar do trabalho de pesquisa:

É bom por eu falar sobre o que me deixava ansioso com outras pessoas, dá a sensação de um processo quase terapêutico. Depois das conversas, algumas coisas voltaram do mesmo jeito que era antes, são dúvidas questionamentos e "crise" que só ficam em evidência quando são alimentadas por outras crises. Eu já sou ansioso, imagina. Admito que me incomoda saber que existem outras pessoas passando pelo mesmo que eu passei. Hoje não tenho mais insegurança ou dúvida sobre minha sexualidade.

Quando eu me questionava sobre essas coisas o meu dilema girava em torno de eu não saber o que ou quem eu era. Eu me sentia sufocado, e até vigiado por mim mesmo, pois eu achava que se eu fizesse uma brincadeira as pessoas iam me julgar sobre algo que nem eu mesmo sabia se eu era ou não. Eu não sei por que, só sei que simplesmente existia. E ninguém ficava pegando no meu pé por isso. Eu mesmo ficava atento às brincadeiras e comentários,

pois eu não tinha argumentos pra me defender caso surgisse alguma acusação de eu ser gay, mas me incomodava isso.

O que mudou?

Hoje eu simplesmente sei que não sou homo, eu sei o que eu quero e o que eu gosto. Naquele período algumas pessoas olhavam para as minhas brincadeiras e me acusavam de ser homo e eu me defendia das cobranças dos outros porque naquele momento eu não sabia se era ou não. Eu depilo meu corpo e minha mãe acha isso coisa de homossexual e por isso que ela começou a desconfiar de mim. Na época eu estava trocando mensagens com uma garota e ela pensava que era com homem. Um dia meu pai sentou comigo, perguntou se eu era gay, falei que não e que inclusive estava saindo com uma garota. Reconheço que em casa essas dúvidas doíam porque são pessoas que a gente confia e ao duvidam da sexualidade da gente, isso dificulta até a comunicação. Meu pai não brigou comigo, só comentou que sabia desse caminho, que não era fácil, que eu iria sofrer muito e que a minha decisão não mudaria nada entre nós.

E há cobranças em função disso, onde?

No sentido de cobrança e pressão elas eram equilibradas entre a escola e meus pais. Em casa doía mais porque pai e mãe são em quem a gente confia e se eles duvidam da sexualidade do próprio filho, por não saberem a resposta dificulta até tentar uma comunicação. Meu pai não brigou, só comentou que sabia como era o caminho de ser gay, que não era fácil, que eu ia sofrer muito, mas que o que eu decidisse pra ele estava bom e que nada iria mudar entre nós. Foi um alívio mesmo sabendo que eu não era gay.

Nessa época quando eles vieram falar comigo eu já não estava mais em dúvida sobre minha sexualidade, então eu falei que estava saindo com uma menina que é minha namorada hoje e eles não tocaram mais no assunto. Em relação às minhas escolhas, acho que tenho escolhido os melhores caminhos, pois não preciso ter medo ou vergonha de qual vou tomar. Essas coisas não me geram medo, mas antes, a dúvida me gerava sim certo medo, por sofrer preconceito ou algo parecido, mas hoje não tem mais. Porque a dúvida em si já gera um certo medo e pararam de gerar quando a dúvida se foi. Sei que se fosse gay isso geraria uma perda de algumas amizades e até mesmo um certo afastamento de alguns amigos. Acho que superei isso pelo fato de eu ter amadurecido psicologicamente. E isso foi fruto do simples passar do tempo e a convivência com novas pessoas.

Em relação às outras pessoas e o medo de ser cobrado pelas minhas ações, nunca tive um tipo de cuidado muito especial, sempre me mantive normal em relação a qualquer situação, mas acho que o que despertava as pessoas sobre minha sexualidade e faziam questionar minha opção eram certos tipos de brincadeiras que eu costumava fazer. Quando penso sobre isso hoje, se tivesse que mudar não mudaria nada, não me importo com o que os outros vão pensar de mim, porque eu brincava por brincar mesmo, sem maldade e com os meus amigos. Acho que tem coisas mais importantes pra se preocupar.

Quando penso nas dificuldades de outros meninos, acho que eles possuíam alguma coisa mais importante pra se preocupar do que as dúvidas que todos possuem. Sobre os questionamentos, acho que é desocupação da mente. A meu ver, tem a ver com esta feliz ou não, porque quando você esta feliz a crise não te afeta. A gente chega a esquecer dela. Às

vezes não enxergamos a felicidade que temos e acabamos entrando em crise sobre nós mesmos.

Participante S03

Sobre participar do trabalho de pesquisa:

Às vezes opto por ser calado por vergonha, tenho medo de expor um pouco minha opinião e falar o que não devo. Falar algumas coisas que talvez deixassem as pessoas em dúvida sobre minha sexualidade e isso servir como motivo de julgamento e cobrança.

Como lida com isso em casa e escola?

Em casa, em relação a minha mãe, ela recusaria um pouco, mas depois não sei se ela aceitaria de boa. Em casa acho que meu irmão, talvez, desconfie e acho que ele não se importaria com isso. Em relação a minha mãe, ela recusaria um pouco no começo, mas depois seria mais de boa. O meu pai acho que levaria numa boa. Meu irmão tem 20 anos e acho que desconfia por causa do meu gosto musical. Quem gosta de Katy Perry é considerado gay, mas eu não sei se é por isso. Ao ver do meu irmão, quem gosta de Lady Gaga é, eu não gosto dela. Mas enfim, acho que no começo minha família vai recusar um pouco, mas não vai me discriminar e depois vai aceitar numa boa.

Sente-se cobrado?

Meu irmão nunca cobrou ou ficou perguntando. A gente só brinca às vezes de chamar um ao outro de gay, mas é sempre brincadeira e eu o chamo de gay. Nisso meu pai é muito de boa e minha mãe é mais rígida com as coisas, em tudo. Eu me calo em relação a minha convicção sexual porque prefiro as coisas no anonimato. Me sentiria mau se minha família soubesse que eu sou gay, que gosto de garotos. Eu acho que na vida a gente tem que ter alguns segredos, um dia ainda conto. Acho que eles ainda não estão prontos, na verdade nem eu estou, tenho muito medo da reação das pessoas. Eu nunca fiquei com garoto nenhum. Não quero ficar com qualquer menino. Do mesmo jeito que eu não ficava com qualquer menina, quero alguém que eu queira de verdade, que me convença disso por eu sentir atração por outros homens. Agora já se tornou normal, já acostumei com essa ideia. Tem se tornado frequente eu reparar mais nos homens do que nas mulheres, daí, já me acostumei, percebi que ser gay não é defeito e tenho um amigo que tem me ajudado muito nisso viu. A perceber que não é defeito que talvez isso seja uma das minhas maiores qualidades.

Sua mãe, como mais rígida em seu pensar, como lidaria com sua sexualidade?

Talvez minha mãe ache que ser gay seja defeito porque ela não teria neto e nora, mas talvez depois acostume com a ideia. Na escola acho que, se as pessoas soubessem, achariam normal. Lá, acho que as pessoas não teriam preconceito. A meu ver, quando você convive com pessoas assim, isso se torna natural. No começo com a família vai ser difícil, mas depois vai se tornando natural com o convívio. O natural seria devido hoje em dia ter bastante gays. Tipo, você não percebe que alguém é até revelar e talvez essa pessoa seja seu melhor amigo. Daí a pessoa não vai acabar com uma grande amizade por causa disso e os pais e a escola de hoje em dia já estão ensinando que respeito é preciso existir em relação a tudo como: cor,

sexualidade, dinheiro. Meus pais me ensinaram que devo respeitar as pessoas independente do que elas forem, mas eu acho que ensinar algo na teoria é diferente da prática, por isso acho que eles vão ter um pouco de medo no começo quando souberem que sou gay. Mas acho que meus pais terão medo de eu sofrer por causa da sociedade com Bullying, preconceito. Eu particularmente acho que não vai fazer não. Mas existe bulling em relação à gay.

E na sociedade como acha que lidam com o gay?

Eu penso que algumas pessoas lidam com o fato de se ser gay. Falo daquelas pessoas que normalmente já convivem com isso. Tem isso no dia-a-dia, quem não convive pode praticar um pouco de bullying. A sociedade está dividida entre aqueles que já estão acostumados e aqueles que não estão acostumados e minha família não frequenta muito escolas e lugares públicos pra ver que já está diminuindo o preconceito, não frequentam lugares que frequento, daí ainda acham que o mundo está violento em relação à opção sexual, teriam medo de que eu viesse sofrer. Meu irmão, por frequentar esses lugares, com ele a história é diferente, por isso ele não teria nada contra quando eu assumir. Acho que, com quem está acostumado, a aceitação está crescendo, diminuindo gradativamente o número de quem não aceita. Mas eu não tenho medo da sociedade no caso de eu ser gay, sinceramente, mas já tive medo de ser gay, eu tinha medo disso.

E para você como é tudo isso?

Eu não queria ser gay, queria ter uma família normal uma mulher, filhos, queria ser o que a sociedade classifica como “normal” porque sempre quis ter filhos, esposa. Isso foi no período em que comecei a gostar de um colega de escola. Me vi gostando de homem e que talvez eu nunca ficasse com ele imaginando gostar de um hétero. Isso era ruim, eu não queria ser gay. Ser gay significa estar sempre sendo cobrado, julgado, as pessoas parecem até ter medo de você em certas situações. É como se fôssemos doentes, com doença contagiosa que pega nos outros.

Quando me vi gostando de um colega de escola isso era ruim, eu não queria ser gay. Já tive pressão pra ficar com meninas, pra provar minha heterossexualidade e isso me chateou muito.

E sobre esse trabalho por um canal virtual?

Sobre o conversar aqui, eu não teria tantas palavras pra dizer ao vivo como eu tenho aqui. Aqui eu penso, não tenho medo e fico mais à vontade.

Participante S04

Sobre participar do trabalho de pesquisa:

É bom porque pela primeira vez eu falei de mim. Isso é bom porque me ajuda a parar com besteiras de achar que minhas crises eram devido eu ler demais. Então pude ver que os outros também têm dificuldades. Eu acho que sou assim porque não faço o que quero a todo o momento. O tempo todo faço as coisas pensando no que as pessoas irão pensar. Percebo que eu faço isso por desejar estar em um grupo que não é o meu, que não me faz bem mais que eu

tenho desejo de estar. Tenho ainda alguns antigos amigos, da época que eu tinha crise e gastava tempo lendo.

Eu sei que fui chamado para participar do trabalho por dar a perceber que estava em crise e sei que a crise que eu tenho é decorrente de eu querer agir diferente, vestir diferente, sem importar com que os outros vão pensar, querer não ter que me adaptar às outras pessoas, poder ser eu mesmo. Eu gostaria de ser mais intelectual, ter coragem de ler os livros de que gosto dentro da sala, ao invés de ir a festinhas vazias. Nessas “cover de rock” que tem na cidade. Queria dar conta de discutir questões que leio sem me importa com quem tá ouvindo. Em relação a roupas, não vestiria muito diferente, mais as blusas que eu já comprei de marca só fiz isso para fazer graça para os outros. Exemplo é que os tênis de que eu gosto, eu não compro.

Eu não sei por que esse medo, mas sei que não é isso às vezes que me deixa mal. Eu fico com raiva de mim mesmo por não conseguir ser o que eu acho que deveria, de não saber ao certo porque me importo tanto com que os outros irão pensar. Eu acho que é porque eu gostaria de ser popular e por isso fico fazendo graça em sala aula, fazendo brincadeiras e indo a festinhas sem graça e idiotas e quase vômito de nojo de mim mesmo depois.

Quando penso no julgamento dos outros, tenho medo dos resultados dos julgamentos serem negativos e eu não ser como fui julgado e isso me levar a ser excluído das brincadeiras do grupo que sai junto e que é popular. Por isso tenho medo do julgamento deles.

E porque se sente inferior, tem algo a ver com questões do ser macho?

Em relação a ser macho, acho que se assume essa postura como imposição com o objetivo de esconder fragilidades, por não se querer ser reconhecidos como fraco. Machos malham muito, querem sempre o respeito e por isso tem sempre de se demonstrarem fortes, escondendo seu sofrimento, exteriorizando atitudes agressivas, como se não se preocupassem com os outros e se isso fosse verdade não fariam como fazem.

E as opiniões dos outros, como lidar?

Em relação às opiniões dos outros, isso me incomoda porque eu queria estar em um certo grupo mesmo que com outras pessoas. Eu nem importo tanto com algumas dessas pessoas, mas com outras sim. Eu sei que não deveria me preocupar e todo dia me digo isso, mas acabo fazendo tudo de novo, é uma busca constante pelo que eu nunca vou ser e isso me maltrata, pois eu sei que ser o que eu sou é mais correto. Embora saiba também que ser assim me traz outras crises devido a zuações. Elas certamente me fazem sofrer também. Eu sei que essas zuações são pela roupa que posso vestir, pelo jeito que posso estar falando ou pela forma que ando. Elas certamente me fariam sofrer também.

E porque ocorrem?

Eu sei que essas zuações são por causa desse rompimento com esse grupo que não quer que eu saia e que também ao mesmo tempo me achara um louco e idiota. Penso que “quanto mais nos elevamos, mais parecemos bobos aos olhos de quem não sabe voar”. É claro que você conhece isso e isso me mata por eu não conseguir me elevar como eu queria, sem me importar com a opinião dos “popularzinhos” de merda, que são uns bostas. Eu vejo que sou um bosta ainda pior porque eu já encontrei a saída da ignorância e não vivo-a, não

desenvolvo-me espiritual e intelectualmente porque quero ser popular e ter medo da zuação que causaria esse rompimento com o grupo.

E como se sente e lida com isso?

Eu me sentia sufocado, e até vigiado por mim mesmo, pois eu achava que se eu fizesse uma brincadeira as pessoas iam me julgar sobre algo que nem eu mesmo sabia se eu era ou não. Eu não sei por que, só sei que simplesmente existia. E ninguém ficava pegando no meu pé por isso. Eu mesmo ficava atento às brincadeiras e comentários, pois eu não tinha argumentos pra me defender caso surgisse alguma acusação de eu ser gay, mas me incomodava isso. Tenho que admitir que "Fico com medo do que pensem quando eu falo ou faço certas coisas que são comuns para mim. Minha pergunta é se eles aceitariam ou reprovariam minhas atitudes".

Tenho que admitir que fico com medo do que pensam quando eu falo ou faço certas coisas que são comuns para mim. Minha pergunta é se eles aceitariam ou reprovariam minhas atitudes. Eu sofro justamente por achar que deveria ser um cara forte e ainda não sou, que deveria ser como quero, mas ainda não me acho pronto, mas aí eu deixo os outros me corromperem e não fico satisfeito por saber que sou melhor em outros pontos de vista como o intelectual. Mas, como homem, sei que estou me construindo, preciso de calma, mas fico com medo de que nunca acabe isso.

Porque o julgamento dos outros o assusta?

Quando penso no julgamento dos outros, tenho medo dos resultados desses julgamentos, de serem negativos e eu não ser como fui julgado e isso me levar a ser excluído das brincadeiras e do grupo que sai junto e que é popular. Por isso tenho medo do julgamento deles. Aí, vou fazendo e falando o que eles sugerem. Saio, faço zoação, beijo, transo, embora não seja com quem quero. Faço tudo isso para não ser taxado de gay.

Eu sofro justamente por achar que deveria ser um cara forte que deveria ser como quero, mais aí eu deixo os outros me corromperem e não fico satisfeito por saber que sou melhor em outros pontos de vista como o intelectual. Eu desço até o patamar deles pra tentar me incluir, deixo que eles moldem o meu comportamento, sendo que por dentro mesmo eu quero agir de outra forma. Às vezes brincar é legal, mas quando você quer outras coisas eles não aceitam.

Acho que isso é rejeição, não na família, mas entre os amigos. Fazer brincadeira, falar que o outro é louco, isso é preconceito sim. O meu amigo é do jeito dele e nem importa com o que os outros falam. Ele sabe que não é importante e comigo é diferente, eu não consigo, acho que por uma amizade que foi construída antes de eu querer ser essa pessoa mais intelectualizada não deveria ser perdida.

Queria dar conta de discutir questões que leio sem me importar com quem tá ouvindo. Em relação a roupas, não vestiria muito diferente. Mas as blusas que eu já comprei de marca só fiz isso para fazer graça para os outros. Exemplo é que os tênis que eu gosto eu não compro. Com as meninas, já fiquei por pressão, já beijei por pressão. Eu fico com raiva de mim mesmo por não conseguir ser o que eu acho que deveria, de não saber ao certo porque me importo tanto com que os outros irão pensar.

Em relação a me vestir, por exemplo, o que faria seria mais ao meu estilo, nada muito estranho, até porque eu também não gosto, mas só não queria comprar as coisas para mim pensando se o outro vai aprovar ou reprovar, queria poder decidir somente pensando no meu gosto. O que eu penso é que todo mundo é diferente mais por medo do outro, de ser rejeitado escondem as suas diferenças, o próprio cérebro esconde para que ele possa se fortalecer. Daí, acho que vem a diferença e nem é diferença mesmo é só um jeito de se expor diferente.

E com sua família, como lidam com essas questões?

Com os meus pais eu nunca conversei assim abertamente sobre essas coisas, mas alguns comentários com o meu pai já falei sim. Tipo *“ah! eu sou um bosta porque tenho muitas ideias e poucas atitudes”* e ele sempre comenta que essas ideias então não servem de nada e isso me faz sofrer porque eu vejo que tem um pouco de verdade no comentário dele. Às vezes penso que todos são sensíveis, todos sentem isso mais escondem ou tentam esconder esse traço devido imposições e por isso mudam de comportamento. Da mesma forma que acontece comigo. Minha relação com meu pai não vão melhorar nada, só piorar porque ele não entende de mudanças de comportamentos só para nos adequarmos. Eu acho que na cabeça dele, se você pensa você faz, mas na realidade não é bem assim.

Você se sente diferente dos outros meninos, mais ou menos sensível?

Sobre ser sensível, um exemplo foi no dia que eu tomei advertência. Em casa meu pai falou assim *“você se gaba de ler e ter ideias se continua influenciável assim não adianta nada ter ideia nenhuma”*. Eu, às vezes, acho que não sei o que caracteriza ser sensível, mas talvez seja o ver o mundo com outros olhos. Um olho de ajudar o próximo ao invés de zuá-lo, como já fiz muitas vezes por causa dos outros. Ser sensível é escutar uma música boa diferente daquele funk horrível que todo mundo escuta, e não esconde essa preferência por boa música de ninguém.

Voltando a questão do meu pai, eu sinto falta de um papo mais longo, mas isso não é possível até porque ele é como eu era, ele tem medo de conversar desses assuntos embora fique dizendo que é besteira essas conversas. O que tenho feito é eu mesmo tentar equilibrar mais o meu comportamento nos últimos tempos. Por essas preocupações, eu nunca perco o sono assim, mas tem dia que fica pesado, aí eu passo um tempo sem dormir, mas depois passa. Faz um tempo que eu ficava até meia noite pensando, mas ultimamente vi que não adiantava nada ficar sofrendo. Ajuda porque tenho amigos como o meu amigo que brinco, gosto. Mas sei que têm outros que não dá para conversar de filosofia e de psicologia. O que tenho feito é não sofrer mais por isso. Se não são como quero não tenho que me sujeitar ao que querem e pensam. Eles falam: *“apaga lá a luz pra zuá”*, aí eu digo que não quero e pronto.

E sobre o que disse de não ser julgado como gay?

Em relação às crises sexuais eu nunca tive. Até converso com quem é gay. Ajo normalmente com eles e nunca tive cobrança disso. O que me incomoda mesmo é esse ser mandado, e mesmo assim depende de quem esteja tentando mandar em mim. Sexualmente, por exemplo, já transei com uma menina uma única vez. Eu sabia que ela era fácil e eu estava querendo transar e fui. Depois eu nem falei mais com ela, até porque não queria mais nada

além de transar. O problema foi porque fiquei meio pesado por ter transado sem camisinha. Preferi deixá-la de nada até por não querer nada mesmo.

No dia a dia eu não sofro muito com as zuações nem me preocupo até porque sempre estou ocupado. Às vezes quando eu tô pensando nisso é que eu sinto raiva de mim mesmo por me deixar ser influenciado pelos outros. A cobrança com minha mãe foi ferrenha, mas amenizou, ela percebeu que quem vai viver a minha vida sou eu e não ela. Eu até entendia ela só queria que eu fosse bem sucedido e não sofresse economicamente no futuro, mas percebeu que eu posso fazer isso fazendo o que eu gosto e sendo bom nisso.

E ter participado de um trabalho usando a internet como canal de comunicação?

Pensando na conversa pela net, foi tão interessante conversar pela internet que até me assustei quando li as coisas que escrevi. Sabia que fui eu que tinha escrito, mas ao vivo jamais teria coragem de falar ou discutir o que discuti.

Participante S05

Sobre participar do trabalho de pesquisa:

Achei ótimo, tive liberdade para conversar sobre problemas tanto pessoais quanto entender o lado dos outros. Eu concordei quando eu vi que passei por experiências parecidas.

Sobre religião:

Em relação à igreja e religião entendo que algumas pessoas tornam-se um pouco hipócritas por causa de suas crenças. Vejo que é a religião em si mesma, ainda que seja um ótimo lugar para socializar-se, alguns dogmas existentes lá eu não concordo. Penso que não é, pois sou eu quem passa por isso. Percebo que a religião faz com que a sexualidade seja negada. Falo no sentido de que nessa vida ela deve ser negada, desde casos de casais que esperam para poder se relacionar-se depois do casamento até à repreensão sexual. Exatamente porque ela simplesmente dita o que é moral, ao mesmo tempo em que prega o perdão.

São verdades importantes e a igreja tem maior influência nisso, pois é passado a cada geração. Sendo mais direto, o que me fez questionar a religião é devido às diferenças que eu percebo em mim. Eu nasci homossexual e isso sempre me colocou a dúvida. Eu já estou bastante esclarecido quanto a isso e, ao conviver com os outros, eu posso perceber as diferenças, e não há mais sombra de dúvida, pois sei como o meu corpo se comporta diante de diferentes situações e isso me parece estar ligado diretamente aos hormônios. Não sei desde quando não sei ao certo, mas foi se esclarecendo com o passar do tempo.

Olha, não vou negar que conversar abertamente me deixa com receio e o maior motivo de eu não conversar abertamente é porque em grupo isso se espalha. A respeito do pecado, isso pra mim não passa de uma ferramenta de dominação e já nem ligo. Percebi isso quando eu comecei a ver que muitos conceitos criados antigamente estão sendo quebrados pelo avanço do estudo científico, muitos não passavam de mitos.

No início, até ano passado, eu era crente. O problema é que comecei a ter tantos questionamentos que isso foi me distanciando. Mesmo percebendo que eu seja adepto a muitos valores dentro de mim. Mas vejo que a ideia de pecado sempre me levou a me reprimir. Eu vi que perdi meu autorrespeito, neguei a mim mesmo porque passei a valorizar o que as outras pessoas queriam de mim, valorizar o céu e negar o que eu sou aqui na terra. Um exemplo são as manifestações homofóbicas feitas por cristãos e que nem eram sobre mim, mas genéricas. Hoje sei que ainda não tenho muitas certezas e isso me faz manter-me agindo de forma que eu esteja seguro até que eu tenha poder para manifestar o que eu penso.

E seus pais nessa questão?

Não tenho certeza de tudo e é pelo fato de eu ainda estar subordinado aos meus pais que eu ainda sou aquilo que eles querem que eu seja. Já tentei negar suas crenças, mas eles vão pensar que estava sendo desobediente. Querem que eu acredite no que eles acreditam, afinal eles pagam a escola, comida, casa, etc. E isso por enquanto me fazem mal, mas às vezes me coloco no lugar deles e penso que eles têm um certo medo de me educar erroneamente.

Há um confronto do que sinto e do que meus pais acreditam baseado na bíblia. Tenho rancor na verdade de ideias que considero erradas, afinal todos somos livres para acreditar no que quisermos. Isso tudo foi bem perturbador, me senti muito excluído e de certa forma pensei em suicídio por conta disso. O sentimento é de que eu era um doente e, aliás, até penso nessa possibilidade, por isso veio esse sentimento de querer morrer e o que me fez pensar nisso foi o receio daquilo que eu poderia vir a ser.

Será que é porque o cristianismo prega que devemos nos preservar para poder entrar no paraíso? É que as pessoas negam até o que elas mais apreciam porque um livro falou que não se podia fazer. Foi isso que me deixou meio louco. Em romanos há versos de que pessoas que se sentem atraídas pelo mesmo sexo são abomináveis e em levítico também. Hoje isso não me perturba mais, porém agora me vejo distante dos ideais dos meus pais.

E você mediante isso tudo?

Isso tudo foi bem perturbador, me senti muito excluído e de certa forma pensei em suicídio por conta disso. Sobre isso acho que não consigo detalhar muito bem, mas o sentimento de exclusão que eu tive é de que eu era um doente e, aliás, até penso nessa possibilidade, porque depois que eu identifiquei o que eu era e que isso era o que os outros repugnam, veio esse sentido de querer morrer. Doente porque a própria teoria evolucionista considera a heterossexualidade como normal. O que me fez pensar nisso foi o receio do que poderia vir a ser, mas a partir do momento que eu vi que eu não era o único, eu me aceitei.

Sobre o que meus pais pensam ou pensarão, penso nisso sempre, até porque minha mãe tem muito medo de que eu "deixe de ser hétero". A maior ilusão que todos têm é de que isso é uma escolha, mas não é. Penso até se haja um gene responsável por isso tudo. Em relação a minha identidade sei que já houve suspeitas, mas penso eles pensam que eu sou hétero ou não, sei lá. Não sei sobre isso.

Olha, eu desconfio que alguém da minha família seja e que eu possa ter puxado essa característica. Posso estar errado, mas desconfio disso e já não penso mais em suicídio. Primos eu não tenho, mas a minha desconfiança é que isso possa ser hereditário.

Esses sentimentos são ruins ao ponto de você questionar se viver vale a pena?

Em relação ao suicídio admito que já pensei na possibilidade, não fui além disso não e acho que seria uma tragédia para meus pais. Foi por isso que isso que não passou mais pela minha cabeça essa opção. Considero hoje isso uma escolha meio tola e admito que o que me fez pensar nessa possibilidade foi o ódio das pessoas para com os homossexuais. Essas coisas passaram pela minha cabeça ano passado. Quanto ao futuro, realmente eu não sei como vai ser, e é por isso que eu procuro me expor só após adquirir a independência financeira. Hoje com os colegas não assumo nada e lido bem com eles até porque há um respeito mútuo. Quando eu conquistar minha autonomia financeira, será diferente porque isso irá me colocar em uma posição mais segura, ainda que não mude a opinião dos outros.

Percebo, às vezes, o preconceito das pessoas ainda que com boas intenções. O maior problema é que há uma forte discriminação enraizada nas piadas e momentos de descontração. Pessoalmente nesse sentido não chegaram a ponto de magoar, mas me chateia a visão estereotipada que alguns têm de que a homossexualidade seja fraqueza, promiscuidade ou doença. Vejo isso como algo construído pelo senso comum através da mídia, comunidades e outros meios. Já me senti vítima disso tudo, mas percebo que essas coisas podem ser ignoradas sem dificuldade.

Participante S06

Sobre participar do trabalho de pesquisa:

Pode me mostrar que, como todo adolescente, enfrento problemas e mesmo ficando nervoso ou estressado em função desses problemas, não fujo deles - tento de certo modo encará-los ou até solucioná-los, é legal. Mas acho que eu escondo muito os meus sentimentos em relação à vida juvenil e por isso é cada vez mais difícil pra eu lidar com os problemas.

É ótimo, é bom pra eu ver que não é só eu que tenho tais tipos de problemas na adolescência e que todo mundo também tem. Isso me faz pensar e refletir sobre a vida. Eu gostei muito de ter falado publicamente sobre esses problemas, foi bom conversar com outras pessoas. Eu me senti bem à vontade para falar. Embora eu poderia ter falado mais.

Como enfrenta esses desafios?

Achei muito interessante a preocupação no presente em relação ao futuro que ainda vai vir, essa ansiedade de tentar resolver as coisas de forma adiantada, mas isso nunca será possível, pois sempre haverá mais problemas por vir, juntamente com a noção de razão e ação, na qual você age primeiro impulsivamente pra depois pensar no que você fez. Eu gostaria de ter falado mais sobre essa minha insegurança da vida de adolescente e futura, quando adulto. Ter falado mais sobre isso seria bom também para eu me soltar mais, mostrar os sentimentos e tentar entender os pensamentos dos outros também.

E as questões sexuais?

Admito que a questão sexual é interessante, mas o que me chamou atenção foi essa ideia de preocupação imediata, na qual eu também apresento. Na verdade, não diria cobrado, mas me sinto inseguro em relação ao que eu vou ser. Se eu vou conseguir ser bem sucedido

na vida, se vou ser uma pessoa boa, o que eu vou fazer da minha vida e de mim mesmo, se eu terei muito azar pela frente – então, resumidamente, me preocupa se eu conseguirei mudar o meu jeito de ser, parar um pouco com essa seriedade e tentar conviver de forma mais extrovertida no meio social.

E no campo sexual como lidar com o que pensa e a família pensa?

No sexual, acho interessante a dúvida no presente e no futuro. Por exemplo, "será que eu vou ser do mesmo jeito ou vou ser totalmente diferente no futuro, e se eu optar por um gênero sexual diferente". Sabe, essas perguntas reflexivas, achei muito interessante, pois envolvem também o que o meio familiar e social irá achar, o que você estará fazendo da sua vida. Essa questão é interessante, mas não preocupa tanto assim a mim - acho o estado do ser no futuro mais interessante. Me referindo ao meu lado quieto, mais reservado, eu acho que desde pequeno sempre fui assim então é da minha natureza mesmo ser assim, apesar de que mesmo tentando superar tal personalidade, eu gosto de ser sério e realmente não sei o porquê - apenas gosto. É assim, eu sou assim.

Na verdade eu acho que nós, adolescentes, muitas vezes não sabemos o que queremos, se queremos namorar, ficar sozinhos, ou muitas vezes mudar de sexo e são essas decisões que irão influenciar na vida futura, uma vez que muitos se preocupam com o que as outras pessoas irão dizer, então acabamos nos reprimindo, gerando assim esse novo problema na "adolescência". O indivíduo presta tamanha atenção na opinião social e não para pra pensar sobre a sua própria atitude, que ele deve fazer o que ele quiser, ser quem ele quiser e ter vontade de ser.

Na questão sexual, eu acho que não me preocupo tanto, mas na questão da minha valorização com um futuro e o que as minhas atitudes irão acarretar para a minha vida - essa insegurança tenho, mas tenho que superar isso, mais cedo ou mais tarde. E, então, ser sério o tempo todo não é a melhor opção. Já tomei consciência disso e tento cada vez mais, mesmo com pequeno sucesso, mudar esse meu jeito. Particularmente eu não me importaria com o que os outros irião pensar se assumisse a mim que sou gay, seria do jeito que quisesse ser na minha vida, só preciso ter autonomia e independência para decidir, mas acho que já decidi.

E a questão homossexual?

Entendo que se eu fosse ou viesse a ser homossexual seria difícil lidar com as outras pessoas, talvez, não sei na família, mas sei que conseguiria mais tarde, pois encararia isso de forma natural afinal, já há um senso comum de que quando vc adota um tipo de sexo diferente as pessoas comentam muito.

Participante S07

Sobre participar desse trabalho de pesquisa:

Foi bom por saber que todos têm problemas, tornou-se algo óbvio, mas saber que também sofrem com seus medos e incertezas é muito bom. Aí fiquei pensando comigo e desconfio sempre de que todos estão a um passo da homossexualidade, mas não esperava que isso fosse uma ameaça e tivessem esse tipo de medo na cabeça dos outros meninos.

O que pensa sobre a questão homossexual?

Eu antigamente achava que todos tinham necessidades, como o gay tem, de estar com outro do mesmo sexo. Que tinham desejo e pegavam o que tivessem mais a mão. Que tivessem prazer em ver outro ser "semelhante" como ele, que gostassem de pinto mesmo. Embora pense que uns ficam, suportam ficar sem transar com alguém do mesmo sexo de boa. Penso ainda que se o lugar for sugestivo acho que alguns héteros assumem um desvio. Quando vejo pessoas casadas ou com algum relacionamento me olhando sugestivamente confirma isso. Mas tudo isso são coisas que hoje não acredito mais inteiramente. Pensava assim há algum tempo. Atualmente acredito muito nas exceções.

E lidar com a questão homossexual em público?

Aí penso que todos temos crise, embora sejam diferentes. Eu penso que quando estou no convívio com meninos héteros não tenho complicações, mas é algo que incomoda um pouco. É quando brincam, tem umas brincadeiras que não ligo, mas tem umas que ofendem. Se falarem de buraco, falam de cu aberto. Não é assim e isso me chateia. Acho que sexo é algo discutível, mas precisa ser reservado. Se não fosse assim eu seria ator pornô, porque não tenho um buraco aberto. São expressões nada a ver, acho isso uma idiotice.

Na época de ter um amigo gay na sala de aula junto comigo tinham muitas gracinhas também. Ele não se importava com as brincadeiras do tipo: Ah, vocês se pegam? Você já pegou ele? Aquilo me incomoda porque é mentira. Se fosse verdade, eu não ligaria. Penso que, sem dúvida, algumas daquelas brincadeiras eram para fazer os outros rirem e é claro que tem também a curiosidade de se saber como é.

E no pessoal, como é lidar com a questão?

Lembro que nas séries escolares anteriores, no ensino fundamental eu sofria muito. Até quando chamavam de Gay, isso era doloroso demais. Isso aconteceu até eu decidir parar de negar a mim mesmo. Daí, quando me chamavam de gay, não afetava mais. Tomei essa decisão porque não estava feliz. Naquele tempo eu estava cada vez pior. Na rua eu negava-me até de olhar para os meninos. Cheguei até a me estapear se olhasse pra algum menino. Naquele tempo eu chegava em casa e me trancava o dia todo achando que assim eu iria proteger meu segredo.

E em relação à família, como é isso?

Em relação aos meus pais, eu tinha medo que minha mãe não me quisesse mais quando viesse a descobrir que eu era gay. Pensei também que meu pai não fosse me querer mais. Isso foi quando tinha 15 anos. Nesse período o medo era constante. Eu achava que todos eram contra, mas decidi lutar para buscar a paz que tenho hoje. Era um tempo que me sentia inferior, o que pra mim é horrível porque já me sinto assim. O problema era que antes via a homossexualidade como se fosse algo errado e sujo. Sei que essas são as referências dadas pela sociedade e são os padrões estabelecidos e falados.

Daí, quando falei com minha mãe foi péssimo. Ela ficou triste demais e eu mais ainda. Mas, ela foi entendendo e hoje somos incrivelmente amigos. Naqueles momentos minha mãe ficou com medo de ser culpada por algo, de ser acusada e de eu vir a sofrer e pior que ela não me falava isso, eu que deduzia. Mas pior é que ainda ouvi dela algumas dessas

coisas. Não desse jeito e como sou rápido também para entender essas coisas, fui percebendo. Ela sofre por minha causa e, naquele contexto, isso acabou comigo. Mesmo assim continuei firme, tive fé que, se ela me amasse, ela entenderia. Hoje sei que ela me ama. Mas não nego me vi como um monstro nascido para acabar com ela e isso me fez me sentir péssimo. Durante um mês eu via o sofrimento dela, embora minha mãe tenha por hábito guardar as coisas só para ela. Ainda bem que aos poucos ela falou um pouco mais.

Cobranças em relação à família, sociedade, escola, são enfrentamentos fáceis?

Por contas de cobranças em relação ao meu jeito de ser, eu admito que pensei muito em me matar, mas sabia que isso iria piorar, que minha mãe não resistiria. Esse sentimento surgiu quando contei para ela que tinha dúvidas sobre minha sexualidade e durou até uns meses depois. O sentimento era tão ruim que pensava em pular da ponte ou de um viaduto, de injetar ar nas veias, tomar veneno ou cortar o pescoço. Acho que se minha mãe tivesse me rejeitado no momento em que conversei com ela ou nos dias seguintes, talvez eu tivesse feito isso ou fugido de casa. Talvez também fugisse para o sul, eu sempre gostei do clima.

Já com o meu pai eu não falei direto e por confiar essas coisas a uma pessoa ela me traiu, contando a ele até coisas mínimas a meu respeito. Admito que eu sempre liguei muito pouco pra o que meu pai pensou, mas ele preocupou-se. Viajou de onde mora e veio aqui só para falar comigo. Aí conversamos e foi um alívio. Em relação a ele tive medo, mas como sempre foi minha mãe que esteve próximo de mim, meu pai existia, mas eu tinha claro que precisava era de minha mãe. Do meu pai era uma questão financeira e para resolver isso conseguiria um trabalho e pronto.

Fala um pouco do tempo em que pensou em se matar?

Nessa época, quando eu pensava em me matar eu tinha medo, muito medo de sentir dor. Eram coisas internas, crises minhas porque na escola e na relação social eu não apresentava sinais alarmantes do que eu era gay. Eu era muito contido. Eu lembro que brincando me chamavam de gay e isso me ofendia. Para mim era mais que me chamar de filho da puta. Ofendia pelo medo do que isso significava, até porque me sinto absolutamente homem. Agora não ofende mais. Lembro que no ensino fundamental eu sofria muito com isso. Quando me chamavam de Gay era doloroso demais, passado um tempo não me afetava mais.

Foi na força de vontade que superei tudo aquilo, sem ajuda de ninguém, nem de minha mãe. Eu assumi para os outros o que sinto e um dia ainda quero provar para as pessoas que sou superior a tudo isso.

O que acha de ter participado de um trabalho tendo a internet como meio de comunicação?

Pensando na nossa conversa aqui, eu não teria coragem de falar de minha vida pessoal tão abertamente se fosse em grupo, cara a cara. Pela internet a gente fica mais a vontade. Revelei coisas de minha vida pessoal que jamais pensei falar. Mas além da gente saber com quem se está falando, a tela nos protege.

Participante S08

Sobre participar desse trabalho de pesquisa?

Gostei, é bem legal e interessante porque a maioria das crises que penso que vivi, devem ser comum a outros. É interessante porque nesse sentido eu tenho um defeito ou uma qualidade. Tenho o hábito de achar que para mim está tudo resolvido, que não tenho crise.

E como lida com suas dificuldades?

Sobre falar sobre minhas dificuldades, um certo tempo atrás não sei se conseguiria me expressar, mas é que, sinceramente, não tinha o que falar. Mesmo assim, eu quis entrar nesse papo, mas não sei o que falar. Sinceramente, se hoje tenho uma crise, não sei qual é. Falando nisso, não sei se isso é uma crise, mas me acho mais evoluído e adulto que a maioria das pessoas que conheço da minha idade mais ou menos ao ponto de às vezes me perguntar se tenho só 15 anos.

As perguntas que já me fiz são do tipo: será porque eu vivo? Será que sou homem? As pessoas vão gostar de mim? E isso aconteceu por causa de uma menina e hoje vejo que foi idiotice e não valeu a pena. Em questão de masculinidade, não foi exatamente uma crise em si. O que faço nessas horas, às vezes, é jogar isso para o lado racional e vejo que não. Não tem como eu não ser, não tem porque eu gostar do mesmo sexo. E a questão se as pessoas vão gostar de mim, refiro-me ao que eu digo e que eu falo, a pergunta é será que vão me julgar?

Lembro de uma coisa, quando me cortei todo, inclusive os pulsos foi por causa de uma garota que eu gostava. Ela ficava fazendo joguinho comigo, tipo dava mole, mas não queria e eu tava gostando mesmo dela. Daí um dia ela me disse que se cortou, fui brigar com ela sobre o porquê ela tinha feito aquilo e ela me deu má resposta. Como eu gostava muito dela, meu mundo desabou. Quando cheguei em casa, à noite, muito triste, cheguei a chorar, lembrei que ela tinha se cortado e pensei, se ela pode, eu posso. Quero ver o que ela vai falar disso. Admito que na primeira vez foi mais por causa dela. Daí senti um negócio estranho, um prazer. Pior, não cortei só os pulsos, cortei os ombros e o peito, a região do peito e sinceramente quanto mais eu cortava, mais eu queria cortar, mas pensei, “o que eu tô fazendo”? Com isso parei, mas no outro dia me cortei de novo. Depois nunca mais, pois consegui me controlar.

E acha que isso era desencadeado por conta de quê?

Como eu disse, foi algo que só passou pela minha cabeça, mas depois que beijei pela primeira vez e tive minha primeira relação sexual com uma menina, percebi que não tinha porque pensar naquilo, não tinha como eu ser homossexual, nem o porquê. Depois disso já tinha, com toda certeza, o que precisa saber e confirmar sobre minha masculinidade, não só porque eu beijei ou porque tive relação sexual, mas porque percebi que era aquilo mesmo que eu gostava.

E porque tinha dúvida sobre sua sexualidade?

O problema é o fato de eu ser quieto e organizado, com isso os moleques ficam me zutando e falando que sou gay. Hoje eu falo que sou mesmo. Tipo, não tenho problema com isso porque hoje eu sei o que quero e o que gosto. Mesmo quando eu questionava sobre mim

mesmo, eram coisas só na minha cabeça, nunca comentei com ninguém e nunca vi motivo pra comentar, eu sabia que ia resolver uma hora. Na verdade eu não tinha beijado ninguém por medo, medo de não dar conta. Isso era um caos.

E por que não havia vivenciado tais questões?

Eu já tinha recebido pedidos pra ficar com garotas, mas nunca ia por medo, não sabia se ia conseguir e admito que isso, e essa fase foi difícil pra mim, exatamente porque todos meus amigos já tinham beijado e eu não e eles sabiam, mas não zuavam porque a gente era muito amigo. O problema é as meninas às vezes me zuavam, me chamavam de gay exatamente porque eu era o bonitinho e delicadinho, perfeccionista. Admito que isso alimentou minha dúvida sobre mim também.

E onde estavam então as dúvidas?

No fundo eu sabia o que eu era, e sempre fui muito ignorante, no pé da letra "ignorar os fatos" ignorava eles, mas me sentia diferente sim. Me zuavam bastante, mas me acostumei e vi que não valia a pena ligar. Hoje percebo que eu sempre fui e sempre vou ser perfeccionista, delicado e não vejo isso como feminino, acho normal. Mas no começo foi chato, foi difícil, me sentia menor que os outros, achava ruim as meninas me chamarem de gay porque eu não aceitava ficar com nenhuma delas. Eu queria, mas tinha medo, mas o tempo foi passando e eu me acostumando.

No começo me questionei sobre o que eu era, eu sempre fui julgado como o direitinho e tal, mas acho que nunca entrei numa crise mesmo, por achar que isso era de mulher porque eu via algo positivo nisso, nunca me condenei por ser delicado porque eu sou assim, e não vejo nada de errado. Creio que isso pode ter contribuído sim um pouco com a dúvida. Mas ela na verdade foi uma mistura de não ter beijado ninguém, me julgarem delicado, me zuarem de gay.

Não me lembro de uma situação de cobrança social mais constrangedora porque eram situações diárias. Eu tinha o caderno mais organizado que todos os meninos, a letra mais bonita e na época que o colorido estourou na TV – como o restart, eu usei calça e tênis colorido e franja no cabelo. Hoje percebo este tempo como ruins porque foi à época mais gay que tive, foi a que fui mais cobrado. Tanto que no começo me questionei sobre o que eu era. A questão é que sempre fui julgado como o direitinho, mas nunca me condenei por ser delicado. Eu sou assim e não vejo nada de errado. Creio que isso pode ter contribuído um pouco em relação as minhas dúvidas sobre quem sou. Na verdade foi uma mistura de coisas como: o que eu ainda não havia feito a nível sexual, o me julgarem delicado e o fato de me denominarem gay.

Mas você se sente diferente?

Nem gosto de lembrar dessas coisas, mas admito que sou muito sensível, perfeccionista, demoro mais que as meninas ao me arrumar, passo creme e base, sou muito chato em relação a mexerem no meu cabelo, gosto de andar arrumadinho, meu quarto é mais arrumado que o da minha mãe e, conseqüentemente, mais do que qualquer garoto ou garota. Sou caprichoso, quieto, não falo besteira e idiotice, me acho mais adulto e não entro naquelas rodinhas de bêbados e pegadores de garotas.

Não vejo isso como coisa de gay, muito pelo contrário, acho que eu ganho é muito com meu jeito. No começo eu não percebia tudo isso, as pessoas me fizeram perceber e hoje tenho certeza que faço todo isso, mas não sei se isso é de criação ou genética, mas acho que nenhum dos dois. Acho que foi algo que aprendi sozinho, porque fui praticamente criado com vó. Minha mãe na maioria do tempo foi ausente e meu pai sempre ausente também.

E cobrança da família?

Eu nunca fui cobrado pelos meus pais e avós por nenhuma dessas características que tenho, não na minha vida social pelo menos, ao contrario, sempre fui o preferido da vovó. Em relação aos outros parentes, sempre fui muito amigo dos meus primos, nos víamos uma vez só no ano e quando nos víamos só brincávamos e nas festas de família era normal também ficava brincando com meus primos.

Participante S09

Sobre participar desse trabalho de pesquisa?

Eu não acho minha história tão especial assim porque no meu ponto de vista, o que aconteceu comigo acontece com a maioria das pessoas. Eu não digo para ninguém, mas me considero um bissexual pelo fato de já ter tido relações com pessoas do mesmo sexo, mas me considero mais homem por nunca ter tido uma relação passiva, e não ter vontade ou atração por isso. O fato é que eu gostaria de não ter vivido isso, mas faz diferença pra mim. Até porque nunca me chamaram de gay. Só o fato de ser o "popular" e "garanhão" faz com que poucas pessoas achem que eu seja gay.

Como acha que são essas experiências no cotidiano?

Eu acho que todos os meninos na atualidade sofrem tipos de pressão por mulheres ou por homens. No meu caso, sempre sofri daquele "Amigo". Ele sempre me fez sentir pressionado. Entendo que desde os meus 11 anos, fui abusado. Eu interpreto assim e para mim foi algo muito torturador. Eu fazia coisas obrigadas, fazia coisas que não gostava de fazer. Essa pressão, pra mim, levo hoje como um rancor da minha adolescência, mas vou ter que viver com isso. Eu entendo que em termos, consegui me livrar. Faço essas leituras do que aconteceu porque fiz atos sexuais sem vontade.

Pode falar um pouco melhor dessas experiências?

Nas relações homossexuais sempre fui o ativo da relação e transava iludido por uma "amizade verdadeira". E isso era o argumento usado toda vez que eu reagia contra o ficar junto para transar. Minha experiência nessa área foi só com um homem. Só transei com alguém do mesmo sexo com uma pessoa, sentia ereção, ejaculava, mas sou homem. Eu entendo que eu era muito sozinho na infância, por isso achava que aquilo que vivia com o cara me levaria a uma amizade verdadeira, mas a meu ver eu nunca tive o amigo que sonhava mesmo transando.

Como entende o que viveu?

Vejo tudo isso como um trauma ao ponto de não gosto nem de ficar lembrando. Vejo tudo isso tudo que aconteceu como um atraso na minha vida e duraram cinco anos. Ele não me deixava viver minha vida, ficava me controlando. Lógico que havia ereção, sexo oral, mas sem vontade. Aquilo me deixava com tanto ódio que já pensei até em matá-lo. Mas eu não reagia, só pensava. Acho que o que me segurava era pensar sempre no meu futuro e como seria se eu agisse, sempre nessa linha de raciocínio.

Vejo todo o meu envolvimento com alguém do mesmo sexo como atraso na minha vida. Tenho medo que isso venha comprometer-me como homem. Me relacionar com alguém do mesmo sexo sem vontade, mesmo tendo ereção e fazendo sexo oral, aquilo me deixava com tanto ódio depois. Mas eu não reagia, só pensava. Mas não acho que tem haver, porque me sinto homem, sou macho e não concordo que eu seja gay. As pessoas não desconfiam disso, para elas sou hétero então eu sou.

Lembro que a frequência em que transávamos no começo era praticamente todos os dias das férias. Ele não me deixava livre e depois começou a me controlar como se eu fosse um namorado dele. Depois disso, começamos a fazer curso juntos. O que penso é que ele sempre dava um jeito de ficarmos sós. Penso que tomei trauma disso e pelo meu ponto de vista eu consegui me livrar, mas de certo modo ele ainda usa de “jogos” para tentar se aproximar de mim, mas não deixo.

E atualmente como lida com a questão?

Depois disso, eu nunca mais me senti atraído por alguém do mesmo sexo e acho que havia ereção pelo fato natural de acontecer coisas das relações sexuais. Enquanto estávamos juntos transando, eu sempre pensava em uma menina. É por isso que interpreto o que ocorreu entre nós como um abuso é por isso que tenho raiva disso, quando tudo começou eu tinha 11 anos e ele 16 anos.

Hoje ainda ele sempre tenta me encontrar por saber onde trabalho e que lugares frequento, mas sempre estou prevenido pra isso. Hoje em dia ele usa uma garota pra tentar me atrair. Essa garota era uma amiga minha, nós ficávamos. Assim ele usa dela como uma isca pra eu voltar a ficar perto deles. Ele e ela são amigos e ele sempre fala pra ela me chamar para os lugares com eles e o que acontece é que ela me seduz para sair com eles.

Eles apareceram na minha festa de aniversário surpresa que meus amigos do trabalho fizeram. Foi nesse dia que percebi que ele usava ela para estar perto de mim. Fiquei sabendo que ele ligou para um colega meu e na conversa com ele ficou sabendo da festa, aí, quando cheguei, vi que ele estava.

Acho que foi abuso sexual porque já vi muitos depoimentos de pessoas que foram abusadas quando adolescentes por isso faço a afirmação de ver isso como comum hoje em dia. Cada dia que passa isso aumenta. Hoje em dia interpreto assim, mas futuramente quem sabe minha opinião sobre o ocorrido mude. Mas hoje quero é esquecer isso e sei que com o tempo vou conseguir. A verdade é que hoje em dia não me preocupo muito mais com isso. O que me perturba muito hoje foi o atraso de vida que tive ao ponto de em certas situações eu não saber lidar, por não ter aprendido a viver. Eu fiquei muito preso, não saía com outras pessoas, não tinha contatos diferentes, não viajava, só saía com ele e com os amigos dele. Isso me atrapalha muito na minha comunicação de hoje. Atrapalha até no meu trabalho.

Participante S10

Sobre religião:

Ultimamente ando com problemas no tocante à religião. Meus pais sempre foram muito religiosos e me deram uma educação muito religiosa, ao ponto de nem se quer ter uma televisão em casa porque a igreja diz que isso é coisa do demônio. Então, já deu pra sentir o grau, né? Pois é, do último ano pra cá eu venho estudando profundamente alguns assuntos mais interessantes como física e astronomia. Leio livros de autores como Carl Sagan e Richard Dawkins e tem sido libertador o que ando aprendendo. Então, resumindo, está cada vez mais difícil pra aceitar qualquer tipo de crença, se é que me entende. E, para piorar, isso seria nada menos que a morte para os meus pais que tanto me amam e me ajudaram a vida toda. Minha cabeça já esteve à beira de uma explosão.

Sobre essa crise:

É sério, fiz tratamento psicológico em 2011 e isso até me ajudou um pouco, mas não mudou o fato de que hoje, meus pais e eu temos visões completamente diferentes do mundo. E mesmo sabendo que vivo num país livre, onde eu tenho sim, o direito de escolher o que quero acreditar ou até mesmo não acreditar em nada, fico preso a laços muito mais profundos com meus pais em querer agradá-los. Não sei até quando consigo levar, mas não manifestar minhas opiniões nas conversas de almoço, ir "forçado" a encontros religiosos e ver eles crendo que sou o mesmo de sempre está me envenenando. A parte financeira também pesa. Não quero ser expulso de casa por não ser mais crente como eles. Você pode achar isso um absurdo, mas na minha família, uma prima de segundo grau, aos 18 anos foi expulsa da casa da avó que cuidou dela a vida toda, simplesmente porque a menina não queria saber mais "das coisas de deus". Isso me assombra, não sei dizer se meus pais não seriam capazes de fazer o mesmo. A gente se surpreende tanto com as pessoas. Desculpe o desabafo, mas é que me faz bem conversar sobre o assunto. Eu só tenho um primo com quem desabafar, mas ele foi fazer intercâmbio em Portugal. Eu não quero a vida que eles levam para mim, isso já é um fato. Mas talvez eu esteja errado e seja uma questão de tempo até eu enxergar tudo de uma maneira mais clara. Eu preferiria poder começar a faculdade sem essas coisas na minha cabeça. Tenho medo disso, às vezes eu penso em conversar com eles, mas o medo me impede. Ufa, soltei um caminhão agora. Desculpa, mas eu precisava falar com alguém que não fosse arriscado desabafar.

Por que isso o incomoda tanto?

Quero deixar claro que não sou uma pessoa do mal. Tampouco pretendo ser. Eu sou preso a laços muito profundos herdado de meus pais. Vejo que meus valores e moral estão bem guardados dentro de mim. Vivo num mundo onde se fala muita coisa e pra aceitar tudo que dizem, é preciso analisar. Quanto ao lidar com cada um diferente, você aprende muito com isso. Na maioria das vezes, percebo uma descrença sobre tudo aquilo que sempre acreditei ser verdade. Aonde isso vai me levar sinceramente não sei. Não estou em busca de respostas. Tudo é muito complexo para se entender. Busco apenas paz, quero voltar a ter minhas noites de sono tranquilas, quero poder olhar pra minha mãe e vê-la como a mulher que eu mais amo na vida e não sentir culpa ao imaginá-la descobrindo tudo o que passa pela minha cabeça.

Acho que por duas coisas: minha forma de lidar com as situações que sou inserido no cotidiano mudou, logo, não sofro por besteira e os meninos que me zombavam no passado cresceram, né? Então, maturidade é algo natural da vida, uma hora ela acaba chegando para as pessoas e para o pessoal que convivo aqui, eu acho que chegou. E eu não sou um besta antissocial, né? Aprendi que com cada pessoa, a gente lida de uma forma diferente. Até pra conversar, cada um aborda de um jeito. Isso aprende aos poucos e aprende a lidar com todos, sim todos de forma bastante harmônica. Quanto a "lidar com cada um diferente", é muito interessante isso porque aprende muito. É tão mais complexo do que a gente imagina.

Por exemplo, convivo com uma pessoa racista roxo, daquelas que atravessam a rua se ver um gay ou negro vindo à mesma calçada. Eu parei pra pensar no que essa pessoa passou pra ser assim e qual foi à infância dela. Aí me pergunto: será que se eu mostrar minha aversão de uma forma brusca a esse tipo de comportamento, não seria pior? Então convivo. São ideias completamente diferentes das minhas, mas lido com elas de acordo como são, talvez eu consiga fazê-lo pensar de uma forma diferente, mais tolerante às diferenças. Não é o que minha geração mais está buscando?

Um exemplo prático foi esse que eu citei da revista que levaram na viagem, porque aí é que tá! Eles estavam preocupados em mostrar, tipo "nossa, olha que mulher gostosa!" "nu que perna!" Eu não. Ser macho ou não ser macho, pra mim, nunca foi motivo pra se levantar bandeira e ficar se exibindo. Talvez eles se comportassem daquela maneira pra preencher, sei lá, um vazio que tinha neles e eu não tinha vazio nenhum (pelo menos não que eu me lembre). Acho que a cumplicidade, acima de tudo, que eu sempre tive com meus pais, as formas como eles me abordavam, contribuiu muito pra eu mesmo vetar qualquer coisa que eu pensasse "não, minha mãe não vai gostar nada disso". Minha mãe tinha um jeito de olhar que secava a alma, sabia que estaria mentindo.

Com o tempo, eu vi que não precisava ser tão pontual com as coisas assim. Minha irmã, por exemplo, recebeu a mesma criação que eu, ouvia os mesmos conselhos e só depois de grande eu descobri que ela meio que não seguia tudo que nos era ensinado. Tipo, aos 15 anos, ela ficava com algum menino da escola e isso lá em casa era o mesmo que queimar o Alcorão na frente de um muçulmano. Pra mim isso era um crime, mas pensa que bobagem! Ela é que tava certa, pelo menos eu penso. Meus pais meio que cercaram demais as coisas pra mim e depois cresce e vê que não precisa de tudo aquilo. E é aí que penso, que deve surgir a raiva em muitas pessoas que foram criadas como eu: na hora que elas descobrem que não precisa de ser tão assim, elas se soltam e fazem além do que deveriam e o que os pais falavam, ensinavam, aconselhavam, acabam desconstruindo tudo aquilo que eles achavam que estariam fazendo para o bem. Acho que tudo na vida deve ser regrado, nada precisa ser demais, mas tem gente que simplesmente não entende.

Fala um pouco sobre sua última crise e como percebe tudo que viveu?

Minha vida, meus desejos e medo dos meus pais, viraram um inferno em minha cabeça. Aí não pensei muito, fui pra casa e fechei tudo e tomei remédios que tinha comprado para isso. Ninguém ia me achar em casa mesmo. Só depois de morto. Quando acordei no hospital, senti um vazio muito grande, me senti sozinho como nunca, aí pensei que precisava ter morrido mesmo. Me senti desvalorizado, como se não tivesse importância alguma no mundo. Mil coisas me passavam, de tristeza, de desespero e de angústia, vontade de não ter nascido. Pensava no desgosto de minha família. Veio nos dias que seguiram uma profunda depressão que dormia o tempo todo para não enfrentar nada. Muito tempo depois foquei nas

coisas boas que eu teria perdido se eu tivesse realmente me matado. Logo em seguida eu contei para os meus pais que era gay e o motivo de minha tentativa de morte.

Participante S11

Sobre participar desse trabalho de pesquisa?

Saber e perceber que meninos sofrem é bom porque eu achava meus problemas tão particulares, só meus. Tem pessoas que achamos que são gays e vivem felizes e comigo a coisa é complicada.

Fala um pouco dessa questão do ser gay?

A gente acha que alguns colegas são assumidos e desconfiar é uma coisa agora para alguém já falar na cara dura e isso me assusta. Entendo que até se pode falar, só que geralmente essas coisas são guardadas pra nós mesmos durante um bom tempo até amadurecer a ideia. Desde pequeno eu sempre soube de mim e via meus amigos terem amigo gay lidando super bem com essa questão, aí eu resolvi contar. A princípio eu ia contar só para os meus amigos, mas acabei não conseguindo esconder de mais ninguém. Chegou um ponto que só diante da família me controlava mais. Mas, agora minha mãe, alguns primos e meu irmão já sabem.

Como lidou com isso?

Enquanto não me assumi como gay durante minha infância e início de “adolescência”, foi tranquilo. Depois que cansei de me esconder e disse, sou gay meus primos me rejeitaram totalmente. Minha mãe aceitou o fato, embora não saiba lidar direito, mas mãe é mãe e ama sempre. Em relação aos meus primos os que gostam de mim de verdade continuam me tratando bem, outros nem conversam comigo mais. Tenho sete primos, quatro mudaram tanto que eu fiquei espantado, mas ser gay hoje já é diferente de outros tempos. Embora perceba que a rejeição que não tive na escola, tive na família.

E a família?

Quanto ao meu pai, quando eu falar que sou gay posso tratar de arrumar um emprego, ele vai me detonar, ele é de outra época, meus avôs eram rígidos com isso, odiavam gays, diziam que se nasceu macho tem que ser macho, honrar as calças que vestem e meu pai é igualzinho. Meus primos cortaram as intimidades que tinham comigo. Antes a gente falava da vida, conversava, agora é um oi e tchau. Eu cansei disso porque depois que falei, vi que quem gosta de mim realmente, vai ficar do meu lado e eu não preciso do resto. Na verdade eu não falei a eles que sou gay, só comecei a ser eu mesmo. Nunca precisei reunir a família e soltar “eu sou GAY”. Comecei a me soltar, eles perguntaram e eu respondi. Com minha mãe não, com ela eu chamei e conversei bonitinho. A reação da minha mãe foi: *“ah, não brinca comigo não”* *“meu avô deve tá revirando no túmulo”* *“na minha família não tem dessas coisas não”* *“você vai matar seu pai”* *“mais alguma coisa?”* rs rs rs

Como foi falar disso com seus pais?

Admito que foi a coisa mais difícil que eu fiz na vida. Chamei minha mãe para conversar e falei: mãe sou gay! Ela ficou chocada, mas me falou que continua me amando e nada muda. Às vezes ela tem vindo conversar comigo e fala que não sabe lidar bem com o fato de eu ser gay. Vejo que ela chora muito, ela diz que não esperava. Ela vivia me pedindo netos e agora não terá mais porque sou diferente.

Nessas situações eu tento explicar para ela que todo mundo me trata super bem na escola, que eu não preciso para nada do resto da família. Aí nessa hora ela solta umas coisas bem chatas. Ela diz: *você vai fazer eu me separar do seu pai e ficar contra toda minha família porque vou ter que ficar do seu lado.* Tenho que lidar com esse peso e admito que fiquei meio arrependido de ter contado pra ela. Ela tá sofrendo muito. Tem, mais ou menos, um mês que eu falei para ela e umas duas semanas que eu contei para os meus primos. Quando ouço essas coisas de minha mãe entendo que ela vai ficar do meu lado. Mas nessas horas vou para o meu quarto, choro um pouquinho e volto pra vida porque se eu for pensar nisso toda hora eu travo. Quando choro, penso que não tenho apoio na minha família, para qualquer lado que eu olhe as pessoas me abandonam e, ainda bem, que eu tenho amigos e se não fossem eles eu já tinha me matado. São amigos de escola, na que estudava e na que estou estudando agora. Os meninos são muito de boa, ficam me abraçando o dia inteiro, brincando comigo e perguntando coisas de sexo. São muito doidos.

Quando minha mãe fala "vou ter que me separar do seu pai e ir contra toda a minha família porque vou ter que ficar do seu lado" penso que meu pai vai querer me expulsar de casa, também que minha mãe não vai deixar os retardados dos meus primos me ofenderem embora ela não tenha dimensão do que é isso. Eles acham que é modinha, pior, devem ter contado para os meus tios. Percebo isso nos olhares que são inevitáveis. Daí minha mãe falou que se alguém falar alguma coisa desagradável pra mim, ela briga com quem for preciso. Embora eu ache que meus tios já saibam, embora eles não tenham coragem de falar para o meu pai. E se falarem para ele, ele bate em quem falar isso de mim. Essas coisas andam me incomodando muito ainda, mas antes já incomodou mais.

E atualmente como as coisas estão?

Acho que não incomoda tanto hoje porque tenho amadurecido muito a ideia. Parece que eu já acostumei com a ideia de não ter muita gente na família me apoiando e aí é melhor ocupar minha cabeça com quem me apoia do que com quem não gosta de mim

Com a minha mãe eu fico preocupado com ela. Parece que eu transferei o sofrimento pra ela e sei que ela vai ficar muito infeliz se tiver que brigar com meu pai por causa disso. É lógico que eu devia ter pensado que tudo não seriam flores depois de eu contar pra ela, fui muito burro por não ter pensado nela, só pensei em mim. Agora ela está sofrendo com a situação eu não imaginava isso. Acho que o sofrimento dela se porque meu pai vai brigar muito comigo e com quem intervir na situação e minha mãe não vai o deixar brigar comigo. Ela falou que não vai deixar ele brigar comigo. Botei firmeza nela, mas me assusta muito. Já pensou se meu pai resolve me expulsar de casa? Mesmo que minha mãe não deixe o clima vai ficar horrível.

Eu sempre vejo que minha mãe é quem resolve as coisas, tanto o que pode quanto o que não pode. Se eu quero alguma coisa e pergunto para o meu pai ele manda eu falar com minha mãe ou ele mesmo fala com ela. Minha mãe por mais que ela fale que não é assim, ela

sempre resolve as coisas do jeito dela. Mas isso me assusta porque quero ter uma relação boa com meu pai.

Como pensa essa questão nas demais famílias?

Às vezes, pensando sobre relação de pais e filhos, parece que o pai não tem a obrigação de dar carinho, só educação enquanto a mãe dá os dois. Comigo não, meu pai é carinhoso também, mas na sociedade em geral e como falei. Meus tios mesmos são assim com meus primos. Imagine se meu relacionamento com meu pai fosse assim. Se ele fosse como meus tios, minha relação com ele ia ser ainda mais estreita.

E na sociedade em geral?

Acho que a todo tempo o homem quer mostrar que é macho, ser forte, muito macho e as conversas entre meninos é só assim. Quanto a mim eu não me sinto esse macho, não quero ser o machão, não falo que saio por ai pegando todas na balada. Eu sou gay, não preciso disso. Não precisa mais de competir por uma coisa que eu não quero conquistar. Em meu ver, ser macho é ser hetero. Ser homem é ser só do sexo masculino. Isso é confuso.

Meu pai é impulsivo, puxei isso dele. Na hora ele vai ficar muito loco vai querer matar quem aparecer na frente, mas depois ele começa a pensar e o tempo faz diminuir o preconceito dele. Meu irmão de 14 anos, por exemplo, reagiu super bem não mudou nada comigo, ele é 10. Ele foi quem reagiu melhor dentre todos da família. Quando ele vê algum gay na rua e está sozinho comigo, se o gay for daqueles muito saltitantes ele pergunta, você não é desse jeito não, né? Eu falo q não. Só ele reagiu muito bem mesmo. Ele acha estranho e eu imagino um gay super saltitante, né? Eu também acho e penso isso e não me atrai em nada um homem muito afeminado. Eu não sou muito afeminado. Estranho não é a palavra, eu acho feio, mas respeito totalmente e tenho uns amigos que são assim. É muito chocante e as pessoas rejeitam muito mais.

Acho que isso é rejeição, não na família, mas entre os amigos é. Fazer brincadeira, falar que o outro é gay, isso é preconceito sim. O outro é do jeito dele e nem importa o que os outros falem. Ele sabe que não é importante, mas comigo é diferente, eu não consigo, acho que por uma amizade que foi construída antes de eu querer ser essa pessoa diferente que hoje acho que sou, não deveria ser perdida.

O que pensa dessa questão da rejeição ao não heterossexual?

Acho errado as pessoas rejeitarem o que é diferente. Quando veem um homem que tem um jeitinho de gay já falam, imagina quando veem um homem de espartilho e cabelo longo então. Não quero ser igual, detesto não destacar, mas acho que posso me destacar nas ações do que pela maneira de vestir e falar. Eu sempre soube que era gay, mas era horrível pensar. Eu pensava que com tanta gente no mundo porque tinha que ser bem eu a ser gay. Aí eu pensava, não preciso falar disso pra ninguém, mas as prioridades mudam e fica incontrolável não sair do armário.

Acha que foi muito cobrado sobre isso?

Vejo que o meu ponto fraco era ter um jeitinho afeminado, não muito, mas tinha. Daí, quando alguém falava disso, eu ficava muito mau. Eu acho que fui uma criança muito

forte. Pensa uma criança lidando com esse tipo de coisa, isso é muito difícil. Parecia que tudo que eu fazia de bom ainda tinha esse "defeito" escondido. Isso foi tão ruim que houve momentos que eu pensei em me matar. Tipo, eu pensava em beber veneno.

Isso foi tão ruim que houve momentos que eu pensei em me matar. Tipo, eu pensava em beber veneno. Sei lá. Olha como eu era burro, só rindo mesmo. Isso aconteceu quando eu estava na sétima e na oitava série, não lembro agora. Eu não suportava a ideia de ser diferente, queria morrer, entendia que era melhor morrer e o caminho mais fácil era ser esquecido de ser notado, mas agora isso não existe mais. Mas ninguém nunca me perguntou também se eu era gay ou não naquela época. Mas naquele tempo eu não falaria com tantos detalhes. Talvez eu tenha falado com uma amiga de escola somente, não me lembro, mas se falei foi somente para as minhas duas melhores amigas.

Se eu tivesse me matado, teria deixado um bilhete contando que sou gay e que eu não gostaria de ser assim. Mas isso foi naquela época, né? Agora eu tenho aprendido a me amar mais a cada dia que passa. Entendo que tenho que me valorizar para os outros me darem valor o quem contribui para isso tem sido meus amigos e amigas

E como é participar de um trabalho que usa a internet como meio de comunicação?

Referente ao conversar aqui, certamente que eu poderia ter um pouco de vergonha por estar de frente de alguém, e não ter a mesma liberdade de diálogo como eu tenho no computador.

Participante S12

Sobre participar desse trabalho de pesquisa?

Eu até comentei com as meninas que havia gostado bastante da proposta de trabalho que ia participar. No começo eu estava meio com vergonha, mais depois foi de boa. Pena estar acabando.

Por que está no grupo?

Deve ser em relação aos meus questionamentos sobre mim mesmo. Mas hoje já estou muito bem, estou namorando e estou muito feliz. Acho que o que mais me prejudicava e me deixava mal era a questão de minha aceitação e do que as pessoas iriam falar ou pensar de mim. Aí, eu conversei com minha mãe, contei para ela tudo, que eu namorava com homens ela me apoiou. Ela mudou comigo e está muito melhor. Conversei sobre isso com ela tem um mês ou quase um mês. E foi assim, ela chegou em mim e perguntou se eu estava namorando um menino ou se era só amizade mesmo e que era pra eu confiar nela porque ela queria só o meu bem. Aí eu falei que era só amizade e tal. Mas depois chamei ela. Ela disse que já sabia e que queria só o meu bem. Tipo, eu sempre falava para ela que eu tinha um amigo que era dentista que tinha 23 anos, falava super bem e tal.

E como foi encarar esse conversar com sua mãe?

Eu nunca tinha pensado em falar pra ela. Eu não queria, estava namorando já fazia quase cinco meses e foi traído. Em relação a falar de mim eu não queria contar pra minha mãe, tinha medo da reação dela e tudo. Só que eu só pensei em contar depois que ela me deu essa liberdade para que eu pudesse me abrir. Eu tinha medo da minha mãe não me aceitar ou acabar com a minha vida e eu ficar mais preso ainda. Minha prima aos dezessete anos chegou e disse que namorava com uma menina e a família toda se revoltou. Foram cinco anos de brigas para que hoje eles viessem aceita-la. Meu medo era esse de acontecer comigo o mesmo que foi com ela. Eu tinha muito medo porque eu não podia fazer nada, nem sair, ir na casa de amigos pra fazer trabalhos de escola. Então, meu medo era deles não me aceitarem. E não sei por que, porque minha mãe sempre foi super no meu pé.

E como foi a conversa com sua mãe?

A conversa aconteceu assim: minha mãe chegou em mim, porque eu estava muito pra baixo, e que ela viu como eu estava e falou que não podia invadir meu espaço. Mas eu nunca pensei em falar, nunca mesmo. Pensava que o que eu fazia entre 4 paredes ninguém tinha a ver com isso e tinha medo de não ser aceito, de ter que enfrentar uma briga com minha família. Por isto que eu não queria contar. Eu moro com meu padrasto e minha relação com ele sempre foi normal, ele não invade o meu espaço e nem eu o dele e acho que minha mãe não falaria com ele sobre nossa conversa. Ele não aceitaria isso e eu e minha mãe entramos em um acordo, ninguém precisa saber por que o que eu faço em quatro paredes só tem a ver comigo e que se os outros tiverem dúvida, morram com a dúvida. Melhor não terem a certeza de nada.

Minha mãe conversando comigo só me disse que quer o meu bem e mais nada. Ela me falou que no espiritismo (ela é espírita) o espírito não tem sexo e que era só pra eu ter postura de homem até porque pra eu não sofrer com a sociedade. Só isto e não me lembro de mais nada porque foi uma conversa bem rápida, acho que só durou uns 5 minutos.

Houve outras dificuldades na família?

Há, o outro problema é meu padrinho, só que ele jamais iria saber. Eu não vou falar com ele sobre isto. Tipo, minha madrinha estava desconfiada, ela pediu para que o amigo dela perguntasse com quem eu estava namorando, queria que eu falasse pra ela. Ela chegou no meu padrinho e disse que estava desconfiada de mim só isto que me afasta mais e mais dela porque se eu não cheguei nela e contei, ela não tem o direito de invadir minha vida. Eu soube disso porque ela chegou na minha mãe e contou pra ela e minha mãe me contou.

Quando minha madrinha falou para meu padrinho, ele ficou calado. Então, eu não vou contar pra ele, até porque ele não aceitaria. Eu não quero que ninguém saiba assim. Eu não ia falar nem pra minha mãe. Meu padrinho sempre foi uma influência na minha vida. Então não é medo, é um pouco de tudo de medo, de não aceitação, qual será a minha reação depois e é por isto que eu não vou contar para ninguém. Mas na verdade se ele não aceitar não muda pra mim em nada só perderei alguém que eu admiro muito. Eu penso que as pessoas têm que me conhecer pelo o que eu sou, não pelo o que eu faço, se sou hétero, bi ou homo. Como poucos pensam assim, tem o preconceito, então por isto que eu não conto.

E como acha que as pessoas lidam com isso?

Acho que esse é o grande problema, não sei explicar, mas é o fato da rejeição. Eu não quero me sentir rejeitado ou alvo de críticas. Minha família desconfia de mim e pra mim a pessoa, mas não estou nem aí, porque a pessoa mais importante para mim é minha mãe, então eu falei para ela e só vou falar para alguns amigos. Na escola, na minha sala só os meus amigos que sabem é são normais. Como eles também são, isso deixa a coisa super tranquila. Admito que a pessoa que eu temia era minha mãe, agora o resto não me afeta mais.

E você, como lidou com a questão no passar do tempo?

Acredito que as coisas sempre foram complicadas, mesmo quando eu ainda não tinha ficado com homens. É que eu não sabia, estava confuso. Aí quando eu comecei a namorar, me defini. Até então eu não queria que ninguém soubesse e, por causa disto, eu não vivia minha vida. Ficava preocupado com o que a sociedade iria pensar. Na escola eu sempre era o cara zuado, aquele que todos chamavam de viado. Com isto eu me isolei de tudo. Já fiz tratamento com psicólogas e sempre sofri calado, sempre ria para agradar os outros e passava noites chorando.

Aí lógico que a gente pensa em morrer. Em relação ao suicídio, eu nunca tentei, mas eu sempre pensava em uma morte rápida e sem volta. Queria uma forma que não tivesse como voltar atrás, só que depois eu vi que isto não seria o meu melhor caminho. Era um pensar consequência do preconceito que sentia vindo de toda a família, amigos, a sociedade no geral. É que eu era deprimido, sofria sozinho. Só sofria, vinha na escola, todos me zuavam. Na família todos só me cobravam, eu não tinha minha vida e tudo isto me machucava muito. Em relação a minha mãe, tipo, ela me disse que eu sou filho dela, independentemente de homo, hétero ou bi.

Participante S13

Sobre participar desse trabalho de pesquisa?

Eu particularmente vivo e não ligo para o que muitos dizem. Embora tentem me afetar porque acha que vão fazer você mudar de opinião. Então, eu não ligo muito, mas já liguei e até passei por muitas coisas ruins por isso.

E como lidou com esses enfrentamentos?

Com os erros aprendi que não preciso ficar ligando. Hoje tenho opinião formada sobre o que sou e sei que mesmo que ela esteja errada, mantenho o foco nela, independentemente do que outras pessoas achem. O foco está naquilo que você quer, o que você deseja, o seu desejo e sua vontade. Não tem como mudar, é uma coisa de nós mesmos, o que sou e sou gay e pronto. É uma coisa que ficou guardada muito tempo e que uma hora aparece em todo mundo que tenha. Mesmo tentando esconder, seu desejo é maior. Eu particularmente não mudaria, porque até então, não tem como.

E sobre o que você é e como lidar com isso?

Não vou dizer que não tentei mudar porque tentei, mas só que não deu. Como disse, o desejo é maior porque chega uma hora que você não aguenta mais guardar aquilo para si

mesmo. Tentei guardar, fugir de desejos, tentações, mas o nosso desejo que é muito grande grita mais alto. Falo daquilo que penso fazer o bem pra gente.

Coersões pra mim é o desejo, a vontade, aquilo que te "atiça" a fazer aquilo, ter aquilo. Pelo o que eu entendo, a tentação tem um pouco de desejo, por você sentir atração, você quer, você deseja. Então, nem tenho muito o que falar, sou gay embora se eu pudesse mudar, mudaria sim, porque ninguém quer isso, porque podia ser uma decepção para família e amigos.

E como lidar com a família sobre o ser gay?

Acho que em relação aos meus pais, ter um filho gay não seria o que eles queriam. Falo isso porque já conversei com eles sobre isto. Tive muito medo de contar, mas só que uma hora tinha que chegar e conversar. Meu medo era de não me aceitarem e ter que sair de casa ou morar com outros familiares, perdendo assim a vida que eu tenho. Tipo, eu moro com meus avós e meu pai, eu contei primeiro pra minha mãe verdadeira que não mora comigo, depois eu conversei com meu pai, vó e vô, porque até então sou criado com meus avós desde bebê.

A minha mãe até então, pelo que conversamos, ela já sabia um pouco. Aí certo dia ela chegou e conversou comigo e falou independente do que eu fosse, eu não deixaria de ser filho dela, e meu pai, vó e vô falaram a mesma coisa que me amavam do mesmo jeito, que o que eu viesse a precisar eu poderia contar com eles. Mas percebo que ficaram bastante abalados no começo, mas depois até fugiu-se um pouco deste assunto.

E como foi assumir em o ser gay?

Quando conversei em casa, fiquei bastante mau por meus pais terem ficado abalados sobre mim. Chegei até me arrepender por ter falado. Foi tanta coisa que passou pela minha cabeça, certas coisas que disse, porque eu falei e se deveria ter falado ou não. Eu falei para eles em Julho. Em uma resumida das coisas, é o arrependimento mesmo que me fez mau, o jeito e a forma como eu. Porque eu queria chegar e contar numa hora calma, não queria contar de qualquer forma, mas a forma como as coisas aconteceram não dava para esperar.

Então, meu pai não mora mais aqui, mora em casa separada, eu e minha avó fomos na porta de casa com meu pai para ele ir embora. Aí eu meio que fiquei mandando umas indiretas, aí ele e minha avó ficaram perguntando se eu não tinha alguma coisa que queria falar, até ele ficaram me apertando e eu contei. Aí, viemos pra dentro e conversamos direito. Tinha que contar uma hora ou outra, aí eu pensei, é agora, ou vou demorar a contar né. Pensei, melhor eu falar agora do que chegar alguma coisa da boca dos outros. Meu medo foi de ser rejeitado ou mesmo ser expulso de casa. Porque grande parte da minha família é preconceituosa por não lidarem com outro caso na família.

Minha família no geral é família antiga que não aceita muita coisa e não vieram, a saber, sobre mim. A conversa e a revelação acabaram ficando só entre minha vó, pai e vô, isso me deixou bastante aliviado. Foi como se tivesse tirado um peso das costas. Pra mim, eu acho que não mudou em nada, meu pai continua a mesma pessoa comigo. Naquela época, como muitos dizem, eu estava no "armário ainda", tava na dúvida ainda.

Nesse período eu tinha desejo de experimentar. Mas foi nesse período, quando fiquei entre ser e não ser, naquele vai e vem de ser, vou "cumprir meus desejos" e não vou ser "vou ficar na vontade" que a coisa me fez muito mal. Foi nesse período que senti vontade de me matar. Mas tive muito medo. Perguntava-me: e se eu viver terei que ser aquilo que querem pra mim. Pensava que vivendo estaria exposto a enfrentar diversas barreiras como a sociedade, pais, família, amigos e preconceito, né? Isso já é uma coisa difícil de lidar com algumas pessoas. Penso que, até então, eu não vivendo, não haveria possibilidades de enfrentar tudo isso. Nessa época eu pensava em tomar veneno de rato, compraria em uma mercearia sei lá.

Pensava que se meus pais e avós tivessem não aceitado, eu infelizmente ia ter que sair de casa, morar com minha outra avó. Minha outra vó sim, me aceitaria porque a gente tinha conversado e ela falou pra mim que independente do que acontecesse, era pra eu ir pra ela, morar com ela, e até então ela mora sozinha.

Participante S14

O que pensa sobre a tentativa de suicídio de seu filho, em que isso interferiu no que pensa sobre o assunto?

Não importa com o que digam, sou mãe, ele nasceu de dentro de mim, como não amá-lo, quero é que ele seja feliz, ele é uma das três coisas mais importantes da minha vida, prefiro morrer que perdê-lo. Fiquei triste porque naquele dia eu teria evitado se tivesse ligado, difícil pensar que ele falou comigo e com o pai pelo telefone se despedindo. Quando cheguei ao hospital ele levantou, chorou, e eu sem saber de nada disse, filho levanta daí, vamos pra casa. Semanas depois quando ele falou de ser gay, na hora eu pensei na tentativa de suicídio. Ele não nos disse na hora nem no mesmo dia, mas eu pensei, naquele dia ele tentou se matar.

Participante S15

E para o senhor como pai, como avalia o vivido?

De repente eu me peguei ali pensando que meu filho tava surtando com problemas, questionando se sou capaz de amá-lo como ele é. Pensei, preciso que ele saiba que o amo. Aí o abracei e disse papai te ama, não vai mudar nada. Ali eu beije, abracei e lutei para que ele ficasse calmo de novo.

Observação:

Referente à entrevista na íntegra sobre a tentativa de suicídio, ou seja, as falas dos pais, não consta nesse anexo a pedido dos mesmos. Eles solicitaram deixar em anexo somente falas que seriam incluídas na tese.